

EDITORA POPULAR

Bibliotheca Romantica

AS FATALIDADES

DE

DOUS JOVENS

Recordações dos tempos coloniaes

POR

A. G. Teixeira e Sousa

PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO

A' VENDA

Nas livrarias da rua de S. José ns. 118, 110, 99, 93 e praça de
D. Pedro II, 16.

1874
19.491

869.9359
172.59 f

TYP. CINCO DE MARÇO.—Rua do Lavradio n. 96

AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS

CAPITULO I

ELLE NEM ERA MELHOR CAVALLEIRO DO QUE ELLA, E
NEM EM MAIS BRIOSO ANIMAL MONTAVA.

Disponos-nos contra um rosto feio,
como se fôra um vicio; em favor de
um formoso, como se fôra uma vir-
tude; e quasi sempre nos enganamos!

De todos os vice-reis, que haviam atravessado o Atlantico, para na America portugueza fazerem executar as leis do reino, o mais amigo dos brazileiros achava-se por ventura no Rio de Janeiro, investido do character de primeira dignidade, tornando, com um sabio e paernal governo, toleravel, senão amavel, o jugo colonial.

O contexto dos factos, que vou relacionar, sua successão progressiva e desenlaces imprevistos, provarão a meus leitores, e mais que sufficientemente, que grande razão me assistiu quando chamei a esta historia—AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS.

A melhor de todas as soberanas provava, por meio de um governo justo e santo, que um monarcha virtuoso e recto, não só é o factor da grandeza material de seu estado, como das delicias e felicidades de seus vassallos. Seu elogio comprehende tudo quanto de grande existe nestas palavras—D. Maria Primeira!

Luiz de Vasconcellos, cujo governo, cujas bondades perpetuadas nos prestantes edificios, que elevados no Rio de Janeiro deixou, era quem em nome de tão boa rainha regia com saber e justiça os povos do Brazil.

O florescimento da colonia portugueza sob a administração de Vasconcellos é de tal modo saliente,

desventurada, accesa em um ciume horroroso, desprezada pelo mortal que amava, insultada e maltractada por um barbaro marido, tragando um calix de amargura, cheio e bem cheio pelas mãos daquelle que lhe déra a vida, e que traçára seus infortunios; via agora a desgraça pondo remate á obra de seus desastres, encerrando-a entre quatro tristes paredes de um sombrio recolhimento, ameaçada de não mais tornar a esse mundo que deixava, que tão máu lhe fôra, e que tão bom lhe deveria ser! Grande era a sua dôr no fundo de seu desamparo! As taciturnas e melancolicas paredes de seu novo e detestavel asylo lhe eram menos pesadas que a idéa funesta de vêr despedazado suas graças, e seu amor de encontro ao rochedo do desprezo! E razão tinha ella, e razão lhe sobrava! Uma mulher feia poderia tudo perdoar, excepto o ser desprezada pelo mortal que adorasse! e Margarida, tão formosa, tão sympathica, e tão amavel, poderia perdoar? Não; e sempre não! Ella pois chorava! chorava, e bem podia chorar, que seu marido não era homem de dous dizeres. Chorava! e bem podia chorar, que não tornaria a gozar-se desse mundo que deixava, a menos que seu marido, ou antes seu duro carcereiro não deixasse de viver! E pois chore embora! chore lagrimas de sangue arrancadas do coração em hora de agonia!

Vejamos como se passou tudo isto. Tres dias depois que Geraldino se viu entre salteadores, em casa de Margarida, era noite, oito horas quando muito, bateram á sua porta; seu escravo abre-a, e uma mulher se apresenta, o escravo participa ao senhor, Geraldino vem, e vendo a mulher, recua admirado, murmurando:

— Margarida...

— Sim, Margarida...

— Como veio aqui?

— Andando.

— Mas como?

— Andando mesmo como os mais andam.

— E seu marido?!

— Es. a fóra da cidade: e não ha perigo algum...

— Se vier, e não lhe achar em casa?

— Não vem, e quando venha, as providencias estão dadas.

— Mas Vmc. me compromette.

— Porque?

— Me compromette, e com...

— Com ladrões... acabe...

— Eu não queria dizer tanto; mas confesso-lhe que quando, ha tres dias, fui rogado para uma entrevista, nunca pensei que nella encontrasse o que encontrei.

— Então o que?

— Nem esperava encontral-a, e nem a salteadores... Que contraste! Um anjo entre demonios!

— Também eu contava que Vmc. encontrasse, não um anjo, mas uma mulher amante; e em todo caso nunca demonios.

— Entretanto, eu os encontrei, minha senhora; e minha vida esteve por um momento pendente de suas pistolas!... Quem sabe se agora mesmo o estará!...

— O que quer dizer com isso? Virei eu a sua casa acompanhada de ladrões?

— Não: mas quero dizer que se não pôde, nem deve contar-se com ausencias de salteadores, porque no mesmo ins. ante estão em muitas partes..

— Tranquillise-se, Sr. Geraldino; mal cabe tanta fraqueza n'um mancebo tão formoso. Sr. Geraldino, assente-se, eu lhe asseguro que neste momento nada ha que receiar. Assente-se, e lhe rogo que me escute.

Geraldino puchando uma cadeira para Margaritha, assentou-se n'outra, dizendo:

— Estou ás suas ordens.

— Sr. Geraldino, uma mulher desgraçada e bem digna de compaixão, está ante seus olhos neste momento. Minha patria é em Angola, na cidade capital do governo portuguez. Meu pae, que era piloto de um navio, que para alli fazia o commercio da escravatura, trouxe-nos para o Rio de Janeiro na idade dos meus oito annos. Aqui, tendo dezeseis annos, eu me enamorei perdidamente de um moço militar, tenente de um regimento de Lisboa; esperava elle sahir capitão para pedir-me a meu pae em casamento: sahiu com effeito e pediu-me. Meu pae, que não sei porque aborrecia os militares, negou-me e disse-se que absolutamente não queria que eu cassasse com soldados; eu me affligi e chorei, como chora quem se vê privado de um bem que adora; meu pae insultou-me, ameaçou-me com pancadas e máus tratos: isto era horrivel, mas elle era meu pae e podia tudo fazer. O meu namorado procurou-me e fallando commigo a sós, me disse que me apromptasse que elle me tirava por justiça: eu disse-lhe que não. Perguntou-me se eu queria sahir de casa para ir para sua companhia; isto compromettia os principios de minha educação, e eu tambem não quiz. Oh! quanto eu hoje me arrependo de não ter sahido por justiça ou fugido com elle!... talvez estivesse melhor! em todo o caso não tão desgraçada como hoje!...

(Margarida enchugou duas lagrimas, que de seus lindos olhos cahiram e continuou:)

Mas eu era uma pobre menina de dezesseis annos, e portanto uma tolinha. Meu namorado irritou-se contra mim e disse-me enfadado que se eu o amasse o acompanharia até mesmo para o inferno! e elle tinha razão, porque assim como elle se compromettia por mim, e tanto, não era muito que eu por elle fizesse o mesmo! Elle pois não quiz mais ver-me, fugiu de mim e eu nunca mais o vi até hoje! elle pois fez o que devia!

Passados tres mezes, meu pae veiu ter commigo trazendo em sua companhia um homem mal encarado e de uma excessiva magreza; chegando-se a mim, meu pae me disse de um modo resolutivo: « Aqui está o Sr. José Maria d'Alfama, ó rapariga, que ha de ser o teu marido, tens oubido?... e ha de sel-o, porque eu o quero... ora bê lá: é piloto da galera *Aurora*, e muito meu amigo: e d'hoje abante o debes olhar como o teu homem, que ha de sel-o... Ora toma sentido. » Palavras de horror que jámais me esqueceram! E tendo dito isto, voltando-se para o Sr. Alfama lhe disse: « O' Alfama, agradam-te os vigodes da puquena? » « Ai ai (respondeu elle) ó lá se me agradam! Se o diabo do padre, que me confissou esta curesma, que lá vai (que mil legiões de diabos o carreguim para as profundas dos infernos, por me darim dez c'roas para risarim de dia e de noite, como cá se um homem andasse a vadierim) a visse até elle peccaria no desejo da sexta parte. Confesso-te que é mais bonita do que todas as santas que tenho visto nas igrejas... Se me embarco neste navio, juro-te pelas barbas de Nuptuno que nunca mais deixo a vida do marim. » « Pois então suspende os ferros (disse meu pae) solta as belas, nabega no meu rumo e bem dar fundo lá avaixo no porto do votiquim do canto, onde vuveremos uma canada á saude do casamento. » E sahiram. Fiquei como louca! Mil vezes passei a mão sobre minha testa e mil vezes perguntei a mim propria: Que é isto? que é o que me succede? Debulhei-me em lagrimas! Julguei emfim que o que meu pae queria era superior ás minhas forças, que era impossivel desposar um tal homem, que o não podia soffrer, e que convinha dizel-o a meu pae. Todavia elle entrou e eu lavada em lagrimas lancei-me a seus pés. « Intão que é isso lá rapariga? » Eu pedi a meu pae chorando que me não casasse com aquelle homem, cuja presença só me havia assustado... « E intão

chada, querendo segundar outra ; mas já lhe não foi possível, que o valente Gonsalo lançando-o ao chão com egual murro, tomou-lhe a espada, e a fez em pedaços ! Era um crime grande, e Gonsalo, para subtrahir-se ao castigo, desertou.

Infestava então as estradas do Rio de Janeiro uma companhia de salteadores composta de soldados desertados e outras pessoas, a qual companhia tinha um ponto de reunião na cidade, onde depositava seus roubos. Correu fama que a esta companhia se aggregára Gonsalo. Como quer que fosse, a fama que este homem gozava, enchia de terror a todos, que tinham de viajar ; e com razão, segundo o que d'elle se dizia ; porque, além de o terem por muito valente, corajoso, e esforçado, attribuiam-lhe uns, duas mortes e varios ferimentos ; outros, quatro mortes, e não faltava quem dissesse que sete ou oito, além de ferimentos e espancamentos !

N'um dos mais bellos, porém calmosos dias de janeiro, aproveitando as ultimas horas da tarde, em que o sol, proximo de seu occaso, tem minorado um pouco sua esival intensidade, trilhava a estrada, que da lancha de Juthurnuayba se dirige ao Rio de Janeiro, um ancião montado em um bello cavallo alarção, cujos juezes guarnecidos de prata, de que tambem eram os estribos e freio, reflectiam raios luminosos dos raios que directamente cahiam sobre elles de um sol decadente, e vizinho da noite, mas ainda cheio de calor e de luz. Montava a seu lado um soberbo cavallo russo pedrez, tambem do mesmo modo, ou antes mais ricamente ajaezado, uma joveu belleza, moça, como a aurora ; alegre, como os campos n'uma suave manhã de primavera ; engraçada, como as flores, e bella como o primeiro pensamento de amor ! Quatorze a quinze annos parecia ter ella : alva como o jasmim da noite, corada como a rosa da manhã, deixava vêr por sobre suas pequenas orelhas alguns cachos de seus louros cabellos, que

cosinhar, e nem ainda, o que é bem natural n'uma moça tão criança, nada sabia do governo de uma casa ; mas bem vê que isto aprenderia logo. Meu marido porém dotado de um genio frenetico, e impaciente ; malcreado, e grosseiro, queria que eu tudo fizesse, apesar de haver comprado uma escrava, e não má. Ora, se um dia tinha para mim um agrado, tinha logo mil insultos ! Para elle uma caricia, ou uma descompostura tinham o mesmo peso. O ter eu amado um militar era um crime que não podia perdoar jámais. Sem a menor habilidade para conhecer o coração de uma mulher, e dirigil-o, entendia que uma mulher devia amar a seu marido, e o devia por força. Se a comida estava mal feita (o que não era culpa minha) ou elle assim o acreditava, cobria-me de insultos ; e acontecendo um dia responder-lhe desculpando-me, atirou-me com um prato á cara, que me cortaria o rosto, se me não desviasse : e depois, pondo as mãos na cintura e gingando, mesmo com um marinheiro, me disse « Você, senhora menina, pensa que está navegando com algum soldadiuho que arrasta o xanfalho, e que quando vê cá a gente corre sem o tirárim da bainha ? pois está bem mal enganada, porque si não navegarim á popa faço-lhe um rombo no costado, e a metto a pique... Ora tóme sentido... quando não, já sabe... nam sei se já lhe contei... » Este homem terrivel além de suas malcreações, e grosserias, vivia sempre consumido das mais negras suspeitas sobre minha fidelidade, e devorado do mais amargo ciume, sem que eu desse o menor motivo ; nem este ciume era filho de seu amor, porque o era unicamente de seu atrevido orgulho, e da rivalidade bem sabida entre militares e gente do mar ; por isso que elle sabia que eu me quiz casar com um militar. Já vê que com semelhante procedimento era impossivel que meu marido me inspirasse estima, e que terror era o unico sentimen-

to que eu para com elle deveria ter. Uma tal vida era impossivel ! Quantas, e quantas mulheres se casam só para terem marido ! Quantas, sem a menor inclinação para com o homem a quem dão a mão de esposa ! mas um pouco de habilidade no marido concilia a estima da mulher, e não poucas vezes os deveres conjugaes podem milagres de que não é capaz o amor ! Meu marido não tinha esta habilidade, e em vão queria eu conciliar seu coração. Junte-se agora á malcreação deste homem um genio impetuoso e irritavel, maneiras estupidas e insolentes ; uma desconfiança de tudo, e por tudo ; um ciume sem limites, e furioso ; e a cruel exigencia de eu nunca sahir, e nem de chegar á janella ! Sr. Geraldino, poder-se-hia viver assim ?

Meu marido, pouco depois do meu tão infeliz casamento, desembarcou, e começou a negociar em escravos. Então acostumado a tratar com diversas pessoas, tornou-se menos brutal ; mas para commigo seu tratamento é sempre o mesmo ; e para mais escandalo, elle faz de suas escravas suas concubinas, e isto quasi á minha vista. E' pois mister que o aborreça. Um marido que nunca foi, nem é amado, está tão perto de ser aborrecido, como perto de ser estimado, uma vez que elle o queira ser. Eu, pois, comecei a aborrecer a este marido, e até a odiá-lo. Mais tarde começou em consentir que eu sahisse com elle a algumas visitas e passeios, mas tem sempre o cuidado de deixar-me com a familia a quem vou visitar, e de sahir logo ; para onde vai, não sei. Seu capricho a meu respeito é de apresentar-me na rua coberta de sedas, ouro e pedrarias ; sua mesa é franca, releve confessal-o ; mas elle é sempre o mesmo homem, isto é, atrevido, mal-creado, grosseiro, ciumento e desconfiado ; sempre o mesmo homem, que sem o menor motivo me insulta e me maltrata. E' possivel viver-se com tal homem, Sr. Geraldino ? Por ultimo, meu marido acaba de associar-se a uma

pantano, que na estação pluviosa era intransitavel não só aos cavalleiros, como aos viajantes de pé ; mas em tempo secco era de mui facil e commoda passagem. A curvatura, que a estrada descrevia em volta do pantano, era tal modo saliente, que formava um perfeito meio-circulo ; isto é, um semi-circulo de cento e oitenta gráus : entretanto que havia para o tempo de secca um trilho, que cortando o pantano bem pelo meio em linha recta, pôde dizer-se que fechado o circulo por outro semi-circulo de igual tamanho, o trilho dividia este circulo em dous semi-circulos inteiramente eguaes. E sendo que nos mezes de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, aquelles logares estão cobertos d'agua, pelas muias chuvas que alli abundam pelas trovoadas do verão, por fatalidade tão secco o tempo havia sido durante estes tres primeiros mezes, por falta de trovoadas, que o pantano estava completamente secco. O cavallo da dama, como é natural, seguiu sempre a estrada mais larga, que em frente tinha ; um dos salteadores porém lançou-se ao trilho com fim de cortar-lhe a carreira. Ora, o semi-circulo da estrada em redor do trilho, era de um quarto de legua, já se vê que enquanto o cavallo da joven tinha de percorrer setecentos e cincoenta passos de legua, o cavallo do salteador tinha de correr tão sómente quatrocentos e sessenta e tantos ; tendo portanto em seu favor duzentos e oitenta passos pouco mais ou menos ! Esta foi a grande e unica vantagem do salteador, porque elle nem era melhor cavalleiro do que ella, e nem em mais brioso animal montava !

Quando pois a moça chegou ao logar em que o trilho desembocava na estrada, já o ladrão ali a esperava. O cavallo da joven parou repentinamente, e o malvado lançou-lhe mão das redeas. Um instante depois chegaram dous companheiros, e todos estes tres demonios se apoderaram deste anjo.

— Hoje estou senhora de todos os segredos destes homens : minha casa é o deposito de seu armamento, e suas pilhagens ; eu sei pois onde elles guardam suas riquezas. Ninguem pôde fazer uma justa idéa do que estes homens possuem em ouro, prata, etc., é uma cousa nunca vista ! Geraldino, eu vos amo, e permitti que vos falle como uma mulher que vos ama. Geraldino ! vós me podeis salvar das garras destes malvados... vós Geraldino !

— Como ?

— Ouvi-me. Estes homens quando sahem ás suas corridas mais longes, como nas estradas de Minas e S. Paulo, demoram-se tres e quatro mezes. Bartholomeu, um preto já idoso, e escravo nosso, em quem meu marido muito se fia, é quem fica em casa para vigiar meus passos ; mas Bartholomeu é um pobre preto, que se embebeda com qualquer pinga de caxaça, e então dorme uma noite, ou um dia inteiro ; e Bartholomeu ama a caxaça como a cousa melhor do mundo. Mesmo agora elle ficou dormindo a somno solto, bebado como uma cabra ! Para não ser suspeita eu não lh'a dei : tirei um pouco do garraão, (pois isto não falta em casa de meu marido) despejei uma porção u'uma bacia, e com ella lavei, ou fingi lavar a roupa preta de meu marido ; do resto, que ficou na caneca, fiz-me de esquecida, e o Bartholomeu, que não soube, nem quer saber se o meu esquecimento foi real ou fingido, furtou-me a caxaça, bebeu e cahiu a dormir. Ora, deste modo quando meu marido o encontre bebado, eu me defendo por meio do furto de Bartholomeu, não ficando culpada n'um proposito.

Assim, logo que eu me assegure de que elles partiram para Minas, ou S. Paulo, lhe farei aviso. Vm. freta por sua conta um navio para nos transportar á Europa : compraremos pequenos bahús, os encheremos de ouro, tanto quanto faça a carga de um preto cada um bahú ; embarcar-nos-hemos com

estas riquezas e iremos ser felizes longe destes lugares... Que diz, Sr. Geraldino?

— E entretanto, minha senhora, abandonarei meu pae, de quem sou filho unico ; meu pae, que em sua velhice não terá outro amparo, nem outras consolações senão as minhas? meu pae, cuja esperança eu sou?! Abandonarei meu paiz, meus amigos, meus estudos, tendo-me apoderado de bens que me não pertencem, roubando uma mulher a seu marido, calcando os meus deveres, para, como um indigno criminoso, ir asyalar-me e occultar meus crimes na terra do exilio?... não posso... não o devo.

— Ah! Sr. Geraldino, é possível que á vista de meus males, se não compadeça de uma mulher infeliz?

— Eu os sinto como se fossem meus... O que é preciso para melhorar seus destinos, minha senhora? Meu sangue? eis aqui minhas veias, rasguem-se minhas veias e corra todo o meu sangue em favor de uma mulher infeliz! Minha vida? acabe eu em defesa de uma formosura desgraçada e tão digna de melhor sorte! Meu dinheiro? ali estão francas as minhas gavetas, leve quanto tenho, embora não tenha eu amanhã com que comer. Mas, minha honra... não, nunca, não posso!

— Ah! Sr. Geraldino, porque não é mais franco? porque não diz antes que obrigado a outra mulher mais feliz, não póde deixar esta terra? Porque não diz que empenhado em um amor mais feliz do que o meu, pendem seus destinos de uns olhos encantadores, em que Vm. bebe docemente uma existencia suave e por isso não póde votar-se a uma mulher desventurada?

— Está enganada, minha senhora; eu não amo a pessoa alguma; e até que mal assentaria n'um estudante intrigas amorias, que tanto o distrahem de seus deveres!

— Mas seu pae não é pobre; quando o fosse, po-

diamos repartir com elle uma boa parte deste ouro. Vm. podia escrever-lhe antes de nós partirmos; poderia dizer-lhe que ia á Europa em companhia de uma pessoa rica e que alli concluiria seus estudos. Quanto ao amor de patria, toda a terra é patria, uma vez que nossas cousas ali vão bem. Quanto aos amigos, quando temos dinheiro temos amigos em qualquer parte onde estejamos; o ponto é que os queiramos ter.

— Mas esse ouro não nos pertence por nenhum titulo, e lançarmos mão d'elle é um furto.

— Ah! mas ladrão que furta a ladrão tem cem annos de perdão, diz o adagio; e os salteadores tambem não são seus donos...

— Não é essa a questão; seja quem fôr o dono do ouro, o que é certo é que quem tira o alheio contra a vontade do seu dono, furta!

— E quem acha uma bolsa com dinheiro?

— Deve restituil-a.

— E não apparecendo o dono?

— Deve de deposital-a em mãos de alguma autoridade, até apparecer seu legitimo dono.

— Se nunca apparecer?

— Dar-se-lhe-ha o destino que fôr justo.

— E aquelle que a achou não será contemplado?

— Não sei, mas estou que seja.

— Pois é o mesmo caso. Nós achamos este thesouro, levamos o quanto nos poderá caber por o termos achado, fica todo o mais para quem pertencer.

— Não ha tal: nós não o achámos. Embora o ouro não seja dos salteadores, todavia não está perdido...

— Está tão perdido para seus donos, como uma bolsa cahida de alguém está perdida para elle: esta bolsa só não está perdida para quem a achar, como este ouro que está perdido para aquelles a quem foi roubado, e que o não está para quem o achar.

— Mas este ouro não está perdido, como pensa ; está perdido até certo ponto para seus legítimos donos, passou destes para os salteadores, se bem ou mal, não somos nós quem o devemos julgar, é a lei ; a lei só é quem deve condemnar os salteadores, e restituir este ouro a seus legítimos donos, no caso de o poder.

— E não podendo ?

— A lei ou a autoridade competente lhe dará o destino que melhor fôr.

— E que melhor destino que em nossas mãos ?

— Ah ! senhora ! isto é uma tentação ! E' preciso pensar melhor, e ser mais prudente : por este caminho vai mal aconselhada ; nem approvo este meio, nem convenho em algum ou ro. E' melhor esperar... quem sabe ? talvez que Deus se compadeça de seus fados, e que a salve de tantos desgostos ! E' tão moça ainda... é tão formosa !

— E de que me serve esta mocidade e esta formosura, senhor, se nem ao menos valem para mover o coração de ferro de um mancebo insensível... Ingrato !

— Ah ! Margarida... Margarida... pelo céo, não me apropriéis o horrível nome de ingrato !.. Senhora, suas desgraças assoberbaram minha alma e despedaçaram meu coração ! Acaso julga que minha alma não soffre horribéis tratos neste momento ? E' grande o sacrificio ; mas minha honra o pede ! E' uma mulher formosa e cheia de encantos que me dá seu coração, e depõe a meus pés seu amor e immensas riquezas... que maiores incentivos ! Ouro e formosura ! as grandes molas em que gyra o universo ? Ouro e formosura ! o que ha de mais capaz para encantar o coração de um mancebo ! Ouro e formosura ! tudo quanto o homem pôde ambicionar sobre a terra ! E tudo isto eu não aceito... e tudo isto perco !... Eu não sou rico, e quem sabe se breve serei bem pobre ! e entretanto perco os encantos de uma belleza !

Os dous pagens escapos ás mãos dos funestos matantes, correram, e correram a bom correr, até que ali pedindo socorro para seu senhor, que ferido ficára, e a joven, que os não havia seguido, é que pararam. Immediatamente soaram tres fortes picadas no sino da fazenda, e, dez minutos passados, o campo della estava coberto de escravos de todas as idades, e de ambos os sexos. O administrador da fazenda fez retirar as pretas, e os pretos foram armados com diversas armas: os que obtiveram espingardas, pistolas, e bacamartes, que eram os mais possantes e corajosos, foram bem munidos de pólvora e chumbo; os outros, para quem não chegaram as armas de fogo, armaram-se de facas, espadas, facões, fouces, chuços, etc. A' vista deste apparatus bellicoso, dirieis que eram vassallos de um novo castello feudal armando-se em defeza do senhor da terra, a quem rendiam preito e homenagem!

Esta tropa de cento e tantos homens, seguidos de dous, que levavam uma rede, e capitaneados pelo administrador, levando alguns delles fachos, porque a noite se avizinhava, partiu a toda pressa para o logar da catastrophe. Chegados, encontram o ancião, tornado a si do seu desmaio, que, vendo-se abandonado de todos, e a pé, pois que seu cavallo fugira amedrontado dos tiros, dirigia-se vagarosamente para a fazenda de Juthurnnayba. Incerto da sorte de sua filha, apenas vê o administrador e os escravos, pergunta por ella. Os dous pagens olham-se entre si, e ficam mudos. O infeliz pae exclamando: « Miuha filha! » desfecha um diluvio de lagrimas! O administrador fazendo-o entrar na rede, o manda para casa, escoltado por trinta escravos, com ordem de voltarem e de baterem todo o mato em busca da moça, apenas voltados, e elle intrepidamente com os outros escravos avançou-se a explorar todos aquelles sertões.

Accesos os fachos e divididos em duas turnas,

começam a bater todas aquellas selvas. Debalde seguiram todos os trilhios que encontraram, e perseguiram todas as montas, e procuraram todos os logares: debalde acompanharam todos os vestigios que notaram, seguindo todas as pégadas dos facinoras; debalde foram suas diligencias, que seus fieis cães amestrados a levantarem toda a qualidade de caças, ainda as mais matreiras e espertas, farejaram todos aquelles silvados, correram por todo aquelle mato, sem que levantado tivessem a mais bravia, a mais indomita de todas as feras, convém saber, o homem perverso, o ladrão, e matador. Toda aquella noite, e parte do dia, passou-se nesta diligencia; não que o administrador a isso obrigasse os escravos, que elles espontaneamente o faziam. Ao meio-dia, desenganados de que seu trabalho era sempre nullo, sahiram do mato.

Era para causar dôr as lagrimas que estes pobres precos derramavam por sua senhora moça! Elles a choravam, como tendo perdido o que para elles havia de melhor sobre a terra! E com effeito, quando esta boa menina estava na fazenda de seu pae, poucos castigos alli havia, porque ella os estava sempre apadrinhando; e cada uma vez que intercedia a seu pae por algum delles, depois de perdoado o fazia chegar a si, dava-lhe conselhos, pedia-lhe que procedesse bem, e acabava por dar-lhe dinheiro, para que não commettesse novo crime; e era para notar-se que quando esta joven estava na fazenda, os escravos menos delictos commettiam, andavam alegres, e pareciam estudar para agradar-lhe. O dia em que ella chegava á fazenda era um dia de festa para estas infelizes creaturas; elles enfeitavam-se, cantavam e dançavam, canções e dansas de sua terra; e os repetidos vivas que soltavam, victoriando a sua senhora moça, provava o excesso da alegria de seus corações em honra da encantadora rainha

Faziam-se na sala diversos juizos, uns mais, outros menos favoraveis aos dous jovens. Alguns interpretavam de um modo bem odioso o que acabavam de ver. E porque? Que haviam visto de mal?

Parece que a especie humana é essencialmente perversa! Que?! que quer dizer vemos uma acção que não comprehendemos, interpreta-a a nosso modo, ou dar-lhe uma significação filha toda ou de nossas modificações, ou de nossos costumes, ou emfim de nossos vicios? Tão máo será o coração humano em suas relações sociaes, que só julgue mal das acções alheias, que não são logo claras? Todavia, tres cousas parecem contradizel-o: a primeira é que vemos uma desgraça e o primeiro impulso do nosso coração, á vista della, é um sentimento de compaixão: a segunda é que vemos praticar uma acção indigna, e o primeiro impulso de nosso coração é um sentimento de indignação contra quem a pratica: a terceira é que vemos praticar uma bella acção, e o primeiro impulso de nosso coração é um sentimento de amizade para quem a praticou! E póde dizer-se que universaes são estas modificações de nossa alma nestas tres occasiões. Enão póde affirmar-se que a natureza não plasmou em nossa alma um sentimento de maldade. O homem não é pois máo por natureza: é que as relações da sociedade consideradas em todas as suas vastissimas extensões e variadas phases, sendo, por assim dizer, infinitos seus prismas, modificam o homem, segundo os interesses da vida, os respeitos humanos e as supremacias do mundo, dando a toda a sua organização, assim physica como moral, uma nova qualidade, que transforma o homem da natureza em homem das convenções e só das convenções!

Os olhos pois de todos os senhores da sala fixavam-se alternativamente ora em Geraldino, ora uns nos outros entre si mesmo. Estes olhos pareciam interrogar a Geraldino sobre o acontecido; elles pare-

— Mas entre vizinhos a gente deve saber dos males que soffrom.

— Entre vizinhos é aoude deve haver menos amizades.

— E então como é que os vizinhos hão de soccorrer uns aos outros?

— O Sr. Flavio não precisa do nosso soccorro, nem elle nos hãdo soccorrer em nossos trabalhos.

— Chó! (1) ucu pae! para que diz isso?

— Rema para diante, pateta, que não sabes o que estás dizendo.

— Ora, meu pae, o Sr. Flavio, que é tão bom, tão agradável, tão risonho...

— E por isso mesmo mais falso.

— O que é que diz, meu pae?

— Que a gente mais agradável e risonha é sempre a mais falsa que eu tenho encontrado.

— Ora, meu pae, Vmc. tambem desconfia de todo mundo.

— E tu?

— Eu cá, fio-me em todos.

— E' porque eu já fiz os meus setenta annos, e tu ainda não tens vinte. E anda, rema, que é meiodia. Estou com fome, e a pescaria de hoje não foi boa.

Tal era o dialogo sustentado entre um joven pescador e seu velho pae, o qual dizendo as ultimas palavras, começou a cantar em uma voz ainda forte e entoada, e quasi harmonisando seu canto com o seu remar:

Menina, se sois menina,
Tomai um bello conselho,
Amai o mancebo ardente,
Mas acreditai no velho.

1 Chó — interjeição do dôr, de espanto e de pena, usada em muitas partes da provincia; não tem autoridade classica, mas tem a vulgar.

concluiu que Emilia, ou sua preceptora, havia dado explicações sobre o acontecimento, com que folgou, vendo a conveniência de seus pensamentos, sem se entenderem, pois que elle havia feito outro tanto.

Geraldino comprehendeu, como Gertrudes, que a honra de Emilia, bem que innocente, estava compromettida e que exigia uma satisfação; elle pesou toda a força desta exigencia e a julgou de absoluta necessidade. Então dirigiu-se ao meio do salão e voltando-se para o vice-rei, disse :

— Parece-me, senhores, que o acontecimento que acaba de ter logar poderá ter alguma interpretação menos feliz e verdadeira, sem uma prévia explicação; eu a vou dar cabalmente.

Então contou minuciosamente, excepto naquillo que lhe cabia honra, todo o caso dos salteadores; e não querendo elle proprio gabar sua modestia, accrescentou :

— E não entrei em casa de seu pae, por ir apressadamente em busca de meu pagem, que longe de mim vinha, e temia por elle que fosse tambem assaltado, como o pae da Sra. D. Emilia

Deste modo Geraldino furtou-se tambem a fallar da inimizade entre seu pae e o pae de Emilia, e continuou :

— Desde então a Sra. D. Emilia nunca mais me viu, comquanto se tenham passado dons annos sobre este acontecimento: eu porém a vi mais duas vezes sem ser della visto.

Ficaram pois todos inteirados á vista das explicações de Gertrudes e de Geraldino: mas com quanto ficassem satisfeitos, não deixou de ficar no coração de todos algum resquicio de suspeita a respeito dos dous jovens: seus rostos eram os culpados, seus rostos eram os que motivavam estas suspeitas. Sim, que Geraldino era tão encantador que não podia ser visto sem ser amado! Era um destes bellos typos da natureza, que a natureza molda de

seculos em seculos, e cujo molde inutilisa logo depois da formação de sua obra. Era uma destas bellas tentações, a cuja vista a grave viriude de uma senhora casada entra em apuradas provações, e cujo vencimento não é sem grande custo, para maior gloria dessa mesma virtude! Emilia era uma dessas melindrosissimas flores do deserto, milagrosamente escapa ás enchentes do inverno, ou aos ardores do estio, que unica entre outras diversas, mas tambem bellas, sobresahe por seus petalos mais singulares, por um pestylo mais gracioso, por uma corolla mais bella, por seus coloridos mais vivos e variados, e emfim por um perfume mais encantador e suave! e cuja vista suspende os passos de apressado viandante, que em face de seus encantos louva absorto os empenhos de uma natureza caprichosa, e tão devaneada quando a alimentára entre os encantos de seu seio! Prazer de olhos, ardor de corações, e crystallino regato, que em deserto corre não é mais doce vista a olhos de sequioso viandante! a calma do meio dia em abrasador deserto, em oceanos de areia não abraza mais! A briza amorosa do estio soltando meigos sorrisos, tremendo com suave adejo em torno do carro de fogo do sol, cujos ardores enamorada refrigera, não é mais encantadora! Emilia pois não amaria a Geraldino e Geraldino a Emilia, sendo elles assim?

Porque o passaro ama a luz da aurora? perguntai-lhe. Perguntai ao zephyro porque ama a flôr ou a flôr porque as lagrimas da aurora? A americana virgem dos bosques colhe as flôres do deserto quando nasce o sol, e derrama alguma destas flores sobre o primeiro raio de luz que este bello astro, que ella adora, dobra por cima dos montes, vindo com elle beijar a verde gramma do risonho valle! A' noute, embebida na luz que contempla, canta á suave luz deste feiticeiro astro que ella preza, suas ternas canções amorosas, tão cheias de saudades e de recordações, que

entre os troncos uma vista mais longa, podiam franqueal-o por alguma distancia.

Persuadiu-se o administrador vêr um pouco apartado um vulto estendido sobre a terra, cujas dimensões, no que se lhe afigurou, pareceram-lhe de um corpo humano. Prepara a sua espingarda, e manso e manso se vai approximando... Nisto ouve entre-cortados gemidos, cujo som demonstrava que moribundo era quem os exhalava. O administrador pára horrorizado; seus cabellos se arripiam, seus membros estremecem, e um calafrio de pavor e de susto cala o seu corpo!... Repentinamente ouve um estrepitoso ruido, como de folhas seccas, e galhos finos, que se quebravam debaixo de alguém que caminhava: então mais assustado busca, como póde, esconder-se por entre os troncos da mata. O ruido era proveniente de fortes pisadas de alguém que se approximava. E, com effeito, um homem de estatura gigantesca chegou-se ao corpo que jazia. O homem que acabava de chegar, cingia um cinto d'onde pendiam duas pistolas; a seu lado esquerdo de um talabarte de couro cru, descia-lhe uma espada, junto da qual notava-se tambem uma comprida faca. Este personagem chegando-se ao que gemendo estava cahido, lhe disse:

— Tenho compaixão de teus gemidos, e não quero por mais tempo prolongar a tua agonia.

— Capitão, tende piedade de mim.

— Tu não a tiveste de uma fraca moça, que, de joelhos a teus pés, te pedia a sua honra... nota que ella offerencia seu peito á tua faca, com tanto que tu respeitasses a sua virgindade!...

— Eu a deixei pura.

— Sim, porque eu t'a tirei do tuas mãos bru aes... deixaste-a pura, é verdade: mas como? em que estado? tão maltratada, que talvez morra das pancadas que lhe déste, e hoje mesmo! Eu não consinto

que algum dos que andam commigo seja mais malvado do que eu.

— Capitão, eu estou castigado... ai!... estou tão maltratado, deste-me tanto. .

— Sim, mas tenho pena de deixar-te aqui entregue a uma morte vagarosa, e matando-te acabo com teus soffrimentos. Espanquei-te por um acto de minha justiça, mato-te por um acto de minha compaixão.

Isto dizia elle desembainhando sua grande faca, que, sem mostrar rancor, enterrou no peito do moribundo, que fazendo uma ligeira contorsão, expirou!

O homem gigante tendo terminado o horrivel acto de sua compaixão sanguinaria, retirou-se sereno, como se tivera praticado uma bellissima acção. Tambem eu me não metto a julgar della.

Tremendo á vista desta scena de sangue, ficou o administrador entre os troncos da mata, dando tempo a que o homem medonho, que por compaixão matava, estivesse longe, e bem longe.

Passou-se uma boa meia hora, sem que o pobre homem ousasse nem levemente mover-se: quando entendeu que ninguem já perturbava o lugubre silencio desta sombria selva presidida pelo crime e pela morte, começou de erguer-se e de ensaiar seus timidos passos. Pouco a pouco se foi cobrando de seu primeiro susto, até que levado de um espirito de curiosidade, avizinhou-se do cadaver, quatro ou seis passos, e emfim approximou-se: viu então que era um homem branco armado com quatro pistolas, faca, espada e espingarda.

Fazendo mil conjecturas, retirou-se deste lugar funesto o administrador, que completamente desesperado sobre a sorte de sua joven ama, acreditava que aquella de quem fallava o homem que ao outro assassinára, era ella. Nem era para presumir outra cousa. Aquelle homem tinha fallado em donzella, em honra, em virgindade, etc. ; e tudo isto coincidindo

com a filha de seu amo, confirmava em sua alma que a que maltratada fôra, por aquelle que vira expirar debaixo da faca assassina de outrem, era a filha de seu amo. O triste administrador, certo de que ia achar a casa de seu amo abysmada em dôr e em lucto, e sua joven ama lançada no leito de dôres, e proxima da morte, caminhava triste e lentamente, revolvendo em sua alma mil funestas idéas de tristeza e de horror !

O que porém não sabia elle comprehender era a razão porque aquelle homem tão feio, por vingar a joven belleza ultrajada, havia dado cabo de outrem.

Envolto nestes horriveis pensamentos, não podendo comprehender o como um salteador possuísse-se tanto da idéa de honra, tomando de tal modo a peito a causa da infeliz donzella, que chegasse ao ponto até de acabar com outro salteador ; porque o titulo de capitão que elle ouviu o maltratado dar áquelle que ao depois o matára, a submissão com que lhe fallou, lhe fizeram crêr que era o capitão dos salteadores.

Revolvendo em sua mente todas estas cousas, avizinhou-se da fazenda, e ao chegar junto della ouviu grandes gritos de vozes que ao mesmo tempo feriam o ar : « Morreu ! (disse elle) morreu ! » e suas lagrimas correram de seus olhos em grossos fios ! e elle chorava e soluçava como se chorasse e soluçasse por sua filha !

Aligeira então seus tremulos passos, chega : mas qual a sua admiração, ao entrar o campo da fazenda, quando vê os escravos correndo, saltando, dançando, e cantando ao modo de sua terra, e lançando aos céos gritos de alegria ? !

Os escravos, apenas o veem de longe, correm a elle soltando vivas, e batendo nas mãos, e dando os mais vehementes signaes da mais viva alegria e do mais intenso prazer que suas almas podiam sentir !

CAPITULO IV

SUA BOA FÉ DORMIU TRANQUILLA SOBRE A FIDELIDADE DO SEU AMIGO

Aquelle que se não esquece do passado, que tem experiencia do presente, pode prevér o futuro.

A grande fazenda de Juthurnuayba assente sobre a agradavel margem septentrional desta pittoresca lagoa, pertencia, por herança de seus paes, ao mais rico lavrador, que então havia na provincia do Rio de Janeiro.

Entre os muitos portuguezes, que naquelles tempos deixando a patria vinham para o Brazil em busca de melhor fortuna, devemos de memorar dous mancebos de nome Thomaz um, e o outro Silvestre. Pouco depois de sua chegada, ávidos de haveres, associaram-se a uma companhia de mineiros, e pelos sertões do Brazil se embrenharam com elles. Nesta vida errante, e por de mais trabalhosa, não acharam o lucro que sua avidez esperava; não obstante, ao deixarem esta vida incommoda, não sahiram do deserto tão desprovidos, que não trouxessem dinheiro com que podessem comprar alguns escravos para fundarem um melhor estabelecimento. Neste sentido, convieram entre si de requererem uma sesmaria, o que facilmente se obtinha, e se afanzenderem. Firmes neste proposito, vieram á cidade, e ahí requereu Thomaz, em seu nome, e obteve uma sesmaria nas margens da lagoa de Juthurnuayba, no mais uberrimo logar que alli se podia, encontrar e que de ambos mui couhecido era. Achando-se estas

terras perdidas, então devolutas, as obtiveram. Não deixou Silvestre de notar que a sesmaria era unicamente por Thomaz requerida, e só a elle concedida : mas seu amigo de tal modo o persuadiu que aquella era a praxe, que Silvestre nada teve que receiar ; sua boa fê dormiu tranquilla sobre a fidelidade de seu amigo, e sobre as provas de uma antiga, e não equivocada amizade.

Em 1739 tomaram solememente posse das terras que foram dadas a Thomaz, e passou-se a escriptura da sociedade no Rio de Janeiro, pouco tempo depois : Thomaz foi quem dictou a escriptura, e á vista da integra della pôde dizer-se que sem dolo ou malicia fôra passada.

Pela escriptura, as terras pertenciam a ambos, e quanto aos escravos que as deviam cultivar, seriam comprados, em egual numero, por ambos os socios ; da mesma maneira todos os animaes, e utensilios para a fazenda. Já se vê que a sesmaria sendo concedida, e não comprada, segundo o costume daquelle tempo ; que entrando um e outro socio com egual quantia para escravos, animaes, utensilios, salarios de alugados, e mais necessidades de um estabelecimento novo ; que os dous socios eram senhores de partes eguaes, que para ambos haviam eguaes direitos, e eguaes deveres, e assim resava a escriptura : dest'arte nem um dos socios podia alienar sua parte sem consentimento do outro, que a qualquer comprador preferiria sendo tanto por tanto. Nesta comunidade de bens é claro que quanto na fazenda existia era igualmente de ambos, sendo igualmente de ambos os lucros della.

Dez escravos, dez indigenas alugados, algumas cabeças de animaes de varias especiaes, que nas fazendas se usam. foi a força com que estes socios começaram a cultivar sua grande fazenda. Mui pouco tempo depois disto, tanto Silvestre como Thomaz tomaram estado, e os dotes de suas mulheres, com

quanto avultados não fossem, todavia deram mais impulso a seu estabelecimento. Um anno findo pouco mais ou menos depois de seus casamentos, suas mulheres foram mães, uma pouco tempo depois da outra. Dous rapazes foram fructos destes dous matrimonios, no mesmo dia contrahidos : com a differença porém que o exito da mulher de Thomaz foi tão máu, quanto feliz o exito da mulher de Silvestre. O filho de Thomaz custou a vida a sua mãe ; e a mulher Silvestre, tão boa como seu marido, ficou servindo de mãe ao orphãosinho, que nem um dia gozou das maternas caricias ; assim pois o creava com o mesmo amor que a seu filho, creando-o juntamente com este. Anno e meio depois Silvestre foi pae de uma menina. Thomaz, á vista desta recém-nascida, dizia alegremente a Silvestre :

— Ora pois, Silvestre, as nossas riquezas não se dividirão muito ; pelo que vejo ellas ficarão só em tua casa, porque nossos herdeiros são teus filhos, e o meu, este casará com tua filha...

Oh Silvestre, se eu tivesse uma filha para o teu Julio, como tu tens uma para o meu Flavio!... que prazer não seria o nosso um dia vendo nossos filhos ligados, sendo os unicos herdeiros de nossos bens!...

— Isso seria bom (tornava Silvestre), mas Deus não o quiz, e julgou melhor o levar para si a tua mulher. Deus faz sempre o melhor, e não nos devemos queixar. Além disto, Deus nos tem dado mais do que nós mesmos esperavamos ; devemos agradecer-lhe tantos beneficios.

Com estas e outras cousas se entretinham os paes a respeito do futuro de seus filhos, quando a Providencia transtornou todos os seus planos com uma só linha de sua immutavel e omnisciente pena ! A innocente Maria tendo seis mezes de idade, expirou victima de uma febre aguda, deixando a virtuosa Guilhermina e o bom homem Silvestre, seus paes, cheios de dôr e de saudades ! Ficaram pois os dous

amigos e socios reduzidos cada um delles a um unico filho ; isto é, Silvestre a seu Julio, e Thomaz a seu Flavio.

Estes dous meninos creados como se fossem dous irmãos gêmeos, cresceram juntos e juntos sempre andavam ; mas difficil é passar por este ponto sem notar a extrema differença que caracterisava estes dous jovens. Quanto tinha Julio de bom, docil e de benevolo, tinha Flavio de máu, de violento e de malevolo : se algumas vezes se via Julio brigar com este menino, a quem tratava de irmão, e Flavio a elle egualmente, era só por causa de suas malignidades !

Na idade de vinte e dous annos Julio supplicou a seu pae permissão para desposar a uma pobre menina a quem com extremo amava : Julio disse a verdade a seu pae, dizendo que ella era sobremodo pobre. Seu pae lhe disse então .

— E' honrada ?

— Sim, meu pae, muito honrada.

— Tem virtudes ?

— Sim, senhor.

— E' trabalhadora ?

— Muito.

— Não ama o luxo, nem as modas ?

— Se ella é tão pobre...

— Ama-te ?

— Extremamente.

— Casa : e Deus abençoe o teu consorcio, como abençoou o meu.

Julio casou-se. Seu pae com consentimento de Thomaz, deu-lhe uma porção de terras na mesma fazenda, dinheiro para alguns escravos ; e Julio ao lado de uma bonita e virtuosa senhora, á qual adorava, e da qual era ternamente amado, começou o seu primeiro estabelecimento.

Julio, que desde seus primeiros annos, até os vinte e dous, passára sempre em divertimentos (honestos

todavia) e sem o menor trabalho, trabalhava tão assiduamente, como um homem duro, e affeito a toda a sorte de serviços pesados. Não poucas vezes era preciso que sua mulher o apartasse do trabalho para comer ou descansar. E' que quando o fructo dos nossos trabalhos é recolhido pela eleita de nosso coração, pela que é amor de nossa alma, pela creatura a quem ternamente amamos; o trabalho nos é doce, e não conhecemos serviço, por pesado que seja, superior ás nossas forças. E' esta uma das vantagens, e uma das virtudes do amor, que só não é calculada pelos fracos, que desejam ser ricos sem muito custo, ambicionando casamentos, cujo dote os livre de muito trabalhar.

Flavio, esse moço mal intencinado e grosseiro, ia todos os dias a casa de Julio : seis mezes depois de seu casamento Julio começou a notar que sua mulher se esquivava ás vistas de Flavio, e sempre que este jantava em sua casa, Firmina (que assim se ella chamava) tinha sempre pretextos para não vir á mesa: ora pretextava occupações, ora incommodos de saúde, e assim buscava sempre fugir da presença de Flavio. Debalde seu marido a inquiria a este respeito, debalde lhe fazia caricias, e Firmina respondia sempre que o que lhe pareciam pretextos eram realidades.

Aconteceu que estando na roça Julio em certo dia, teve de vir a casa, e casualmente entrou em seu quarto sem que sua mulher o visse, pois que então se achava na cosinha. Como elle assim estivesse no seu quarto procurando o que buscava, ouviu o tropel de um cavallo, que no terreiro parava; lança a vista pela janella e vê Flavio que se apeia. Ao mesmo tempo Firmina vem a entrar na sala e esbarra-se com Flavio; este moço temerario toma-lhe a dianteira e começa a endereçar-lhe um colloquio; Firmina quer fugir ao insulto, e o atrevido lança-lhe a mão de um braço e a suspende. Julio fulminado

pelo furor, enfurecido pelo insulto, pela traição, pela má fé e por uma tal affronta á amizade, sahe cheio de ira, e dando um empurrão no ousado joven o lança a terra. Apenas Flavio cabe. Julio mesmo é quem generosamente lhe dá a mão e o faz levantar, dizendo-lhe :

— Flavio, meu irmão, quando has de ter juizo? Estás quasi com vinte e tres annos... pois já não é tempo de acabar com as criaçadas?... Flavio, será possível o que meus olhos viram? Minha mulher... Flavio, minha mulher?!...

Firmina abraçando carinhosamente seu marido, e querendo conduzi-lo para dentro, dizia apenas :

— Deixa-o, Julio, deixa-o...

Flavio, sem dizer palavra, montou e partiu. Uma hora depois tres cavalleiros pararam no terreiro; eram Silvestre, Thomaz e Flavio; é claro que o empurrão que Julio deu neste ultimo foi o motivo desta visita. Silvestre inquiriu de seu filho a causa do máu tratamento feito a seu amigo e irmão de criação; Julio, que não desejava que a indignidade de Flavio fosse sabida por seu pae e nem por Thomaz, desejando que não soasse além de seus portaes, ficou pasmado á vista da leviandade, e imprudencia de Flavio, revelando elle mesmo aquillo que sua prudencia, ou antes vergonha devia calar. Vendo-se assim pois accusado, contou a seu pae e a Thomaz os resguardos de sua mulher para com Flavio, suas respostas, seus pretextos, e acabou por declarar-lhe o desacato feito por este a sua mulher, de que elle proprio fôra testemunha. Flavio teve a imprudencia de negar, mas tão indiscreto andou em suas negativas, que seu pae não deixou de ficar suppondo alguma cousa a respeito. Quanto a Silvestre, reconhecia bem o character de seu filho, e sabia quanto elle era amigo de Flavio; Silvestre ficou pois muito certo que Flavio havia desacatado sua nora. Silvestre, tomando o braço de Thomaz, lhe disse :

— Thomaz, vamos-nos embora.

— Vamos.

Tornou-lhe Thomaz, e partiram.

O imprudente Flavio seguiu os dous velhos, lançando furiosos olhos sobre os dous consortes, que tranquillos se não abalaram com semelhante ameaça.

Dous mezes depois d'isto, Guilhermina victima de umas febres, a que aquelles logares são por demais sujeitos, findou seus dias, chorada de quantos a conheciam, circumstancia que sempre succede na morte dos bons, e deixando seu marido e seu filho Julio inconsolaveis pela sua perda.

Entre os negociantes do Rio de Janeiro naquelles tempos, era muito para notar-se Sebastião, não pelo fundo de seu commercio, mas pela solida razão de que era dotado, pelas suas maneiras bellas e urbanas, pela sua fina educação, character generoso e docil, e pela honradez que a toda a prova mostrava em todos os seus negocios, ou fossem commerciaes ou particulares. Sebastião teudo perdido um navio vindo das Indias orientaes carregado por sua conta, e seu, defraudado por caixeiros de má fé, roubado por indignos socios, faltando-lhe a pagamentos seus devedores, fez ponto. Sebastião tinha perdido, havia dous annos, uma filha, a quem queria com todo o estremecimento do amor de pae; e um filho que lhe restou, morreu tambem, victima do naufragio que soffreu seu navio, vindo das Indias. Tres mezes depois que Sebastião fez ponto, perdeu sua mulher, unica consolação e prazer, que sobre a terra lhe ficára! Aperiado por inexhoraveis credores, entregalhes tudo quanto possuia, o que chegou para pagamento de todas as suas dividas, restando-lhe pouco. Já se vê quanto atrasado estava o commercio daquelle tempo, e quanta era a carencia de leis que o regularisassem; e isto ainda até hoje! (1)

1 Assim era em 1844, quando este romauce foi escripto.

Todavia, não faltaram amigos que quizessem que Sebastião continuasse no commercio, para o que lhe puzeram á disposição fazendas e dinheiros. Sebastião que se acreditava entrado no derradeiro quartel da vida, já não tendo para quem trabalhar, julgou que passar tranquillo o resto de seus dias era melhor, e até porque já não havia sobre a terra quem a ella o apegasse. Sebastião pois, sendo amigo de Thomaz e de Silvestre, procurou a fazenda de Juthurnuayba com firme proposito de nesse deserto terminar seus dias, e ir juntar-se, d'ahi, com sua esposa e filhos na eternidade. Os dous amigos o acolheram com bondade, e Sebastião ahi ficou, ligando-se logo n'uma estreita amizade com Julio.

As cousas da fazenda de Juthurnuayba correram sempre tão bem, que trinta annos depois de sua fundação não havia na provincia do Rio de Janeiro fazenda alguma que com ella rivalisasse. Silvestre sobreviveu a sua mulher, por quem chorou sempre, apenas anno e meio. Flavio, tendo quasi trinta annos de idade, casou-se.

Em má hora parece ter sido contrahido um tal casamento: as bençãos do céu não desceram sobre elle. Sim, que amor, este affecto creador do universo, não o tinha presidido. Digo affecto creador do universo, porque Deus e amor crearam o todo. Deus creador, e unico factor dos mundos creou, e crea quanto vemos; o amor desenvolveu e desenvolve tudo; é elle pois que conservou e conserva tudo! Entendamo-nos, este amor é o mesmo amor com que Deus conserva, e desenvolve as obras de sua criação.

E pois, durante os quatro primeiros annos deste consorcio, a mulher de Flavio teve em cada um anno um filho; o recém-nascido vivia apenas dons, quatro, a seis mezes e morria, o que enchia de afflicção a Thomaz, de dôr a Mathilde, mulher de Flavio, e de desesperação a Flavio! Sebastião, o homem vir-

tuoso, o verdadeiro honrado, e que era por assim dizer o oraculo da casa, consultado em tudo, e por tudo, e de todos amado e respeitado, era quem consolava estes pezares, quem modificava estes excessos, e emfim quem moderava estes loucos transportes, ajudado pelo reverendo Jacintho, capellão da fazenda.

Por estes tempos, Thomaz tomou a seu serviço um afilhado, de idade de vinte annos. casado com uma menina de quatorze annos, ambos tão formosos, que dizer-se podiam dous anjos de formosura. Luiza se chamava esta lindissima menina, de quem Mathilde era cordial amiga: e José era o nome do marido: elles não só eram anjos na formosura, como o eram tambem pela bondade de seus corações. José principiou sendo feitor da fazenda, e passou depois a administrador. E' este o administrador, que temos visto procurar, e com tanta diligencia a joven roubada pelos salteadores, e derramar tantas lagrimas por ella.

Cinco annos depois do casamento de Flavio, Thomaz recebeu no leito da morte uma sua neta, abraçou-a e beijou-a, exclamando:

— Oh! minha filha!... Deus te conserve!

Esta recém-nascida foi baptisada oito dias depois do seu nascimento, com uma filha de José e Luiza, que nasceu dous dias antes della. A filha de Flavio chamou-se Emilia, e a de José, Carolina. Quatro dias depois do baptisamento de sua neta, Thomaz deu alma a Deus, assistindo a seus ultimos momentos o venerando padre Jacintho, bem como havia assistido aos de sua mulher, e aos de Silvestre e Guilhermina, pois que não ha pouco tempo era elle capellão da fazenda.

A filha de José quinze dias depois de seu nascimento constou que morrera, sem saber-se de que: e Luiza ficou criando a Emilia, como sua filha, tirando

esse trabalho a Mathilde, não porque esta lh'o pedisse, mas por voto proprio da mesma Luiza.

Agora, meus leitores, á vista de minhas explicações, sobre estes passados, ficam scientes de que ficaram sendo senhores da rica fazenda de Juthurnuayba Flavio, tendo por unica herdeira sua innocente filha Emilia, e Julio, que teve um unico filho, a quem ternamente queria, de nome Geraldino, o qual quando Emilia nasceu teria quatro annos de idade, pouco mais ou menos.

Fiquemos agora sabendo que o ancião que levemente ficou ferido, e que tem quasi cincoenta annos de idade, é Flavio.

Os leitores, com os fios que lhes tenho dado, comprehendem que a joven é Emilia; e é verdade: quatorze para quinze annos são passados depois de seu nascimento.

Vós sabeis egualmente que o administrador, que em busca de Emilia andára, chama-se José; pois bem, então voltemos a elle, que rodeado o deixámos dos escravos, cheios de seu contentamento: mas qual não seria sua admiração e surpresa, misturadas ao mesmo tempo de satisfação, quando perto de casa vê uma menina que corre a elle com os braços abertos exclamando:

— Juca... Juca, eu estou salva!...

José cerra Emilia em seus braços, e vendo-a sã e salva, e sem a menor lesão, chorava sobre ella ternamente, beijando-lhe a testa e as mãos, dizendo muitas vezes:

Minha filha!...

CAPITULO V

EU QUERIA QUE ELLE FICASSE AQUI

A linguagem do verdadeiro amor é tão simples, como a da criança quando exprime suas necessidades: quanto mais refalsamento ha no fundo do coração, tanto mais polida linguagem soltam os labios.

A engraçada Emilia, com toda a sua innocencia e singeleza, já tinha contado a seu pae tudo quanto lhe havia succedido com os salteadores, pois que logo ao anoitecer desse mesmo dia havia sido entregue a seu pae. Força do costume e da criação, Luiza não se fartava de olhar para Emilia, de abraçal-a muitas vezes, chamando-a sempre sua filha; transportes em que a acompanhava com os mesmos extremos o carinhoso José, que a esta linda joven ternamente amava. Emilia havia perdido sua mãe na idade de sete annos, e ficando filha unica de Flavio, não havia conhecido outra mãe senão Luiza, pois que esta se havia encarregado de sua criação desde o berço, e depois da morte de Mathilde ninguém mais teve cuidado della.

José, beijando muitas vezes e abraçando Emilia, e derramando lagrimas de ternura e de prazer, pediu-lhe que lhe contasse o que lhe havia acontecido com os salteadores. Emilia contou como seu cavallo, correndo desencabrestadamente, seguiu sempre a estrada que tinha em frente.

— Um dos ladrões (continuou ella) cortou-me a volta pelo pantano, e quando eu cheguei á encruzilhada do brejo já achei aquelle maldito á minha espera; meu cavallo parou, e o ladrão lançou mão

das redeas, e mandou-me que me apeasse : os outros dons, que tambem me seguiram, chegaram logo, e todos tres me pegaram, e me iraram de cima da sella... Oh mamãe, eu chorava muito, e pedia-lhes que me largassem !.. prometi-lhes tudo quanto quizessem, mas que me deixassem voltar para casa de meu pae... mas aquelles homens tão feios eram tão máus, que não me queriam ouvir, e me iam arrastando sempre para o mato : eu cahi de joelhos, e elles me pegaram nos braços, e me foram levando quasi de rastos. Eu lembrei-me de N. S. do Paraizo, minha madrinha, e chorava muito, e chamava por ella que me acudisse. Elles chegaram ao mato, e cada um me queria levar para sua parte. Depois eu não sei porque começaram a disputar lá entre elles. Um dizia : « ella é minha, porque eu sou o mais velho... » Outro dizia : « é minha porque eu sou o tenente da companhia. » E outro, que me tinha cercado dizia : « é minha, porque se não fosse eu ella fugia : é minha porque fui eu quem a cerquei, e a fiz prisioneira ; portanto ella é minha. » E eu estava de joelhos chamando só por minha madrinha, que me acudisse... Nisto ouvi dous tiros, e não sonhei de mais cousa nem uma ; me parece que eu tive um vágado, e perdi os sentidos. Quando tornei a mim eu vi um mocinho... Oh Juca ! Juca... como elle era tão bonito— (Emilia ao dizer isto corou e abaixou sua graciosa cabeça ; uma lagrima fugiu de cada um de seus olhos, e um ligeiro suspiro escapou-se surdamente de seu timido coração ! Quem saberá interpretar estes vehementes signaes de um sentimento interno ?!... (Emilia continuou) :

— E junto delle estava um homem muito alto... e muito gordo... oh meu Deus !.. que homem tão feio ! O mocinho foi que me contou depois, que elle vinha pela estrada, e ouviu no mato uma voz de quem chorava, e as vozes dos salteadores : apeia-se, e amarra seu cavallo n'uma arvore, e engatilhando duas pis-

tolas, uma em cada mão, entra para o mato : seu pagem, disse elle que vinha muito distante.

Dando alguns passos pelo mato dentro, disse que me viu de joelhos, e os ladrões me puchando cada um para sua parte, e era verdade. Vai elle então dispara suas pistolas contra dous dos ladrões ; o tiro da mão esquerda foi perdido, mas o da mão direita tão bem acertado, que o ladrão cahiu logo...

— Morto ? ! (perguntou José).

— Eu não sei ; mas elle parecia que estava morto. Os dous ladrões, que estavam com as pistolas vasiadas, pucharam das espadas, e foram contra elle, e elle puchando tambem sua espada começou a combater com elles, e elle só contra dous ! Nisto appareceu o homem muito feio, e dando uma risada muito forte disse : « Que é isto, marmanjos ? Pois dous barba-dões contra uma creança !... » Os dous ladrões deixaram de brigar. O homem feio chegou-se a mim e me tomou nos braços dizendo : « Coitadiuha desta pecurrúcha... » e me esfregando as fontes e os braços com aguardente, que tirou do guampo, que comsigo trazia, me fez tornar a mim. Depois voltando-se para os saltadores e para o moço, perguntou o que era aquillo. O moço contou só o que sabia, e tinha visto, e eu... oh mamãe ! foi minha madrinha que mandou aquelle moço, e aquelle homem, que me acudissem... que homem tão feio, mas tão bom ! Foi minha madrinha que me deu animo para fallar. Eu então contei chorando a esté homem tudo quanto me havia acontecido, e depois lhe pedi que me levasse para casa de meu pae, que elle lhe pagaria bem pago. Então o homem feio voltando-se para o moço que me tinha acudido, lhe perguntou quem era. O moço disse que era um viandante que ia para o Rio de Janeiro. O homem feio tornou a perguntar se eu era sua irmã, ou sua parenta, e o moço disse que não. Foi elle tornou a perguntar se eu era sua namorada... Ora já viu que asneira de homem, ma-

mãe? Eu ainda não tenho quinze annos, como é que já havia ter namorado?

— E' assim mesmo, minha filha (disse Luiza). E o moço o que é que disse?

— Elle disse, que aquella era a primeira vez que me via: e é verdade, porque eu não vi aquelle moço senão hontem a primeira vez. O homem feio disse então com uma voz muito grossa: « Então meuino, que te importava quem cá está? » O moço respondeu assim: « Ah, senhor! quem é que pôde ouvir gemidos sem acudir a quem geme? O amor da humanidade, a virtude, a honra... » O homem feio deu um grito. Quê, quê, quê!... (Que diabo é humanidade, virtude e honra?) (Oh meu Deus! eu tremia de medo, e chamava só por minha madrinha, que me salvasse!) O' Juca, o homem fez uma lengalenga, que levou a fallar mais de meia hora! disse tanta cousa, que eu nem já me lembro. Disse que a humanidade era uma asneira, que era um phantasma, e que honra era uma palavra vã, sem idéa alguma; que o moço fallava nestas cousas, porque era um tolo, uma creança, e um basbaque, e um pábulo! que este mundo era dos espertos, e dos perversos, e que os bons, isto é, os meus máus, só serviam de escada para a grandeza dos perversos; que o mundo se dividia em dous grandes bandos, um de oppressores, e outro de opprimidos; que feliz era quem se collocava no bando dos oppressores! (Eu achei isto tão ruim, que fiquei toda arripiada, porque eu acho tão mau fazer mal aos pobres e aos fracos..) depois elle disse, que no mundo não havia alguém bom, que todos eram máus!... (Ah, mamãe, se elle lhe conhecesse, e mais a Juca, elle havia dizer que no mundo havia muita gente boa!) Eu já não me lembro de tudo quanto elle disse; disse muita cousa, muita cousa. Depois disse ao moço: « Enfim, meu menino, não sei porque razão sympathisei contigo, até mais do que com essa pecurrucha, apesar de que

tem bem bous bigodes : vai-te em paz, toma o teu cavallo ; vai, que ninguem te offenderá.... » O moço então disse : « Mas os seus companheiros ? » E elle respondeu : « Quando algum te sahir ao encontro, mostra-lhe este papelinho. » Elle tirou da algibeira uma carteira, tirou della um pedacinho de papel, e com um lapis escreveu no papel, e o deu ao moço. Depois perguntou-me para onde eu queria ir, e eu lhe disse que queria que aquelle moço me levasse para casa de meu pae. O moço me perguntou onde era a casa, e eu lhe ensinei. O homem feio me disse então com muito bom modo : « Pois bem, pecurru-cha, vai para tua casa, e tranquillisa-te, e a teu pae. » Nós sahimos todos do mato : o moço desamarrou o seu cavallo, montou, e o homem feio me pôz de garupa, e nós viemos sem novidade para casa. Chegámos á porta da casa do papae, eu me apeei, e pedi ao moço que se apeasse tambem, e elle me disse que sim ; mas ficou montado. Abriram-me a porta, e em quanto os pretos faziam uma grande algazarra de alegria por me verem, e salva, e em quanto me cercavam e abraçavam, eu olho para traz a vêr o moço que me havia salvado, e conduzido á casa de meu pae, e que tinha ficado um tanto longe da porta, procuro, e não o vejo.... Eu me assusto, e papae, que já estava commigo, me pergunta o que é, e eu lhe conto ; elle manda procurar immediatamente o moço que me salvou ; busca-se tudo, não se encontra, e elle.. elle havia desaparecido ..

Emilia disse, e abaixou modestamente sua cabeça ; dous lindos fios de lagrimas começaram de escorregar-se gotta a gotta de seus bellos olhos, vindo, como medrosas de perder-se no pó da terra, tão preciosas perolas, occultar-se em seu seio, entre dous voluptuosos pensamentos de estremecido amor, materializados no seio de uma virgem tão cieia das magicas bellezas do ardente amor ! O pejo virginal querendo vencer um sentimento do coração, que

Emilia mesma não sabia bem comprehender e muito menos dissimular cabalmente, debuxava em suas candidas faces duas celestes rosas, dessas que uma aurora de encantos e de amor semeia caprichosa na estrada, que um alegre sol tem de percorrer cheio de luz, de magestade e de vida!

Ah! que a innocente Emilia ignorava a suprema força de sua belleza e dos seus feiticeiros encantos, no momento solemne de uma amorosa angustia, que mal começava a sentir, e muito mal a conhecer! Ella não comprehendia a força destas lagrimas de amor!

Luiza então disse:

— Minha filha, porque chorais?

— Por elle...

— Elle quem?

— O moço que me salvou.

— Talvez que nada lhe tenha acontecido, e que faça a sua viagem em paz até á cidade.

— Mas eu queria que elle não fosse...

— Como?

— Eu queria que elle ficasse aqui...

— Ficasse aqui! como?!

— Commigo...

— Mas como, minha filha?

— Elle não podia ficar com meu pae, e morando sempre em nossa casa?

— Talvez lhe não fosse possível....

— Se elle me achasse bonita, como eu o achei, elle não par ia e ficava em nossa casa...

— Então, minha filha, vós o achastes muito bonito?

— Elle é muito bonito. . Eu estaria tão contente se elle ficasse aqui. . .

— Está bom, minha filha, não choreis; elle foi para a cidade, vós para lá ides, póde ser que lá o vejais....

— Não, mamãe, se elle gostasse de mim, como eu

gostei d'elle, não fugia... O homem feio tem melhor coração do que elle, e elle....

— E elle o que?

— Nada... Eu tambem não gosto mais d'elle..

— E vós não dissestes que o homem feio disse que sympathisou mais com elle, do que comvosco?

— Que me importa.... tambem elle é tão feio.....

— Está bom, minha filha, não choreis: se vós tiverdes de o vêr outra vez, vossa madrinha, que vos salvou das mãos dos salteadores, vol-o mostrará algum dia.

— Sim...

José, que assistia a toda esta conversação, perguntou a Emilia:

— Mas, minha filha, vós não soffrestes cousa alguma dos ladrões?

— Não, Juca.

— Eu admiro....

— Porque?

José contou então a scena que presenciara do homem que assassinou a outrem, por haver maltratado uma donzella, e pediu a Emilia a descripção do homem feio, e pelas suas feições, vestuario e armamento, conheceu que o homem que Emilia descrevia, era exactamente aquelle que perpetrara o assassinato que elle presenciou; e depois de pensar muito sobre o caso, disse:

— Não sei quem possa ser este homem, que parece tão malvado, e entretanto parece ter tão bons sentimentos?

— E quem será essa pobre douzella maltratada? disse Luiza.

— E quem será o moço. que me salvou? disse Emilia.

CAPITULO VI

NÃO BASTA TER RAZÃO, É PRECISO TER DIREITO

A falta de pejo é o maior partido dos grandes velhacos. Quem chama a boa fe tolice, em vez de inculcar-se como esperto, dá-se como velhaco.

Antes dos acontecimentos, que acabamos de relacionar, grandes cousas haviam acontecido em casa de Julio e de Flavio. Sebastião depois da morte de Thomaz passou-se para casa de Julio ; este, vendo seu filho Geraldino na idade de doze annos, trouxe-o para o Rio de Janeiro, onde devia estudar os preparatorios, e dali seguir para Coimbra a formar-se em qualquer sciencia a que se inclinasse. Flavio, vendo sua filha com dez annos de idade, fez outro tanto, entregando-a no Rio de Janeiro a uma grave matrona para formar sua educação : quando, ha pouco, a vimos presa dos salteadores, ella voltava de casa de seu pae, onde fôra passar as ferias, e vinha outra vez para o Rio de Janeiro.

Entre Flavio e Julio estavam rotas todas as relações, e rotas completamente, e entre suas familias não havia a menor comunicação. Logo depois da morte de Thomaz, Julio julgou que devia cabalmente separar-se de Flavio, e por isso o convidou para ajustes de contas, e entregar-lhe parte da fazenda, ou de seu valor. Flavio com vãos pretextos ia sempre procrastinando o ajuste de contas : nestas delongas passaram-se quatro annos, no fim dos quaes Firmina deixou de existir. Julio, reduzido a si e a

seu filho, começou a apertar mais instantemente a Flavio pelas contas, e separação da fazenda ; Flavio continuou a protelar tudo, pedindo a Julio mais dous annos para organização das contas, e assim se passaram seis annos.

Por fim a boa fé de Julio começou a desconfiar de tanta demora, como era de esperar, e sabendo quanto é nossa vida precaria, não querendo deixar trabalhos a seu filho, resolveu-se a acabar com tudo de uma vez ; elle pois mandou citar a Flavio para ajustes de contas, quando viu que findos os dous annos, que lhe concedeu por ultimo, elle não lhe fallava em contas. Citado Flavio para ajustes de contas e divisão da fazenda, como herdeiro de Thomaz, por parte de Julio, como herdeiro de Silvestre. ponderem os leitores, qual seria a surpresa, e admiração de Julio, quando o impudente Flavio respondeu á citação, que nada devia a Julio, e que nem lhe constava que seu pae tivesse cousa alguma na fazenda de Juthurnua-ya ; e que quando quizesse estava prompto a sustentar com elle uma demanda. Julio quasi desorientado á vista de tanta infamia, mal podia acreditar o que seus proprios ouvidos tinham ouvido. E' até um impossivel que haja pessoa de tão docil, e de tão accessivel credibilidade, que o possa acreditar ! porque : que Flavio tivesse tal tenção, *transeat* ; e até que suas demoras sobre as contas quasi que o comprovavam ; mas que se atrevesse a tanto em face da escriptura passada, e que n'um cartorio se achava, isso é o que todo mundo o julgará impossivel !

Julio apenas teve esta resposta contou-a a Sebastião que tendo sido uma testemunha da escriptura, em vez de irritar-se, soltou uma grande gargalhada de riso, dizendo jovialmente : « Flavio está doudo. »

Nem era para se presumir d'outra sorte. Como quer que seja, o caso se fez notorio, e ninguem havia que acreditasse em tanta imprudencia ; e se se

nos permite, em tanto desaforo ! Quasi trinta e sete annos eram passados sobre o estabelecimento de Silvestre e Thomaz ; vivia muita gente desse tempo, como Sebastião ; e entre todos era constante ser a fazenda dos dous ; e todos os que sabiam do desejo de Flavio riam-se, e o tomavam por louco.

O velho Sebastião, tão amado e respeitado de todos por suas não vulgares virtudes ; fiado na sua veneranda opinião, dirigiu-se a casa de Flavio, e lhe fallou no negocio ; debalde porém foram seus rogos ; debalde seus conselhos e avisos ; debalde pinçou-lhe com vivas côres sua deshonra e infamia ; debalde fez-lhe vêr o opprobrio que attrahia sobre si a vergonha com que ia cobrir seu nome e sua memoria ; debalde o bom velho mostrou-lhe que quem assim se apoderava do fructo do suor alheio não podia medrar, e nem seria ajudado de Deus ; debalde lhe fez vêr que os bens de Julio, de que queria lançar mão, não poderiam ser gozados por sua filha. Flavio a tudo respondia « Nós temos leis ; use de seus meios. »

Sebastião irritado á vista de tanta infamia e tanta pouca vergonha, tomando uma attitude solemne e n'um tom soberanamente prophético, fallou assim :

— Flavio, o vosso procedimento é tão novo e de tal maneira inqualificavel, que ninguem pôde, nem comprehender se quer, que vós ouseis ou queirais ousar desauctorisar uma escriptura passada entre vosso pae e Silvestre, firmada por elles, assignada emfim por tres testemunhas, todos homens de bem, dos quaes um fui eu...

— E' que já lhe não alembra o como essa escriptura foi passada : as suas desgraças, os seus desgostos, e talvez sua idade, lhe têm feito perder parte de sua memoria.

Sebastião ouvindo estas palavras que Flavio proferiu em tom firme e resolutto, ficou suspenso e pensativo por alguns instantes : elle lembrou-se então

de que a sesmaria era por Thomaz requerida e só a elle concedida ; e como homem do mundo, cujo sabedoria era formada por uma serie de experiencias, e algumas bem dolorosas, que são sempre as que mais amestram o homem no caminho trabalhoso da vida ; comprehendeu que seria possivel algum dolo, bem que não percebesse qual poderia elle ser. Esclarecido por essa idéa, disse :

— Pois bem, Flavio, o bom homem Silvestre, de honrado que era, nunca fez tirar essa escriptura em publica-fôrma, e seu filho, imitando em tudo as acções boas de tão virtuoso pae, fez outro tanto, o que bem lhe caberia se seu socio fosse outro, e não aquelle que com o maior escandalo e descaramento quiz seduzir sua mulher, isto é, a mulher de seu primeiro amigo, de seu irmão de criação emfim !

Flavio, eu sei o quanto póde a perversidade, quando tem meios para sustentar suas malversações, seus crimes e seus escandalos ; e vós tendes infinitas doblas, graças ao suor de vosso pae e de Silvestre ! Presentemente sobre a terra o ouro tem comprado tudo, e a venalidade de nossos tribunaes e de nossos juizes, não dá que pessoa alguma conte com a sua innocencia e com a sua probidade ; e mal cabe a cada um contar com sua razão, quando o negocio tem de pender das mãos de juizes e de percorrer tribunaes da justiça ; porque infelizmente só appareceu sobre a terra um Pedro I, a que chamaram Cru, diante de quem tremiam os juizes, e rectos andavam os tribunaes : nesse reinado feliz, era que se não vendia a justiça ! Hoje vós a tereis de vossa parte. Intentai pois esse processo infame e de eterno opprobrio para vós ; intentai-o : comprai testemunhas, subornai juizes, negociai com a justiça, monopolisai vossa honra, se é que a tendes, ponde em almocda todos os sentimentos mais nobres da humanidade ; os bens de Julio vos chegam para todas essas transacções infames e só dignas de vós ; vencei, expoliai vosso

primeiro amigo e irmão de criação de todos os seus bens ; expoliái-o e depois gozai-os ! Flavio, nem minhas desgraças, nem meus desgostos, nem minha idade, me fizeram perder parte de minha memoria ! Superior ás minhas desgraças, minha alma não se deixou abater pelos desgostos. A tranquillidade de meu rosto revela a de meu coração. A cobiça do ouro, o desejo de ser rico, nunca acabrunharam minha alma ! Exempto de remorsos, meus pensamentos são puros, meu somno é socegado e minha vida tranquillá ; e neste doce remanso as desgraças são muito inferiores á fortaleza de meu espirito : e bem vedes que tenho apenas setenta annos, e não posso ter perdido minha memoria sem um justo motivo.

Neste momento solemne, em que paira sobre vossa cabeça o espirito dos crimes, e sobre a minha o anjo das virtudes, eu vos declaro, á vista de Deus, que nos escuta, que vossas malvadezas não opprimirão a Julio....

— Hei de reduzil-o a pedir esmolas de porta em porta para comer.

— Estais enganado, Flavio.... Quando todos os nossos tribunaes se vendessem ; quando Julio se visse privado até de todos os recursos ; ha ainda um tribunal invendavel, ante cujo juiz não aproveita o ouro e nem todos os poderes da terra ; e onde só a innocencia e só a viriude são providas de justiça : é o tribunal divino !

Flavio, sobre a terra ha só tres amizades, porque todas as amizades da terra se reduzem a tres, que são : o ouro, que acompanha o homem até o leito da morte, e dalli não passa, e para mais lhe não serve ; os amigos e parentes, que acompanham o homem até a beira da sepultura, cobertos de lucto, e cheios de dôr, que dalli não passam, e dalli voltam a suas casas, para d'ahi a um ou dous annos esquecerem para sempre esse parente, ou amigo sepultado : e as boas acções, que não só acompanham o homem até

a presença do grande Deus, como ficam sobre a terra velando sobre a sua memoria !

Flavio, no fim de tua vida tu não terás nenhuma destas tres amizades. Os bens que queres expoliar, se os conseguires, não serão gozados por pessoa alguma que seja teu filho, ou parente, ou amigo teu ! O ouro que possues, e que queres possuir, te desampará e desampará para sempre, antes de cahires no leito da dôr que te espera ; e aborrecido dos homens, criminoso ante os olhos de Deus, odioso a tous proprios olhos, tu acabarás uma vida detestavel no leito da miseria, e de um total desamparo. Tu buscarás em vão no leito da morte um amigo, um parente, que console tuas penas, que allivie tuas dôres, e buscarás debalde. Chamarás em vão tua filha, e a rouca voz de um livido phantasma te responderá tremendo : « Tu não tens filha ! » Debalde buscarás quem te sustente a moribunda cabeça ! Debalde chamarás quem te enxugue tua derradeira lagrima, a lagrima de morte ! Tu não terás quem te cerre os olhos depois que tua alma criminoso fugir de teu corpo, e morrerás desamparado ! Nem um parente, nem amigo, te acompanhará até a sepultura ? E as tuas maldades, que além de ficarem sobre a terra, para ahí ennegrecerem, e horrorisarem tua memoria, voarão contigo até a presença de Deus, para alli fazerem carga na balança em que se pesarem as tuas iniquidades, porque só iniquidades os homens conhecem de ti !.. Nota as minhas palavras...

Sebastião disse, e sahindo acrescentou :

— Flavio... prosegue... Adeus. Tu me verás um dia...

Flavio, passado o primeiro momento de impressão causado por estas palavras de ferro, capazes de esmagar outro coração que não fosse o seu, dizia tranquillamente, ou affectando tranquillidade : « que hypocrita ! »

Sebastião chegou a casa de Julio, e contou-lhe o

occorrido entre elle e Flavio e disse-lhe que era preciso demandal-o.

Com effeito, Julio mandou citar a Flavio para cumprimento da escriptura passada entre seu pae e elle : Flavio pediu vista, e o processo teve começo.

Figurai-vos um escuro, e profundissimo bosque retalhado por um intrincadissimo labyrintho ; figurai-o crivado de trilhos, de rodeios, onde a cada passo se encontra profundos fossos, compridas vallas, emmaranhadas e longas moutas, cardos, ortigas, toda sorte de espinhos, e de embaraços ; é este bosque de tal maneira umbroso, que o frouxo raio do sol, que nelle cala, não pôde espancar as trevas de uma eterna noite que alli sempre assustadora impera !

Este medonho bosque, ou antes este terrivel labyrintho é a chicana de nossas justicas ! Aqui ha, como no antigo labyrintho de Creta, um horroroso minotauro, tambem meio homem, e meio touro, convém saber—a venalidade dos juizes ! Ha egualmente um fio, que, como o de Ariadne, guia nesta confusão de rodeios, e de perdidos caminhos, que é a esperteza, ou antes velhacarias dos chicanistas. Este minotauro todavia abranda-se, e adormece-se, mas para isso é preciso ouro, a saber, ouro para uma parte recomprar o juiz já previamente vendido á parte contraria. Quanto ao fio quem o possui, e sabe dos mysterios do labyrintho, são sempre, com raras excepções, os maiores velhacos do mundo, que são os taes chicanistas.

E' um verdadeiro mysterio, é uma cousa que dá muito que entender, os recursos dolosos destes homens sem alma, torcendo o sentido das leis para fazerem inclinar para seu lado a concha da balança do direito !

Toda lei que não é fundada em principios naturaes, principios claros e verdadeiros, n'uma razão solida, deve de ser absurda. Nossas leis não serão

talvez as mais completas. mas acreditamos que ao menos as leis que temos sobre o que diz respeito ás acções civéis, são claras e terminantes.

Pois bem : tomemos uns autos, figuremos de uma habilitação e filiação, folheemos e leamos ; todas as provas em favor do habilitando, testemunhas contestes, que juram que Pedro, pae do habilitando lhes dissera que elle era seu filho e que como tal o tratava, tendo-o sempre em sua casa, desde certa idade, educando-o como seu filho. Circunstancias particulares não o fizeram reconhecer logo como tal, e querendo depois fazel-o, a morte lh'o embarçou. Não ha herdeiros necessarios, mas um irmão, um tio, um sobrinho, um diabo emfim, querendo habilitar-se herdeiro de Pedro, oppõe se á habilitação do filho ; este tem, como dissemos, todas as provas em seu favor, e provas que não foram destruidas pela parte contraria, e todavia o filho perde a causa ! (Quando lemos isso, exclamamos cheios de uma nobre indignação : de que não é susceptivel o chicanista ! « Como ! Como é possível ? »

Como ? Como é possível ? Perguntai aos juizes, aos escrivães, aos procuradores e a todos os da justiça que elles vos dirão : « Não basta ter razão ; é preciso ter *direito* !... » E sabeis vós ao que é que elles chamam *direito* ? Não. Pois ahi é que está toda a sublimidade do mysterio !

Instaurou-se pois o processo entre Julio e Flavio ; correu com toda a morosidade de nosso fôro esse pleito vergonhoso para Flavio: produziram-se testemunhas de ambos os lados ; Sebastião jurou a favor de Julio, como era de esperar ; infelizmente as outras duas testemunhas da escriptura já não existiam, ao menos no Rio de Janeiro, nem em Cabo-Frio, onde a causa teve começo, nem em logar algum do Brazil, que se soubesse. Um pescador, um seu filho e uma sua irmã, juraram que ouviram a Silvestre dizer que

não tinha cousa alguma na fazenda, e, o que tinha, da escriptura constava. Estas tres testemunhas juraram em Cabo-Frio; e bem que ninguem rico, nem pobre se casasse, todavia ainda desta vez foi Rita Maria quem pagou!

Rita Maria era uma velha de Cabo-Frio, que possuia em abundancia muita roupa, e joias; quando alguma moça pobre, ás vezes ainda arremediada, casava-se, pedia emprestados á Rita Maria não só joias, como tambem vestidos, que eram saias de dura cabaia, josesinhos, citués, (1) madrastas, macaquinhas, etc.; assim como grandes brincos de chrysolitas, pentes de pedra da mesma qualidade, grandes memorias e pulseiras; collares, cordões com relicarios, etc.

A velha Rita Maria tudo emprestava, e quando lhe traziam suas joias e roupas, ella limpava aquellas e punha ao sol estas, e as sacudia e guardava com muito trabalho. Durante esta operação dizia a boa velha:

« Casa o rico, casa o pobre,
Rita Maria é quem paga! »

Flavio indo com suas testemunhas a Cabo-Frio, hospedou-se em casa de Rita Maria, que teve de emprestar suas roupas á irmã do pescador para jurar contra Julio; e tambem desta vez a boa da velha disse:

« Casa o rico, casa o pobre,
Rita Maria é quem paga! »

Isto hoje alli passa como rifão!...

E' para encher de admiração e de espanto, o dizer-se que nove annos pendeu a causa do tribunal

1 Citués, certa capa, ou o que quer que fosse daquelle tempo. Dizem que é corrupção de citoyen.

de primeira instancia! Irra! Quanto não faria o dinheiro de Flavio! Ao cabo de nove annos, quasi um mez passado sobre o acontecimento dos salteadores, que acabo de narrar, teve Flavio a primeira sentença em seu favor!... « Como?! (dizem os leitores.) Como é possível?! E a escriptura? » Como? Como é possível? não sabeis como? Pois ahi é que está toda a sublimidade do mysterio!

CAPITULO VII

É ELLE!...

Conhecemos as cousas que nos causaram impressão, ainda até pelos mais ligeiros traços!

Alguns dias antes da sentença, que em seu favor obteve Flavio, recebeu Sebastião uma carta de um seu sobrinho estabelecido em Minas. Este moço tendo vindo de Lisboa por ordem de seu tio, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, depois de sér caixeiro de Sebastião. Resolvendo-se a estabelecer-se em Minas, Sebastião cooperou muito para a sua ida, concorrendo até com algum dinheiro para melhorar seu estabelecimento naquella provincia. Francisco, que assim se elle chamava, dotado de mui boas partes, foi tão feliz naquelles logares, que em pouco tempo adquiriu uma consideravel fortuna: casou-se com uma viuva rica, cujos immensos bens augmentaram, e muito os seus. Ficou viuvo alguns annos depois,

deixando-lhe sua mulher uma filha, que sobreviveu a sua mãe durante tres annos, e Francisco ficou então unico senhor e possuidor de um cabedal immenso.

Tendo Sebastião quebrado, não quiz ir para a companhia de seu sobrinho; porque elle tinha por maxima o não occupar aquelles a quem tinha obsequiado, ou antes beneficiado. Sublime maxima! ella é a unica que nos livra dos ingratos!

Sebastião tinha feito muitos favores e muitos beneficios, e dizia que nunca havia encontrado um só ingrato: a razão é que elle nunca occupou um só daquelles a quem fizera beneficios! E todavia, a dôr da ingratidão é tão vehemente para uma alma delicadamente sensivel, que o homem de solido juizo foge sempre de pedir áquelles a quem fez bem, para não dar-lhes occasião de lhe pagarem mal as bondades que com elles tivera.

Sebastião até acreditava que no mundo não haveria tantos ingratos, se aquelles que lhes fizeram bem não fossem tão exigentes, pretendendo até cousas que elles não poderiam fazer sem um enorme sacrificio, e ás vezes violencia ao seu coração.

Feliz do homem que se não queixa de ingratos, porque sempre pensa bem!

Não obstante, em honra de Francisco cumpre dizer que sempre escreveu a seu tio nos mais affectuosos termos; e que quando soube de sua quebra, escreveu-lhe offerecendo-lhe dinheiro, se quizesse continuar no negocio, ou ir para sua casa, quando não quizesse. Mas os desgostos de Sebastião, provenientes mais da perda de sua mulher e filhos, que da quebra de seu negocio, o fizeram rejeitar tudo.

Francisco dizia-lhe pois na carta que, desengano de uma queixa de peito, poucos dias lhe restavam; que não tendo outro herdeiro senão elle, a quem tudo devia, lhe rogava que viesse a Minas para assistir os seus ultimos momentos e tomar

conta de tudo que era seu, segundo sua ultima vontade expressada em seu solemne testamento. Sebastião não pouco avelhantado não se achava com muito animo para emprehender uma tal viagem; mas o motivo, que allegava seu sobrinho, era tão justo, que elle não podia esquivar-se com razões que plausiveis fossem. Não foi porém a fortuna de seu sobrinho quem o moveu a partir, mas sim abraçal-o nos ultimos momentos de sua vida. Além disto, elle receiava que a velhacada de Flavio pudesse prejudicar a Julio, e então que seria de Geraldino a quem amava como filho! Estas considerações o fizeram partir, apesar de Julio que o amava como a um pae. Julio pois deu-lhe dous pagens, mas o bom velho apenas aceitou um, e dinheiro, e todos os arranjos de viagem. Sebastião partiu pois.

Nós já sabemos que Geraldino, que tem agora dezenove annos pouco mais ou menos, acha-se no Rio de Janeiro estudando os seus preparatorios. Sebastião não quiz ir para Minas sem vê-lo, o que effectivamente fez; ali demorou-se com elle tres dias, aconselhou-o como pae, pediu-lhe que lhe escrevesse sempre, mormente sobre a demanda, e depois de uma terna despedida partiu.

Por este tempo a doce tranquillidade dos cariocas (adjectivo patrio com que naquella idade mais eram conhecidos os filhos do Rio de Janeiro, a quem hoje chamamos, mais appropriadamente — fluminenses) começou de se alterar. Sinistros boatos de ladrões principiarão a correr pela cidade, e cumpre revelal-o, não eram sem fundamento. Algumas casas haviam sido roubadas, algumas pessoas espancadas, e o povo com estas novidades não deixava de andar um tanto assustado. O honrado vice-rei, dobrando de vigilancia sobre o bem publico, fazia quanto ao seu alcance era para capturar os perturbadores da tranquillidade geral. Fóra da cidade era um pouco peor. As estradas estavam inteiramente infestadas

de assassinos e salteadores; assassinos, digo, não porque presentemente matassem, porque elles roubavam sem pôr mãos naquelles a quem roubavam, mas à menor resistencia espancavam e matavam. Todavia, é mister dizel-o, e não sem grande motivo de admiração, que um lavrador ou para melhor dizer, dous lavradores havia, cujas tropas vinham ao Rio de Janeiro, e voltavam, sem soffrerem o menor vexame! Estes eram Flavio e um seu visinho de nome Liberato; o porque, não o sei eu dizer, mas o facto é este!

Geraldino, que por seus bons costumes, bom genio, e talento fazia o desvelo, as delicias e esperanças de seu pae, era ao mesmo tempo por este mesmo talento, memoria sempre fresca, comprehensão vasta e percepção vivissima, não só a aguia de sua escola, como o prazer de seus mestres; fazendo-se por elles amar, pelo respeito com que os tratava, por sua docilidade e bom comportamento. Achava-se elle no penultimo anno de seus preparatorios, pois que naquelle tempo levava-se a estudar latim quatro, seis annos e ás vezes mais: e o mais é que os rapazes sahiam das aulas sabendo latim! tambem hoje em dous e tres annos assim é; e não só se estuda latim neste curto tempo de dous e tres annos, como tudo quanto ha!... Que esperançosa mocidade! Que futuro para sciencias! Parabens e mil emoras!

Quando Geraldino veio para o Rio de Janeiro afim de dar começo a seus estudos, trouxe algumas cartas de Sebastião para algumas pessoas com quem Geraldino contrahiou varias amizades. Geraldino era nessas casas de familias recebido e estimado como um moço recommendado pelo veneravel Sebastião, e tambem como um moço bonito! E, o que era mais, como um moço herdeiro de uma grande fortuna! Quando seus estudos lhe permittiam, sahia de sua casa, onde morava só com um escravo, o ia passar parte do tempo, da noite, com alguma familia

destas de sua amizade; ali, ou uma filha da casa cantava ao som de seu cravo alguma modinha brasileira, ou lundú, (1) para que tanta queda, e graça têm, além da doce naturalidade, as encantadoras fluminenses! ou jogava-se jogos de prendas ou de cartas, ou contava-se alguma historia, como a das — Tres cidras do amor—ou da Maria Borralleira—ou do — Pedro Malasartes—ou outra qualquer; e quando não era uma historia, era um romance, v. g. de—Bernal Francez—ou de Santo Antonio—ou de Santa Thereza—ou de—D. Silvana—ou outra qualquer; e o que é verdade é que nestas doces e innocentes sociedades passava-se largo tempo; e que feliz que elle era! Não admira; que as etiquetas ou tyrantias do commodo do homem social não estavam no rigor de hoje. As moças eram modistas, é verdade, mas com alguma parcimonia e modestia; nem uma havia que se quizesse dar por cabeça da moda, isto é, por figurino della; essa missão ellas deixavam a mulheres de vida prostituida: namoravam, é verdade, mas sempre com o fim de casarem-se; e o mesmo eram os rapazes; não admira, que os costumes não eram tão dissolutos, como os de hoje: ao menos é isto o que nos diziam nossos avós, e nós como seus bons descendentes devemos de acreditar. Dansavam, tiuham tambem seus solos, seus minuets e afandangados; além do fadinho, que pertencia ao vulgo, sem que admirasse que algumas vezes tambem dansasse o fadinho algum padre, que quando o dansava *não era padre, não era nada, era peccador como os mais*: mas nessas dansas era a graça natural do corpo a que mais sobressahia; e parece que a natureza, mais simples que a de hoje, timbrava de ostentiar, nestas meninas ingenuas, todas as graças,

1 Esta palavra não se toma na ridicula accepção em que a dá Constancia. O sentido em que a tomamos é tão sabido, que luxo fôra explical-o.

todos os encantos de sua magica simplicidade ! Como é bella esta doce simplicidade ! Por mim, digo, gosto muito da conversação de uma senhora de espirito e bastante viva; no emtanto que se eu amasse, quizera que minha amada perdesse por simples ou innocente ! Mas deixemos de maçadas, de que os leitores não gostam, e vamos ao caso.

Uma noite em que Geraldino estava na casa de uma familia, com quem se dava, acertou de ali vêr uma moça, que perturbou não pouco a tranquillidade de seu espirito. Era ella uma joven de vinte e quatro annos, segundo dizia ella ter ; demos que fosse de vinte e oito. Margarida era seu nome. Margarida era uma moça alta, e sobremodo bem feita. Seu cabello, nem muito negro, nem louro, mas deste que chamamos castanho, estava custosamente arranjado á zamparina, cujo elevado arco erguido sobre sua bella testa partia de junto da outra : seus grandes, e lindos olhos pardos, tirantes a negros, brilhavam inquietos debaixo de duas bem lançadas sobrance-lhas ; seu nariz proporcional a seu rosto, tinha todavia o defeito de ser um pouco arrebitado, o que segundo alguns não é lá muito bom signal n'uma mulher ; em suas maçãs ardião um tanto desmaiadas duas bellas rosas, como rosas de jardim um pouco offendidas pelos raios abrazadores de um sol de estio, e estas duas rosas faziam um ligeiro contraste com a graciosa côr de seu rosto, cuja alvura não era todavia como a da neve : uma pequena e bem talhada boca deixava vêr, á suave força de um estudado, mas encantador sorriso, duas ordens de pequenos dentes, que podiam passar por uns dentes sem superiores ! Margarida estava caprichosamente vestida. Sobre uma meia de seda, de uma forte côr de carne, calçava seu pequenino e bem feito pé um bem trabalhado sapato de setim azul celeste, cuja pequena pala era custosamente bordada a ouro e a matiz. Dando um extenso vulto a suas largas cadeiras,

augmentadas por um bom par de anquiúhas, pendia de sua delgada cintura uma larga saia de uma preciosa, e bem escolhida cabraia de côr de ouro, bordada de largos ramos de folhas verdes, e flores carmesins; nma madraستا de setim de Macáu de côr de gredelen, debruada de alvissimo arminho, era um dos ornatos dessa interessante belleza. Ella parecia ostentarnos encantos de seus bem contornados braços, cobertos de finos, mas espessos cabellos, cujos delgados pulsos eram guarnecidos por um bom par de pulseiras de chrysolitas, tendo cada uma no centro uma bella esmeralda. Seus bellos dedos estavam ornados de muitos anneis bastante grandes, como era costume da época; notava-se no meio delles um de um diamante de muitos quilates. Seu bello e altivo pescoco estava adornado por um grosso collar de perolas assás grossas, donde pendia sobre seu peito um relicario de ouro guarnecido de diamantes, pedras de que eram feitos dous longos brincos, que de suas orelhas pendiam a:ô quasi arrastarem sobre seus hombros. Tudo isto era tom daquelle tempo, era o ultimo gosto da bella moda!

Margarida, dotada de muita viveza, e por demais espirituosa, não pôde vêr Geraldino sem sentir no coração certos estremecimentos, bem parecidos a isto a que chamamos inclinação. Nesta pequena reunião, em que se achavam dous estudantes, irmãos e filhos da casa, tres moças nubes, filhas da casa egualmente, duas outras familias com cinco moças, mais dous moços, Margarida, Geraldino, e as mães e paes das tres familias; tocou-se um pouco, algumas senhoras cantaram, dansou-se, e por fim jogou-se jogos de prendas. Margarida, que sabia uma immensidade destes jogos, foi a mestra de todos. Jogou-se o jogo das flores, e ella foi ama do Cura, e Geraldino quasi sempre estava em casa da ama do Cura. Jogou-se depois o do jardineiro; e por mais tractos que Margarida desse á mente, por mais ro-

deios, e artificios que buscasse, nunca Geraldino disse o tão suspirado—*assim*— A flor que Geraldino dava ao jardineiro para plantar era um cravo, e o jardineiro, que era Margarida, começava de novo a pedir explicações sobre o como devera plantal-o. Geraldino explicava, e ella a tudo suscitava uma nova duvida ; as explicações se prolongavam, e a esparta moça absteve-se inteiramente de proferir o—*assim*— como querendo que Geraldino delle se esquecesse ; depois de muitas perguntas, e respostas, brada Margarida repentinamente, e como admirada :

— Vmc. disse—*assim* ? !—

— Eu, minha senhora, disse *assim* ? !

— Dê-me a prenda...— Disse Margarida com toda a sua vivacidade. Todos desatam a rir ; Geraldino cora, e Margarida continúa :

— A prenda ?

— Eil-a.— Disse Geraldino, dando-lhe um alvo lenço de finissima cambraia todo bordado á agulha : os dous estudantes continuam a rir e a dizerem :

— Geraldino, cahiste como um patinho!..

— E quem não cahirá com gosto no laço, que arma a Sra. D. Margarida ? !

Riram-se todos da galanteria, e Margarida fez-se desentendida da fineza.

Sentenciadas as prendas, foi a de Geraldino a ultima : depois de cumprir sua sentença, que foi abraçar todos os da salla, sentença dada por uma innocentinha, que gostava de Geraldino, Margarida achou, na occasião de abraçar Geradino meio de agradecer-lhe a fineza, e a-sim quando o abraçou, bem que de leve o fizesse, todavia ao tempo de tocalle em um braço, deixou nelle por memoria o ligeiro ardor de um ternissimo beliscão ! Irra ! que é muito má graça... mas o beliscão de uma senhora, e demais a mais de uma senhora bella !..

Margarida entregou o lenço a Geraldino dizendo :

— Que fina é esta cambraia, Sr. Geraldino, e que bem bordado lenço!

— Está as suas ordens, minha senhora.

— Agradecida : não o gabei para me offerecer...

— Sem cerimonia, minha senhora...

— Sem a mesma...

— Não insisto porque dizem que presente de lenços...

— E' separação, acudiu o dono da casa.

— Lenço branco, disse a mulher deste, é para cobrir a cara de defuntos, e por isso não se deve dar nem receber.

— Ora mamãe.... fallando em defuntos a esta hora...., disse a filha mais moça da casa.

— Tem medo de defuntos de noite, Sra. D. Mariquinhas? perguntou Geraldino.

— Tenho, sim senhor.

— Pois então fallemos de lenços brancos. Eis aqui um bello lenço, o da Sra. D. Margarida.

— Está ás suas ordens.

— Agradecido, minha senhora. Tenho as mesmas razões que Vm. para não aceitar-o; mas seriamente é um bello lenço, e de uma finissima cambraia; e o bordado é delicadissimo. Tem um defeito.

— Qual é?

— E' pena que no meio deste circulo bordado a matiz, que o lenço tem no centro, não haja alguma inscripção, algum verso... ou ainda lettras iniciaes, que exprimam alguma cousa...

— Então o que hei de eu pôr ali?

— Algum verso, qualquer cousa, ou iniciaes...

— Pois bem: diga-me que verso ou que iniciaes?

— Nessa caso, como quer que lhe aconselhe, porá tres lettras iniciaes, que exprimam alguma cousa.

— Mas que lettras?

— Um G, um A e um S.

— E que significam?

— G, genero, A, amor, S, sincero.

— E tambem Geraldino Antonio Silva...

— Seu criado, minha senhora; aceito a applicação.

Riram-se todos deste delicado galanteio de Geraldino; e Margarida mais que ninguem gostou desta fineza.

No meio destes e outros gracejos, dices, agudezas chistosas e galanteios alegres, entrou um homem, não feio, mas um tanto mal encarado, moreno e excessivamente magro: este homem chegou-se a Margarida, e disse com docilidade:

— São horas?

— Vamos... Respondeu ella. Margarida tomou seu chapéo, despediu-se, e o homem, e sahiram. Pouco depois todos os mais fizeram o mesmo, e às onze horas e meia a companhia estava desfeita.

Os insultos que os ladrões faziam no Rio de Janeiro fizeram com que o intendente da policia não só dobrasse as rondas e as augmentasse, mas tambem com que baixasse da intendencia da policia uma ordem para que fossem reconhecidas todas as pessoas que, depois das dez horas, se encontrassem na rua, e dado que não fossem conhecidas, serem recolhidas á cadeia.

Geraldino ia para sua casa. e contra seu costume, naquella noite não se fez acompanhar de seu escravo, seu fiel e constante pagem. Um pouco distante de sua casa encontrou uma ronda; findas as primeiras indagações, disse o cabo:

— Não o conheço; e por isso está preso por ordem do Sr. intendente da policia.

— Mas, Sr. cabo de esquadra, isso é uma injustiça...

— Pois queixe-se.

— Podem acompanhar-me até á minha casa, e saberão onde moro.

— Não temos obrigação disso.

— Mas a ordem do Sr. intendente é para prender os desconhecidos, e eu não o sou.

— Não queremos satisfações; já disse, está preso e caminhe.

— O Sr. cabo de esquadra faz-me a graça de dar-me uma palavra em particular, (disse Geraldino ao commandante da ronda encaminhando-se com elle para o meio da rua). Então, Sr. cabo de esquadra, para que quer dar-me o incommodo de passar mal uma noite na cadeia, além da vergonha? Eu sou pessoa conhecida, sou estudante; é melhor soltar-me, que eu sou generoso e lhe saberei agradecer.

— Mas Vms. andam na rua a estas horas, sabem das ordens e depois querem que os não prendam!... Eu sinto isto, mas bem sabe que somos mandados e devemos cumprir as ordens que recebemos... e depois, se a gente faz algum favor, compromette-se. . Vms. são rapazes... contam tudo... depois sabe-se e a gente é quem soffre... e Vms. ficam espalitando os dentes...

— Oh! Sr. cabo de esquadra! essa é boa! sou pessoa séria e isto ha de ficar entre nós, sim senhor — isto dizia Geraldino introduzindo-lhe na mão uma peça de 6\$400.

— Está bom, está bom. Vejo que Vm. é um bom moço. Vá para sua casa. Onde mora?

— Na rua do Socossará.

— Pois passe bem.

— Adeus, Sr. cabo de esquadra.

No largo da Carioca, embocadura da rua de S. José, foi onde teve logar esta escandalosa scena. Geraldino continuou seu caminho para sua casa pela dita rua. O nosso cabo de esquadra com seus soldados veio muito á pressa pela rua da Cadeia, de novo esperar o nosso estudante, a vêr se lhe pilhava outra peça: trocou elle a farda com a de um seu soldado, e este cabo de esquadra, assim improvisado,

é quem veio representar a nova farça. Houve a mesma scena, que muito amestrados nisso estavam os taes rondantes daquelle tempo. Geraldino, ou porque não trouxesse outra peça, ou porque desconfiasse do tal cabo da ronda, não foi logo prompto em esfregar as mãos do cabo de esquadra, feito ás pressas, com outra peça. O tal cabo vendo isto, entendeu que quando o estudante chegasse perto do corpo da guarda onde o devia recolher, que não teria remedio senão coçar-se com outra meia dobra; e firme nisto enfiando-lhe o braço dizia-lhe:

— Vamos, vamos.

Isto puchando a Geraldino. Passava-se esta scena na rua da Cadeia, junto dos cantos da rua a que chamamos hoje da Quitanda.

De repente surge do canto desta rua um vulto bastante cheio, e de estatura gigantesca, o qual chegando-se aos soldados, bradou com uma voz medonha:

— Larga-o... ladrões...

Os soldados mal escutam esta voz de trovão, encaram o vulto e timidos bradam todos a um tempo:

— E' elle!...

E deitam todos a fugir.

Geraldino absorto desta aventura tão nova quanto estranha, não sem algum receio, encaminhando-se para o vulto, diz:

— Sr., quem quer que seja, permitta que lhe agradeça este favor...

— Ide para vossa casa... Disse o vulto.

Conheceria Geraldino a falla de quem seria? Como quer que fosse, o mancebo recuou espantado exclamando:

— E' elle!...

CAPITULO VIII

PASSAI ESTA PAGINA, PASSAI SEM LÊ-LA.
LEDE ESTA PAGINA, LEDE-A ; EU A ESCREVI PARA VÓS?

Os tormentos de um coração sensível são quasi sempre mais imaginarios que reaes ; mas ainda assim imaginarios são tão dolorosos como se fossem reaes !

Não foi esquecimento ; é que assim foi preciso : deixámol-a por alguns momentos, e agora vamos por ella. Fallo de um dos principaes personagens desta historia, que na fazenda de Juthurnuayba ficára ; convém saber, é Emilia. Esta joven pura, como uma estrella ; simples, como a flor do valle ; innocente, como a rola ; de uma sensibilidade extremamente delicada, dotada de talento, mas em demasia modesta, achava-se como sabemos, no Rio de Janciro, em casa de uma grave senhora viuva lisbonense, de uma educação fina, e de uma delicadeza em extremo melindrosa. Era esta senhora quem dirigia a educação de Emilia, com um aproveitamento raro. Emilia era de um natural meigo, de um genio docil, muito inclinada ao bem, e sobremodo compadecida dos alheios males. Quando á sua vista se contava alguma desgraça, Emilia chorava ; se se fallava de alguma familia pobre e miseravel, Emilia queria saber quem era essa familia, e onde morava ; sabendo, pedia a sua preceptora para mandarlhe alguma esmola, para o que lhe offerecia dinheiro, que sempre tinha á sua disposição, graças a seu

pae que, sendo por demais apertado da bolsa, era assás generoso para com esta sua cara filha, e quem o não seria ! Emilia se ouvia fallar de alguma grande malignidade, não acreditava e dizia que era impossivel haver gente tão má ! Eis aqui um coração disposto para ser bem desgraçado ! triste Emilia !...

Quando Emilia veiu para o Rio de Janeiro, achou em casa de sua preceptora duas moças, que tambem alli se educavam ; uma era Carlota que tinha, quando Emilia chegou, os seus treze para quatorze annos, e casou-se uns quatro annos depois, isto é, tendo dezoito. Quando Carlota casou-se era, não uma belleza, mas uma destas mulheres verdadeiramente interessantes. Carlota tinha o cabello negro, e um tanto ondeado, ou ainda crespo, rosto um tanto formoso, olhos negros, não muito grandes ; mas estes olhos exprimiam uma viveza, uma penetração, que não era muito facil a qualquer atrevido amator supportar sua vista por muito tempo : suas sobrancelhas eram espessas, e quasi que se tocavam ; tinha a bocca não muito pequena, mas sobre-modo bem feita e graciosa. E' impossivel haver quem se ria com a graça de Carlota ! parecia que a seu riso abria-se seu coração, e que sua alma cheia de prazer era quem mandava a seu rosto esse riso celeste, sympathico, magico, e em que sua alma parecia toda deleitar-se. Ella tinha bellos dentes, voz sonora e vibrante ; era bastante morena, e dir-se-ia até que nella havia alguma mistura de raça africana : alguns leves signaes de bexigas assombravam ligeiramente seu rosto. Podia achar-se muitas mulheres mais bonitas de cara do que Carlota ; podia achar-se algumas tão bem feitas como ella, porém mais engraçadas... não, é até impossivel ! Além disto, Carlota era dotada de um genio extraordinario : sempre alegre, sempre jovial, nada a incommodava ; não havia ainda cousa alguma, já não digo que a incommodasse, mas que merecesse sua attenção de

um modo mais serio. Carlota se divertia ainda até á custa de sua melhor amiga : Emilia, e Magdalena, de quem depois fallaremos, eram quasi sempre suas victimas, sua mesma preceptora ás vezes não era poupada, o que não admira, que Carlota até comsigo mesma se divertia. Um pouco iraquinas, ora fazia persuadir a um de seus adoradores que gostava d'elle, ora d'outro ; e quando via que um persuadido de que era amado ia se excedendo, dava-lhe de *taboa*, porque, dizia ella, ia ficando mal ensinado. De modo que os amores desta rapariga gaiteira era uma continua, e bem sustentada mangacão. Era para ver Carlota ler as cartas de seus apaixonados, e analysal-as... isto era para Emilia e Magdalena o melhor de todos os divertimentos. Entretanto Carlota a nenhum delles escrevia. Emfim Carlota não amava ; mas se ella chegar a amar... pobre Carlota ! Esta bella rapariga dotada de immensos encantos, recebia uma bella educação, e era herdeira de uma boa fortuna, pois que seu pae era bastante rico.

Quanto a Magdalena, era uma pobre menina, cujos paes eram ignorados. Um irmão de D. Gertrudes, assim se chamava a preceptora de Emilia, e das duas, lhe havia dado para educal-a, e por isso não faltava quem a tivesse por sobrinha de D. Gertrudes. Magdalena de idade de Emilia era verdadeiramente o mais formal contraste : de Emilia, nos encantos : e de Carlota, no genio ! E pois, Magdalena era um tanto alta e delgada, mas em extremo bem feita ; seu cabello, que desatado chegava-lhe além dos joelhos, era sobremodo negro ; seus olhos, um tanto grandes eram tambem negros, é assás brilhantes, mas estes olhos mui negros, mui brilhantes sobre um fundo branco aperolado moviam-se vagarosos, n'um languido amortecimento, como testemunho de uma interna melancolia, ou antes de uma alma abrazada na chamma de um amor mallogrado,

em que seu terno coração, nutrindo ternas esperanças, ainda consoladoras, parecia n'uma effusão deleitosa, de futuros gozos, derreter-se magicamente em estremecidas ternuras. Seu rosto verdadeiramente formoso e até encantador, não era em extremo alvo, mas havia nelle uma pallidez tão doce, que inspirava no coração de quem o via uma feiticeira embriaguez de amor, ou essa magica voluptuosidade, em que a alma suavemente enamorada entrega-se ao doce viver e ao doce morrer de ternissimas fruições mentalmente gozadas nas idealidades de amor; sua bocca era pequena, seu riso suave, e seus dentes bellissimos! Tudo nesta mulher era proporcional, porque essa bocca, que a ser de carmim mal assentaria n'um rosto pallido, era da côr de uma rosa um tanto desbotada. Magdalena era melancolica e de feições tristes: mas quanto era bella essa suave e terna melancolia! fallava e ria-se poucas vezes e isto porém sem fazer-se aborrecida. Entretanto se me perguntais: qual dos personagens que vos tenho descripto é o mais formoso e até bello? dir-vos-hei que Emilia: qual mais engraçado? Carlota: qual mais encantador? Magdalena: qual mais sympathico? Margarida. Se me perguntais de qual quizera ser amado, digo-vos que de Magdalena. De todas estas quatro formosuras, apenas Emilia pertencia ao genero classico, quero dizer, era uma belleza do modo ou typo que Grecia e Roma nos pintavam suas mais guapas divindades; entretanto que as tres pertenciam aos diversos typos do romantismo, isto é, bellezas da meia idade e modernas, sob varias modificações. Ora, um homem por demais pacato amaria Emilia; um folgazão, Carlota; um ardente, Margarida; um melancolico, Magdalena.

Emilia esteve pouco tempo em casa de seu pae, depois do caso dos saltadores; ahí nunca se esqueceu, pelo que parece, nem um só instante, do bello joven, que a salvára; ella deixava correr suas la-

grimas livremente e suspirava ; e quando Luiza ou José lhe perguntava o motivo dessas lagrimas ; a sincera Emilia respondia ingenuamente : « E' por elle. » A boa Luiza ou José a aconselhavam e buscavam divertil-a.

Esvaeceu-se o boato dos salteadores, deixaram até de apparecer nas margens da lagôa de Juthurnuayba, e de novo dispoz-se a viagem para a cidade. Escoltada por uma boa companhia de escravos da fazenda e acompanhada de José, porque Flavio estava incommodado, e todos bem armados, fez Emilia sua viagem sem o menor incidente. Restituída ao Rio de Janeiro, ahí Emilia nada disse a D. Gertrudes sobre o caso dos salteadores, nem do joven ; e o mesmo silencio guardou para com Magdalena, e com mais razão para com Carlota, que já nesse tempo era casada.

Gertrudes, senhora dotada de viveza, com mais de cincoenta annos, tendo não pouco traquejo do mundo, começou de notar que Emilia não tinha já aquella tranquillidade nem alegria, que revelam a paz de um coração exempto, nem o socego de uma alma livre : ella a inqueriu, e Emilia disse-lhe que nada tinha. Gertrudes que comprehendeu que no coração de sua educanda havia algum grande mysterio, olhou-a fixamente, deu a entender que neste olhar conhecia todo o fundo de seu coração, e como se mostrasse offendida da reserva de Emilia, soltou um suspiro e calou-se, como quem respeitava o seu segredo. A innocente Emilia em todos esses movimentos pareceu só ver uma mulher, que offendida do seu silencio, mostrava-se escandalisada da reserva para com ella ; e opprimida por esta idéa que despedaçava seu coração, lançou-se-lhe ao pescoço e derramando lagrimas de ternura e de um extremo affecto, lhe disse :

— O' minha boa mestra : então Vm. ficou mal comigo?

— Não, disse-lhe Gertrudes friamente.

— Ah! que a frieza desse não, me diz mais que todas as suas palavras me poderiam dizer. O' minha boa amiga, serei eu tão infeliz que a tenha offendido inadvertidamente, e que Vm. se escandalise comigo? Oh! sim, eu sou muito má, porque lhe occultei um segredo... não é assim?

— Pois tu tens segredos? e m'os occultas? paciencia... nunca os tive para contigo.

— Minha amiga... minha amiga...

— Talvez tenhas razão de o fazer...

— Pela sua bondade... Tenho uma cousa que dizer-lhe...

— Falla: sempre te escutei com prazer.

Emilia contou então a Gertrudes toda a historia dos salteadores, o que Gertrudes já sabia por boca de José; e como foi salva; do joven que a acompanhou até a casa de seu pae: ella enfim concluiu esta historia, primeira aurora do seu amor, da mesma maneira que quando a contára a Luiza e José, dizendo:

— E elle... elle havia desaparecido.

Isto disse e chorou.

— Porque choras? lhe disse a mestra.

— Por elle...

— Por elle? E que lhe aconteceu?

— Não sei... mas...

— Mas o que?

— Queria vel-o sempre, porque eu lhe devo a vida...

— Então querias que elle não sahisse mais da casa de teu pae?

— E não era possível?

— Muito possível.

— E então?

— Sim, eu adivinho tudo. Querias que ella se casasse comigo?

— E elle o não podia fazer?

— Poderia : mas cumpre saber duas cousas ; a primeira, se ella o quieria e teu pae ; a segunda, no caso d'elle gostar de ti, e teu pae o querer para genro. se lhe ficaria bem fazel-o em tal occasião ?

— E porque não ? não se arriscou elle por mim ?

— Por isso mesmo.

— Por isso mesmo ! Então porque ?

— Porque será em extremo delicado e não quierá que se diga que se arriscou por ti, não por humanidade, mas com o fim de casar contigo e ser herdeiro de uma immensa fortuna : elle pois, fez o dever de um homem de honra e de virtudes, não querendo entrar contigo em casa de teu pae, e retirando-se sem se gozar de seus favores...

— Oh ! minha amiga ! se são tão duros os deveres que impõe a honra e a virtude de que vale ser honrado e virtuoso ? os honrados e virtuosos o que gozam então neste mundo ?

— Uma confiança em Deus, que faz com que em todos os perigos da vida o justo seja sempre tranquillo ! Uma paz inalteravel, que faz com que nada perturbe a serenidade de seu coração, que resista a todos os trabalhos da vida e a todos os desgostos della ! Um sublime desprezo para com os malevolos e calumniadores, que buscam fazer nossa ruína ! Um nome respeitavel, que impõe uma especie de culto áquelles que nos conhecem ou ouvem fallar de nossas bondades ! Uma seguridade que faz com que espere-mos diante de Deus o premio de nossos trabalhos trocados por eterno descanso, por um gozo sem limites, por uma gloria sem fim ! E isto é pouco, minha filha ?

— Ah ! feliz de quem é virtuoso !

— Tu tambem a podes ser.

— Mas eu não tenho feito mal a pessoa alguma.

— E' verdade ; mas não debes accusar o joven por ter cumprido com os seus deveres. . . E de mais, quem sabe o que Deus tem de fazer d'elle e de ti ?

— Eu não o verei mais . . .

— Quem sabe ? altos são os destinos da Providencia ; e a nós não é dado perscrutar-os. Tranquilla-te, minha filha. Uma boa meunina, que tem virtudes, deve de andar sempre contente e alegre ; deve confiar tudo em Deus e só de Deus esperar tudo ; nem bem lhe diz outra cousa. —

Effectivamente Emilia dalli em diante começou a se mostrar mais tranquilla ; não que seu amor se arrefecesse, mas por um estudo particular de seu genio, mostrando-se alegre, para que sua tristeza não offendesse a sua mestra.

Todas as noites, depois que esta boa menina se recolhia ao seu quarto e que se encommendava a Deus em suas orações, ao seu anjo da guarda, e ao santo de seu nome, resava de joelhos sobre sua cama, e de mãos postas, com uma devoção sobre modo ardente, uma devota —salve rainha— á Santa Virgem do Paraizo, que seus paes haviam tomado por sua protectora, na occasião de seu baptismo : ella a offerencia á mesma Senhora, para que lhe deparasse o joven, que a tinha acudido no bosque ; para que elle a amasse, como ella o amava e que emfim fosse seu marido !

Não havia um só dia, ou antes uma só hora do dia, em que Emilia se não lembrasse do seu joven ! Sua linda imagem debuxada em seu coração estava sempre presente aos olhos de sua alma ! Um echo suave repetindo a todos os instantes em seus ouvidos as palavras, que no bosque lhe ouvira, ia depois fazel-as soar em seu coração, a cujo som sua alma como que se expandia e se deleitava pela encantadora acção de um jubilo supremo, e quasi celestial ! Emilia se fingia em sua alma que o bello joven a veria um dia, como ella a elle, e que veria a ser sua esposa ! Então se entregava a todos os prazeres de um amor puramente ideal ! Ora se figurava,

conversando e rindo com elle alegremente, ora passeando, levada por seu braço, pelas ruas do Rio de Janeiro, causando inveja ás mais formosas raparigas; umas vezes na fazenda de seu pae, correndo, e folgando com elle pelos alegres prados e bosques della; outras vezes lavando-se ambos n'uma agradável e crystallina cachoeira, de que aquelles logares tanto abundavam, e que seu esposo colhia flores, tecia uma ligeira grinalda e depois de beijar seus louros cabellos humidos e esparsos sobre suas costas, a coroava com esta capella tecida de flores do valle, silvestres sim, mas bellas e mimosas. Emilia se figurava mil outras innocentes delicias ao lado deste mortal a quem amava, a quem não podia esquecer e nem ella o queria. No fundo destas bellas idealidades de amor, no fogo destas suaves illusões, em que se fingia com seu doce bem, Emilia se acreditava tão venturosa, como se seus enamorados pensamentos, sublimes illusões de seu supremo amor, todo baseado em um affecto mysterioso, fossem solemnes realidades! Mas quando á força do positivo de um presente se esvaecessem as bellas idealidades de seu futuro .. quaes seriam os supplicios do seu coração amoroso! Celestes são os imaginarios gozos de uma imaginação vivida e ardente! mas tambem suas privações, ainda até imaginarias, são verdadeiramente infernaes! e todavia, as illusões iam pouco a pouco se dissipando n'alma de Emilia e cedendo seu logar ás amargas verdades, essa terrivel noite de futuras incertezas que lentamente vinha offuscar esse brilhante quadro de illusões angelicas, que uma aurora de amor havia esclarecido no presente de um coração enamorado! Então o bosque, os saltadores, o homem feio e o joven vinham por sua vez occupar as idéas desta alma innocente e por demais sensivel! Emilia agora se figurava no bosque em frente do lindo moço: ella repassava em sua imaginação tudo, tudo quanto ali vira e ouvira.

Ella mesma o confessava depois... pobre Emilia!... Ah! só quem ama, como tu, é quem pôde comprehender teu amor e teus supplicios!

Ella pois figurava tudo diante de seus olhos, como nesse dia terrivel, e para ella de uma recordação eterna! Emilia descrevia tudo dentro de si propria: « Seus cabellos eram assim: (dizia ella consigo) assim a côr de seu bello rosto: deste modo se arqueavam seus labios quando fallava: seus dentes eram deste modo: era desta altura, e seu corpo era assim: desta maneira era o metal de sua voz: elle me disse isto: seu ar tinha esta graça, seu passo esta nobreza, seu sorriso era desta fôrma, desta fôrma seus ademães; elle montava com este garbo o bizzarria, montado tinha esta magestade; eu montei de garupa e para ségurar-me cingi seu peito com meu braço esquerdo... oh! eu me lembro... seu coração palpitava tanto... porque seria? eu o cingi com meu braço esquerdo, com este... » Então ella estendia este braço o como que o contemplava com um sentimento de inveja e de amor ao mesmo tempo! Depois beijava ella mesma este bem feito e mimoso braço, desde as pontas dos dedos até muito acima e continuava em suas recordações.

« Elle tocou seu cavallo: no caminho me dizia isto e eu lhe respondia assim. Chegámos a casa de meu pae, e eu me apeei e bati á porta: elle ficou a tal distancia da porta, eu lhe disse isto e elle me respondeu deste modo: Receberam-me, eu o busco para o fazer entrar e elle... elle havia desapparecido... » As recordações eram aqui suspensas por um diluvio de lagrimas, que de seus olhos cahia. Depois de haver assim desafogado o mais intenso de sua amorosa dôr, como que ferida do raio de uma celeste esperanza, ella dizia consigo mesma: « Mas elle está nesta cidade... ah! talvez bem perto de mim! está nesta cidade; eu o verei; meus olhos, meus gestos, meus receios e temores lhe dirão que eu o amo: por-

que não hade elle amar-me? tão feia serei eu, que elle fuja de mim?

Emilia aqui se levantava de seu leito e ia ao seu toucador, abria o seu espelho e mirava-se: parecia que, como Narciso, deleitava-se diante de sua encantadora imagem! Ella mirava seu collo de neve, seus seios, seus braços, sua cintura e todo o seu corpo emfim; alisava seus cabellos com suas mimosas mãos, passava-as por suas facos, dizendo sempre:

« Não sou bonita, mas não sou tão feia que cause horror e nem que elle fuja de mim. »

Depois tomava diversas posturas, sorria-se de diversos modos, dizendo sempre:

« Não ficarei mais bonita assim? »

Oh! como seria bello de vel-a nestes innocentes entretenimentos de um tão verdadeiro e magico amor! Deitava-se depois, e continuava em suas ternas e tristes reflexões.

« Não amar-me-ha elle? Terá se esquecido de mim? de mim, que o amo tanto? Não me terá amor? mas porque palpitava tanto o seu coração quando eu o segurei com meu braço esquerdo? Oh! se elle amasse-me, como eu o amo... eu seria tão feliz!...

Taes eram as illusões, as lembranças e reflexões de Emilia todas as noites, até que seu fatigado espirito, cansado de pensar, cedia ás insinuações do somno: ella dormia emfim.

Almas mercenarias, corações de bronze, que só dais som ao toque de metaes, e mormente ao do ouro, passai esta pagina, passai sem lél-a! passai, e não profaneis mysterios para vós incompreensíveis; não rebaixeis ao nivel do ouro, que se occulta nas entranhas da terra, palavras que revelam pensamentos do céu!

E vós, corações de amor, almas sensíveis e quasi divinas, cujas sublimes idéas são inspiradas por um Deus de amor, o Deus do universo, lede esta pagina,

lede-a ; eu a escrevi para vós ! lede-a e depois dizei : Emilia amava !

Assim se passaram dous annos quasi, sem que Emilia soubesse quem era o seu libertador, e sem que ella delle se esquecesse um só momento.

Deixemos agora Emilia e seus extremos amantes, e seus amores de mysterio, e voltemos a Geraldino.

Salvo da ultima ronda, como temos visto, por um homem que não sabemos quem seja, recolheu-se sem mais novidade á sua casa. Ahi, depois de ter visto sua lição, deitou-se. Agora temos Geraldino entregue tambem a immensas reflexões, mas bem diversas das de Emilia, porque elle meditava sobre Margarida, e sobre este homem que o havia tirado das mãos dos soldados. Geraldino não podia comprehender quem seria este homem, e nem a razão deste serviço que lhe fez. No outro dia acudiu ás suas obrigações e voltou para casa : ahi chegado, seu escravo lhe entregou uma carta.

— Quem trouxe ? perguntou Geraldino.

— Não conheço, não, senhor.

Elle abriu e leu o seguinte :

« Formoso mancebo.

« Uma pessoa, que vos ama, e que por vós morre de amores, tem de communicar-vos um segredo esta noite. Não ha o menor perigo. Se lhe quereis fazer este serviço, vinde ao cães de Braz de Pina, ahi esperai ; á meia-noite alguém vos procurará, entregai-vos sem susto, que vos conduzirão a

Quem vos ama. »

CAPITULO IX

O JOVEN DEIXOU-SE LEVAR

As asneiras amatorias dos moços são forçosos tributos que a natureza exige delles : aquelle que os não paga na mocidade, tem de os pagar, e com mais escandalo, na velhice.

Voltemos à demanda de Julio e Flavio : Julio, tendo perdido a sentença, appellou, como era de esperar, para o Rio de Janeiro : subiram os autos aos tribunaes superiores, correram todos os tramites, naquelle tempo usados, e Julio teve todas as sentenças contra : restava um unico tribuna!, para ahi appellou elle, e deste ultimo tribunal ficou a questão pendente.

Os meus leitores, que estão ao facto da integra da escriptura celebrada entre Silves.re e Thomaz, admirados deste acontecimento perguntarão : « Como ? à vista de uma escriptura tão clara e terminante, negou-se justiça a Julio ? ! Como ? » Como ? perguntais vós ? Julio não era velhaco, estava certo de sua justiça, e não quiz pôr em pratica o *direito* usado. E sabeis vós, o que é o *direito* usado na chicana ? « Não » Pois ahi é que está toda a sublimidade do mysterio !

Ora bem : será bom que os leitores saibam de algumas miudezas a este respeito.

Citado, como sabemos, Flavio para dar contas, e metade da fazenda de Juthurnuayba, ou seu valor, veio a escriptura a juizo : mas qual não seria a surpresa de Julio, e Sabastião, quando viram uma escriptura muito differente daquella que Sabastião as-

signára com as outras duas testemunhas ! Sabemos que pela escriptura, as terras requeridas por Thomaz eram delle e de Silvestre ; sabemos, que ambos estes amigos tinham entrado para o estabelecimento com iguaes fundos, e que eram socios em tudo iguaes : sabemos, que moraram sempre juntos, e que seus bens estavam em commum. Saibamos agora, que dos lucros da fazenda Silvestre de pouco se utilisou ; tendo recebido de Thomaz algumas modicas quantias, com o dinheiro que deu a Julio para seu estabelecimento, prefaz tudo a importancia de 16:000\$000 (1) porque 10:000\$000 deu a Julio para fundação de sua fazenda ; Julio, depois da morte de seu pae, recebeu em diversas quantias da mão de Flavio, e de Thomaz 5:000\$000 : portanto, aqui temos Silvestre, e seu filho tendo tirado dos lucros da fazenda a quantia de 21:000\$000. Apresentadas as contas em juizo, pelas de Thomaz, a fazenda desde seu começo até os ultimos dias de sua administração, isto é, quasi em trinta annos, havia rendido, livres de todas as despezas 116:428\$230 : depois da morte de Thomaz, no tempo da administração de Flavio, o rendimento de 15 annos pouco mais ou menos, foi de 45:144\$200 ! Clamoroso dolo ! resaltante velhacada ! Flavio, este miseravel velhaco, era tão supinamente estúpido, e tão grosseiramente ignorante, que se não lembrou, que dividindo-se os trinta annos da administração de seu pae em tres series de dez annos cada serie ; que calculando-se o rendimento da fazenda em 2:000\$000 cada anno desta primeira serie, era o rendimento de 20:000\$000 nestes primeiros dez annos, isto livre de despezas porém ; este calculo é por demais favoravel ; attentas as forças da fazenda, mas attendendo as necessidades de um estabelecimento novo, é que se calcula de um modo tão favo-

1 Comquanto naquelle tempo o systema de contabilidade das moedas era por mil cruzados, todavia uso aqui do systema de contos, por mais brevidade e clareza.

ravel. Ora, nos quatro primeiros annos desta primeira serie, é bem de crer que a fazenda não redesse nem um 1:000\$000 ; mas nos seis ultimos era preciso nada fazer-se para não render de 2:000\$000, a 3:000\$000. Demos pois 2:000\$000 uns pelos outros annos visto que no quinto anno já a fazenda estava montada com um bom engenho de assucar, muitas lavçuras de milho, feijão, mandioca ; tinha boas serrarias, bastantes escravos, gados, etc. : ahi temos pois 20:000\$000 da primeira serie. Na segunda serie calculemos o rendimento da fazenda em 3:000\$ uns annos pelos outros ; ahi temos 30:000\$000, que com 20:000\$000 da primeira serie, são 50:000\$000. Na terceira serie, no fim de vinte annos, a fazenda tinha então mais de cem captivos, estava completamente montada, não havia pois necessidades urgentes a que occorrer-se ; calculemos pois, e com muito favor, o rendimento da fazenda, ou antes lucro, porque este rendimento é livre de despezas, em 6:000\$ uns annos pelos outros. Este calculo parecerá muito avantajado ; mas logo que se reflexionar, que se um escravo de um lavrador não der a seu senhor 100\$ por anno, á razão de oito mil e tanto reis por mez ; muito miseravel é tal vida ! assim dá, e deve dar. A fazenda tinha pois mais de cem escravos de todo o serviço, e segundo este calculo, cem escravos a 100\$ são 10:000\$000 ; tiremos 4:000\$000 para algumas despezas, porque bem sabemos como são sustentados os escravos de taes fazendas, e ahi estão os 6:000\$000 do nosso calculo. Ahi temos na terceira serie 60:000\$000, que com 20:000\$000 da primeira, e 30:000\$000 da segunda, prefazem 110:000\$000. Pelas contas de Thomaz, o lucro de trinta annos é de 116:428\$230 ; excedendo este lucro ao nosso calculo na quantia de 6:428\$230. Ora, a fazenda foi sempre em augmento ; nenhuma perda, nenhum contratempo teve ; devia pois, no tempo da administração de Flavio, depois da morte de Thomaz, ren-

der nos quinze annos ao menos, de 6:000\$000 a 8:000\$000 por anno, uns annos pelos outros. Estes calculos, pois, são os mais favoraveis que se pôdem fazer! Entretanto Flavio apresenta um lucro de 45:144\$200! isto é, á razão de 3:009\$613 uns annos pelos outros. Nós desprezamos nos 45:144\$200, do lucro de Flavio, a ninharia de cinco réis, que ficam por dividir por cada um anno. Já se vê que esta grande fazenda, na quarta e quinta serie de dez annos, segundo nossos calculos, devendo render muito mais que em todas as series anteriores, rendeu tanto como na segunda serie, apenas com o avanço de 9\$613! Agora vejamos a escriptura, que em juizo foi apresentada. A integra della era que Thomaz, proprietario das terras da fazenda de Juthurnuayba, unico senhor dos fundos da mesma fazenda, isto é, de tudo quanto nella havia, por um sentimento de amizade para com Silvestre, que sempre o acompanhára nas excursões do deserto, quando Thomaz entregou-se a minerar, o associava na oitava parte dos lucros da fazenda! Sociedade, em que por morte delles contractantes, continuariam seus filhos em quanto estes a não quizessem nullificar, Silvestre por sua parte se obrigava a ajudar a Thomaz em tudo, e por tudo, administrando com elle a fazenda!

Ora, como esta metámorphose da escriptura foi feita ignora-se até o presente; o que é verdade é que não apparecendo outra escriptura senão esta, a qual estava firmada por Thomaz e Silvestre, por letras de seu proprio punho, segundo declararam os peritos no exame das firmas; e assignada pelas testemunhas Sebastião Botelho e pelos dous irmãos negociantes, André Joaquim de Braga e Bento Maria de Souza; não tendo Julio documento algum que provasse seu direito ou dolo desta escriptura, carecia elle de provas, e por consequente de direito, e por fim de justiça. Aqui temos pois a Julio reduzido á oitava parte dos lucros da

mesma fazenda, de cuja metade elle se julgava senhor ! Já sabemos que os lucros da administração de Thomaz foram de 116:428\$230 o lucro do tempo da administração de Flavio é de 45:144\$200, cujo total é de 161:572\$430, que dividido em oitavas partes, cabe a cada uma a quantia de 20:196\$553 (desprezando o quebrado de seis réis), tendo Silvestre e seu filho Julio recebido 21:000\$000, estava por conseguinte Julio no alcance de 803\$447 para com a sociedade ! Quem o poderá crêr ? !

Neste estado se achava Julio e sua demanda pendente de uma sentença final, isto é, Julio estaria ameaçado de uma extrema pobreza, a não ser sua fazenda, que havia fundado quando se casou com Firmina ; bem que esta fazenda era nas mesmas terras da fazenda de Juthurnuayba.

Geraldino moço e bello, na idade de dezenove para vinte annos, ou não dava a estas cousas todo o peso que devia dar, ou fiava-se em que se seu pae morresse primeiro que elle, ficava com uma boa fazenda em terras pingues, com vinte escravos, e naquelle tempo era muito, no caso de seu pae perder a causa, de que estava seriamente ameaçado. Nós o deixámos convidado a uma entrevista. A' hora marcada Geraldino estava no cães de Braz de Pina, hoje praia dos Mineiros.

Meia noite souo no mosteiro de S. Bento : a noite estava escuríssima, o céu coberto de nuvens e ameaçava chuva. Um instante depois um vulto todo negro chega-se a elle, e sem dizer-lhe palavra toma-o pela mão, e o foi conduzindo ; o joven deixou-se levar : seu conductor o deixou ficar n'um quarto escuro, fechou a porta por fóra e retirou-se. immediatamente Geraldino ouviu tropel de cavallos, depois passos de muitas pessoas e logo vozes, como de muita gente que fallava : era n'uma sala vizinha. Elle presta attenção e pareceu-lhe ouvir uma voz de pessoa que conhecia ! mas debalde chamava suas

recordações: Geraldino se lembrava que um dos que fallavam, lhe era muito conhecido, e que com elle havia fallado muitas vezes. Ao depois ouviu uma voz que disse com mais força:

— Tu nos roubaste a canastra cheia de ouro...

— A' fé que não roubei, dizia outro.

— Mas quando eu voltei ao logar em que ficou enterrada, eu não a achei.

— E' justamente o que me aconteceu quando lá fui.

— Acertarias tu com o logar?

— Ora é boa! assim se perde o logar onde se deixa tanto ouro?!

— Quanto dinheiro! faz-me confusão!...

— Auda lá, homem, tu tiraste a canastra com teus escravos, e a levaste para tua casa... heim?

— Ora não briques. Antes assim fosse, que tinha eu mais alguns mil cruzados de meus, e não poucos.

— Quem sabe se aquelle diabo de Flavio, mandou por alli fazer alguma cova e achou a canastra?

— Não, que aquelle terreno não é desse grande velhaco.

— E' então de quem?

— E' desse pobre diabo de Julio, que está jogando com elle uma partida de voltarete, e que apesar de ter os seus cinco matadores, ha de ser codilhado...

Oh homem! com cinco vasas seguras?!

— E' verdade. O sujeito que lhe prespega com o codilho tem mais habilidade do que mil salteadores.

— Como é isso então?

— Muito bem. Deu cartas, não contou-as, a mão fez-se, elle preferiu, descartou-se, tomou cartas, e por engano ficou com dez cartas; tinha cinco serviços: o forte, que joga muito bem, e é mão, já fez tres réis, acabou de fazer uma dama, e vai assentar quinta vasa com dama de espadas, que tem, e o feito

ha de servir, porque tem uma carta de espadas para servir ao forte.

— Acho-lhe graça... é uma mão de empenho. Mas a nossa canastra de ouro? a nossa canastra?

— E' melhor não fallarmos mais n'isso...

— Não fallarmos mais n'isso, dizes tu?

— E então, que lhe havemos de fazer? Mais perdeu o tolo do Fanhoso, que perdeu a vida ás mãos do Botocudo.

— A proposito; nós precisamos de nos desfazer deste diabo de Botocudo, e sem demora.

— Estás louco, homem?

— Ora adeus... Aquelle diabo tem na verdade corpo; e forças de um bom salteador, mas não tem alma.

— Cala-te, homem, tu não sabes o que dizes; tudo vai muito bem.

— Entretanto elle matou o pobre do Fanhoso...

— E' que Fanhoso era muito estouvado, e queria levar tudo à força: pois que diabo tinha elle com a pequena que lá ia seu caminho? espancou-a, e fez o diabo a quatorze. E, se te disser que por causa d'elle perdemos nós a boa fortuna da canastra?

— Oh diabo! então como?

— Como? Não vês, que sendo nós tres poderíamos apanhar um dos burros, arranjar as canastras, e conduzirmos o dinheiro, senão todo, ao menos uma boa parte?

— E o mais é que tu tens razão! Ah! Fanhoso, tratante de uma figa, que tudo pagaste nas caldeiras de Pedro Botelho.

— E depois só o nome de Botocudo é capaz para atemorizar um exercito.

— Isso é verdade. Mas que dizes tu ao vermelho?

— Esse pobre diabo é que absolutamente não tem capacidade para salteador: é um covarde, um desazado mesmo.

- Se o diabo de tudo se compadece!...
 - Se elle tem nome de caboclo...
 - Como nome de caboclo?
 - Pois não se chama André Pereira Dias?
 - E então?
 - Todo caboclo tem no sobrenome ou Pereira ou Dias, ou ambas estas cousas.
 - Ora essa é boa? O diabo é não apparecer o patife do Caniço, esse phtysico do inferno.
 - Porque?
 - Porque tenho fome, como mil diabos.
 - E eu fome como dous mil, e somno como quatro mil.
 - E porque nos não deitamos até que venha esse diabo, que mil diabos o levem?
 - E tu tens razão. O' pae Bartholomeu? pae Bartholomeu?
- Appareceu o tal pai Bartholomeu, e um dos interlocutores disse:
- O' diabo, tu estás bebado?...
 - Não senhor, disse Bartholomeu.
 - Abre aquella porta, que nos queremos deitar.
 - Sim, senhor.

Bartholomeu sahio. Pouco depois Geraldino ouviu bulha de chave na fechadura do quarto em que estava.

De toda a conversa, que elle havia ouvido, colheu que se achava em casa de salteadores, e que aquelles que conversavam o eram e queriam deitar-se no quarto em que elle estava! Apenas principiaram a procurar com a chave o buraco da fechadura, ouviu Geraldino soarem cinco fortes pancadas, que pareceram dadas na porta da rua; seguiu-se um confuso rumor, como de armas de fogo, que se armavam; depois um forte tropel, como de gente que corria para diversos lados. Depois um silencio medonho, como o silencio da morte em solitario templo!

CAPITULO X

AGORA A COUSA É DE DUAS

A mentira nos labios de uma mulher bella tem uma força magica, e quasi irresistivel; mas a verdade nos labios de uma mulber bella e amante, tem uma força celeste e inteiramente irresistivel

Tempos eram passados depois que Carlota, a melhor amiga de Emilia, e a mais sincera, havia tomado estado com um rico negociante e proprietario de uma bella galera, que em o negocio de escravos andava navegando, e quasi sempre de cabos a dentro. Approximou-se a monção, e a galera negreira, que havia acabado de fazer seus arranjos, achava-se no poço, abastecida de viveres e de toda a sorte de refrescos, munida de tripolação, já de verga d'alto, prompta a dar á vela para Moçambique.

Carlota, não podendo resolver-se a ficar só entre escravos, durante a ausencia de seu marido, pediu-lhe para que a deixasse em casa de D. Gertrudes; seu marido, que a amava estremecidamente, não sem mistura de alguns ciumes, sem razão todavia, não esteve por isso, e aconselhou-a que ficasse no recolhimento do Parto. Carlota que sabia dos ciumes de seu marido, e como o amava muito, para tranquillisal-o e condescender com elle, lhe disse que pediria para ficar em casa de D. Gertrudes porque elle sabia que ella era virtuosa e severa; que não obstante ficaria onde seu marido quizesse. Assentaram pois entre si de ficar Carlota no recolhimento.

Vizinho á igreja de N. S. do Parto, o reverendissimo bispo D. Fr. Antonio do Desterro erigiu este

recolhimento, applicando (por um breve que obteve do Santo Padre) para esta obra mais de quarenta mil cruzados, que Estevam Dias de Oliveira deixára para distribuir-se a bem de sua alma, cumpridos certos legados e algumas obras pias por elle determinadas.

A factura da obra teve começo no anno de 1742 e pôz-se-lhe remate não muito depois. Apenas acabado com bastantes accomodações, para asylar mulheres não virgens, algumas, e não poucas, começaram de o habitar logo, fugindo assim a uma vida meos regular, e tornando-a menos exposta, reformando desta arte seus costumes por um mais grave e mais sisudo comportamento.

Quarenta e tantos annos depois, o edificio reclamava altamente por necessarios reparos; o mesmo templo de N. S. do Parto achava-se no triste estado de ruinas em que estava o recolhimento. A falta porém de meios, a negligencia na administração de seus bens, que exiguos eram, não favoreciam aquelles que desejavam reparal-os. Era mister um bemfeitor de uma alta representação, cujo zelo religioso, cuja representação, cujo character e probidade servissem de penhor não só ás esmolas dos fieis, como por meio de sua influencia facilitasse os modos de as haver sem muito trabalho. Eis senão quando a Providencia o deparou na pessoa do vice-rei, o honrado Luiz de Vasconcellos.

Em 1788 ou 89 os reparos estavam quasi concluidos.

Concorde Vianna, que assim chamavam o marido de Carlota, em ficar ella no recolhimento de N. S. do Parto, quasi pelos derradeiros dias do mez de setembro de 1789 dispoz os ultimos preparativos de sua viagem; e mais proximo della sahio uma tarde com sua mulher a dar suas despedidas, e a participar ás amigas della que ficava no dito recolhimento. A visita de D. Gertrudes, de Emilia e de Magdalena,

como pessoas de mais intimidade, ficou reservada para ultima dessa mesma tarde. Eram mais de oito horas e meia quando Gertrudes, Magdalena e Emilia receberam a visita dos dous. Estavam nessa mesma noite de visita em casa de D. Gertrudes duas senhoras edosas e suas patricias: depois dos primeiros cumprimentos e abraços, (nesse tempo não se usavam beijos) e passada uma breve conversação, as tres meninas deixaram as mais senhoras e Vianna, e se retiraram para o interior.

Emilia e Magdalena mostraram a Carlota seus vasos de flores, contaram mui minuciosamente o incommodo que lhes davam, as mudas que faziam sempre, porque as moças entendem, que para obterem muitas flôres convém mudarem muito: os pés de cravo que haviam pegado, os que tinham morrido, etc. Depois mostraram-lhe seus bordados, seus crivos, as saias que haviam feito, as que tinham em peças; fallaram nas modas, vieram as amigas á conversação, arrancharam um pouco á má lingua, o que entre moças tem sua graça. Emfim, fallaram de tudo o que costumam as moças fallar quando se ajuntam. Carlota, de cujo genio já fallámos e bem conhecemos, dirigiu-se depois a Emilia e jovialmente lhe disse:

— Então, Emilia, quando te casas?

— Eu? nunca...

— Nunca?

— Nunca!

— Porque?

— Porque... eu sei... Não tenho até vocação para semelhante estado.

— Sim! Ora vejam!... Pobre tolinha, não sabes o que dizes. Olha, uma moça que não quer ser freira...

— Parece-me que é o estado em que morrerei ..

— Tu?!

— Eu mesma.

— Longe vá o teu agouro. Santo nome!

— Pois é mau?

— Mau, perguntas tu? Pessimo lhe chamo eu. E' verdade que como nunca fui freira não sei se é bom, ou mau: o que é verdade porém é que eu creio que aquillo deve de não ser bom.

— E' porque tu não tens inclinação para ser freira ..

— Não, Emilia; antes sempre tive muita repugnancia, porque creio que aquillo é cousa muito ruim

— Irra, Carlota! nem tanto... e as que lá estão?

— Contra a vontade dellas? Por gosto dos paes? não é assim?

— Não, não; as que estão por seu gosto?

— São umas impostoras, muito dispostas ao vicio e á má vida, que demasiado fracas, não se fiando em si proprias, foram trancar-se no claustro, porque sabem que são não frageis, que só os ferrolhos de um convento as podem conter.

— Carlota, que é isso?!

— Qual isso, nem isso. . Acredita o que te digo, menina, e o mais são historias da carochinha. Eu cá como não sou assim, como sei o que me fica bem, e o que me assenta mal, como tenho bastante força de espirito para conter-me, não preciso estar debaixo de chaves.

— Carlota como falla, meu Deus!

— Fallo muito, heim? Sim, tenho um genio um pouco livre, não é assim? por isso mesmo já achei marido, e bem bonito; e tu? tu, com tuas beatices, onde está o teu?

— Eu não sou beata, não... oh...

— Ah! a menina estava caçoando comigo! Então a menina não é beata, e quer ir para o convento! e então para o que? não é para resar, que tu não és beata... Já sei Sra. Emilia... já sei... Isso é desgosto de algum desejo malogrado. Ora anda, rapariga,

conta-me isso... Casou-se com outra o teu namorado ?

— Não, que eu não tenho namorado.

— E o moço bonito, que te salvou no bosque?

Emilia estremeceu, corou, e abaixou a cabeça : e Carlota disse :

— Velhaca !... (isto dizia Carlota com accento mui designativo, meneando maliciosamente a cabeça, e com sorriso sardonico) velhaca !... cuidas que me enganas ! Olha, tenho pena de ti...

— Já sei, Carlota ; a mestra te contou tudo...

— Tudo, tudo ; mas quero que me contes tambem.

— Assim é que ella guardou o meu segredo, heim ?

— Ah ! Sra. Emilia ! assim é que são as amigas, em ? Com que Vmc. tem segredos para mim ? ! Está bom. Com effeito, tu és uma amiga muito leal, respondes-me muito bem...

— Carlota, tua amarga ironia é por demais dolorosa ! Nunca tive segredos para ti, não obstante se hoje os tivesse tinha razão para o fazer.

— Porque ?

— Porque ligada tu hoje ao mortal, que amavas, cheia a medida de teus desejos, não tendo cousa alguma mais que ambicionares, tu és verdadeiramente feliz ! e um amante feliz não pôde compadecer-se de um amante desgraçado !

— Eis ahí um milagre do teu amor ! Quando nada mais me dissesse, o teu pequeno discurso era de sobejo para dizer-me que amas, e que amas mais do que deves...

— E porque ?

— Porque, ha pouco tempo tão timida, e vexada eras, que poucas vezes podias arranjar, e isso mal, um pequeno discurso ! Hoje o amor te inspira, e tu sabes fazer um discurso cheio da eloquencia do amor ! Emilia, minha boa amiga, tu amas, e amas demais ! Sou tua amiga, e não quero abusar de tua innocencia, a mestra nada me disse : contou-me a mesma

historia que tu me contaste dos salteadores. Eu nas poucas vezes que tenho-te visto, depois de tua vinda ultima, é que tenho notado em tí uns ares de melancolia, que nunca notei n'outro tempo; reparei mais que depois desse acontecimento, nunca mais quizeste ir passar as ferias com teu pae: e o modo com que tu fallavas desse joven, que te salvou, a frieza que affectavas quando fallavas delle, revelaram-me mais do que tu mesma pensas. Eis o que sei, e nada mais. Agora, se me queres confiar teu segredo, bem; senão é o mesmo.

— Pois bem; eu te conto tudo.

Dito isto, Emilia começou a contar tudo quanto aconteceu com os salteadores. Emilia, se apesar de sua ingenuidade, de seus respeitos para com Luiza, e para com sua mestra, na idade de quinze annos, lhes havia contado tudo, e com tanto interesse; tendo agora mais idade, mais desembaraço, por conseguinte, e quasi nenhum respeito para com Carlota; com que effusão, com que enthusiasmo não contaria ella esta historia a Carlota, uma amiga intima, uma companheira de seus brincos da adolescencia, uma condiscipula emfim! Era para vêr-se o ar solemne com que ella narrava esia historia, que estava em seu coração escripta com caracteres de fogo! Era para vêr-se o tom verdadeiramente nobre que ella dava a suas palavras, contando esta historia de um amor puramente magico, e cheio de mysterios! Era uma narrativa sublime!

Ao fallar do joven que a salvára, da bella acção que praticou arriscando sua vida por ella; ao fallar de suas graças, e bizarria, Emilia possuiu-se de uma nobre magestade emphatica, e de um enthusiasmo supremo! Seus olhos inflammados pareciam que scintillavam; suas faces se cobriram de uma purpura mais ardente, como que todo o sangue de suas veias tivesse allí acudido, e todo o fogo de seu coração a seus olhos! As veias azues celestes, que con-

trastavam a neve de sua testa e de seu pescoço, inflammadas pelo excesso de seus affectos, pulsavam com tanta vehemencia, que pareciam querer estalar á força de um impulso amoroso, que agitava violentamente todo o seu systema nervoso!

Emilia concluiu sua historia, como a primeira vez com Luiza, e a segunda com Gertrudes, dizendo Elle... elle havia desaparecido.

Emilia neste logar empallideceu, abaixou sua cabeça, e seus olhos nadaram n'um oceano de lagrimas! A trovoada de sua cabeça emmudeceu neste logar, e apenas sussurrava a chuva de seu coração! Era uma tempestade de amor.

Carlota, com os braços cruzados diante desta tormenta, esperava que este céu, que tinha diante de si, então fechado e medonho, ou antes afogado em negras, procellosas nuvens desta borrasca do coração suspendesse a chuva que derramava seu amor, como havia prendido os trovões de suas idéas, como havia enfreado os lampejos de suas vistas! A tempestade serenou-se! Carlota, pasmada diante deste amor mysterioso estava, como tomada de um culto, ou como de um respeito augusto, e tendo lançado a luva de combate, era ella agora quem se deixava vencer, esmagada pelo peso destes affectos sublimes, quasi prestando um culto de adoração a este amor de mysterios, que ella mesma já chamava « um amor supremo! » Quem deu pois a um verdadeiro amor esta magica força dos encantos do céu?!

Carlota, tendo tranquillizado sua amiga, disse:

— Agora a causa é de duas: nunca mais me esquecerei d'elle e nem de suas feições! e, si um dia descobril-o, conta com tua amiga.

— Agradecida, Carlota, agradecida.

— Já sabes que durante a viagem de meu marido, vou ficar no recolhimento do Parto?

— Porque?

— Porque elle o quer, e eu quero em tudo comprazel-o.

— Fazes bem.

— Bem sabes que o amo muito.

— Porque não ficas tu aqui?

— Porque elle não quer: é muito ciumento.

Segredo.

— Isso é uma offensa feita a ti.

— Estás enganada. Quando elles têm ciumes, sem que lhes demos causa, é porque nos amam muito.

— Ora... mas acho isso máu.

— E' porque não és casada.

— Se o fosse não quereria que meu marido tivesse ciumes de mim. Deus me livre.

— E, se o moço bonito do bosque te visse um dia conversando com outro moço, n'uma sala, por exemplo, e elle te olhasse enfadado, que dirias? Emilia sorriu-se e mostrou prazer desta pergunta, e Carlota continuou perguntando ainda:

— Que dirias?

— Era uma felicidade para mim?...

— Sim! já concordas commigo... heim? Então não has de ir-me visitar ao Parto, ou passar lá commigo dous ou tres dias?

— Se D. Gertrudes quizer, porque não?

— Eu lhe tocarei nisso.

As duas interlocutoras e Magdalena vieram para a sala. Nisto começou a chover, e sempre a mais até depois de meia noite: Então Vianna convidou sua mulher para se retirarem. Gertrudes, que mais de uma vez lhes havia convidado para que ficassem, por isso que o máu tempo não dava logar a que se expuzessem; ainda offereceu mais uma vez. Vianna porém não acceitou, e dizendo que a chuva se havia suspenso, sahio com sua mulher.

Ao chegarem ao cães de Braz de Pina, onde moravam, são repentinamente cercados por quatro homens: estes tendo pedido a Vianna a bolsa ou a

tão de repente e com tal facilidade o corpo, parece que horrorisada debaixo da sombria idéa de morte, como que toda se contrahe e vai tímida esconder-se no mais estreito canto da cabeça do homem ! Só alli ha um resto de vida !

Geraldino lembrou-se então de seu pae, de seus amigos, e dos encantos do mundo, cuja aurora se lhe havia sorrido tão magica, com todos os feitiços da vida de um mancebo ! Então elle teve um agudo sentimento de amor ! Depois lembrou-se de uma mulher com quem uma unica vez fallára, e a quem não pôde vêr sem sentir um forte abalo no mais intimo de seu coração ! E então elle teve um sentimento de amor, e de saudade ! e uma lagrima escapou-se de seus olhos ! Geraldino comprehendeu pela primeira vez que amava essa mulher, e amava bem a seu pezar ! Mysterios de seu coração !

O sinistro silencio, que envolveu tudo, em redor de Geraldino, foi lentamente quebrado pelo surdo e vagaroso abrir de uma pequena porta, da qual Geraldino não tinha dado fé até aquelle momento ; e depois por uma doce voz, que muito baixo murmurou seu nome :

— Geraldino ?

Geraldino pareceu conhecer esta suave voz, mas um tanto incerto respondeu mansamente :

— Quem me chama ?

— Onde está ?

— Na ante-camara da morte...

— Da morte !... (disse a pessoa se approximando subtilmente.)

— Sim, da morte. Falta-me um passo ; se o dou, caio de roldão nos salões da eternidade !

— Não pense nisso. Venha.

A pessoa que assim fallava avizinhou-se delle, e tomando-o pelo braço sahiu, conduzindo-o pela pequena porta, que dava para uma sala, onde ao mortico clarão de uma fraca luz, como de alampada

nocturna, viu Geraldino um vulto corpulento, todo vestido de negro, recostado a um canto da sala. Esta figura deu-lhe logo nos olhos, porque estava em frente da pequena porta por onde sahira : desvia os olhos deste grande phantasma para lançal-os ao seu conductor, encara com este, e exclama :

— Margarida !

— Silencio ! a sua vida e a minha correm perigo ! E' mister salvar-se, ou sermos ambos victimas. Não contei com este contratempo. Emfim, siga aquelle vulto, e elle responderá pela sua vida. Adeus.

Margarida disse isto abraçando-o, e desapareceu.

Geraldino attonito do que acabava de ouvir, estava em pé no meio da sala, como uma estatua ! Mal podia acreditar em tudo quanto acabava de ouvir... parecia-lhe um sonho ! O vulto chegou-se a elle, e o puchou suavemente, Geraldino o seguiu. Chegados à porta da rua, depois de vencido um comprido corredor, o vulto abriu a porta da rua, olhou por ella para ambos os lados, e sahio com Geraldino ao qual pondo diante de si, começaram a caminhar. Nenhum se atreveu a interromper o silencio que os cercava ! Eram duas almas penitentes que purgavam-se de peccados em solitario cemiterio !

A chuva havia cessado, mas o céu estava horridamente fechado por grossas muralhas de tempestuosas nuvens ! Nem uma estrella quiz ser testemunha da marcha silenciosa dos dous mysteriosos caminhanes. Nenhum astro presidiu a esta fragilidade do mancebo, que bem merece ser desculpada. Chegado Geraldino a sua casa, abriu a porta, e convidou o vulto, que o acompanhára a entrar. O vulto com uma voz medonha respondeu-lhe :

— Não : ficai em paz, e sede mais prudente.

— E' elle !... bradou Geraldino.

CAPITULO XI.

ERA O GOSTO DAQUELLE TEMPO.

Um salão para o ignorante não passa de um divertimento : para o pensador é um lugar de estudo e de meditação, onde muito arrisca o sincero e lucra o especulador, mormente velho.

Estamos n'um vastissimo salão da principal casa do Rio de Janeiro : a preciosa mobilia desta immensa sala revéla não só a riqueza do dono da casa, como seu bom gosto : esta casa pertence a um commissario de grosso trato, o mais rico proprietario talvez da colonia portugueza, na America. E' meiodia quasi : a sala está apinhada de gente de primeira plana. Magistrados principaes, militares de elevadas patentes, commissarios de muitos fundos, senhoras do subido merito, bellezas de escolhidos gabos, tudo ahi está reunido. E' o dia anniversario natalicio do dono da casa : e banqueteia elle seus innumeraveis amigos : cercado de tanta gente boa, o bom do velho parece remoçar-se, apavonando-se no meio de tantas eminencias e de tantas grandezas !

O bem trabalhado canapé de cobuiuna, obra prima de caprichoso artista de talha, cujo assento almofadado é forrado de finissimo damasco de brilhante carmesim, e do mesmo modo o recosto, está occupado pelas primeiras formosuras do amavel sexo : uma grande parte de cadeiras, irmãs do canapé, são do mesmo modo occupadas ; outra grande parte por diversos senhores. Alguns destes, entretendo-se a respeito da companhia, enchem algumas sacadas do salão ; o que tambem algumas damas fazem n'outras

sacadas. Todos estes seuhores, todas estas damas estão divididos em diversas turmas, e entretidos em varios divertimentos e conversações. Alguns mancebos atravessam a sala de uma para outra parte com o fim de passarem diante dos grandes espelhos de finissimo aço, cuja larga moldura de cedro dourado, primor de exquisita talha, parecia, por seu brilhantismo, haver naquelle momento sahido das mãos de habil dourador! Os mancebos que em frente destes bellos vidros passavam, dirigiam sobre elles uma visã furtiva, como que interrogando ao espelho se sua figura era esvelta, e, se seu passo era agradável e seu ar engraçado! Algumas senhoras faziam outro tanto.

No meio destas variedades de caras, de idéas e de conversações, tres novos personagens se apresentam na sala, conduzidos pelos donos da casa e seus filhos; todos os convivas se ergueram para saudarem os recém-chegados: é uma respeitavel matrona, e duas jovens; dir-se-hia que eram suas filhas. A grave matrona ostentou em suas saudações todos os finos rasgos de uma delicadissima civilidade: as jovens, guardadas as proporções do tão bem cabido acanhamento de virgens, tão proprio das virgens daquelle tempo e que tão bem lhes dizia, se não deixaram levar de vencida. Todas as palavras morreram nos labios dos interlocutores a esta nova visã; todos os olhos se embeberam nas moças, todas as idéas ficaram abafadas debaixo do peso esmagador de uma unica idéa: « Que anjos! » A matrona era D. Gertrudes, as moças Emilia e Magdalena: as tres tomaram assento. Passado o primeiro momento de surpresa, uma pergunta feita por diversas palavras, mas que revelava uma só idéa, rodava por toda a sala; e pois, perguntavam-se uns aos outros:

- Quem são estes anjos?
- Quem são estas divindades?
- Que deusas são estas?

- Quem são estas Venus?
- Donde sahiram estas bellezas?
- Aquella loura é uma moça ou uma imagem?
- E tambem a morena, que não lhe fica atraz!...
- Nada, a loura é melhor.
- Gosto mais da morena.
- Em verdade é mais sympathica.
- Mas a loura é mais formosa.

Pouco depois as perguntas apresentaram face menos prudente, mas trivial em taes logares, e eram as perguntas:

- Serão casadas?
- A quem pertencerão?
- De quem serão filhas?
- Será viuva aquella senhora?
- Será daqui, ou de Portugal?
- Pelo modo parece de lá.
- Não sei.
- Não sabemos.

Eram as unicas respostas. Emilia, que naturalmente era acanhada e timida, muito mais que Magdalena, notou que quando entraram houve na sala um como surdo sussurro, ao qual seguiu-se um inqualificavel silencio: ella correu ligeiramente seus lindos olhos sobre a companhia, e notou que todos os olhos estavam pregados nella e em Magdalena. Emilia corou e abaixou os olhos cheia de vergonha. Emilia que havia sido educada longe da venenosa lisonja e da pestilente adulação, porque até os doze annos esteve na roça e dahi por diante em companhia de D. Gertrudes, cuja prudente sisudeza só lhe havia inspirado graves idéas de candidas virtudes, sendo de uma singeleza angelica, de uma innocente candura e ingenua modestia, não pôde interpretar os motivos deste sussurro, deste silencio e desta admiração! Ah! que ella ignorava que o sussurro foi de cem corações, que a um tempo palpitarão mais fortes diante de sua belleza! Ella igno-

rava que o silencio era a consequencia da morte de cem velhos amores, que haviam acabado de espirar diante de seus encantos! Ella ignorava emfim que esta admiração eram cem subidos elogios, que respeitosos cahiam a seus pés diante de sua seductora modestia! Mas quem sabe se exactamente metade destes triumphos pertenciam á feiçozeira Magdalena? Eu o posso affirmar que sim.

Emilia teve sempre a cabeça baixa e tambem Magdaleua, até que ouviram conversar na sala. Então Magdalena, sem olhar para pessoa alguma, disse baixo a Gertrudes:

— Que é isto, minha mestra? (assim ella a tratava).

— O que?

— Este murmurio á nossa chegada, este silencio depois; e todos nos olhando tanto... Eu e Emilia estamos tão envergonhadas!... fariamos nós alguma cousa feia?

Bem sabia Gertrudes que os encantos de suas educandas eram a causa de todos aquelles movimentos; mas como uma senhora prudente e que sabia quanto perigoso é o gabar de formosura a uma joven, porque nada mais insupportavel que uma senhora presumida; por isso que a modestia do bello sexo é o seu primeiro e essencial attributo, disse:

— Tudo isto é natural quando entram moças em um logar onde nunca foram vistas; é uma necessaria consequencia da novidade. Estejam pois tranquillias.

— Graças a Deus! disse Magdalena.

— Já respiro! disse Emilia.

De facto, a Sra. D. Gertrudes nunca havia assistido aos annos do Sr. commissario ***, bem que elle sempre a convidasse, ao que Gertrudes se escusava, pretextando (ou talvez fossem reaes) enfermidades. Parece que a razão da escusa era, que sendo Emilia,

Magdalena e até Carlota muito meninas, ella as não queria expor aos inconvenientes das grandes funcções, a ellas as levando. Admiravel e justa prudencia!

Aquelles tempos eram em verdade mais simples, mas essa simplicidade cifrava-se tão sómente naquellas pessoas que nunca haviam deixado a terra natal; della não compartilhavam os nossos moços que iam estudar á Europa, nem os europeus que no Brasil se achavam; pois que estes vinham, como naquelle tempo se dizia, « passados por India e Mina. » E Gertrudes conhecia bem os perigos dos grandes saráus!

Pouco depois o dono da casa é avisado da chegada de S. Ex.: acompanhado pois de grande parte de sua familia e de quasi todos os convidados que estavam na sala, partiu-se elle a receber o vice-rei, que sendo seu amigo o veiu honrar neste dia. Vasconcellos apresenta-se na sala com sua costumada urbanidade, e modo agradável; feitas as primeiras saudações á familia do dono da casa, passou em frente das damas saudando-as cortez e affavelmente. Em frente de Emilia e Magdalena parou, e voltado para Gertrudes perguntou se eram suas filhas; Gertrudes lhe disse que não e em poucas palavras lhe explicou quem ellas eram. Vasconcellos tornou-lhe então affectuosamente:

— São lindas : Deus as fade bem !

— O céo o queira ; tornou Gertrudes, e Vasconcellos proseguiu :

Findas estas saudações, o vice-rei fez levar sua cadeira para junto de Gertrudes e as duas donzellas, ali assentou-se. Sentimento de inveja na sala ! Palpitações de ciúmes ! Todos os mancebos que se julgavam com direito aos encantos das duas virgens, sentiram-se acerbamente incommodados ! Alguns se deixaram fracamente trahir ; ou fosse que um vermelho mais retinto pintasse em suas faces as chammás

do ciúme, ou fosse que uma fria pallidez debuxasse nellas o amargo de uma desconfiança ! Como quer que fosse, o certo é que tantos olhos ávidos, que á porfia buscavam encontrar nos labios das bellas um ligeiro sorriso, embora de indifferença, cahiram por terra como desmontados de uma pretensão louca, baseada unicamente u'uma esperança enganosa ! Emfim, todas estas respirações se tornaram sensíveis, como que difficultadas entre as garras do ciúme !

Vinte minutos depois da chegada do vice-rei, acompanhado dos filhos da casa um novo personagem se apresenta á porta. Vejamol-o. Era um mancebo de regular estatura, nem muito magro, nem muito gordo; inteiramente bem feito e garboso, cuja figura graciosa e bizarra at rahiú todas as vistas ! Seus cabellos cuidadosamente penteados, deixando cahir sobre suas costas o bem arranjado chicote, apesar do empoado (era aquelle o gosto do tempo !) via-se não obstante, que eram de um negro extremamente forte. Seu rosto não era da alvura do jasmim da manhãinda orvalhado por uma fresca lagrima da saudosa aurora, porque uma suave pallidez fazia que o longissimo moreno deste bello rosto contrastasse um tanto com o alvissimo leite do rosto de Emilia ! e duas não mui vivas rosas, que se abriam em suas finissimas maçãs, eram duas rosas da tarde um tanto abatidas pelos raios do sol do meio dia !

Debaixo de duas bem lançadas, e proporcionaes sobrancelhas se abriam dous grandes olhos cujo branco do globo era um clarissimo leite, quem sabe se com alguma mescla de um longe aperolado ! Sobre estes globos as mais que negras pupillas, se se póde assim dizer, moviam-se brandamente, como que levadas por uma deleixada molleza, cuja doce e tão encantadora languidez parecia a obra de uma escolha, ou o effeito de uma estudada modestia : nada

menos exacto, que tudo era natural. Estes languidos olhos, enamorados de si mesmos, apenas tinham tres movimentos mais rapidos ; para um lado, para outro, e para o chão, como se se envergonhando de seus proprios encantos curvassem-se ao peso de tanta magia ! e estes tres movimentos revolvendo corações de quem assim os via moverem-se, despertavam ao mesmo tempo tres doces e voluptuosas idéas : — amor, delicias, e gozos !—Sua boca cercada de feitiçeiros sorrisos, essa entreaberta rosa, mimoso empenho de amor, e das graças, era um perigoso poder capaz de levar a convicção ao mais recondito lugar do mais rebellado de todos os corações ! E quando estes sorrisos dependurados de seus labios corriam em torno de sua boca, o admirador de seus encantos não sabia attonito se devia attender primeiro a seus dentes, do mais lustroso marfim, ou se ás covas de suas faces, onde amerosos se iam occultar estes encantadores sorrisos, ou se á ligeira fenda, que dividia a ponta de sua barba, por onde estes mesmos sorrisos pareciam se escorregar saudosos !

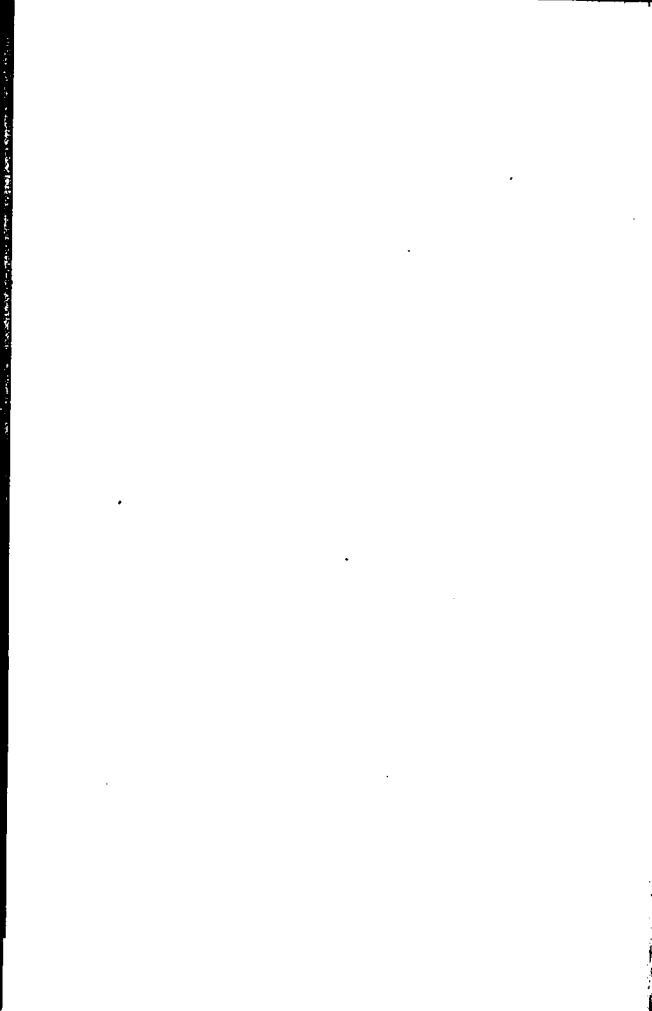
Este elegante e formoso personagem calçava uns sapatos de fino cordovão, cujo brilhante lustre desenhava os objectos que fronteiros lhe passavam ; sendo seu negro lustroso um forte contraste do ouro das fivelas, cravejadas de algumas crysolitas, que prendiam as orelhas destes bellos sapatos. Sobre suas direitas e bem torneadas pernas não se notava a mais ligeira ruga nas finissimas meias de seda da côr de perolas, com algumas listras mais carregadas da mesma côr, as quaes calçava com indizível graça ! E donde terminavam suas meias, preso por fivelas de ouro cercadas de pequenas perolas, começava seu calção de velludo verde, que subia até pouco além de suas verilhas, ficando ahi sua extremidade superior encoberta em um bello collete de setim branco, cuja bordadura de ouro attestava que o gosto havia presidido ao capricho do artista de tão

custosa obra! E por sobre seu peito, sahindo por entre as douradas margens do collete, oscillava em tardio movimento o alvo babado de preguinhas preso á leve camisa de finissima cambraia! O bem talhado vestido de velludo igualmente verde asentava-se sobre seu corpo, como uma fina e macia luva na mimosa mão de faceira e mui pichosa dama! Pendia de seu lado esquerdo um brilhante espadim, cujos copos de prata dourada e de polida madreperola, brilhavam por alguns preciosos rubins que sobre essa côr de ouro tão bellos sobresahiam. A parte direita balançava-se agitada, porém levemente pelos seus movimentos fluctando por sobre seus calções, a grossa cadeia de ouro donde pendiam dous grandes sinetes e uma longa chave do mesmo metal; a qual cadeia se devia suppôr presa ao seu relógio! Era prazer vê-lo assim tão bello e com tanto gosto vestido!

Este formoso mancebo entrou na sala: todos os olhos voaram sobre elle! e elle levou após de si todos os olhos! O mesmo movimento que á entrada de Emilia, e Magdalena! As mesmas agitações, as mesmas perguntas, e curiosidades! Emilia não estava na sala, que com uma filha da casa havia entrado para os fundos. Com a entrada deste mancebo agitaram-se questões sobre quem era mais bello, se elle, se Emilia, ou se Magdalena? Todos os senhores, que estavam, concediam a palma a Emilia; o bello sexo a dava ao recém-chegado. Dir-se-ia que os dous sexos iam em aquelle vasto salão pleitear sobre seus encantos, sua formosura e bellezas; que cada um havia para alli enviado seu campeão; sendo o do primeiro sexo o recém-chegado, e do segundo Emilia.

O mesmo vice-rei não pôde occultar esse suave sentimento, que a idéa do bello nos revela, á vista desta bella figura, a quem affectuosamente saudou.

Bem depressa, não só na sala, como em toda



EDITORA POPULAR

Bibliotheca Romantica

AS FATALIDADES

DE

DOUS JOVENS

Recordações dos tempos coloniaes

POR

A. G. Teixeira e Sousa

SEGUNDO VOLUME

RIO DE JANEIRO

A' VENDA

Nas livrarias da rua de S. José ns. 118, 110, 99, 93 e praça de
D. Pedro II, 16.

Typ. CINCO DE MARÇO.—Rua do Lavradio n. 96

AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS

CAPITULO XII

PODER-SE-HIA VIVER ASSIM ?

Quando nos achamos n'uma situação triste, qualquer meio que nossa escaldada cabeça nos apresenta para sairmos della, nos parece optimo: lançamos mão delle, ficamos mal, e então o novo mal se nos affigura mais horrivel, e peor que o primeiro.

Quasi á mesma hora em que esta scena tinha logar na festa de uns annos, outra bem differente se passava com a desditosa Margarida! Esta infeliz, devorando a mais amarga de todas as amarguras, ouvia em má hora as portas do recolhimento de Nossa Senhora do Parto fecharem-se sobre ella, e seu enfurecido consorte jurar pelas barbas de seu pae que alli morreria e que desse ao mundo um eterno adeus!

Hora má! nenhum anjo bom contou os minutos dessa hora de tentações! e os demonios tentadores da humanidade predispondo funestos crimes, presidiram essa hora de horrores! Hora má! infeliz Margarida! Porque nasceste tão bella e tão sympathica, para seres não desditosa? Mas a flor do prado tão bella como tu, e como tu tão melindrosa, tambem é ás vezes infectada pelo mortifero dente de venenosa serpe! Pobre Margarida!

Margarida frustrada em seus desejos, infeliz om seus amores desgraçados, opprimida de uma paixão

AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS

CAPITULO XII

PODER-SE-HIA VIVER ASSIM ?

Quando nos achamos n'uma situação triste, qualquer meio que nossa escaldada cabeça nos apresenta para sahirmos della, nos parece optimo: lançamos mão della, ficamos mal, e então o novo mal se nos affigura mais horrivel, e peor que o primeiro.

Quasi á mesma hora em que esta scena tinha logar na festa de uns annos, outra bem differente se passava com a desditosa Margarida! Esta infeliz, devorando a mais amarga de todas as amarguras, ouvia em má hora as portas do recolhimento de Nossa Senhora do Parto fecharem-se sobre ella, e seu enfurecido consorte jurar pelas barbas de seu pae que alli morreria e que dêsse ao mundo um eterno adeus!

Hora má! nenhum anjo bom contou os minutos dessa hora de tentações! e os demonios tentadores da humanidade predispondo funestos crimes, presidiram essa hora de horrores! Hora má! infeliz Margarida! Porque nasceste tão bella e tão synpathica, para seres não desditosa? Mas a flor do prado tão bella como tu, e como tu tão melindrosa, tambem é ás vezes infectada pelo mortifero dente de venenosa serpe! Pobre Margarida!

Margarida frustrada em seus desejos, infeliz em seus amores desgraçados, opprimida de uma paixão

- Como veio aqui ?
- Andando.
- Mas como ?
- Andando mesmo como os mais andam.
- E seu marido ? !
- Es. a fóra da cidade : e não ha perigo algum...
- Se vier. e não lhe achar em casa ?
- Não vem, e quando venha, as providencias estão dadas.
- Mas Vmc. me compromette.
- Porque ?
- Me compromette, e com...
- Com ladrões... acabe...
- Eu não queria dizer tanto ; mas confesso-lhe que quando, ha tres dias, fui rogado para uma entrevista, nunca pensei que nella encontrasse o que encontrei.
- Então o que ?
- Nem esperava encontral-a, e nem a salteadores... Que contraste ! Um anjo entre demonios !
- Tambem eu contava que Vmc. encontrasse, não um anjo, mas uma mulher amante ; e em todo caso nunca demonios.
- Entretanto, eu os encontrei, minha senhora ; e minha vida esteve por um momento pendente de suas pistolas !... Quem sabe se agora mesmo o estará !...
- O que quer dizer com isso ? Virei eu a sua casa acompanhada de ladrões ?
- Não : mas quero dizer que se não póde, nem deve contar-se com ausencias de salteadores, porque no mesmo ins. ante estão em muitas partes..
- Tranquillise-se, Sr. Geraldino ; mal cabe tanta fraqueza n'um mancebo tão formoso. Sr. Geraldino, assente-se, eu lhe asseguro que neste momento nada ha que receiar. Assente-se, e lhe rogo que me escute.
- Geraldino puchando uma cadeira para Margaritha, assentou-se n'outra, dizendo :

— Estou ás suas ordens.

— Sr. Geraldino, uma mulher desgraçada e bem digna de compaixão, está ante seus olhos neste momento. Minha patria é em Angola, na cidade capital do governo portuguez. Meu pae, que era piloto de um navio, que para alli fazia o commercio da escravatura, trouxe-nos para o Rio de Janeiro na idade dos meus oito annos. Aqui, tendo dezeseis annos, eu me enamorei perdidamente de um moço militar, tenente de um regimento de Lisboa; esperava elle sahir capitão para pedir-me a meu pae em casamento: sahiu com effeito e pediu-me. Meu pae, que não sei porque aborrecia os militares, negou-me e disse-se que absolutamente não queria que eu cassasse com soldados; eu me affligi e chorei, como chora quem se vê privado de um bem que adora; meu pae insultou-me, ameaçou-me com pancadas e máus tratos: isto era horrivel, mas elle era meu pae e podia tudo fazer. O meu namorado procurou-me e fallando commigo a sós, me disse que me apromptasse que elle me tirava por justiça: eu disse-lhe que não. Perguntou-me se eu queria sahir de casa para ir para sua companhia; isto compromettia os principios de minha educação, e eu tambem não quiz. Oh! quanto eu hoje me arrependo de não ter sahido por justiça ou fugido com elle!... talvez estivesse melhor! em todo o caso não tão desgraçada como hoje!...

(Margarida enchugou duas lagrimas, que de seus lindos olhos cahiram e continuou:)

Mas eu era uma pobre menina de dezesseis annos, e portanto uma tolinha. Meu namorado irritou-se contra mim e disse-me enfadado que se eu o amasse o acompanharia até mesmo para o inferno! e elle tinha razão, porque assim como elle se compromettia por mim, e tanto, não era muito que eu por elle fizesse o mesmo! Elle pois não quiz mais ver-me, fugiu de mim e eu nunca mais o vi até hoje! elle pois fez o que devia!

Passados tres mezes, meu pae veiu ter commigo trazendo em sua companhia um homem mal encarado e de uma excessiva magreza; chegando-se a mim, meu pae me disse de um modo resolutivo: « Aqui está o Sr. José Maria d'Alfama, ó rapariga, que ha de ser o teu marido, tens oubido?... e ha de sel-o, porque eu o quero... ora bê lá: é piloto da galera *Aurora*, e muito meu amigo: e d'hoje abante o debes olhar como o teu homem, que ha de sel-o... Ora toma sentido. » Palavras de horror que jámais me esqueceram! E tendo dito isto, voltando-se para o Sr. Alfama lhe disse: « O' Alfama, agradam-te os vigodes da puquena? » « Ai ai (respondeu elle) ó lá se me agradam! Se o diabo do padre, que me confissou esta curesma, que lá vai (que mil legiões de diabos o carreguim para as profundas dos infernos, por me darim dez c'roas para risarim de dia e de noite, como cá se um homem andasse a vadierim) a visse até elle peccaria no desejo da sexta parte. Confesso-te que é mais bonita do que todas as santas que tenho visto nas igrejas... Se me embarco neste navio, juro-te pelas barbas de Nuptuno que nunca mais deixo a vida do marim. » « Pois então suspende os ferros (disse meu pae) solta as belas, nabega no meu rumo e bem dar fundo lá avaixo no porto do votiquim do canto, onde vuvveremos uma canada á saude do casamento. » E sahiram. Fiquei como louca! Mil vezes passei a mão sobre minha testa e mil vezes perguntei a mim propria: Que é isto? que é o que me succede? Debulhei-me em lagrimas! Julguei enfim que o que meu pae queria era superior ás minhas forças, que era impossivel desposar um tal homem, que o não podia soffrer, e que convinha dizel-o a meu pae. Todavia elle entrou e eu lavada em lagrimas lancei-me a seus pés. « Intão que é isso lá rapariga? » Eu pedi a meu pae chorando que me não casasse com aquelle homem, cuja presença só me havia assustado... « E intão

porque? porque? (disse meu pae) pois nan tens razão. O Alfama é um vonito rapaz, muito vom, muito vizarro e muito franco; e olha lá que elle é um homem de pugar e save da sua arte como gente que save donde tem a cara. » « Mas, meu pae, eu não me quero casar com elle » (disse eu). « E porque? (tornou meu pae) Sim, sim. E' porque queres o tal soldadinho vregerote, que por ahi anda a desencaminhar as raparigas. Pois estás vem mal enganada: e has de te casar com o Alfama porque é um vom rapaz e é gente cá da laia de um homem: e has te de casar porque t'ó digo eu... Ora bê lá. »

Ah! Sr. Geraldino, quanto melhor fôra que eu morresse então! mas eu era tão menina, e não tinha animo para matar-me. Emfim, dispuzeram o casamento, levaram-me á igreja; e não sei mais o que de mim fizeram; creio que me casaram. Meu marido levou-me para sua casa nessa mesma noite. Resignei-me emfim: não o amava, é verdade; aborrecia-o até; mas amal-o-hia hoje, ou ao menos o estimaria, como uma mulher a seu marido, se este homem brutal tivesse maneiras de grangear um coração, que jámais lhe havia pertencido! Meu pae era socio do navio em que andava, o outro socio era um negociante rico, e mui polido, e assim toda a sua familia; este negociante era primo de meu pae, foi nessa casa onde estive sempre, desde que vim da minha terra até a idade de quinze annos, tempo em que meu pae deixou de embarcar, e alugou sua casa. A mulher de meu tio, que amava-me muito, deu-me a mesma educação que ás suas filhas; porque via que meu pae não era pobre, e que eu poderia casar com algum senhor delicado, e que de mim fizesse estimação... Ah! como ella se enganou. Por esta razão minha tia havia sido um tanto negligente em minha educação, pelo que toca aos arranjos caseiros: isto talvez fosse delicadeza de sua parte; como quer que fosse, é preciso confessal-o, eu não sabia

cosinhar, e nem ainda, o que é bem natural n'uma moça tão criança, nada sabia do governo de uma casa ; mas bem vê que isto aprenderia logo. Meu marido porém dotado de um genio frenetico, e impaciente ; malcreado, e grosseiro, queria que eu tudo fizesse, apezar de haver comprado uma escrava, e não má. Ora, se um dia tinha para mim um agrado, tinha logo mil insultos ! Para elle uma caricia, ou uma descompostura tiuham o mesmo peso. O ter eu amado um militar era um crime que não podia perdoar jámais. Sem a menor habilidade para conhecer o coração de uma mulher, e dirigil-o, entendia que uma mulher devia amar a seu marido, e o devia por força. Se a comida estava mal feita (o que não era culpa minha) ou elle assim o acreditava, cobria-me de insultos ; e acontecendo um dia responder-lhe desculpando-me, atirou-me com um prato á cara, que me cortaria o rosto, se me não desviasse : e depois, pondo as mãos na cintura e gingando, mesino com um marinheiro, me disse « Você, senhora menina, pensa que está navegando com algum soldadinho que arrasta o xanfalho, e que quando vê cá a gente corre sem o tirárim da bainha ? pois está bem mal enganada, porque si não navegarim á popa faço-lhe um rombo no costado, e a metto a pique... Ora tóme sentido... quando não, já sabe... nam sei se já lhe contei... » Este homem terrivel além de suas malcreações, e grosserias, vivia sempre consumido das mais negras suspeitas sobre minha fidelidade, e devorado do mais amargo ciume, sem que eu desse o menor motivo ; nem este ciume era filho de seu amor, porque o era unicamente de seu atrevido orgulho, e da rivalidade bem sabida entre militares e gente do mar ; por isso que elle sabia que eu me quiz casar com um militar. Já vê que com semelhante procedimento era impossivel que meu marido me inspirasse estima, e que terror era o unico sentimen-

to que eu para com elle deveria ter. Uma tal vida era impossivel ! Quantas, e quantas mulheres se casam só para terem marido ! Quantas, sem a menor inclinação para com o homem a quem dão a mão de esposa ! mas um pouco de habilidade no marido concilia a estima da mulher, e não poucas vezes os deveres conjugaes podem milagres de que não é capaz o amor ! Meu marido não tinha esta habilidade, e em vão queria eu conciliar seu coração. Junte-se agora á malcreação deste homem um genio impetuoso e irritavel, maneiras estupidas e insolentes ; uma desconfiança de tudo, e por tudo ; um ciume sem limites, e furioso ; e a cruel exigencia de eu nunca sahir, e nem de chegar á janella ! Sr. Geraldino, poder-se-hia viver assim ?

Meu marido, pouco depois do meu tão infeliz casamento, desembarcou, e começou a negociar em escravos. Então acostumado a tratar com diversas pessoas, tornou-se menos brutal ; mas para commigo seu tratamento é sempre o mesmo ; e para mais escandalo, elle faz de suas escravas suas concubinas, e isto quasi á minha vista. E' pois mister que o aborreça. Um marido que nunca foi, nem é amado, está tão perto de ser aborrecido, como perto de ser estimado, uma vez que elle o queira ser. Eu, pois, comeci a aborrecer a este marido, e até a odial-o. Mais tarde começou em consentir que eu sahisse com elle a algumas visitas e passeios, mas tem sempre o cuidado de deixar-me com a familia a quem vou visitar, e de sahir logo ; para onde vai, não sei. Seu capricho a meu respeito é de apresentar-me na rua coberta de sedas, ouro e pedrarias ; sua mesa é franca, releve confessal-o ; mas elle é sempre o mesmo homem, isto é, atrevido, mal-creado, grosseiro, ciumento e desconfiado ; sempre o mesmo homem, que sem o menor motivo me insulta e me maltrata. E' possivel viver-se com tal homem, Sr. Geraldino ? Por ultimo, meu marido acaba de associar-se a uma

multidão de homens mal encarados, com as caras cobertas de pellos ou longas barbas; homens de más maneiras que se dizem negociantes de cavallos, de escravos, de joias, enfim, mascates que mascateam por toda a parte, e de todos os modos! Sua casa é uma praça d'armas, e eu me vejo sempre cercada de bacamartes, pistolas, espingardas, facas, espadas, etc. No principio não pude saber o que significava isto; afinal eu o soube, e com horror o digo... eu o soube e Vmc. os ouviu.

Margarida enchugou aqui seus olhos, e Geraldino disse:

— E eu ia sendo sua victima...

— Não; não o era.

Como não? se chegaram a metter a chave na porta do quarto em que eu estava!

— A pessoa que o conduziu não o deixou no quarto, que eu havia destinado, e onde ninguem entraria; não obstante ella fechou a porta, e deu-me a chave que ficou commigo.

— E a chave, que metteram na porta?

— Não metteram tal; procuraram fazel-o, mas em vão. porque a chave não era daquella fechadura, e por isso não servia: e emquanto procuram introduzir a chave, pelo tacto, porque a varanda estava ás escuras, eu cheguei, e tomando a chave, disse que não era aquella, e que eu ia buscar a outra; entretanto eu o tirei daquelle quarto, e dei-lhes a chave. Foi emquanto eu o vinha buscar pela pequena porta que souo o signal das cinco pancadas na porta da rua, a que elles acudiram. E' verdade que naquella noite eu não contava com elles, e euganei-me, que vieram inesperadamente.

— E isto ha de acontecer muitas vezes...

— Não, porque estou resolvida a cortar tudo pela raiz.

— Como?

-- Hoje estou senhora de todos os segredos destes homens; minha casa é o deposito de seu armamento, e suas pilhagens; eu sei pois onde elles guardam suas riquezas. Ninguem pôde fazer uma justa idéa do que estes homens possuem em ouro, prata, etc., é uma cousa nunca vista! Geraldino, eu vos amo, e permitti que vos falle como uma mulher que vos ama. Geraldino! vós me podeis salvar das garras destes malvados... vós Geraldino!

— Como?

— Ouvi-me. Estes homens quando sahem ás suas corridas mais longes, como nas estradas de Minas e S. Paulo, demoram-se tres e quatro mezes. Bartholomeu, um preto já idoso, e escravo nosso, em quem meu marido muito se fia, é quem fica em casa para vigiar meus passos; mas Bartholomeu é um pobre preto, que se embebeda com qualquer pinga de caxaça, e então dorme uma noite, ou um dia iuteiro; e Bartholomeu ama a caxaça como a cousa melhor do mundo. Mesmo agora elle ficou dormindo a somno solto, bebado como uma cabra! Para uão ser suspeita eu não lh'a dei: tirei um pouco do garrafão, (pois isto não falta em casa de meu marido) despejei uma porção n'uma bacia, e com ella lavei, ou fingi lavar a roupa preta de meu marido; do resto, que ficou na caneca, fiz-me de esquecida, e o Bartholomeu, que não soube, nem quer saber se o meu esquecimento foi real ou fingido, furtou-me a caxaça, bebeu e cahiu a dormir. Ora, deste modo quando meu marido o encontre bebado, eu me defendo por meio do furto de Bartholomeu, não ficando culpada n'um proposito.

Assim, logo que eu me assegure de que elles partiram para Minas, ou S. Paulo, lhe farei aviso. Vm. freta por sua conta um navio para nos transportar á Europa: compraremos pequenos bahús, os encheremos de ouro, tanto quanto faça a carga de um preto cada um bahú; embarcar-nos-hemos com

estas riquezas e iremos ser felizes longe destes logares... Que diz, Sr. Geraldino?

— É entretanto, minha senhora, abandonarei meu pae, de quem sou filho unico ; meu pae, que em sua velhice não terá outro amparo, nem outras consolações senão as minhas? meu pae, cuja esperança eu sou?! Abandonarei meu paiz, meus amigos, meus estudos, tendo-me apoderado de bens que me não pertencem, roubando uma mulher a seu marido, calcando os meus deveres, para, como um indigno criminoso, ir asyilar-me e occultar meus crimes na terra do exilio?... não posso... não o devo.

— Ah! Sr. Geraldino, é possível que á vista de meus males, se não compadeça de uma mulher infeliz?

— Eu os sinto como se fossem meus... O que é preciso para melhorar seus destinos, minha senhora? Meu sangue? eis aqui minhas veias, rasguem-se minhas veias e corra todo o meu sangue em favor de uma mulher infeliz! Minha vida? acabe eu em defesa de uma formosura desgraçada e tão digna de melhor sorte! Meu dinheiro? ali estão francas as minhas gavetas, leve quanto tenho, embora não tenha eu amanhã com que comer. Mas, minha honra... não, nunca, não posso!

— Ah! Sr. Geraldino, porque não é mais franco? porque não diz antes que obrigado a outra mulher mais feliz, não pôde deixar esta terra? Porque não diz que espenhado em um amor mais feliz do que o meu, pendem seus destinos de uns olhos encantadores, em que Vm. bebe docemente uma existencia suave e por isso não pôde votar-se a uma mulher desventurada?

— Está enganada, minha senhora; eu não amo a pessoa alguma; e até que mal assentaria n'um estudante intrigas amatorias, que tanto o distrahem de seus deveres!

— Mas seu pae não é pobre; quando o fosse, po-

diámos repartir com elle uma boa parte deste ouro. Vm. podia escrever-lhe antes de nós partirmos; poderia dizer-lhe que ia á Europa em companhia de uma pessoa rica e que alli concluiria seus estudos. Quanto ao amor de patria, toda a terra é patria, uma vez que nossas cousas ali vão bem. Quanto aos amigos, quando temos dinheiro temos amigos em qualquer parte onde estejamos; o ponto é que os queiramos ter.

— Mas esse ouro não nos pertence por nenhum titulo, e lançarmos mão d'elle é um furto.

— Ah! mas ladrão que furta a ladrão tem cem annos de perdão, diz o adagio; e os salteadores tambem não são seus donos...

— Não é essa a questão; seja quem fôr o dono do ouro, o que é certo é que quem tira o alheio contra a vontade do seu dono, furta!

— E quem acha uma bolsa com dinheiro?

— Deve restituil-a.

— E não apparecendo o dono?

— Deve de deposital-a em mãos de alguma autoridade, até apparecer seu legitimo dono.

— Se nunca apparecer?

— Dar-se-lhe-ha o destino que fôr justo.

— E aquelle que a achou não será contemplado?

— Não sei, mas estou que seja.

— Pois é o mesmo caso. Nós achamos este thesouro, levamos o quanto nos poderá caber por o termos achado, fica todo o mais para quem pertencer.

— Não ha tal; nós não o achámos. Embora o ouro não seja dos salteadores, todavia não está perdido...

— Está tão perdido para seus donos, como uma bolsa caluda de alguém está perdida para elle: esta bolsa só não está perdida para quem a achar, como este ouro que está perdido para aquelles a quem foi roubado, e que o não está para quem o achar.

— Mas este ouro não está perdido, como pensa ; está perdido até certo ponto para seus legítimos donos, passou destes para os salteadores, se bem ou mal, não somos nós quem o devemos julgar, é a lei ; a lei só é quem deve condemnar os salteadores, e restituir este ouro a seus legítimos donos, no caso de o poder.

— E não podendo ?

— A lei ou a autoridade competente lhe dará o destino que melhor fôr.

— E que melhor destino que em nossas mãos ?

— Ah ! senhora ! isto é uma tentação ! E' preciso pensar melhor, e ser mais prudente : por este caminho vai mal aconselhada ; nem approvo este meio, nem convenho em algum ouro. E' melhor esperar... quem sabe ? talvez que Deus se compadeça de seus fados, e que a salve de tantos desgostos ! E' tão moça ainda... é tão formosa !

— E de que me serve esta mocidade e esta formosura, senhor, se nem ao menos valem para mover o coração de ferro de um mancebo insensível... Ingrato !

— Ah ! Margarida... Margarida... pelo céu, não me apropriéis o horrível nome de ingrato !.. Senhora, suas desgraças assoberbaram minha alma e despedaçaram meu coração ! Acaso julga que minha alma não sofre horríveis tratos neste momento ? E' grande o sacrificio ; mas minha honra o pede ! E' uma mulher formosa e cheia de encantos que me dá seu coração, e depõe a meus pés seu amor e immensas riquezas... que maiores incentivos ! Ouro e formosura ! as grandes molas em que gyra o universo ? Ouro e formosura ! o que ha de mais capaz para encantar o coração de um mancebo ! Ouro e formosura ! tudo quanto o homem pôde ambicionar sobre a terra ! E' tudo isto eu não aceito... e tudo isto perco !... Eu não sou rico, e quem sabe se breve serei bem pobre ! e entretanto perco os encantos de uma belleza !

Ficarei talvez bem pobre daqui a pouco, quando só com uma palavra poderia ter tanto ouro e gozar tantas delicias ! E tudo isto é pouco ? E além disto, dotado de uma alma compassiva, e em extremo sensível, compadecido de suas desgraças, resisto á voz da humanidade, ás seducções do ouro, e emfim, e que é mais, aos encantos de uma belleza !.. E' muito !.. é muito !.. O' virtude, recebe o meu sacrificio ! Margarida. . Margarida... não me odieis, ou matai-me...

— Eu matar-vos, Geraldino ? Odiar-vos eu ? ! Ah !

— Em má hora eu a vi..

— Para que é amaldiçoar essa hora ? Eu sou tão desgraçada, e não a maldigo ! Pois bem : quero respeitar sua virtude, e continuarei a ser victima de meus infortunios ! Capaz de todos os crimes, tenho um coração tambem capaz de todas as virtudes ! Emfim um coração de mulher ! Eu parto, mas ao menos que seja com meu coração mais tranquillo ! Seja franco, e tenha animo de m'o dizer ; não me offendo : offender-me-hei, e muito, se enganar-me. Poderei levar a consolação de que sou desprezada só por excessivo amor de hora, e não pelo poder dos encantos e do amor de uma rival feliz ?

— Póde : eu o juro ; e tomo a Deus por testemunha.

— Adeus.

— Posso ficar com a consolação de que me não vai odiando ?

— Eu o amo ainda. Adeus...

— Adeus.

— Para sempre.

— Para sempre ? !

— Para sempre.

— Que vai fazer ?

— Vou para minha casa. Adeus...

— Para sempre ?..

— Deus é que sabe... Adeus...

Disse e sahiu. Geraldino, notando a sua agitação, exclamou, como fóra de si :

— Vai delirante ! que irá fazer ! Oh ! meu Deus ! que horrivel idéa me assalta !.. Margarida ? Margarida ?.. Oh ! meu Deus !..

CAPITULO XIII

COMO POIS DEIXAR DE AMAR O BELLO !

Ha em nossa alma um fundo de belleza tal, que nos faz attrahir ao bello da natureza ! Quem se não deixa impressionar agradavelmente á vista do bello, revela uma alma pessima.

Era de meu desejo levar de seguida até o fim a historia do emparedamento de Margarida ; mas lembrado de que deixamos a mimosa Emilia desmaiada na sala da festa dos annos, e que devemos acudir-lhe ; faz esta lembrança com que deixe por agora a sympathica Margarida e volte á formosa Emilia. Sabemos que esta menina teve um leve desmaio vendo Geraldino. Pois bem.

D. Gertrudes e Magdalena acudiram a Emilia : as senhoras todas que na sala se achavam fizeram outro tanto. Emilia foi dahi conduzida a um quarto, onde logo recobrou os sentidos. Gertrudes e Magdalena comprehenderam tudo ; e Geraldino, que era o formoso mancebo, da mesma maneira. Toda companhia ficou estupefacta á vista de um tal incidente.

Faziam-se na sala diversos juizos, uns mais, outros menos favoraveis aos dous jovens. Alguns interpretavam de um modo bem odioso o que acabavam de ver. E porque? Que haviam visto de mal?

Parece que a especie humana é essencialmente perversa! Que?! que quer dizer vemos uma acção que não comprehendemos, interpretal-a a nosso modo, ou dar-lhe uma significação filha toda ou de nossas modificações, ou de nossos costumes, ou emfim de nossos vícios? Tão máo será o coração humano em suas relações sociaes, que só julgue mal das acções alheias, que não são logo claras? Todavia, tres cousas parecem contradizel-o: a primeira é que vemos uma desgraca e o primeiro impulso do nosso coração, á vista della, é um sentimento de compaixão: a segunda é que vemos praticar uma acção indigna, e o primeiro impulso de nosso coração é um sentimento de indignação contra quem a pratica: a terceira é que vemos praticar uma bella acção, e o primeiro impulso de nosso coração é um sentimento de amizade para quem a praticou! E póde dizer-se que universaes são estas modificações de nossa alma nestas tres occasiões. Enão póde affirmar-se que a natureza não plasmou em nossa alma um sentimento de maldade. O homem não é pois máo por natureza: é que as relações da sociedade consideradas em todas as suas vastissimas extensões e variadas phases, sendo, por assim dizer, infinitos seus prismas, modificam o homem, segundo os interesses da vida, os respeitos humanos e as supremacias do mundo, dando a toda a sua organização, assim physica como moral, uma nova qualidade, que transforma o homem da natureza em homem das convenções e só das convenções!

Os olhos pois de todos os senhores da sala fixavam-se alternativamente ora em Geraldino, ora uns nos outros entre si mesmo. Estes olhos pareciam interrogar a Geraldino sobre o acontecido; elles pare-

ciam pedir-lhe uma explicação do « E' elle » da donzella e do seu desmaio. « E' elle! » mas elle quem? Que quer dizer este « E' elle! » Acaso um seductor? um mentiroso? Um noivo esperado ou um annuncio de má nova! « E' elle! » mas elle quem?

Esta mesma scena tinha logar entre as damas; seus olhos alternos procuravam encontrar os de D Gertrudes e os de Emilia; estes olhos pareciam dizer-lhes: « Vós nos deveis uma explicação formal, ou vossa honra perderá muito de seu valor, sejam quaes forem os quilates de vossos encantos, sejam quaes forem os ductos de vossos adoradores!

Gertrudes, a prudente e grave Gertrudes comprehendeu bem, comprehendeu mais que bem toda a extensão desta grande necessidade. toda a força deste dever sagrado para com a honra de Emilia: ella, pois, contou ás damas reunidas em torno della, a historia dos salteadores com Emilia, até o ponto em que Geraldino a deixou em casa de seu pae, e accrescentou:

— Emilia, agradecida a um homem que por ella tão generosamente se arriscára, des-java vel-o, para que seu pae rendesse a esse homem as devidas graças da um tão subido serviço. Debalde, porém, que ella nunca mais tornou a ver. Emilia persuadiu-se que seu libertador morava na roça: eis que agora, talvez que sem lembrar-se mais d'elle, apresenta-se aqui e como um bello cortezão; esta repentina presença, era natural, causou sua surpresa e seu desmaio. Eis aqui, minhas senhoras, o motivo de tudo quanto viram e ouviram.

Assim terminou Gertrudes, e as damas satisfeitas com tal explicação voltaram á sala, onde acharam Geraldino conversando com afucado interesse com o vice-rei, postos a uma sacada: ahí quasi todas as matronas foram gratular a Geraldino, congratulando-se com elle por haver salvado um anjo d'entre mãos de demonios! A' vista disto Geraldino

concluiu que Emilia, ou sua preceptora, havia dado explicações sobre o acontecimento, com que folgou, vendo a conveniencia de seus pensamentos, sem se entenderem, pois que elle havia feito outro tanto.

Geraldino comprehendau, como Gertrudes, que a honra de Emilia, bem que innocente, estava compromettida e que exigia uma satisfação; elle pesou toda a força desta exigencia e a julgou de absoluta necessidade. Então dirigiu-se ao meio do salão e voltando-se para o vice-rei, disse :

— Parece-me, senhores, que o acontecimento que acaba de ter logar poderá ter alguma interpretação menos feliz e verdadeira, sem uma prévia explicação; eu a vou dar cabalmente.

Então contou minuciosamente, excepto naquillo que lhe cabia honra, todo o caso dos salteadores; e não querendo elle proprio gabar sua modestia, accrescentou :

— E não entrei em casa de seu pae, por ir apressadamente em busca de meu pagem, que longe de mim vinha, e temia por elle que fosse tambem assaltado, como o pae da Sra. D. Emilia

Deste modo Geraldino furtou-se tambem a fallar da inimizade entre seu pae e o pae de Emilia, e continuou :

— Desde então a Sra. D. Emilia nunca mais me viu, comquanto se tenham passado dous annos sobre este acontecimento: eu porém a vi mais duas vezes sem ser della visto.

Ficaram pois todos inteirados á vista das explicações de Gertrudes e de Geraldino: mas com quanto ficassem satisfeitos, não deixou de ficar no coração de todos algum resquicio de suspeita a respeito dos dous jovens: seus rostos eram os culpados, seus rostos eram os que motivavam estas suspeitas. Sim, que Geraldino era tão encantador que não podia ser visto sem ser amado! Era um destes bellos typos da natureza, que a natureza molda de

seculos em seculos, e cujo molde inutilisa logo depois da formação de sua obra. Era uma destas bellas tentações, a cuja vista a grave virude de uma senhora casada entra em apuradas provações, e cujo vencimento não é sem grande custo, para maior gloria dessa mesma virtude! Emilia era uma dessas melindrosissimas flores do deserto, milagrosamente escapa ás enchentes do inverno, ou aos ardores do estio, que unica entre outras diversas, mas tambem bellas, sobresahe por seus petalos mais singulares, por um pestylo mais gracioso, por uma corolla mais bella, por seus coloridos mais vivos e variados, e enfim por um perfume mais encantador e suave! e cuja vista suspende os passos de apressado viandante, que em face de seus encantos louva absorto os empenhos de uma natureza caprichosa, e tão devaneada quando a alimentára entre os encantos de sen seio! Prazer de olhos, ardor de corações, e crystallino regato, que em deserto corre não é mais doce vista a olhos de sequioso viandante! a calma do meio dia em abrasador deserto, em oceanos de areia não abraza mais! A briza amorosa do esio soltando meigos sorrisos, tremendo com suave adejo em torno do carro de fogo do sol, cujos ardores enamorada refrigera, não é mais encantadora! Emilia pois não amaria a Geraldino e Geraldino a Emilia, sendo elles assim?

Porque o passaro ama a luz da aurora? perguntai-lhe. Perguntai ao zephyro porque ama a fôr ou a flôr porque as lagrimas da aurora? A americana virgem dos bosques colhe as flôres do deserto quando nasce o sol, e derrama alguma destas flores sobre o primeiro raio de luz que este bello astro, que ella adora, dobra por cima dos montes, vindo com elle beijar a verde gramma do risonho valle! A' noute, embebida na lua que contempla, canta á suave luz deste feiticeiro astro que ella preza, suas ternas canções amorosas, tão cheias de saudades e de recordações, que

lhe inspira este agradavel astro da noite! Perguntai-lhe porque ama o sol? Perguntai-lhe porque preza a lua? Se o passaro fallasse, o zephyro e a flor, como a douzella das palmeiras, dir-vos-hiam: « porque a luz da aurora é bella, porque é bella a flor, e são bellas as lagrimas da aurora! » E a moça do deserto diria: « porque o sol e a lua são bellos! » Como pois deixar de amar o bello!

Findas as explicações de Geraldino, cada um dos circumstantes o foi deixando só com o vice-rei, que com elle ficou, e ambos, dirijindo-se á uma sacada, continuaram a conversar.

— Entretanto, disse o vice-rei, como creio que seu pae não é pobre, e sendo rico o da Sra. D. Emilia, era um bellissimo casamento o de Vm. com ella.

Geraldino abaixou os olhos em silencio; e Vasconcellos, crendo que este pejo e este silencio eram partes do amor, disse:

— Creio que a ama?

— Eu não tenho um coração tão insensivel aos encantos da belleza, que se não dobre diante della: mas...

— Mas o que?

— Eu tenho fugido á sua vista para não nutrir em mim um amor desgraçado.

— Mas *desgraçado como?* em que sentido?

— No sentido... sim...

— Ah! é preciso ser franco. Aqui não está o vice-rei dos estados do Brasil; está tão somente Luiz de Vasconcellos, isto é, um homem de honra, e que folgaria de ver unidos dous jovens tão bellos, e que tantas razões têm de muito se amarem. Eu creio que a linda Emilia não é indifferente aos encantos do Sr. Geraldino; e nem ao grande serviço que lhe prestou: em seus olhos, em sua surpresa, e no seu desmaio li alguma cousa mais do que gratidão. Pela sua parte, já disse que não é insensivel aos encantos da belleza.

— E nem sou : mas é impossível o ligar-nos.

— Impossível ?

— Impossível !

— Porque ?

— Porque nossos paes são hoje encarniçados inimigos, de tão amigos que outr'ora foram.

— E o motivo de tanta inimizade ?

— V. Ex. manda que lhe conte, e eu obedeço.

— Não : eu lhe rogo

Geraldino contou ao vice-rei tudo quanto o leitor sabe, desde a fundação da fazenda de Juthurnuayba por Thomaz e Silvestre, até o presente estado da questão. E concluiu dizendo :

— Já vê V. Ex., que neste estado de cousas, impossível é qualquer accommodação amigavel.

— Não tão impossível, como pensa. E' em verdade admiravel a transformação da escriptura ; e sendo este o unico documento existente a respeito desse negocio, a causa está mal pelo lado de seu pae : quanto á accommodação porém, eu a não acho difficil ; e até me parece que por meio de um casamento com a filha de Flavio tudo ficava arranjado : porque, por felicidade, tanto Vmc. como ella são filhos unicos, e as riquezas por que hoje pleiteam, viriam assim a ficarem em mãos dos dous herdeiros dos litigantes.

— Entretanto, Sr., casar-me-hei com a filha de um malvado ? Quasi sempre os filhos são o que são os paes... Poderá a Sra. D. Emilia não sel-o : mas quem m'o assegura ?

— Na verdade, esses escrupulos não deixam de ter seu cabimento ; não obstante, filhos ha mui bons, nascidos de paes perversos : mormente quando sua educação é bem dirigida...

— Mas a natureza tem tanto imperio...

— Convenho. Todavia tudo se póde ainda modificar ; e eu não me esquecerei dos dous anjos que vi nesta sala.

O vice-rei dirigiu-se para onde estavam as senhoras, e Geraldino para os filhos da casa com alguns mancebos.

O divertimento foi completo ; nada houve que desejar, todos os prazeres ali reinaram, e todos na mais perfeita harmonia. A' noite a companhia desfez-se, partindo todos satisfeitos. Sé dous jovens sahem melancolicos ; em sua despedida : e entre-olham a furto e como timidos ; parece que tem alguma repugnancia em deixarem este lugar : dir-se-hia que deixava um n'outro alguma cousa de si, que qualquer delles queria retomar, ou que julgando pouco queria augmentar !

Sem o menor incidente chegou Geraldino á sua casa ; tendo se despido, seu escravo entregou-lhe uma carta.

— Donde veiu ? perguntou elle.

— Da fazenda de meu senhor.

A letra é estranha a Geraldino ; o fecho é de obreia preta ; que será ? Geraldino estremece e teme abri-la, como quem teme desgraça... Mysterios do coração presago ! Emfim, abre e começa a lêr esta carta fatal, e ao passo que vai lendo, vai descorando até que lança um grito de dôr, e cahe como um corpo morto.

CAPITULO XIV

Um grande insulto, do qual nos não podemos vingar, e tão capaz de enregelar nosso coração, como um grande beneficio capaz de o derreter!

Frustrada em uma tentativa amorosa, da qual julgava tirar o maior partido possível, que uma mulher bella carregada de ouro póde tirar de um mancebo ardente, chegou Margarida ao seu aposento, sem outra novidade, tendo sahido de casa de Geraldino. Ao ver-se esta mulher, tendo chegado a sua casa, não era mister estudal-a muito para, pelo desconcerto de sua physionomia, julgar-se da desordem de seu coração! Infeliz Margarida! Seus cabellos mal alinhados estavam em confusão sobre suas costas, seus hombros e seus peitos! Seus olhos pareciam lançar chammas; suas faces eram alternadamente pallidas ou vermelhas, seus labios um tanto desmaiados, tremiam ao ponto de não poderem firmar um unico accento! e ella toda era a imagem da ira, que devora o proprio objecto que a nutre, ou de uma dôr que despedaça um terno coração de amante! Ainda assim havia nessa imagem do martyrio os traços brilhantes de uma belleza sublime!

Margarida atirou-se sobre sua cama torturada pelos seus horrives tormentos! alli, pedia uma lagrima a seu coração, e, ou não o achou ou se o achou, seu coração trahiua; elle não teve uma lagrima de dôr para dar-lhe! Oh! que negras e desconcertadas idéas não despedaçariam sua desesperada cabeça tão cheia das doces e amargas idéas de seu tão mal-fadado amor! Sua cabeça era um infinito oceano de

idéas lugubres, em que rebramia a medonha tempestade de seu amor, onde, qual desarvorado navio, prestes do naufragio, navegava incerto seu triste coração, e este coração não achava um porto em que arribasse, e naufragado, não havia para elle taboa de salvação! A morte desquitada das negras idéas de horror e de medo com que soube cobrir-se, compareceu diante de sua alma sorrindo-lhe o funebre e derradeiro encanto de uma consolação extrema, que ella tão de adrede sabe ataviar com seductores adornos de uma idéa de eternal descanso, pensamento talvez bem doce, onde consolador sorri-se o inquebravel somno que a nenhuma voz se perturba, e a inalteravel paz que nenhum poder poderá quebrar! Assim é que um desgraçado acha em sua propria desgraça as mais bellas côres para esmaltar o horror da sepultura, aligeirando elle mesmo esse momento, que fóra desse estado anormal, todo o mundo busca evitar, chamaudo-o de infinito horror! O suicidio, pois, é a prova da liberdade humana, o cadinho de seu valor, a pedra de toque da força de seu espirito, o crysol em que se apura sua suprema vontade, o vencimento emfim de todas as desgraças e o triumpho da mesma morte, ficando vencida debaixo da solemne vontade de ferro de um mortal! Ha pois no suicidio seus encantos!

Margarida julgou pois que morrer era o melhor partido que devia abraçar!

Quando um desesperado pensa que deve morrer para terminar seus supplicios, fazel-o immediatamente é talvez a melhor parte: espaçar sua morte é dilatar seus soffrimentos, para terem depois... quem sabe, se um termo mais triste e muito mais desastroso?

Margarida não abraçou logo esta idéa, talvez por a ter demais ruminado: emprehendeu pois ainda uma nova tentativa; levantou-se de sua cama, tomou papel e tinta e com o fim de a enviar a Geraldino,

de manhã começou a escrever uma carta. Neste tempo em companhia de outrem chegou seu marido. Margarida não contava com elle nessa noite. Alfama largou seu cavallo, tendo entrado por uma porta cuja chave estava sempre com elle; seguia pé ante-pé, seu antigo costume, e assim se dirigiu para dentro. Margarida estava tão absorva em suas idéas ou antes tão recolhida em si propria, tão alheia a tudo quanto se passava em redor della, que só deu fé de seu marido quando elle parou junto della. Margarida estremeceu, e pallida e tremula machucou com a mão a carta que escrevia e a metteu no seio: era tarde, que Alfama lançando-a bruscamente por terra e pondo-lhe um pé sobre os peitos, rasgou-lhe os vestidos, tirou a carta e começou a lê-la. Margarida ergue-se e pondo-se firme diante d'elle com seus braços cruzados, espera impassivel um resultado que ella sabia que lhe houvera de ser funesto!

Admiravel contraste entre a mulher amante, ha pouco desconcertada, e meio timida da idéa da morte; e entre a mulher ultrajada, agora serena e desprezando essa idéa de horror! Maravilhosa antithese entre a mulher fraca e insultada, e o homem forte e insultador. E' que Margarida comprehendeu tão horrivel o insulto de ser lançada por terra e calcada por um homem, que entendeu que esse homem qualquer que elle fosse, excep. o seu pae, deveria expirar no mesmo instante, e não podendo fazel-o, julgon que ella não devia viver mais, fosse qual fosse o genero de morte de que acabasse!

Margarida pois não mentiu quando disse a Geralduo que tinha um coração de mulher, isto é, um coração capaz de todas as virtudes e de todos os vicios!

Seu marido leu o seguinte:

« Senhor

« Desde o momento em que dali sahi até agora, é uma hora da noite, grandes têm sido os meus pade-

cimentos! Revolvendo em minha imaginação tudo quanto tenho soffrido; lembrando-me que houve um momento no qual concebi a doce idéa de deixar de soffrer, momento em que ante minha alma se abriu um futuro feliz, ao lado de um mortal tão amavel e a quem tanto amo, e ainda quando não devera amar; e vendo pela sua repulsa fugir-me este futuro de encantos e este mortal tão digno de amor, e eu forçada a reentrar no tris e circulo de meus tormentos e angustias; minha alma geme opprimida debaixo desta idéa amaldiçoada e meu coração se revolta contra ella! Oh! é impossivel que eu continue a viver assim! a morte é mais doce. No momento em que lhe escrevo, tenho a morte de um lado e do outro a vida; a Vm. compete decidir-me a qual devo abraçar! Senhor, ó-me mais suave... »

O mais que Margarida tinha de escrever não sabemos. O principio do ultimo pensamento depois de apostrophe, indica que elle ficou incompleto e que lhe faltava alguma idéa complementar: mas era só até alli que Margarida havia escripto, quando seu marido lançou mão desta carta fatal.

Os dados que já temos sobre o caracter feroz deste homem malvado dão-nos com que ajuizar a respeito do que faria diante desta carta; tremendo pois de cholera, espumando de raiva, com olhos abrazados, bradou o implacavel Alfama:

— Para quem era esta carta?

— Para um mancebo a quem amo, respondeu Margarida com uma frieza glacial, capaz de espantar!

— Desgraçada!... bramiu Alfama pondo a mão no cabo de uma faca que pendente da cintura trazia.

— Mata, tornou-lhe Margarida com um sorriso desprezador.

Seu marido recuou diante desta impavidez horrivel! Sim, que elle havia encontrado sempre em

sua mulher uma timidez extrema, que a fazia tremer diante d'elle, como treme o cordeiro diante do carnívoro lobo; e que a fazia chorar e supplicar a qualquer de suas ameaças; e agora esta mesma mulher firme, como o rochedo ao estrondo do trovão, inabalavel como elle ao golpe do raio, espera a morte com uma resignação espantavel, encarando seu marido com tanto socego, como se naquelle corpo não houvesse uma vida, cuja idéa da perda a não fizesse tremer! Alfama, tendo segura a sua victima e desejando colher seu complice, disse:

— Margarida, não me conheces?

— Mais do que o desejava.

— Sabes que sou capaz...

— De todos os crimes...

— De todos os crimes?...

— Sem a menor excepção.

— Dizes bem, eu o sou e estimo que o saibas...

— Ha muito que o sabia.

— Sabes pois que sou capaz de matar-te já...

— E de me assares depois e me comeres.

— Entretanto, eu quero perdoar esta tua fraqueza..

— E eu não quero o teu perdão.

— Não queres o meu perdão?!

— Déste agora em ser surdo? Sim, sim, não quero o teu perdão... tens ouvido? Eu não quero o teu perdão.

— Porque?

— Porque não quero manchar o puro sacrificio de meus males, aceitando um teu favor.

— Embora: eu te perdôo; mas dize-me para quem era es a carta?

— Quero te ser grata: ouve, eu te digo.

— Sim... e acabe-se entre nós tudo e de hoje ávante vivamos bem; vivamos, como dous anjos, porque enfim, Margarida, eu te amo, e te amo muito...

— Agradecida... muito agradecida. Com que tu me perdoas se eu te disser para quem era esta carta?

— Juro que te perdão.

— Juras por quem? pelas barbas do Neptuno?

— Margarida, repara que já não sou marinhoiro...

— E nem cousa peor? .

— E que este momento não é para gracejos...

— Ah! sim... tens razão, que o negocio é muito sério. Com que me perdoas se eu te disser para quem era esta carta?

— Juro que te perdão.

— E se eu te não disser?

— Mato-te.

— Oh! não que eu não quero morrer: nesse caso te digo. Ouve.

— Dize.

— Era para o moço mais lindo, mais formoso, mais encantador, mais amavel, mais terno, mais bello emfim, que ha em todo o mundo! moço a quem amo, como uma mulher louca de amor póde amar! por quem vivo, por quem quero morrer, e sem elle a vida, o mundo e tudo quanto ha sobre a terra é triste, é feio e não tem a menor graça: estás satisfeito?...

— Infame!.. mas tu tens razão, que já eu jurei perdoar tua fraqueza; mas o nome desse moço? o nome?

— Ah! sim... o nome... queres sabel-o, não é assim?

— Sim, quero.

— Tens grande necessidade disso?

— Quero vêr se tens bom gosto.

Oh! se tenho!.. Bom gosto, e muito bom gosto! Superlativo!

— Margarida, não apures minha paciencia. Dize-me o nome desse moço: o nome? o nome d'elle?

— Tu não estás tranquillo... mas eu prometti di-

zer-te o nome desse moço e devo cumprir minha palavra. Ouve pois seu nome : toma bem sentido...

— Dize.

— Ouve : não se chama José Maria de Alfama, que é o unico homem malvado e infame que conheço sobre a terra...

Margarida proferiu estas palavras com um accento tão firme, e resolutivo, com uma nobreza tal, que Alfama recuou diante della, como espavorido de tanta intrepidez ! Depois approximando-se furioso, e despindo a faca disse :

— Miseravel !

— Mata.

— Mulher... mulher...

— Tranquilla-te, José. Tu devias ter contado com tudo isto, quando casaste com uma mulher, cujo coração por nenhum título te pertencia. Ainda assim, tudo tinha remedio : tu podias grangear um coração, que, bem que não era teu, todavia não era um coração rebelde ! Não, infame, não o fizeste ! accreditaste que um coração de mulher dobrava-se ao peso enorme de insultos, de ameaças, de máus tratos ! Como te enganaste ! Sem a menor habilidade para amares, tu nunca procuraste ser amado ! Insolente, grosseiro e malcreado, quizeste envolver-me na vil desordem de tua pessima e baixa educação de marinheiro ! Estupido, nunca comprehendeste que os unicos caminhos, que penetram até o coração de uma mulher joven, o disposta contra um homem, são o agrado, as caricias, as complacencias, a suave persuasão, a indulgencia para com sua mocidade, e os affagos para com sua repugnancia ! Nunca comprehendeste que são estes os unicos meios, que podem insinuar no coração de uma mulher, que não ama, se não amor, ao menos estima, ao menos gratidão, e o austero cumprimento de seus sagrados deveres de mulher casada ! Julgaste que uma mulher era uma besta, que só com páu e mais páu é que

devia de ser ensinada ! Não comprehendeste que teu procedimento podia inspirar terror, odio, e nunca amor ! Sim, José... uma mulher poderá ser uma besta, porque como a besta tem um corpo que póde ser espancado ! Mas a mulher tem além da besta uma cousa incomprehensivel, que se endurece pelos máus tratamentos, e se entenece pelas finezas... sabes o que é, José?... é uma cousa, que tu não comprehendes, e esta cousa chama-se — coração — ! Bem vês pois, que um coração de mulher soffre até que perdendo o equilibrio da paciencia, cahc no abysmo da desesperação, onde se faz em pedaços ! Que mais queres de mim ?

— O nome de teu amante ?

— Ah ! sim... o nome de meu amante ! Eu já t'o havia dito...

— Nada ; nan m'o disseste.

— Pois então digo-te agora.

— Vamos.

— Não se chama José Maria de Alfame, que é o unico homem malvado e infame que conheço sobre a terra !

— Intão nan dizes ?

— Mais do que isto, não.

— Pois morre.

E dizendo isto agarrou com uma mão de ferro a desgraçada Margarida, pelo braço esquerdo, quasi junto do sovaco, e ergueu com a direita sua aguda e terrivel faca sobre o coração da infeliz, que apenas desviando os os olhos para não vêr o terrivel ferro, em cuja ponta tremia a morte, que ia abysmar-se em seu coração, esperou o momento tremendo com uma heroica firmeza, dizendo apenas :

— Mata !

Fronteiro ao coração de Margarida descia o ferro contra ella vibrado quasi com a força do raio, quando o furioso Alfama sentiu que uma mão de ferro, mas de mais ferro que a sua, lhe suspendia o

desenfreado golpe, enfreado assim as iras da morte, que negrejava medonha, na ponta lancetal de sua brilhante faca ! Alfama voltou-se repentinamente ; seu braço está preso entre a mão terrível de um homem gigantesco quatro vezes mais forçoso do que elle, e oito mais valente !

CAPITULO XV

NÃO CHEGOU A CASA, E EM NENHUMA PARTE DA
ESTRADA APARECEU

O homem generoso tem contra si a franqueza de seu coração, como o malvado tem em seu favor todos os rebuços em que envolve sua alma !

Deixei atraz um acontecimento de summa importancia, cuja relação por ser de absoluta necessidade já se fazia tardar.

Havia dous mezes que Geraldino não tinha noticias de seu pae, e por mais que as buscasse não apparecia quem lh'as dêsse. Geraldino affligia-se com isto, procurava conhecidos, indagava, e nada em resultado.

Havia tambem mais de mez e meio que Julio, o pae de Geraldino, não apparecia em parte alguma.

N'um acontecimento destes, rarissimo por certo, todos sabem o quanto se falla, e o quanto se não falla. Cada um encara o facto, segundo seu modo de vêr ; cada um o explica conforme suas paixões ; e o que é verdade é que tantos fallatorios, tantas inter-

pretações, e tantos modos de vêr pôdem ás vezes descobrir a verdade, mas não mudarem sua essencia. Como quer que seja, Julio não apparecia!

Julio havia sido convidado para testemunha de um casamento, sendo a outra Flavio. O pae da noiva morava sobre a margem esquerda do rio de S. João, no logar chamado—Madrugã.—e ahí deveria de ser a festa do casamento. Os paes dos noivos não eram pobres. O facto de convidarem dous encarniçados inimigos para testemunhas do casamento parece até certo ponto imprudente! mas bem pôde desculpar-se ser quando nos lembrarmos que foi isto concebado entre o vigario da freguezia da Sacra Familia de Ipuca, honrado homem em verdade, e o pae do noivo, e o da noiva, com o fim de, nas bodas, congrassarem a estes dous implacaveis inimigos. Ora, Julio tinha em seu favor todo o prestigio, que pôde ter um homem de bem; Julio o era, e como tal era em toda parte reconhecido. Quanto a Flavio, elle não tinha outro prestigio além daquelle que dá o ouro, seja ou não bem ou mal adquirido! Hoje é este o prestigio real em nossa terra, em despeito do verdadeiro merecimento, da instrucção e do talento!

Entre os convidados, tambem o foi Liberato, que passava por um sauto homem, bem que muitos o tinham por somitico, e alguns por usurario.

Era grande o coucurso das bodas. A' hora conveniente a noiva montada em um bello cavallo alarção, e paramentada como uma noiva, convém saber noiva da roça, seguiu para a freguezia, acompanhada de duas grãves donas, tambem vestidas com esmero, e bizarramente montadas: seguia-se o bello do noivo, guapo e airoso, como noivo em dia de bodas; e além dos padrinhos, testemunhas, acompanhavam alegremente para cima de vinte cavalleiros... Os paes dos noivos eram ricos! Chegando á igreja da Sacra Familia este luzido cortejo, o bom padre vigario recebeu os noivos solemnemente, lançou-lhes

a benção nupcial, e finda a cerimonia, desejando aos novos consortes a melhor dita possível, mandou buscar seu gordo cavallo, rosilho anafado e manso como o cavallo de um padre, e montou, com toda a companhia, para vir obsequiar os noivos, acompanhando-os até sua casa, onde deveria tomar parte nos trabalhos da mastigação.

De facto, chegados em casa dos noivos, em uma sala viuva de assoalho, e orphã de forro, esperava-os esplendida uma mesa de doce de doze a dezeseis palmos de comprimento, com seus seis ou oito de largura, sobre a qual alvejavam, uma junto de outra, estendidas sobre a mesa, duas finas toalhas de linho lavrado completamente, cobertas de chicaras cheias de doces de calda, como v. g., doce de laranja, de limão, de cidrão, de côco, de lima, de batata, etc.; e de pequenos pratos cheios igualmente de doces seccos, como limão, cidrão, bocados de cidra ralada, de batata, de abobora, fios d'ovos em bocados, que elles chamavam papos de anjo, fios d'ovos em pratos, chamados por elles capellas d'ovos, varias brôas, etc.

No meio de todos estes pratinhos e chicaras, negrejavam, e bem negras, uma porção de garrafas de vinho do Porto, que naquelle tempo era o melhor que por taes logares se bebia.

Chegado o acompanhamento, o padre vigario, por convite do dono da casa, tomou o topo da mesa, ficando o noivo á sua direita, e a noiva á sua esquerda; todos os mais circularam a mesa, mas todos de pé, e começaram de tasquinhar no doce com tanto desembaraço, como se fosse peixe ou carne.

O padre vigario, como de uso era, foi o primeiro que dirigiu aos noivos seus brindes pela sua prosperidade, e união sempre inalteraveis; depois saudou os paes dos noivos, e os padrinhos, como elles chamavam.

Dahi por diante cada um dos convidados se julgou

com direito de dirigir suas saudes aos noivos, aos paes destes, aos padrinhos, e madrinhas, e a toda a parentella dos desposados. Ora, em proporção da diminuição do vinho, cresciam os brindes, e por consequência o calor da festa ; por fim já ninguem se entendia, não havia serteanejo algum, por mais matuto que fosse, que não dissesse sua pilheria, ou se não mettesse a dizer seu dito, ás vezes tão tolo e tão asnatico como elle mesmo !

Meia hora depois que começou a festança dos comes e bebes, a lauta mesa de doce estava reduzida a pratos vasilos, chicanas e garrafas ! Era o campo em que havia sido Troya !

Tirou-se pois a mesa do meio da sala, e começaram os matutos a gritar.

— Vamos brincar, gente, vamos brincar.

— Ahí nada farta, disse o dono da casa, pae da noiva ; hai viola, e hai tudo : quem é que toca ?

— E' seu Mané Canellas.

— Mas havia duas violas...

— Autão o outro tocador ha de ser seu capitão Chico Pedro ; elle canta bem o desafio !

— Prompto, disse o capitão Chico Pedro.

— Pois antão vamos a isso, disse o dono da casa.

— Vamos, vamos imhora.

— Venham as muieres para cá : aqui cabe duas rodas.

— Meninas, venham para cá, venham dansar, disse o chefe da familia.

— Ellas já vão, senhor, estão se apromptando ; disse a dona da casa, lá de um quarto do interior.

— Tambem ainda as violas não estão temperadas nem nada, já estão chamando a gente... murmurou uma moçoila, que já sentia suas coçegas ouvindo fallar em dansa.

— Temperem as violas, temperem as violas.

Todavia, temperadas as violas, vieram se chegando as moças, e os rapazes, e formaram duas rodas ; e dous tocadores encostaram seus pinhos aos peitos, e começaram a repinicar a bella da Tyranna, dança muito usada naquelle bom tempo, e bem como o Chico do Viamão, a Tontinha, etc. : estas dansas eram dansadas por quatro pessoas em cada roda, e as rodas podiam ser tantas quantas coubessem na sala ; havia a Chula, dansa de um, dansando por sua vez, até ir tirar outrem, que vinha dansar, e o que dansava se ia assentar, e assim por diante até que um tirava o tocador, e terminava esta dansa : mas durante este dansado, em solo, os tocadores não cantavam, o que não acontecia em nenhuma das outras dansas, que a cantiga do tocador é que determina as voltas das rodas dos dansadores. Havia tambem o Sarrabulho, dança de dous ; isto é, sahia um que dansava só, e depois tirava outrem, que com elle dansava, e o primeiro que havia dansado as-sentava-se, ficando o outro dansando, que por seu turno ia buscar outro, e assim até o fim que era quando um que dansava ia tirar o tocador, que tambem dansava, dando a despedida, isto é, cantando a ultima cantiga desta dansa. Tiuham tambem o Vai de roda, a mais divertida, a que que menos cansava, e a mais favoravel de todas as dansas aos senhores namorados que não desperdiçam estas bellas occasiões. O Vai de Roda pois é uma dansa que por facilima pôde nella dansar todo o bicho e careta, ainda mesmo que nunca tivesse dansado : nella dansam n'uma grande roda tantas pessoas, quantas caibam. Todas as mais dansas são sempre de quatro pessoas. De todas estas dansas bem que todas requeressem extrema graça no dansador, (excepto no —Vai de roda—) todavia era a Chula a que mais dependia disto ; e era por assim dizer a pedra de toque do bom dansador.

E pois o Sr. Mané Canellas foi o primeiro que botou sua cantiga, e repinicando sua viola cantou :

« Em nome de Deus começo,
Padre, Filho, Esp'rito Santo,
E' a primeira cantiga,
Que neste oditorio canto.

Elle queria dizer auditorio. O capitão Chico Pedro, que além de bom cantador, tinha aza de grande improvisador, tomou o ultimo verso da cantiga de Mané Canellas, e cantou com toda a força de seus pulmões, que não eram lá quaesquer pulmões, que elle os tinha de um Stentor. Cantou pois assim :

Que neste oditorio canto,
Eu tambem quero cantar,
Esta primeira cantiga
Em antes de começar.

Pegaram-se pois os dous cantadores no desafio, e não poucas vezes suas cantigas eram meia duzia de insultos lançados á cara com todo o azedume de uma affronta. Dançaram varias dansas, descançaram algumas vezes, e quando de novo principiavam, os dous cantantes travavam logo sua contenda de desafio. O Mané Canellas era o arguente, e o capitão Chico Pedro o defendente. A multidão tomava parte no combate dos dous, e dividida em dous partidos, cada um animava seu heroe com cem vivas, palmas, e outros applausos. Já o bom Mané Canellas desesperava do vencimento, quando julgou confundir seu contendor com a seguinte cantiga :

« Estudastes a grammatica,
E tambem a tilogia ;
Dizei-me qual é das aves
Que dá leite quando cria ?

Elle queria dizer theologia. Quando, porém, o Mané Canelas acabou de cantar esta cantiga todos julgaram que o capitão Chico Pedro se calasse vencido, porque niuquem sabia que ave era esta; mas o capitão Chico Pedro, que no sentir do Mané Canelas havia estudado a grammatica, e a theologia, e não havia estudado para tolo, não deixou os circumstantes por longo tempo incertos; quando, pois, foi occasião de cantar, abriu a bocca e cantou:

« Que dá leite quando cria
Vos direi com mais socego;
Mas das aves é o morcego
Que dá leite quando cria. »

Quando o capitão Chico Pedro acabou sua cantiga, todo mundo bateu palmas e gritou: « Viva seu capitão Chico Pedro! Viva e viva! » Os vivas, as palmas, os applausos, prolongaram-se por muito tempo: foi uma ovação completa. Deu-se a despedida dessa dança: e finda ella, o mesmo Mané Canelas confessou que não havia quem cantasse o desafio como o capitão Chico Pedro.

Pouco depois principiou outra dança em que os cantadores desenvolveram toda a sua habilidade. Depois da cantiga cantavam elles um estribilho, que era sempre o mesmo, e era assim:

« Bravo, Maricas, meu bem,
Aqui está quem te adorou:
Não se ponha de joelhos,
Que eu não sou senhor, não sou.

Nesta cantiga, na occasião em que o cantador cantava estas palavras: « *Não se ponha de joelhos* », os homens dansantes, dansando mesmo, curvavam o joelho diante da dama, isto é, cada um diante da

dama com quem dansava, a qual durante esta genuflexão, tambem dansando sempre, voltava costas ao marmanjo que de joelhos a seus pés dansava. Era uma bella mimica.

No fim desta dansa, Mané Canellas cantou esta cantiga :

« Vamos dar a despedida,
Mas antes quero dizer,
Que seu Flavio, e o seu Julio
As pazes devem fazer.

Julio dansava n'uma roda, fez-se de desentendido. Flavio, que dansava em outra, começou a murmurar grosseiramente, e de um modo atrevido. O capitão Chico Pedro cantou tambem assim :

« As pazes devem fazer,
E não se opponha ninguem,
Porque todos desta casa
Devem sahir muito bem.

Acabou-se a dansa, annunciou-se a cêa, e todos se encaminharam para a varanda, onde se achavam estendidas sobre o chão tres ou quatro esteiras, meio cobertas por grandes toalhas, e estas por pratos com varios guizados e assados, e todos, tanto homens, como senhoras, assentaram-se em roda das toalhas, e principiaram a comer e a beber descabrestadamente. Começaram tambem as saudes e os ditos.

Foi o vigario que dirigiu a palavra primeiramente a Julio, para fazer pazes com Flavio ; Julio com sua acostumada bondade respondeu que nenhuma duvida nisso tinha, uma vez que Flavio dêsse de mão á sua injustiça, e o reconhecesse como dono da metade da fazenda, cuja posse tinha. Flavio, com

sua costumada grosseria disse que Julio era um ladrão, e que queria roubar-lhe o que seu paelhe havia deixado. Este homem audaz não tinha bem acabado este insulto, quando o generoso Julio lhe fez voar uma garrafa, que lhe despedaçaria a cara, a elle não desviar-se de prompto. Pegaram nos dous, mettu-se o vigario entre elles, e então accommodaram-se ; mas Julio, enfurecido como estava, disse que ladrão era Flavio, e não só lh'o disse como provou, e acabou dizendo que bem sabia que a escriptura apparecida em juizo era falsa, e falsas eram as assignaturas, e que elle o mais breve possivel ia provar-lhe estas falsidades, e deixal-o confundido em sua infame velhacada. Ora se isto era verdade, se Julio o podia provar, ignora-se ; o que é certo é que Flavio deu todos os signaes de medo quando isto ouviu ; e chamou seu pagem, e mandou sellar seu cavallo para retirar-se. Em vão porém foram os pedidos de todos para que não partisse, em vão todas as diligencias, que partiu com Liberato, que com elle fôra, e seguido de seu pagem. No outro dia, quasi depois de finda a festa do noivado é que Julio se retirou ; seu pagem, que se demorou um tanto atraz d'elle, só uma hora depois é que sahio ; este não encontrou seu senhor em parte alguma do caminho, e chegando a casa elle não era ali chegado : e pois Julio sahio do Madrugá para Juthurnuahyba, não chegou a casa, e em nenhuma parte da estrada appareceu ! Passaram-se dias, e depois um mez, e nem noticias de Julio ! Que fim levaria ?

Dias depois constou que Julio se afogára ao passar o rio de S. João. E a fama o dava como morto.

CAPITULO XVI

GIL, DÁS-ME UMA ESMOLA?

Quando somos bons, gostamos de julgar os outros por nós; e quando nos enganamos, nem por isso nos arrependemos de haver formado um bom conceito dos outros. Até nisto o homem bom é feliz.

Eu refiro dous casos ao mesmo tempo, o de Margarida e o de Geraldino, não só pela relação que entre si têm, como por seguir a ordem dos acontecimentos, porque elles foram simultaneos. Porisso torno a Margarida.

Quando Alfama sentiu seu braço preso como a uma grossa algema de ferro, voltou-se repentinamente, e vendo um de seus companheiros, disse :

- Quem te chamou cá?
- Ninguém, mas eu vim,
- E o que queres?
- Embaraçar um crime.
- E que te importam meus crimes?
- Comette-os pois, com tanto que eu não esteja em tua casa, nem seja testemunha delles.
- Não viste, como esta mulher me insultou?
- Não foi esta mulher.
- Pois quem?
- Sua desesperação.
- E' uma iufame, uma indigna, uma...
- Outros lhe chamariam uma mulher desgraçada, que poderia ser uma mulher sublime se fosse casada com outro homem, ou se tu soubesses comprehender seu coração.

— Até tu !...

— Sim, que tu és um miseravel, e tão miseravel, que chegas a levantar uma faca contra uma mulher...

— Uma mulher que premeditava um adulterio...

— Deves pois abandonal-a.

— Sim, para vel-a ao depois contente em braços de outro amante e talvez dando-me figas...

— E depois desgraçada mendigando de porta em porta.

— Como ?

— Não estavas à porta do Carmo, domingo passado, sendo nove horas da manhã ?

— Sim, estava.

— Vis.e uma mulher pedir esmola a um homem que entrava, e pedir de um modo familiar, segundo tu nota-te e m'ò disseste ?

— Sim. é verdade.

— Que disse essa mulher, quando pediu a esmola ?

— Disse: « Gil, dás-me uma esmola ? »

— E que fez o cavalheiro ?

— Deu-lhe todo o dinheiro que trazia.

— Agora ouve.

« Gil era, e é ainda hoje um rico negociante ; nada lhe faltava para ser amante, nada para ser amado ; bonito, bem feito, polido, delicado em suas maneiras, elle se tornava notavel pelo seu talento, que seus paes haviam cultivado em sua mocidade. Gil era além disto. affavel e generoso, um fidalgo rico e bom não tinha melhores acções e nem passava melhor do que elle ; já vês que eu fallo dos fidalgos de antiga laia, bem dignos dos reis seus aunos ! Na idade de vinte e cinco annos Gil metteu-se no commercio, e tão feliz que aos trinta e seis tinha já uma bem boa fortuna, não só adquirida por seu braço, como herdada de seus paes, o que faz muito ao caso para se enriquecer depressa : tendo trinta e seis annos cascu-se com uma meuína de quinze ; foi as-

neira, porque devia lembrar-se que quando estivesse com os seus sessenta annos sua mulher devia de ter os seus trinta e nove. Ora um homem de sessenta annos é um velho e a mór parte das vezes valetudinário, e uma senhora de trinta e nove annos ainda está com todo o vigor, e mais quando tem levado uma boa vida, como devia levar a mulher de um negociante rico, e muito mais se não tem tido filhos, porque nesse caso está menina e forte: e pois Gil fez asneira... mas quem as não faz?!

Maria, que assim se chamava a joven com quem se esposou Gil, havia tido por herança de seus paes sómente a quantia de dez mil cruzados; todavia, ella era formosa, bella e realmente cheia de encantos e não era mal educada: a julgar-se por suas palavras Maria amava a Gil. Gil pela sua parte a queria com todos os extremos de um verdadeiro amor. Maria parecia não viver senão para seu marido; todos os seus pensamentos pareciam ser delle, toda consagrada a elle, e só a elle! Gil nunca teve a menor desconfiança da fidelidade de sua mulher, e como tel-a á vista do procedimento della?

Dez annos depois de seu casamento (eu escuso dizer-te que durante estes dez annos sua vida foi de dous anjos), em uma noite em que Gil perdeu o somno, ergueu-se de sua cama, onde com sua mulher estava, e chegando-se á sua estante, á ventura, tirou della um livro: era os Lusíadas do grande e infeliz Camões, cujo nome sendo um monumento de gloria para a nação portugueza, talvez o seja de desdouro para os grandes de seu seculo! era pois esse tão querido poema para a nação portugueza: abriu-o ao acaso e começou a ler; era no canto setimo, e acertou de começar pela oitava XLI; notavel coincidência! Era pois isto que elle lia:

« Geraes são as mulheres; mas sómente
Para os da geração de seus maridos:

Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!... »

Gil suspendeu a leitura neste lugar, como que meditando sobre a verdadeira intelligencia d'elle : nisto sua mulher falla em sonho ; elle presta attenção : Maria debate-se em um sonho de amor : um objecto que parece querido, e que o sonho lhe finge, a affaga, e ella recebe gostosa estes ternos affagos ; quem será este objecto ? Gil chega-se mais, e presta maior attenção, e deixa-se até persuadir que o objecto querido deste sonho é elle ! mas... sua mulher chega a balbuciar um nome, e esse nome não é Gil, e esse nome não lhe pertence !... « Alexandrino.... Alexandrino ... » Gil ouviu sua mulher murmurar esse nome... esse nome é de um homem ! esse nome pertence a alguém... oh ! e esse alguém Gil bem conhece ! O céu tem raios ! mas os raios do céu não são mais violentos e funestos que os raios de um coração que ama, e que tem ciumes ! O inferno tem chammas ! mas as chammas do inferno não são mais abrasadoras que as chammas de um coração que ama, e que tem ciumes ! O inferno tem supplicios ! mas os supplicios do iaferno não são mais dolorosos que os supplicios de um coração que ama e que tem ciumes ! Mas Gil tinha razão, por que Gil além de amar sua mulher, a tractava bem e tu não a tens, porque além de não amares a tua, a tens tractado sempre mal ! Que idéa de horror não agitaria então a cabeça de Gil ! Alexandrino era o nome de um pobre moço que de Lisboa lhe havia vindo recommendado, ao qual tinha feito seu caixeiro, e depois socio em quarta parte dos lucros, e enfim seu amigo. Gil não pôde conceber commercio algum illicito entre sua mulher e Alexandrino : julgava a Maria indigna de tanta perfidia, e a Alexandrino incapaz de tanta ingratição ! Gil não conhecia bem o coração humano, e julgava os outros por si !

Muitas vezes Maria havia dito a Gil que para ser verdadeiramente feliz só lhe faltava uma cousa: e perguntada por seu marido sobre essa cousa: « E' ter um filho, ao menos um (dizia ella). » Effectivamente Maria era infecunda: havia dez annos de seu casamento e ainda não era mãe. Gil tambem o desejava ardentemente, e muitas promessas haviam feito a Deus para que lhes dêsse um filho; mas Deus, que melhor que nós conhece nossas necessidades, não lhes quiz dar.

Gil apesar de sua incredulidade não pôde mais dormir: de manhã levantou-se e sua cabeça estava cheia do sonho de sua mulher! Debalde resistia elle a esta idéa de horror; debalde, que ella o seguia constantemente! e como não? se a dôr desta idéa estava no fundo de seu coração!! Em fim, cedeu á força instigadora desta pesada idéa, e tentou uma experiencia. Sem dar a entender cousa alguma a sua mulher, chamon-a, e disse-lhe que preparasse sua roupa e arranjos de viagem, que queria ir a Minas ultimar seus negocios, e saldar suas contas. Maria assustou-se com a resolução de tão repentina viagem, e Gil provou-lhe habilmente a necessidade della. Maria empregou tudo quanto pôde para dissuadil-o; ora, notou-lhe o incommodo da viagem; ora, a extensão della; ás vezes os incommodos de sua saude; outras que era máu estar tanto tempo fóra de sua casa, e distante de sua mulher: dizia-lhe por ultimo que era melhor mandar algum caixeiro; mas Gil destruiu todas as objecções de sua mulher, e se dispoz a partir.

A' vista dos esforços de sua mulher contra sua viagem, Gil acreditava que aquillo nada mais era que um sonho vão, e que elle mesmo se havia enganado ouvindo mais do que o que ella dissera: mas como tinha dito que ia a Minas, quiz sustentar seu dito, e levar ao fim a sua experiencia. Entretanto nunca Gil teve menos tenção de sahir de sua casa, que

nesta occasião, sendo seu plano voltar do caminho pretextando algum motivo, qualquer que fosse.

Gil, antes de se partir, para fazer as cousas com assento, chamou uma escrava, e era justamente aquella que mais cabimento tinha com sua mulher, e perguntou-lhe se algum caixeiro debaixo fallava com alguma pessoa de cima; a preta disse-lhe que não. Gil ameaçou-a para que lhe dissesse a verdade e prometeu dar-lhe sua liberdade no caso de dizer-lhe o que soubesse. A preta respondeu-lhe que só a senhora é que as vezes fallava com o Sr. Alexandrino na área, mas não sabia sobre que. Indagada esta preta sobre as miudezas destas conversas, nada mais soube dizer.

« Pois bem, disse Gil á sua escrava, eu saio amanhã e não voltarei senão depois d'amanhã: depois d'amanhã de noite entrarei pela porta do corredor, e tu has de abrir todas as portas até o quarto de tua senhora, depois que ella dormir: de modo que quando eu entrar todas as portas estarão abertas: e tu não dirás cousa alguma, seja a quem for: na certeza de que se o disseres, ou eu não achar as portas abertas, mato-te. Tens entendido? »

— Sim, senhor, disse-lhe a preta.

Gil chamou depois o preto que dormia no corredor, e o predispoz para abrir a porta no dia aprazado, quando voltasse. Dadas estas ordens, despediu-se de sua mulher, e partiu. No dia seguinte voltou, bateu de leve na porta da rua, que foi immediatamente aberta: subiu e achou abertas, apenas encostadas, todas as portas até o quarto de sua mulher; entrou... e que espectáculo! Maria e Alexandrino dormiam a somno solto, como se nada tivessem de arreçar-se! Maria tinha o somno tão pesado que se não acordava facilmente. Gil chegou-se a Alexandrino, acordou-o, e lhe disse: « Quem tem amores não dorme. » Alexandrino reconhecendo a Gil, salta fóra da cama, e cahe de joelhos a seus pés.

« E' preciso não fazer bulha, disse-lhe Gil e ser mais prudente para outra vez. » E o acompanhou com uma vela até a porta do corredor. Feito isto, Gil retirou-se para outro quarto, deixando sua mulher dormindo tão tranquillã, como se dormisse o somno da innocencia ! Parece que sempre que Alexandrino ia ver Maria, sahia sem ser visto della, talvez por causa de seu pesado somno.

De manhã, Maria acordou-se, e é de notar que nenhum espanto fez por não ver a Alexandrino, o que parece era costume. Maria admirou-se vendo Gil em casa, mas este deu-lhe a sabida que melhor pôde sobre sua volta, e Maria mostrou-se contentissima com esta nova resolução de seu marido. Nesse mesmo dia Gil vendeu tudo quanto possuia, afóra os bens de raizes ; e parece que passou creditos de dividas phantasticas, ou accitou letras ; como quer que fosse, tres dias depois disse a sua mulher que se queria desquitar della. Maria, que não suspeitava que seu marido desconfiasse nada, enfiou á vista de uma tal proposta : « Porque ? disse ella. » Porque já me não faz conta viver com a Sra., tornou-lhe Gil. « Mas dei-lhe algum motivo ? » perguntou Maria : « Nem a senhora me deu, e nem eu á senhora, replicou Gil ; não me faz conta vivermos juntos d'ora em diante : resta saber se lhe convém ou não o desquite ? »

Maria ficou por algum tempo em silencio : ella lembrou-se da repentina viagem a Minas, da desistencia della, segundo ella mesmo o disse, e emfim comprehendeu que seu crime era sabido de seu marido. Então acreditou que a sua meação no casal lhe chegava para viver, e passar até esplendidamente. Pobre Maria, que te não lembraste que o premio de uma traição é sempre outra traição ! Pobre Maria, que acreditou, que com os immensos bens que lhe tocavam nenhuma falta sentiria perdendo um marido a quem seu perfido coração já não amava ! Em-

fim, Maria disse a seu marido friamente que fizesse o que lhe parecesse. Moveu-se o desquite, inventariaram-se os bens, lançaram-se grande parte delles para pagamentos das dividas do casal; e todo o resto montava apenas a vinte mil cruzados. Já vêes que coube a Maria dez; isto é, o que ella havia trazido de herança de seus paes. Julgado o desquite, separaram-se.

Alexandrino, que não tinha outros meritos senão de ser muito feio, mas muito engraçado, e de vestir-se e dansar, muito bem digo meritos, porque o ser muito feio tambem é merito para as mulheres; Alexandrino pois havia desaparecido desde a noite, que novo Marte fôra colhido nas redes de Vulcano. Gil retirou-se para Europa, fez algumas viagens á India, e passados doze ou mais annos, voltou ao Rio de Janeiro, e aqui entrou de novo no commercio; e hoje com sessenta e tantos annos é um dos negociantes mais ricos desta terra. Quanto a Maria, achou logo quem lhe comesse os dez mil cruzados que lhe tocaram: em quanto moça e bella, andou de mão em mão; veiu vindo a edade de uma vida dissoluta e estragada, e com ella as eufermidades; aos quarenta annos já ninguem fazia caso della, por velha, enferma e syphilitica. Maria deve ter hoje quarenta e tantos annos, e parece que tem sessenta: é pois aquella mulhes suja, coberta de trapos, que viste á porta do Carmo esmolando para comer, do que hoje vive. Domingo passado, tu viste, Gil entrava no Carmo quando ouviu uma voz dizer-lhe: « Gil, dás-me uma esmola? » Gil ficou admirado ouvindo pedirem-lhe esmola com tal familiaridade; volta-se, e vê a que foi sua mulher, e que elle não via seguramente ha vinte annos, e nem della sabia, e nem queria saber; elle tirou todo o dinheiro que consigo trazia, e lh'o deu. Ora, Alfama, se Maria por seus pessimos costumes não era digna de ser mulher de Gil, Gil fez-lhe justiça rebaixando-a ao lugar

que lhe competia, e assim ficou ella bem punida de seu despejo e depravação. Se Maria era digna de Gil, e uma seducção habil, um momento de fraqueza fizeram de Maria uma criminosa: pondera qual seria o seu supplicio vendo-se obrigada para comer, a pedir por esmola o que era seu, e o que ella podia até dar com abundancia, se por ventura tivesse juizo? Será assim? »

— Será, respondeu Alfama, mas eu é que nam posso convirir em que este diabo saia de minha casa para companhia de outro; porque se eu a encontrarem em companhia de algum malcatrefe, picos a ambos como quem corta pupinos para salada, e intão fico purdido por causa deste diabo.

— Pois não fiques, mette-a no recolhimento do Parto.

— A' sóra Margarida, disse Alfama voltando-se para sua mulher, quer irim para o Parto?

— Para onde quizer, disse Margarida, com tanto que eu não fique em sua casa...

— E tambem p'ra o inferno?

— E tambem para o inferno, com tanto que o Sr. Alfama lá não esteja; o mesmo iuferno terá para mim encantos longe de um homem a quem detesto...

— Será satisfeita...

— E que seja hoje mesmo.

— Descance, que hoje mesmo irá.

— Deus o permitta.

— Póde apromptar-se.

— Já.

— Eu a espero aqui logo que amanheça.

Na tarde do mesmo dia Margarida occupava um cubiculo no recolhimento da igreja de Nossa Senhora do Parto.

CAPITULO XVII

NUNCA GERALDINO A VIU TÃO BELLA!

O coração gosta de associar a si outro coração no meio de suas penas; mas no fogo de seus prazeres não se lhe dá de ter ou não ter socio: talvez até que o não queira.

Em uma das terríveis paginas do eterno livro da morte, traçado com ferrea penna, negrejava mais o nome de um mortal! A humanidade havia lançado mais um gemido, no momento em que as portas da eternidade se haviam aberto para mais um humano! A morte tinha pois despenhado mais um ente do seio do ser para o abysmo do nada! Tudo era feito de um homem, e esse homem chamou-se entre os homens Julio, e agora entre os anjos Deus o sabe!

O cavallo em que Julio se havia conduzido ao casamento, de que foi padrinho, tinha apparecido em sua casa alguns dias depois, levado por uns passageiros: quando o cavallo foi achado ao desamparo, pastando nas fraldas de um monte, estava sem freio e a sella toda ensanguentada: isto confirmou a noticia da morte de Julio, e como os insultos dos salteadores não cessavam, julgou-se que fôra assassinado pelos salteadores.

Geraldino, que tão criança perdêra sua mãe, achava-se agora com pouco mais de vinte e um annos, e já orphão de pae e mãe. O leitor comprehendendo agora que o desmaio de Geraldino foi proveniente desta noticia: todavia tal lhe noticiava a carta recebida de Juthurnuayba.

Geraldino recebeu a noticia da morte de seu pae sem ser esperada, porque na ultima carta delle recebida lhe dizia ficar de saude e sem a menor novidade; e pois o repentino desta noticia foi o que causou o desmaio do mancebo.

Liberato, que o leitor já mui bem conhece, que além de lavrador era creador e negociante de cavallo e de escravos, sendo, como sabemos, vizinho de Julio, e vizinho o mais chegado, era quem lhe escrevia e contava-lhe minuciosamente tudo quanto se havia passado. Foi o mesmo Liberato quem por um excesso de amizade para com Julio e Geraldino, vendo Julio não apparecer e sua casa desamparada, tomou conta della, pôz tudo no melhor estado possível, e escreveu ao juiz de orphãos, que se não ha engano, era naquelle tempo o mesmo juiz ordinario. Efficivamente o juiz e escrivão de orphãos foram chegados, e o mesmo Liberato foi pelo juiz nomeado inventariante dos bens, pois que não só estava de posse delles, como não havia nenhuma outra pessoa que servisse de inventariante, visto que Julio alli nenhum parente tinha. Liberato nesta mesma carta dizia a Geraldino que o juiz dos orphãos o queria nomear seu tutor, e que elle não duvidaria accitar, no caso de Geraldino levar isso a bem: mas que no caso de querer, lhe rogava que, com dispensa de idade, tratasse de sua habilitação e fosse tomar conta do que era seu: todavia, acrescentava elle, se Geraldino quizesse continuar com seus estudos podia fazel-o, na certeza de poder contar com a mesma mesada que seu pae lhe dava, para que estava competentemente autorisado. Liberato remetteu uma copia, extrahida do inventario, de todos os bens cuja conta elle tomou: eram pois os seguintes:

Dezoito escravos de todo o serviço e algumas crias.

Uma boa casa de vivenda.

Seis senzulas e uma casa de fazer farinha.

Quatro grandes paiões.

Uma roda e forno de cobre para farinhas.

Doze machados.

Vinte enxadas.

Dezesseis fources.

Oito facões.

Dez bestas de carga.

Seis cavallos do mesmo.

Uma besta de sella.

Tres cavallos do mesmo.

Quatro bouas serras com todos os seus pertences.

Cincoenta duzias de couçoeriras de vinhatico.

Quarenta duzias de cirandalhas.

Trinta tóros de cabiuna.

Doze vaccas.

Seis vitellas.

Quatro novillos.

Um touro.

Duas sellas chapeadas de prata, com estribos do mesmo me.al.

Dois freios de prata, com cabeçadas chapeadas do mesmo.

Uma sella chapeada de prata para senhora.

Um freio de prata, com cabeçadas ricas tambem para senhora.

Havia todos os arranjos dos animaes cargueiros, como cangalhas, bruacas, etc. Além disto, alguns trastes de casa e não máus, e alguma prata de mesa. Junte-se a tudo isto, além das muitas bemfeitorias da fazenda, grandes plantações de milho, feijão e mandioca; plantações dignas de Julio, isto é, do homem mais trabalhador, que alli se conhecia!

Quanto a dinheiro, apenas appareceram duas peças de 6\$400, tres de 4\$000, duas de 2\$000, seis patações, cinco sellos e trinta e tantas moedas pequenas de \$400, \$480, \$320, \$160 e \$080, prefazendo tudo a quantia de 47\$120. Isto deu muito que entender, porque a fazenda de Julio não era muito

nova ; quanto a escravos foram comprados pela mór parte com dinheiro dado por Silvestre ; as despezas do arranjo de casa, de animaes e de todos os utensis ruraes estavam abaixo dos lucros da fazenda, ou para melhor dizer, do que a fazenda devia de ter feito, mormente quando se attende o como Julio trabalhava, accrescendo que sempre vendia bem seus mantimentos e suas madeiras. Ora, sabia-se que Julio de proposito não queria empregar mais dinheiro em escravos, porque tendo metade na fazenda de Juthurnuayba, e por consequente mais de sessenta captivos, e julgando que estes eram bastantes para o cultivo de suas terras, não queria despende mais dinheiro por esse lado, á vista do que deveria Julio ter dinheiro em moeda. Ora, a pessoa que havia tomado conta da casa e posto todos os bens em arrecadação era Liberato, e Liberato era tido e havido por homem de bem, e ninguem até se atrevia a desconfiar d'elle ; deste modo as desconfianças, sempre crescentes se voltavam contra os escravos, bem que a gente de melhor tenção dizia que o dinheiro estava enterrado em alguma parte.

Liberato, em sua carta a Geraldino, depois de testemunhar-lhe o mais vivo sentimento pela morte de seu amigo, contava-lhe todos estes promenores, noticiava-lhe que sua casa ia bem, e que tudo estava em optimo estado.

Geraldino que amava muito os estudos, vendo á frente de sua casa um homem em quem se fiava, julgou melhor continuar com elles, ao menos até ficar prompto nos preparatorios ; assentando nisto, deixou sua habilitação para ao depois, e neste sentido escreveu a Liberato para continuar na administração de seus bens, e dar-lhe a mesma mesada.

Espalhou-se bem depressa a noticia da morte do pae de Geraldino, e seus amigos se apressaram de levar-lhe suas consolações e pesames : durante pois os oito dias do nojo recebeu elle visitas de seus ami-

gos. D. Gertrudes e Emilia não foram as ultimas, que lhe mandaram seus recados de pesames. Passado o tempo do nojo, sahio Geraldino a agradecer a seus obsequiosos amigos; e diferente de Gertrudes e Emilia, a visita destas foi a ultima. Emilia não estava na sala quando Geraldino entrou; todavia parece que o viu entrar, mas não appareceu logo. Alguns minutos depois da entrada do mancebo, Gertrudes mandou chamar Emilia para vir saudar o Sr. Geraldino, e Emilia appareceu immediatamente. Parece-me acertado descrevel-a nesta occasião.

Notava-se em seu cabello, entre um certo arranjo, uma especie de desordem; dir-se-hia que Emilia o penetara por dever de asseio, mas que d'elle não curara muito por algum motivo de dôr. Presa ao amarradilho do cabello, pendia d'elle, já meio languida, uma flor da saudade. Nem brincos, nem collares, nem anneis. Ella vestia saia de fina chita branca com ramagem roxa, e o gibão, ou macaquinha, côr de gredelem, era de seda lavrada, cujos lavores de um roxo um tanto forte, que muito sobresahia no gredelem do campo. Crer-se-hia nas cores destes trajés ver-se uma viuva. Emilia saudou a Geraldino com um agrado misturado de tristeza, e ficou depois como abismada n'um fundo de melancolia.

Geraldino esqueceu-se quasi que estava diante de Gertrudes; pregou os olhos em Emilia, durante dous minutos ou mais, deslembrou-se de tudo quanto em torno d'elle se volvia! Nunca Geraldino a viu tão bella! nunca, como no meio deste estudado lucto, como nesta sublime simplicidade de adornos, como no fundo desta languida melancolia.

Geraldino conheceu então que amava a Emilia, mais do que elle mesmo pensava, isto é, que amava como podia amar.

Mas donde nasciam estes novos encantos, que Geraldino encontrava em Emilia, e este amor, que elle

nunca suppoz ter-lhe, e que agora confessava tel-o perante si proprio? Nasciam deste momento solemne! Quem ha ali capaz de explicar esta sympathia suprema entre o amor e os mais tristes sentimentos do coração? No meio de nossos gozos, cercados de brillhantes prazeres, os quadros encantadores de uma natureza pomposa nada mais são que brillhantes scenas de uma opera magica, bellas ficções de uma agradavel phantasmagoria, que se desliza diante de nossos olhos, para desapparecer a um leve impulso, ao som de um apito de um contra-regra. Parece que em meio de seus contentamentos, nossa alma toma collegidamente todos estes quadros, lança sobre elles uma ligeira e distrahida vista, e os abandona logo, para voar após dos bellos folguedos, que em torno della seductoramente estremezem! Nenhum quadro da natureza então tem a sublime magia para prender uma só nota de nossa alma, nem de attrahir um só ponto de nossa imaginação! E' que no meio dos prazes, a intelligencia parece embotada em nossas almas, o sentimento parece não obedecer a outra lei, que não seja a do gozo, e a vontade é que apenas se expande com a amplidão da qual ella é susceptivel! E pois nesses momentos de gozos não ha amor, porque não ha sentimentos!

Sim, que nosso coração é uma lyra de immensas cordas, e de cada uma dellas cada um affecto folga de tirar concertados sons de sua extrema sympathia, e aquella corda donde amor tira seus accordes arpejos é afinada pela clave da melancolia, e quanto mais profunda é ella, tanto mais maviosos são os sons desta corda de amor! O homem feliz não é a victima de amor, que amor sympathisa com a desgraça; o homem jovial não é o seu eleito, porque elle ama os sentimentos tristes!

Solemne era o momento em que Geraldino estava diante de Emilia! Solemne era a maneira com que Emilia se havia apresentado a Geraldino! Era uma

dôr augusta de um coração de filho diante do mais bello painel da natureza, mas tambem o mais simples e por isso mesmo o mais sublime!

Era um momento de melancolia para ambos! isto é, um momento em que a alma parece não ter mais que duas faculdades, sendo uma dellas um tanto de intelligencia, e a outra a sensibilidade em toda a sua plenitude! Oh! que então nossa alma por uma especie de magnetismo, deixando-se arrastar por essas sublimes scenas da natureza, ali se deixa impressionar de milagre em milagre, até que vai cahir adormecida sobre o augusto mysterio revelado pelos seus ternos sentimentos, e que suavisa uma grande parte de suas agudas dôres: e este mysterio é amor!

E' que no momento de nossos prazeres achamos prazer em tudo quanto nos cerca, e no momento de nossas dôres achamos triste tudo quanto vemos. E porque neste momento critico de nossa alma estamos mais dispostos ao amor? é porque gostamos daquelles que riem em nossa compaulhia, mas para aquelles que ajudam a sentir nossas dôres o sentimento é outro; não é um puro gosto, é um verdadeiro amor!

Coração humano, tu és um labyrintho de mysterios, mas teus mysterios, com quanto intrincados sejam, todavia não falta quem os estude e quem os comprehenda! O estudo do coração humano é sublime, porque eleva em meditações áquelle que o estuda e comprehende... mas ai daquelle que estuda o coração humano! e ai, ai daquelle que o comprehende!

Geraldino pois contemplando Emilia chegou a esquecer-se de si, de Gertrudes e do mundo! E que lhe importava agora esse mundo, se tudo quanto de encantador existe, e que a natureza havia nesse mundo espalhado, essa mesma benefica natureza tinha resumido n'um ponto diante de seus olhos e

esse ponto era Emilia?! Que lhe importava esse mundo, se nesse mundo não existia outra Emilia e nem a natureza crea Emilias senão de seculos em seculos?! Que lhe importava esse mundo, se o mundo de quem ama encerra-se no pequeno circulo de seus amores, onde nada mais existe além das voluptuosas idéas de seus extremados gozos; essas idéas tão magicamente devaneadas em supremas delicias do coração, ou antes luz interior em que a alma molle e enamoradamente se abraza, cujo abrilhantado clarão aniquila em suas faculdades a idéa da morte, a idéa da sepultura, e enfim a idéa do proprio Deus! Ha pois no amor alguma cousa de potente e de milagroso, porque ha nos amantes alguma cousa de divino!

Emfim, Geraldino deu fé de si quando a voz de D. Gertrudes o foi, por assim dizer, despertar de seu suave e enorado lethargo. E entretanto, elle não queria amar a Emilia, quanto mais se quizesse!...

Gertrudes encetou então a conversa com Geraldino sobre seu pae, os arranjos de sua casa e o estado em que esta ficava. Geraldino deu-lhe todas as explicações; fallou na demanda de seu fallecido pae, mas guardou-se bem de dizer que a causa era com Flavio. No meio destas explicações disse Emilia como sobresaltada:

— Como se chamava o senhor seu pae, Sr. Geraldino!

— Julio, miha senhora.

— Julio!... meu Deus!

Emilia disse, e abaixando a cabeça começou a chorar.

— Que tens, minha filha? disse Gertrudes, chegando-se a ella.

— Sente alguma cousa, minha senhora? disse Geraldino.

Emilia guardou silencio, continuando em suas lagrimas; e Geraldino continuou:

— Acaso serei eu tão infeliz, ou seria tão imprudente em minha conversação que a offendesse?

— Oh minha mestra! disse Emilia a Gertrudes, a demanda que tinha o pae do Sr. Geraldino, e tem agora o Sr. Geraldino, é com meu pae...

— E' certo Sr. Geraldino? perguntou Gertrudes.

— Sim, minha senhora.

— Oh filha, disse Gertrudes, tu choras quando te devias alegrar, e muito?!

— Alegrar! e pelo que?

— Porque por teu intermedio, teu pae e o Sr. Geraldino se poderão congraçar e arranjar uma amigavel composição; isto te cabe e te diz muito bem.

Um raio de alegria brilhou nos olhos de Emilia; e ella corando de prazer e talvez de esperança, disse:

— E' verdade!...

— Se eu tivesse merecimentos para com Vm., rogar-lhe-ia que se não mettesse em tal, disse Geraldino.

— Porque, tornou-lhe Emilia.

— Porque cansar-se-ha de balde; em vão pedirá a seu pae e nada obterá.

— Meu pae ama-me.

— Mas ha neste mundo caprichos que dominam mais a cabeça de um homem, que os rogos de um filho o coração!

— Oh! não; é impossivel! Papae nunca me negou cousa alguma: elle faz quanto eu quero.

— Pois será esta a primeira vez que lhe negará.

— Mas papae demanda por sustentar como sua a metade da fazenda que o Sr. seu pae pretendia, e hoje o Sr. Geraldino; se papae vencer, a unica herdeira delle sou eu; e até, segundo tenho ouvido, metade da fazenda é minha, pois me pertence por morte de minha mãe; eu pois não a quero, papae ceder-lhe-ha; não cede do que é seu, mas sim do que é meu; elle não o póde recusar, e assim se acaba tudo. Além disto, creio que quando papae souber do

grande serviço que Vm. lhe prestou, salvando-me dos salteadores, não se opporá ao que eu quero.

— Creio, minha senhora, que se exporá ás iras de seu pae, se tal lhe propuzer.

— Porque, Sr. Geraldino ?

— Porque este nobre sentimento, que outra coisa não é mais que uma sublime gratidão de sua parte para commigo, será pelo senhor seu pae interpretado por um sentimento bem diverso.

Emilia abaixou a cabeça, como quem dizia que em tal caso verdadeira era a interpretação de seu pae ! Momento solenne ! Suprema lucta do pejo virginal contra amor ! Emilia suspirou, e neste suspiro exhalou todo o seu coração ! Seus olhos se ergueram do chão e voaram a Geraldino para dizer-lhe que aquelle suspiro era todo d'elle ; e encontrando os olhos ardentes do mancebo, que estudava seus gestos, dizendo nesta celeste linguagem do coração, que não usa de palavras : « Eu vos amo » cahiram outra vez para o chão, como que fatigados desta luta suprema entre o amor e o pejo. Emilia pois trahiou-se diante de Geraldino, e este comprehendeu tudo !

— Papae não será tão máu assim... disse Emilia.

— Não duvido, não duvido... mas não obstante isso, o que entendo é que já agora é impossivel sermos amigos.

— Nesse caso entendo que o Sr. Geraldino o odeia, e então não póde estimar-me !

— Porque, minha senhora ?

— Porque quem odeia o pae não póde estimar a filha...

— Mas se a filha tiver boas qualidades e nunca me houver offendido ; que razão para não estimal-a ? Demais, por mim nada é, é tudo pelo senhor seu pae.

— Enfim, o Sr. Geraldino não leva a mal meus serviços em favor de uma composição a tal respeito ?

— Comtanto que minha honra não seja nem levemente compromettida: creio porém impossivel toda e qualquer composição.

Geraldino disse e levantou-se.

— Toda e qualquer composição!!!

Exclamaram as duas ao mesmo tempo.

— Toda e qualquer.

Disse Geraldino em tom muito notavel.

O mancebo pediu licença e retirou-se.

Emilia ficou cheia de confiança entendendo que tudo obteria de seu pae.

Geraldino sahio reprehendendo seu coração por interessar-se tanto pela filha de Flavio, e já fóra da porta exclamou:

— Não; é a filha do meu maior inimigo!

CAPITULO XVIII.

AHI O TENS

E' mesmo o ser amado um bem funesto.
Que exacerba a desgraça aos desgraçados.

Nora Castro

Ahi tendes na rua do Saco-Sarará uma casa terrea, e com alguns commodos para uma familia; mas quando attendermos para a mobilia que a garante, e mais utensis da casa. ver-se-ha que uma, ou duas pessoas a habitam. Figurai-vos uma mesa com alguns livros, quatro cadeiras, uma marqueira em um quarto, um castiçal, e uma ensebada garrafa, que o suppre em quanto o alimpem; um bahu, uma

gamella, alguma louça de varias côres, *quantum satis* ; dous ou tres talheres, um bule azul, um asucareiro branco, uma manteigueira da mesma qualidade, uma leiteira branca com flores encarnadas, seis chicaras, quatro brancas com flores encarnadas tambem ; uma azul, e uma branca, cinco pires, tres brancos com flores encarnadas, e dous brancos com ramos azues, e amarellos ; havia pois uma chicara celibataria, havia tambem alguns arranjos de cosinha, tão parcos e irregulares, como todos os mais. O leitor já vê, por este sumptuoso apparatus, que estamos em casa de um estudante, que como quasi todos os estudantes, é na rua tão asseado e luxurioso como um Lucullo, e em casa tão desmazelado, como um Diogenes ! E pois, estamos em casa de um estudante : pois bem, deixemo-nos ahí ficar por algum tempo.

E' alta noite : um silencio de morte abafa a cidade do Rio de Janeiro. Tudo dorme ; tudo ? não, não, que o malfeitor espera sua victima, velando sobre seus passos ; o ladrão espreita occasião propicia de apoderar-se do lucro do suor alheio, ou dos bens de outro ladrão ; o jogador faz pender sua fortuna de dous ossos, ou de quarenta papeis pintados ; o amante nocturno interrompendo o silencio da noite com mansos passos, faz pender sua felicidade de uma vista furtiva, e de duas palavras timidias, e ligeiramente trocadas. Todavia, alguém que nada disto é, que não é philosopho que medite, que não é astronomico que contemple os astras, vela tambem.

E' pois alta noite : no logar que serve de cosinha, dorme e dorme a bom dormir, um preto estirado no chão a fio comprido. Uma vela de sebo arde n'um castiçal já todo derramado delle. Alguém que vela a taes deshoras passeia a longos passos, de braços cruzados, de um canto da sala a outro : afflicto e pensativo parece. Elle proprio transmittiu a um seu amigo seus pensamentos dessa noite fatal, e de seu

amigo chegaram até nós. Por seus pensamentos nós o conheceremos.

— Sim, já não tenho a menor duvida, dizia elle no meio de suas reflexões. Emilia, a mais formosa de todas as mulheres ama-me, e eu, como ser insensível a tanta belleza, e a tantos dotes! Fugir-lhe por um capricho, abandonal-a e abandonal-a para sempre? Ter arriscado por ella minha vida!... tel-a salvado de mãos assassinas... a ella a mais encantadora formosura do mundo... para vel-a entregue a outro... outro gozar de tanta belleza, outro... Que sacrificio é este, que a honra, que um cego capricho exige de meu coração? E ella, a innocente Emilia nada quer para si, cede-me tudo, tudo quanto por sua mãe lhe pertence dessa fatal fazenda... tudo quer ceder-me! Innocente Emilia! Que fatal destino foi esse que levou-me ao logar em que devia eu disputar teus preciosos dias á deshonra e á morte! Debalde desde esse instante meu coração se despedaca de encontro a meus caprichos, e meus caprichos de encontro a meu coração! Debalde as maldades do pae me torneem horroroso o coração da filha!... E eu... que innocente era! eu acreditava que meus resentimentos haviam triumphado de meu amor, e que meu coração resignado tinha recebido a lei de minha caprichosa vontade! Oh! como ella estava encantadora no meio dessas simples bellezas que a rodeavam! Oh! quantas graças! quanta belleza! que mar de encantos! que enchente de formosuras! tudo reunido no mais bello ente que a natureza tem creado! A estrellá da tarde é menos bella, e menos brilhante cercada das outras estrellas! A rosa da manhã é menos corada e menos formosa, cercada das outras flores! O lirio da noite não tem sua brancura! E tudo isto seria meu, e unicamente meu, se Emilia não fosse a filha de Flavio! Que sacrificio para um coração sensível!... Nada tenho já sobre a terra que possa amenisar meus dias! não tenho pa-

rentes, perdi minha mãe na infancia ; meu pae deixou de existir ; daqui a bem pouco a mão cobiçosa de um homem sem alma deixar-me-ha pobre ; o pouco que possuo um tutor domina... e quem sabe... não sei que horrivel presentimento aperta-me o coração !... Sebastião... ah ! Sebastião desamparou-me por seu sobrinho ! No meio de tantas percas e infortunios nada mais me restava do que meu coração, e suas ternas afeições... meu coração pois as experimentou em Emilia e Emilia despedaçou meu coração ! É preciso que esta mulher angelica fuja de mim, e que fuja para sempre ! Minhas afeições vão com ella, e com ella eu as perco para sempre ! Tudo pois se vai acabar para mim ! Emilia... formosa Emilia... quando minha boca te disser angustiada : « foge de mim, filha de Flavio » meu coração, palpitante por ti, te dirá : « não fujas de mim, primor da natureza, não fujas, por que eu te amo ! e em attenção á solemne verdade de meu coração, perdôa a mentira de minha boca... »

Geraldino, que ruminando estes pensamentos passava de um a outro canto da sala, parou de repente, como sustido por uma nova idéa, debaixo de cujo peso seu coração ficava como que supitado ! Elle o disse depois : lembrou-se dos desgostos de seu pae, motivados pelo pae de Emilia ; lembrou-se de seu pae assassinado por uma desconhecida mão ; todos os seus desgostos, todos os males que o esperavam, e de mais a mais em demasia máu se lhe autolhava o fim de sua funesta demanda, e todas estas cousas assoberbaram seu coração, e entretanto Emilia era filha do homem que tantos damnos lhe causava ! Então uma nova serie de pensamentos começam de pesar em sua ardente cabeça !

— Emilia, dizia elle no meio de seus pensamentos de dôr, a filha de Flavio, filha do inimigo de meu pae, do meu maior inimigo... a filha de um malvado, de um ladrão, do homem que me quer re-

duzir á pobreza e á miseria... amal-a eu? não, nunca... Não, meu pae, nunca... tu não lançarás sobre a criminosa cabeça de teu filho, lá do alto dos céos, tua tremenda maldição! Emilia, eu não posso, não devo amar-te; não nascemos um para o outro; uma muralha de ferro erguida por nossos destinos se levanta entre nós, e nossa separação será eterna, e de tal modo invencível, que a mesma eternidade nos não poderá reunir!

Estes e outros eram os pensamentos de Geraldino nestes momentos criticos de uma perigosa luta entre seus resentimentos e os affectos de seu coração; e acabava sempre por protestar que não amaria a Emilia!...

Era tudo isto bem desculpavel num mancebo, que não conhecia o mundo e muito menos a si.

Geraldino se deixava persuadir que nossa vontade era senhora absoluta de nosso coração e que possuia alguma mola por meio da qual graduava a seu arbitrio os affectos de sua alma. De todas nossas faculdades a mais alheia aos nossos sentimentos é sempre a vontade. Não amamos, nem deixamos de amar porque queiramos; amamos, ou deixamos de amar, porque somos forçados a fazel-o pelas relações de nós desconhecidas, que ha entre o objecto que amamos, ou aborrecemos com o *Eu*, que na occasião de se deixar impressionar de gosto ou desgosto, isto é, de amor ou de aborrecimento, se modifica desta ou daquella maneira. Nossa alma assim se deixando impressionar recebe ou repelle o objecto desta primeira impressão, que o coração immediatamente transforma em objecto de amor ou do aborrecimento!

Nosso coração é sempre absoluto nas operações de seu amor; neste absolutismo de vontade elle entende que todos os outros affectos, como amizade, compaixão, ternura, etc.; bem como as violentas paixões, a saber: o odio, o ciume, a ambição e outras, pódem ser e são modificadas por immensas relações

objectivas, por circumstancias sociaes, respeitos humanos e emfim por todas essas leis de uma sociedade polida, que comquanto abranjam uma mui longa orbita, onde fazem suas continuas revoluções os direitos e deveres; todavia não comprehendem deveres, nem direitos do coração nas livres operações de seu intimo amor!

Um coração bem formado e bem dirigido em suas relações sociaes é capaz dos mais nobres e arduos sacrificios, sem todavia deixar de palpitar! quero dizer, sem deixar de existir: mas quando se lhe exige o sacrificio de suas mais caras affeições, convém saber de seu amor, ou o coração se rebella contra uma tal exigencia, ou aceita a lei que lh'a impõe, votando-se à morte, como o termo mais digno de seu tão supremo sacrificio!

Por um milagroso effeito de uma generosidade sublime e de uma gratidão angelica, um homem virtuoso sagra tudo a um bom amigo; o ouro, a fazenda, o bem estar, a vida e ainda a honra, com tanto que elle respeite suas ternas affeições, embora desarrazoadas, porque em amor não ha razão; com tanto que lhe não exija o sacrificio do doce objecto de seu coração. alma de seu amor! Sim, que esse objecto é para nós de tal maneira supremo, que o temos, que o velamos, como a uma Arca santa, que só pelo nosso amor póde ser tocada; e tão estremecidos o queremos, que em o numero de nossos amigos não achamos um que seja digno de tocá-la; e, se nosso amigo inconsideradamente emitta uma opinião menos favoravel a respeito de nosso amor, nosso coração cahe a nossos pés feito pedaços: os obsequios e até beneficios de nosso amigo nos pesam então e sua amizade nos molesta. Isto porém não é a revelação de um sentimento de ingratição, é sim o resentimento do coração. Nosso proprio pae desagradaria ao nosso coração neste momento critico. Entretanto, releva confessal-o, esta doce effusão de

nossa alma chamada amor nada mais é que a suave illusão, de uma embriaguez suave; mas esta mesma illusão quando nascida de uma generosidade sublime, tem o poder de toda a força de nossa alma e combatel-a é extremal-a, é fazel-a mais absoluta, é tornal-a enfim verdadeiramente suprema!

E' que nossa alma comprehende bem toda a força de sua augusta missão sobre a terra; ella sabe que foi creada para o bem, e que este bem para a contentar não pôde ser moldado por uma medida de uma lei estranha, absolutamente alheia a suas modificações; porque nós não somos felizes segundo a maneira de ser dos outros, mas sim segundo a nossa propria: é pois por uma lei eterna de uma affinidade divina, que nossa alma tende para seu bem, como os corpos graves em a natureza tendem para o centro. Uma felicidade é o gozo de um bem, e nossa alma não se lhe dá de indagar, se o que é para ella um bem o é para os outros igualmente; ella quer que seja bem para si: sendo-o, está satisfeita a lei de suas affeições. É pois, como uma felicidade é o gozo de um bem, nossa alma se crê feliz quando ama, porque amar é um gozo; e quando além de amarmos somos amados, então nossa alma se crê deliciosamente feliz, quero dizer, devaneada nas delicias do gozo de uma felicidade completa; porque a felicidade de amar que nos vem, por assim dizer, intuitivamente pôde ser destruida e o é, se o objecto de nossos amores, esquivo se recusa a elles! Digo que amor é uma felicidade logo no primeiro momento da impressão amorosa, porque nossa alma se julga feliz sempre que é ferida por impressões agradaveis, e então todas as suas sensações, são de prazer e de jubilo: estas mesmas sensações são as que experimentamos em todos os nossos brandos affectos, e sempre que praticamos uma bella acção. Se porém o objecto de nossos amores a elles se recusa, e esquivo aos affectos de nossa alma ingrato os despreza, a

intuitiva felicidade da primeira impressão de amor se converte em um mal ; nós experimentamos tudo quanto ha de horrivel, e o nosso supplicio não tem comparação com algum outro, porque os supplicios de um coração desprezado excedem a qualquer comprehensão, excepto á do proprio soffredor. Isto é pois um mal, e nossa alma que como tal o comprehende, lhe dá em si propria um ingresso assáz horroroso ! Amar e ser amado, é pois o inverso deste quadro ; nossa alma aprecia todas as sensações deste gozo, como um grande bem, dá-lhes em si mesma um vulto gigantesco, e gozando suas delicias, se embevece nos carissimos encantos de uma felicidade suprema ! Tudo isto são creações de nossa alma, por leis suas e unicamente suas ; infringil-as é transtornar a natureza de nossa alma, é quebrantar as leis do mecanismo humano.

Todavia, ha na vida situações tão sobremodo melindrosas ; ás vezes são tão energeticamente poderosos os respeitos humanos, e essas tantas conveniencias sociaes, que somos obrigados a dar de mão ás nossas affeições, e saerificar-lhes nossos gostos, ou já em beneficio das leis, ou de nossa honra, ou até de qualquer particular ; e a este esforço sobre nossas paixões é que chamamos virtude : mas esse supremo esforço, este sacrificio omnipotente assaz nos paga. O coração lucha a principio entre a virtude e as paixões, decide-se a final por aquella, e tendo vencido a estas, elle encontra em sua victoria um gozo ineffavel, que lisonjea sea orgulho, e assim devaneado em sen esforço, paga-se com a consoladora lembrança de haver praticado um bem ou ter sido util a alguma pessoa. Eis porque sempre temos prazer de praticarmos virtudes !

O mundo está cheio de bellas theorias da razão contra amor, e não ha homem, por estúpido que seja, que mais ou menos as não produza ; mas estas

bellas theorias uma vez postas em jogo falham inteiramente na pratica.

Vão a completar-se dous mil annos que Jesus Christo reformando o mundo pela lei da graça rehabilitou a mulher. O marido de muitas consortes, ou antes o despota de muitas mulheres, tornou-se por sua lei o marido de uma unica : o sexo que se acreditava feito tão sómente para servir aos caprichos e gozos do outro sexo, sem mais outra influencia, rehabilitado pelo homem Deus, foi de então para cá considerado como o sexo complementar do outro : e a igreja de Deus sanctificando o matrimonio, aboliu o consorcio, que habilitava o marido a tomar outra mulher ou esta outro marido, depois do divórcio. Quasi que de então para cá se diz, que uma mulher é um fardo muito pesado para um homem, e que uma familia é uma carga por demais onerosa ; e isto é verdade, e verdade innegavel ! Todos ou quasi todos que dahi para cá se têm casado fallam largamente contra o casamento : e se os acreditamos, todos se arrependem ; todavia estes mesmos approvam o hymeneu, quando seus laços são tecidos d'ouro em vez de flores, donde se segue que o mal não está na *cousa*, mas sim no *modo* ; e não obstante esta ceileuma levantada contra os casamentos, ou antes contra o amor, ha mais de mil annos os mancebos se vão casando, pobres e ricos, as donzellas vão suspirando por casar!... Loucos ! pejados de bellas theorias da razão contra amor : de que servem vossas arengas, se os mancebos sem elles darem o menor peso, vão sempre satisfazendo as leis de seus corações ? !

Estas ponderações, que não deixam de ter sua gravidade para os homens que melhor comprehendem o coração humano e que mais o estudam, são nullas de qualquer peso para o estúpido que é só materia, porque elle pensa que o positivismo dos ultimos tempos tem aniquillado todas as idealidades do

mundo intellectual dos demínios do coração : não é porém tanto assim ; grande é o positivismo actual, mas sobre amor e os casamentos existem as mesmas idealidades e o mesmo positivismo ; isto é, ou ha uniões negociadas a ouro e não ha amor, ou ha uniões negociadas por amor onde ha ou não ha ouro ; o caso é que os que se casam pobres, contentes com o coração que recebem em troca do que dão, lá vão vivendo sua vida como podem, sem inveja dos corações comprados e vendidos. Ora, estes novos casados mais tarde também, como os outros, se arrependem ; não obstante os solteiros se vão casando e assim o mundo vai enchendo sua grande idade !

Ora, voltando á primeira questão, se o amar é uma felicidade, se o amar e ser amado é uma deliciosa felicidade suprema ; como, em que circumstancias, o ser amado será uma desgraça, ou *um bem funesto* ? como o autor da tragedia—Nova Castro—faz dizer á sua bella e desditosa heroína, nestes dous versos :

E' mesmo o ser amado um bem funesto
Que exacerba a desgraça aos desgraçados !

Com effeito, ha na vida posições tão difficeis, ha lances de tal maneira apertados, em que se póde dizer que o ser amado é um bem funesto, ao menos para aquelles que dão algum valor á palavra virtude ; tal era a posição de Ignez de Castro ; tal era a de Geraldino, se por ventura dêsse um excessivo peso ao seu resentimento, ao ponto de querer sacrificar sua amada a este mesmo resentimento ; e então elle devia, como dissemos, encarar a morte como o termo mais digno de seu supremo sacrificio ! assim terminou o da infeliz Ignez !

A' vista das theorias que temos, sigamos a Geral-

dino e vejamos se elle é capaz de seu enorme sacrificio.

Envolto pois em suas meditações atirou-se á cama, firme de que devia esquecer a filha de Flavio, e, se possível fosse, nunca mais vel-a. Pela madrugada pôde conciliar o somno e dormir alguma cousa. Accordou-se sendo alto dia e soube de seu escravo que outro de casa de D. Gertrudes o havia procurado trazendo um lenço da parte de Emilia; pois por engano havia elle tomado um lenço della e mettido no chapéo em lugar do seu que deixára numa cadeira, trocando assim um pelo outro. Geraldino vai immediatamente ao seu chapéo e acha o lenço, que apenas pegado reconheceu que não era o seu: pergunta então a seu escravo se o da Sra. D. Gertrudes deixára seu lenço e sabendo que não, pois que só a elle o devia entregar, segundo a ordem que trazia, assentou-se e começou a examinar o lenço de Emilia: era elle de finíssima cambráia, bordado a agulha, cujos labores eram de exquisito gosto e de um trabalho delicadissimo.

Em uma das pontas havia uma chave enfeitada de flores, que um pequeno Cupido voando fingia levar: noutra, um cadeado, igualmente ornado de flores era levado por outro Amor: n'outra ponta havia outro Cupido, que voava, tendo um coração entre suas mãos: na ultima ponta havia outro Amor voando, tendo sobre suas costas dous corações, firmado cada um sobre uma aza. A allegoria é clara. No centro um circulo de rosas prendia seis letras iniciaes; tres pertenciam ao nome de Emilia, Geraldino o sabia, e eram E. M. P., isto é. Emilia Mathildes do Paraiso. Nossa Senhora do Paraiso, orago da capella da fazenda de seu pae, era sua protectora, tomada por seus paes na pia baptismal. As tres outras de baixo eram C. M. C. Geraldino não pôde saber a quem pertenciam estas ultimas iniciaes: por baixo dellas se lia esta quadrinha:

Recbe este simples mimo,
O' celestial beldade,
E com elle altos protestos
Da mais constante amizade.

Geraldino chamando sua memoria, recordou-se de que esta quadra lhe era conhecida: de recordações em recordações, lembrou-se que a tinha ouvido de seu collega Carlos com quem elle se dava. E em verdade, Carlos havia repetido esta quadra na aula, dizendo ser feita por elle para um bello lenço, que devia ser mandado á mais bella moça do Rio de Janeiro, dizia Carlos; e o mais era que as iniciaes do lenço cabiam-lhe, porque Carlos Manuel Carneiro se chamava elle. Geraldino apenas combinou todas estas relações, tremendo de raiva e ardendo em ciumes, entre suas mãos freneticas fez em mil pedaços o lenço, e assim o lançou a terra. Neste momento apresenta-se o preto de casa de D. Gertrudes trazendo o lenço de Geraldino, e pedindo, em nome de sua senhora, para fazer a destroca e mandar o lenço della.

— Ah! o tens...

Disse Geraldino, apontando para os pedaços de lenço que pelo assoalho voavam!

Donde provinha este ciume; do amor, ou do orgulho?

CAPITULO XIX

D'AQUI A ANNO E MEIO!

O peito do homem franco é transparente,
e por isso não pode esconder os senti-
mentos de seu coração!

Pouco depois da sahida do escravo de D. Gertrudes, indo buscar o lenço de Emilia a casa de Geraldino, recebeu Emilia uma carta de Carlota, concebida nestes termos :

« Emilia.

Saude e felicidades, te deseja tua amiga, que te envia muito saudar, e a nossa mestra. Eu tenho passado bem no recolhimento ; apenas o que me afflige são saudades tuas e se não vens ver-me, desespero e fico mal contigo. Ha tres dias que para aqui entrou uma bella moça casada, de nome Margarida, bella mesmo como as cousas bellas ; muito bonita ! Olha, Emilia, tu não és mais bonita do que ella... Ai, meu Deus ! que fui dizer ? Não, minha Emilia-sinha, não te enfades commigo : olha, tu és mais bonita do que Margarida ; porque tu és a princeza das bellas de nossa terra.

Eu já estou muito amiga da Margarida, e ella minha ; mas não tenhas ciumes, porque tu és amiga cá bem do fundo do coração, ouvistes ?

Aqui esteve hoje, pois veio passar o dia commigo, a Juliasinha, que tambem esteve nos annos em que tu estiveste... Ella contou-me tudo : já sei que viste o teu bello libertador e tiveste um desmaio... ah,

velhaquinha ! já sei que has de estar muito contente ; desejo ver-te para me contares tudo isso. A Juliasinha tu não conheces, mas é aquella menina da rua das Bellas-noites, de quem tenho-te fallado algumas vezes. Eu fingi que te não conhecia, e ella fez de teus encantos uma pintura angelica... não arrebentes: para ella ninguem é mais bonita do que tu... que atrevimento ! e isto á minha vista... E eu então não sou mais bonita do que tu ? Ora vejam ! E do teu libertador ? o que ella disse ? E' um anjo ! olha, creio que tens mil rivaes ; até eu o seria, se não fosse casada ! Oh ! por sermos amigas não estranhes, porque isso entre nós moças é muito trivial. A Margarida tambem assistiu a esta conversação, e mostrou muitos desejos de ver-te. A Juliasinha disse que lá na festa dos annos a que fostes, todos se persuadiram que tu e teu libertador se amam. Emfim, vem ver-me, e conversaremos. Adeus : sê feliz, e goza saude, que é o que te deseja :

Tua amiga muito amiga,

Carlota. »

« N. B. — Não repares na letra, porque aqui não ha tinta, e nem pennas capazes ; e eu até te escrevi esta carta muito ás pressas. »

Deixemos por ora a Emilia lendo sua carta, e saboreando as caçoadas de Carlota, e vejamos o que se passou no convento do Parto. Segundo a carta de Carlota, sabemos que ella já alli se achava : tambem ficámos certos de que Margarida alli está. A amizade entre Margarida e Carlota, de que esta ultima fallava em sua carta a Emilia, era real : sim que os encantos da Margarida facilmente lhe attrahiram o coração, e a jovialidade de Carlota fizeram outro tanto para com Margarida : as duas pois sympathisaram reciprocamente, e quasi sempre estavam juntas.

Juliasinha, amiga de Carlota, a foi visitar em companhia de sua mãe. Era Juliasinha uma menina de dezoito annos, muito namorada, e um tanto falsa para com as amigas. bagatella bem trivial em moças. Juliasinha tinha tal força de pulmões, que quando começava a fallar, fallava como naquelle tempo se dizia, pelas tripas de Judas ! tinha se achado, como sabemos da carta de Carlota, na festa dos annos em que estiveram Geraldino e Emilia : Juliasinha, quando foi visitar Carlota dispoz-se a arrancar a má lingua, e começou a arrabecar, como um frade ! Deu conta a Carlota de tudo quanto se passou nos annos, de tudo quanto se disse, e não se disse, do que ouviu e não ouviu, de todos os moços e moças que conhecia, e não conhecia, dos namoros que notou, e não notou, das modas que viu, jóias, etc. Depois passou uma revista por todas as moças, sobre seus vestuarios, as saias que melhor diziam, as que não diziam naquellas, as anquinhas muito grandes de umas, as mui pequenas de outras, aquellas em que assentavam madrastas, e o penteado á zamparina. aquellas em que não assentava, etc.

Carlota, conhecendo o genio maldizente de Juliasinha, parece que devia de antemão dizer-lhe que era amiga de Emilia, mas por brincar, e ouviu-a fallar, calou esta circumstancia : parece que Carlota queria ouvir a Juliasinha tambem arrabecar um pouco de Emilia... Bagatellas... innocentes pas-satempes de moças. Todavia, a modo que Juliasinha pouco achou que notar em Emilia : apenas que era muito gamenha, muito cheia de si, mas que lhe faltava um pouco de animação ; que o cabello á zamparina dizia-lhe, mas que estava mal penteado ; que as anquinhas eram muito grandes ; vista a sua excessiva magreza, pois parecia quebrar-se pela cintura.

Sobre o espanto de Emilia, e seu ligeiro desmaio, fez a bella da Juliasinha um curiosissimo commen-

tario, do qual não dou conta por não cansar o leitor. No seu entender, tudo aquillo era um puro fingimento. Quanto a Geraldino, Juliasinha fallou mesmo como uma moça apaixonada ; concluindo em dizer que elle e Emilia se queriam.

Margarida assistiu a tudo isto affectando uma tranquillidade impassivel ; apenas fazendo a Juliasinha uma ou outra pergunta. Pouco tempo depois Margarida retirou-se, e se foi trancar no seu aposento : ali, entregou-se a infeliz Margarida a todas as tristes idéas, funestas consequencias de um amor desventurado ; e a todos os horrores de um ciume sem limites ! Envolta nestas pesadas e negras idéas, Margarida atirada sobre sua cama, devorava a mais amarga de todas as angustias ! A fraqueza de haver ella solicitado o coração de um mancebo, fazendo que seus encantos se nivelassem com o pó da terra calcada por este mancebo, era ante seu coração, neste terrivel momento de seu ciume, a mais infame de todas as baixezas ; e o desprezo deste moço, o menospreço de seus eucantos, o nenhum caso de suas offeras, era para ella uma affronta, que indelevel em sua belleza, só poderia ser extincta por borbotões de sangue de um mancebo ingrato, e de uma rival feliz, derramados por sua propria mão, tendo ella o barbaro gosto de contar em seus paroxysmos as ultimas palpitações de seus corações, os extremos suspiros de suas almas fugitivas, e emfim os derradeiros arquejos de seus macerados peitos ! O pensamento de uma vingança brilhava ante os olhos de Margarida, como um pensamento Homérico, tão lidado e tão querido brilha aos olhos de arrojado poeta, tendo-o acabado de materialisar nos fogosos e bellos versos de pindarica composição ! e ella affagava este pensamento mimoso, como o mais querido filho das suas entranhas ! O pensamento de que Geraldino a havia infamemente enganado, de que era desprezada, não por sentimento de virtude, mas por causa

de uma rival feliz, era um pensamento que apertava sua alma de encontro ao seu resentimento, e esmagava seu coração debaixo do enorme peso desse negro, e mais que ferreo desprezo !

Margarida em suas amargas meditações não se lhe dava até de morrer, uma vez que sua morte arrastasse a do ingrato, uma vez que sua morte arrastasse a da rival ! Oh ! uma mulher bella e extremamente amante... e desprezada ! Offendei uma mulher, dizei-lhe tudo quanto ha de horrivel ; espancai-a até, ella perdoar-vos-ha tudo isto, e sem custo, se vos amar e conhecer que é amada : desprezai-a, se o quereis depois de haverdes accitado seu amor, depois de a terdes amado ; é custoso na verdade, mas ainda assim ella vos perdoará, e achará côres para esmaltar este desprezo ; dirá que foi ella quem desprezou-vos, que de vós já se aborrecia, etc. Se porém a chamardes de feia ou se a desprezardes, desprezando um amor que ella graciosamente vos offerta, independente de vossas solitações, esta mulher se acreditará tão affrontada, que nunca, nunca vos perdoará !

Se essa mulher por ventura sobrevivesse a todas as gentes, e com ella o homem que assim a houvesse tratado ; passadas todas as gerações, extinctas todas as raças, estes dous entes, se se encontrassem, dous bem diversos pensamentos seriam de primeira intuição neste primeiro encontro : nelle um sentimento de prazer por haver encontrado esse ente de sua especie ; nella, um sentimento de dôr por haver encontrado o homem, que uma vez desprezára seu gracioso amor ; nelle, um sentimento de amor no meio da melancolia desse lucto universal ; nella, um sentimento de vingança no meio deste desamparo da natureza ; nelle, enfim um sentimento de vida e de reorganisação de nova sociedade ; e nella, um sentimento de morte e de destruição ; o sacrificio da nova sociedade offerecido como holocausto sobre o

altar da vingança de seu offendido amor, e desprezado orgulho ! É uma mulher que assim pensa tem razão ! tem, que a natureza lhe não deu outras armas para vencer o homem, senão seu amor, senão seus encantos.

Em quanto Margarida estava envolta nestes funestos pensamentos a respeito de Geraldino, este não soffria menos a respeito de Emilia, e do amor que elle suppunha entre ella e seu collega Carlos. Geraldino cheio de ciumes experimentava pela vez primeira toda a força desastrosa desta paixão funesta. Cresceu o dia, seu escravo poz o almoço ; Geraldino não quiz tomar alimento algum ; deitou-se sobre a cama, e começou a devorar em silencio toda a amargura de sua acerba dôr ! Pouco depois das dez horas Carlos entrou.

— Adeus, Geraldino, disse elle ao entrar.

— Adeus, Carlos.

— Como estás ?

— Bom.

— Que diabo tens tu ?

— Nada...

— Nada ! nunca te vi tão serio... Deveras homem : tu estás muito levado da breca. Isso é moça : que dizes ? apauharam-te em alguma salsada : heim ?...

— O que tu quizeres...

— Oh ! os pedaços de um lenço pelo chão !... Deixa-me ver ; vou combinar os pedaços... Que fina cambraia !... Oh ! eu conheço estes bordados... Diabo !... Conheço...

— Talves...

— Estas letras.. espera... este pedaço é daqui... este... este... oh ! é daqui... exactamente... está certo... Estas iniciaes... Oh ! diabo ! O lenço que minha prima Carlota deu á sua amiga Emilia...

— O que ? o que ? disse Geraldino saltando da cama como um possesso, que lenço ?

— Sim, este lenço foi bordado pelas mãos de minha prima Carlota, o por ella offerecido, quando se casou a Emilia uma menina da roça, filha de um ricasso chamado Flavio, a qual se está educando em casa de D. Gertrudes : mas como veio este lenço aqui parar, e como está feito em tiras ? Ouve, não te disse uma vez na aula, que havia feito uma quadrinha para um bello lenço, que era para ser dado á mais formosa moça desta cidade : alembras-te ?

— Alembro-me.

— E eu te repeti a quadra.

— Sim, repetiste : mas estas iniciaes de cima ?

— Pertencem ao nome de Emilia. Olha, Emilia Mathildes do Paraíso.

— Tem um lindo nome. E estas de baixo ?

— Pertencem ao nome de minha prima, que se chama Carlota Maria do Carmo : vê C. M. C.

— Que fiz eu !...

— Eutão que diabo fizeste tu ?

— Uma acção indigna...

— Não será a primeira : alguma trivialidade de estudante...

— Não brinques, Carlos...

— Não : estou fallando muito serio.

— Estou em talas

— E não tens duas mãos para fazel-as em pedacos ?

— E tu a levares a cousa de brincadeira !...

— Se eu ainda não sei o que é ; como hei de tomar o negocio a peito ?

— Digo-te que é muito serio,

— E eu digo-te que não sei o que é !

— Rasguei um lenço que não era meu.

— Sim ? o lenço de D Emilia ?

— Sim, sim ; o mesmo.

— E como veio elle aqui parar ?

— Por uma troca ; e não sei como me hei de tirar deste aperto !

— Mas porque o rasgaste ? é ella tua namorada ?

— Emfim, eu te conto. Ouve.

— Ora vamos a isso. Eu me deito aqui sobre tua cama e ouvirei esta historia de namoros, que ha de ser interessante.

Geraldino, neste lance, comprehendeu bem que em taes apertos convém ter um confidente, seja elle quem for ; que é preciso dizer tudo a este confidente, pedir-lhe conselhos e ouvir-o, sem outra exigencia mais do que um discreto segredo. Sim, elle contou tudo a Carlos, desde o bosque dos salteadores, até aquelle momento : não omitiu seus escrupulos sobre seus resentimentos a respeito do pae de Emilia e acabou confessando-lhe seu ciúme por causa do lenço attribuindo as iniciaes a elle Carlos, attenta a circumstancia da quadrinha, que o mesmo Carlos n'aula repetira. Carlos, tendo ouvido toda a historia soltou uma estrondosa gargalhada, olhando para Geraldino com uma cara verdadeiramente de es-carneo.

— Carlos... pois tu te ris ? disse Geraldino meio agastado.

— Bem vês que nas comedias em quanto o heroe chora, o lacaio ri ; cada um preenche seu papel.

— Mas eu estou afflicto. . muito afflicto...

— O negocio não é para menos.

— Um raio que te parta. . .

— Isso não é muito dramatico.

— E's um tolo, um bobo, um pábulo. . .

— Isso é muito vulgar.

— O inferno, que te confunda ! . .

— Isso agora é muito tragico.

— Diabo. . .

— Mas que conta has de tu dar do lenço ?

— Sim, sim : que conta ?

— E um lenço de D. Emilia !

— Um lenço que não é meu. . .

— Mas o gostinho, meu papelão, o gostinho que terá ella quando souber que tu lhe rasgaste o lenço com ciumes? (tudo isto dizia Carlos dando grandes risadas)!

— Mas gosto de que!

— De que? Ella que estava na duvida se tu a amavas, ou não, fica agora certa que tu a amas.

— Não te rias, Carlos. . .

— Como não rir, se lhe acho graça? Ora é boa. . . Não queres amar a moça, estás todo cheio de teus escrupulos, lá pelos teus resentimentos; e entretanto rasgas-lhe o lenço com ciumes! Então como é isto? não tens amor, tens ciumes e ciumes de mim! Ora não ha nada mais galante! . .

— E pelo que?

— Pois não vês que meu rosto não quer que meu coração ame, homem?

— Mas pelo que? pelo que?

— Porque sou feio, porque não fallo á vontade das moças, porque lhes não faço côrte, porque lhes não dou mimos. . . etc., etc.

— Sim, entretanto gostam do teu picante, amam os teus galanteios, prezam o desprezo que affectas por ellas, apreciam tuas quadrinhas, acham-te eu-graçado e dizem que és muito sympathico. . . Anda lá, homem. . .

— Ah! isso é quando mango com ellas.

— Olha alguma não mangue com igo. . . Mas então que hei de eu fazer neste aperto?

— Manda-lhe dizer que perdeste o lenço no caminho quando vinhas de sua casa

— Como? se o diabo do negro viu os pedaços do lenço que ahí estão no assoalho?

— E' verdade! isso agora é muito serio.

— Está o diabo! . .

— Talvez que o negro não dissesse cousa alguma em casa a tal respeito, e nesse caso com alguns vinteus compra-se o seu silencio e tu vais a casa de

D. Gertrudes, ou lhe escreves, dizendo que perdestes o lenço ; no entanto manda já pôr no fogo estes pedaços que por ahí andam.

— Oh diabo ! lembrastes bem ; optimamente . Venancio ? continuou Geraldino, chamando seu escravo.

— Meu senhor ? respondeu o preto ao entrar.

— Põe já estes pedaços de panno no fogo .

— Sim, senhor .

Palavras não eram ditas, quando bateu á porta o preto de D. Gertrudes .

— Carlos, esconde-te no meu quarto, que ahí vem o negro de D. Gertrudes: disse Geraldino. A que diabo virá elle?...

— Dá licença, meu senhor, diz elle entrando.

— Entra rapaz.

— Meu senhor... como quando vim buscar o lenço de minha senhora, meu senhor estava muito azangado, eu não quiz que meu senhor ficasse mais azangado ainda; fui ás compras e agora é que vou para casa: agora meu senhor ha de dizer o que quer que eu diga lá á minha senhora: porque eu não hei de dizer que meu senhor rompeu o lenço de minha senhora; e assim eu quero dizer o que meu senhor quizer que eu diga .

— Oh ! mestre Estolano, você é um preto muito prudente e de muito juizo ! . . .

— Eu estimo muito a meu senhor .

— Sim ! e então pelo que ?

— Porque quem me comprou foi meu Sr. Silvestre, avô de Vm. Ah meu senhor ! eu ainda era moleque quando muitas vezes andei com o Sr. moço Julio, pae de Vm. mesmo no meu collo . . .

— Então você é da fazenda de Juthurnuayba ?

— Não senhor, mas fui para lá ainda moleque.

— Então somos quasi patricios, heim ?

— Sim, senhor meu senhor ; e prompto para o serviço de meu senhor.

— Então, mestre Estolano, você já me conhecia?

— Não meu senhor; mas quando meu senhor foi lá em casa hontem foi que minha senhora me disse quem era, e me perguntou se eu conhecia. Quando ella me disse « aquelle é o Sr. Geraldino, filho do Sr. Julio... » Ora, minha senhora, o Sr. moço Geraldino?... pois eu não conheço tanto... é porque eu não me lembrava mais das feições de meu Sr. moço Geraldino: meu senhor veio tão pequenino para a cidade; ha tantos annos já que eu não vejo a meu senhor; meu senhor cresceu tanto; já está um homem feito, barbado, e por isso eu já não conhecia a meu senhor... mas assim que minha senhora me disse, ora... fiquei tão contente... Como está meu Sr. tão grande, e tão bonito!

O bom do mestre Estolano, dizia isto ora brincando, ora chorando, mas sempre alegre.

— Pois, mestre Estolano, você foi um anjo que me appareceu agora, veio muito a tempo...

— Devéras, meu senhor? pois eu aqui estou.

— Você me fez um grande serviço não dizendo em casa que eu rasguei o lenço da senhora.

— Ora estimo, meu senhor: mas porque?

— Porque o lenço que eu rompi era um lenço meu, rompi-o cá por certa zangação minha.

— Mas o lenço da senhora?

— Eu perdi-o na rua.

— Não... não, senhor, não pôde ser. meu senhor está me enganando... paciencia... meu senhor, não quer se fiar no seu escravo...

— Não, mestre Estolano, é verdade...

— Qual meu senhor; eu conhecia o lenço de minha senhora, que a senhora moça Carlota lhe deu, e eu vi os pedaços d'elle aqui no chão; e então eu direi a minha senhora que meu senhor rompeu o lenço della.

— Diabo... (murmurou Geraldino muito baixo, e coçando a cabeça).

— Pois, mestre Estolano, eu quero fallar-lhe a verdade: mas você ha de guardar-me segredo, que diz?

— Oh, meu senhor! essa é boa! póde dizer, e não desconfie de seu preto: eu sei bem guardar um segredo.

— Veja lá, mestre Estolano...

— Ora meu senhor! não conhece ainda seu escravo...

— Pois eu rasguei o lenço de sua senhora.

— Porque, meu senhor?

— Com ciumes...

— Ciumes daquella santa? chó, meu senhor! e ciumes de quem?

— Eu não sei; mas vi umas letras no lenço e suppuz que alguém lh'o havia dado, e agoniei-me, e rasguei o lenço.

— Ora, meu senhor, aquella menina não é disso... Olhe, meu senhor, senhor, se ella gosta de alguém é de meu senhor mesmo...

— De mim?

— Sim, senhor, de meu senhor mesmo...

— Mas como sabe você disso, mestre Estolano?

— Por que depois que ella veio esta ultima vez, e que lhe aconteceu aquella historia com os ladrões, ella falla em meu senhor muitas vezes; diz que meu senhor é muito bonito; e naquelle dia que ella viu a meu senhor e que lhe deu o vágado, ella veio muito contente; hontem ella chorou muito quando soube que meu senhor era inimigo do pae de Vm. Meu senhor eu penso que ella lhe quer muito bem. Ora, meu senhor podia casar com aquella menina; que menina meu senhor! Aquillo é um anjo! aquillo é que é moça! quem casar com ella leva mulher!

— Não póde ser, mestre Estolano.

— Não, meu senhor? Pois eu não sei porque me diz o coração que meu senhor ha de casar com ella.

— Qual, mestre Estolano.

— Pois meu senhor quer fazer um negocio comigo ?

— Qual é ?

— Se meu senhor casar com ella, e ficar dono da fazenda, meu senhor me ha de dar minha carta de liberdade.

— Pois vá feito ; não só sua liberdade como terras para fazer sua roça.

— Veja o que diz, meu senhor ?

— Palavra de honra, mestre Estolano.

— Pois então, daqui a um anno, ou anno e meio, meu senhor ha de casar com ella...

— Oh mestre Estolano ! que certeza !

— Eu sonhei isto, meu senhor.

— Então conte-me este sonho.

— Mas eu já sahi de casa ha muito tempo ; se meu senhor quizer, eu venho de tarde, e contarei então o que eu sonhei.

— Pois eu lhe espero, mestre Estolano.

— Sem falta, meu senhor.

— Pois bem : e você dirá à Sra. D. Emilia que me achou muito afflicto por causa de seu lenço, que perdi na rua, quando hontem de lá vim : e nada lhe diga do que viu... veja lá, mestre Estolano ; eu me fio em você.

— Oh meu senhor ! não tenha duvida. Então para servir a meu senhor...

— Venha cá, espere...

— Alguma cousa mais, meu senhor ?

— Tome estes cobres para seu fumo. .

— Não senhor, meu senhor.

— Acceite, mestre Estolano...

— Não senhor... Eu só quero vêr a meu senhor feliz, e aquella menina ; e eu farei o que puder a bem de meu senhor e della ; e isto não é por dinheiro ; meu senhor me pagará daqui a anno e meio.

— Daqui a anno e meio, mestre Estolano ?

— Daqui a anno e meio! Para servir a meu senhor.

— Adeus, mestre Estolano; até á tarde.

Fazendo muitas cortezias, e de um modo assaz humilde, o bom do mestre Estolano se foi retirando, e despedido sahiu.

— Boa laia, de preto.

Disse Carlos, vendo sahir a mestre Estolano.

CAPITULO XX

DEUS O PERMITTA

Comquanto o ciúme seja uma falta de confiança na pessoa que amamos, contudo ás vezes gostamos de que quem nos ama tenha de nos ciúmes, e disto nos lisonjeamos. Tacs são os mysterios do coração humano!

Duas palavras sobre mestre Estolano creio que não serão perdidas.

Mestre Estolano nasceu no Rio de Janeiro, escravo de um padre, que o mandou eusinar a ler, escrever e contar; era pois elle o escravo de seu senhor, que lhe ajudava as missas, que lhe limpava as galhetas, emfim era o *fidus Achates* do bom padre, que por demais o estimava, e digno era elle disso, convém confessal-o. Mestre Estolano dotado de muita viveza, e de penetração agudissima, tinha sobre isto uma memoria espantosa. O padre morreu de repente, e ab intestato, e não tendo herdeiros necessários, nem parentes collateraes que se habilitassem, tudo

quanto possuia passou para ausentes : e sendo os bens arrematados em hasta publica, Silvestre arrematou mestre Estolano que era então rapaz. Algum tempo depois da ida de mestre Estolano para a fazenda de Juthurnuayba; um medico amigo de Sebastião achando-se um tanto incommodado de uma queixa de peito e querendo ir tomar ares fóra da cidade, pediu a Sebastião para fazer com que Thomaz e Silvestre o recebessem em sua casa, e lá o tivessem algum tempo convalescendo. Sebastião assim o fez, dando-lhe duas cartas de recommendação, uma para Thomaz, e outra para Silvestre. Chegado o medico a casa dos dous, comquanto convencido estivesse de que sua enfermidade não era contagiosa, todavia por delicadeza pediu que, attenta sua molestia, de que muita gente tinha medo, quera estar em um logar separado da demais familia, e tudo o de que se servisse. Não desagradou a Thomaz o pedido do doutor, mas por delicadeza fez sempre suas ceremonias ; o medico porém reiterando seu pedido venceu, o que era de esperar. Effectivamente deu-se ao doutor um quarto separado da familia, e todos os arranjos necessarios ; era tambem preciso dar-lhe uma pessoa que o servisse : todos os escravos que estavam em contacto com a familia, isto é, os que não teram da roça, fizeram má cara, murmurando que não queriam servir a um thisico. Ora, isto em nada é admiravel, porque nesse tempo uma thisica era cousa muito rara, e o medo que causava, talvez até pela raridade, era immenso ! Mestre Estolano pois foi o unico que, superior a estes prejuizos, se offereceu para ir servir ao doutor, e todavia foi : começou pois elle a servir o com uma caridade verdadeiramente christã.

Bem depressa o doutor affeiçoou-se a mestre Estolano, e muito mais quando soube da repugnancia dos escravos da casa, e da dedicação do mestre Estolano.

O nosso medico pois passava horas inteiras a con-

versar com mestre Estolano, que nesse tempo era simplesmente Estolano, adquirindo o mes:re muito tempo depois esse honorifico titulo, que a idade costuma attribuir ás pessoas dos pretos velhos das fazendas.

Estolano lia nos livros do medico, pedia-lhe explicações, gostava de saber a razão das cousas, e o agradecido medico a tudo se prestava com uma benevolencia verdadeiramente pertencente á segunda das obras de misericordia das sete espirituaes. O medico sahia com elle a passeio, explicava-lhe a qualidade de certas hervas medicinaes, sua serventia, sua applicação em diversas molestias ; e o mais é que Estolano a tudo prestava a mais interessante attenção ; perguntava, reperguntava, e sempre aproveitava muito da conversa do medico : este ensinou-lhe a tomar o pulso, a sangrar, a conhecer varias enfermidades pelos symptomas que apresentavam, etc.

Ora, o doutor, que ao cabo de seis mezes estava restabelecido, não pôde retirar-se para cidade, segundo tencionava, porque viu-se forçado a tomar a seu cargo alguns doentes da fazenda, e augmentando-se estes não só na fazenda, mas pelos seus arredores, teve o doutor de demorar-se mais anno e meio, tratando sempre de diferentes enfermos ; já se vê que a todas estas visitas Estolano o acompanhava, e era quasi sempre quem aviava as receitas do doutor, assistido por elle. A mór parte dos doentes, escravos da fazenda, era Estolano quem via, quem fazia o diagnostico, quem receitava, sempre presidido pelo doutor, que o dirigia, e que com isto muito se divertia. Estolano pois tinha tambem a sua clinica, sob a inspecção do doutor.

Retirou-se o medico no fim de dous annos deixando o saudoso Estolano com um apprendizado de dous annos, na arte de curandeiro. Ficou Estolano na fazenda de seu senhor exercendo esta arte, e com im-

mensa felicidade fazendo suas curas, que ficavam sempre baratas ás pessoas a quem os doentes pertenciam ; porque não havendo nesse tempo a milagrosa e misericordiosissima homœopathia, não tinham os doentes de dar a allopathica dose de 108 pelo homœopathico glóbulo ! Demais, Estolano não tinha pelos seus doentes nem ao menos responsabilidade moral ; porque se o doente morria, era sua hora chegada, diziam as pessoas a quem o doente pertencia ; se escapava, não tinha de morrer : como Estolano curava gratis, no caso de morrer o enfermo não havia ao menos o grande prejuizo do dinheiro perdido em visitas, e receitas.

Havendo acontecido ter Estolano tido alguns sonhos, que se realisaram em parte ou no todo, isto unido á sua intelligencia, fazia com que Estolano fosse tido e havido, por certa gente estúpida, por um feiticeiro : não obstante isso, Estolano era muito estimado por quantos conheciam seu prestimo, e era de todos os escravos da casa o mais estimado : Estolano, pois além destas cousas, era muito fiel, amante de seus senhores, affavel e cortez.

Emfim Joanna, uma crioula que sempre andou com Emilia ao collo, e mestre Estolano, que nesse tempo estava já meio avelhantado, eram de todos os escravos de casa com quem Emilia era mais cosida. Tendo esta de vir para a cidade, perguntou-lhe seu pae que escravos queria trazer, devendo ser dous ; Emilia quiz mestre Estolano e Joanna ; quanto a Joanna, bem estava ; mas quanto a mestre Estolano, era isso máu, dizia seu pae, visto a falta que fazia : Emilia affligiu-se, o que visto por seu pae conveiu em vir tambem o mestre Estolano. Já se vê pois que mestre Estolano, era como se diz na roça « Um preto de bucolica », (1) um senhor preto, preto só nas

1 Usa-se na roça este modo de fallar, e tenho ouvido dizer de diferentes modos, isto é : « homem de bacolica, ou de becólça, ou de bicolica » por homem grave, serio, etc.

côres, mas com acções de um senhor branco. E em verdade era mestre Estolano um preto de premicias, consequencias.

Mestre Estolano fiel á sua promessa voltou de tarde.

— Ora adeus, mestre Estolano, disse Geraldino vendo-o entrar.

— Para servir a meu senhor.

— Então, como passou de manhã para cá?

— Sempre prompto para o serviço de meu senhor.

— Então disse á senhora o que eu pedi para dizer-lhe?

— Pois não, meu senhor...

— E a senhora ficou agoniada por causa de seu lenço?

— Qual, meu senhor... Pois minha senhora faz caso de um lenço?

— Mas como foi um lenço dado por sua amiga...

— Ora ellas são meninas, e moças, e lá se entendem.

— Então, mestre Estolano, e o seu sonho?

— Ah! é verdade! Ora meu senhor como se alembra!...

— Ora pois, vamos; conte-me isso.

— Eu sonhei que meu senhor ia para sua fazenda, e que um velho ia com meu senhor: quando chegou, em vez de achar a fazenda, achou um campo; e meu senhor não tinha nada de seu; estava muito pobre. Nisto começou a roncá trovoada e a chover muito, e meu senhor para recolher-se do máu tempo entrou numa casa de palha com o velho; nisto clareou um grande fuzil, e soou um grande ronco de trovoada, e cahiu um raio, o raio bateu na pedreira do morro perto da casa que foi de meu senhor, o Sr. Julio, e a pedreira cahiu em pedaços. Começou então a ventar muito, e a casa de palha a tremer, parecendo que queria cair; e como eu estava perto,

eu estava tremblando (1) com medo de que a casa cahisse em cima de meu senhor.

A tempestade passou, e meu senhor e o velho foram ver o estrago que o raio tinha feito na pedreira: quando meu senhor chegou com o velho, o resto da pedreira e os pedaços estavam quentes como fogo, e havia tanto ouro dentro da pedreira, que corria derretido, e cahia em baixo da pedreira em pedaços que mettiam medo. Meu senhor apanhou este ouro todo e ficou rico outra vez. Meu senhor Flavio vendo meu senhor tão rico ficou com inveja e começou com outra demanda com meu senhor, mas perdeu a demanda, e apaixonado disse que ia-se embora para onde ninguem mais o visse, e sumiu-se, e minha senhora casou com meu senhor.

— Mestre Estolano é bem extravagante seu sonho.

— Pois meu senhor verá se elle não ha de sahir certo.

— As senhoras estão de saude, mestre Estolano?

— Sim, senhor, meu senhor: vão amanhã passar o dia fóra.

— E onde?

— No recolhimento do Parto, em companhia da senhora moça Carlota, que é muito camarada de minha senhora.

— Mas vêm amanhã mesmo?

— Eu creio que a Sra. D. Gertrudes e a Sra. Magdalena vêm amanhã mesmo, e que minha senhora fica, dorme lá, para voltar depois de amanhã. Isto é o que eu ouvi dizer em casa.

— E onde é o aposento da Sra. D. Carlota no recolhimento?

1 *Tremblando* tremendo. Também é muito usado nas nossas gentes da roça: so o tenho ouvido no participio do presente, e ás vezes também no infinito. Entendem alguns que vem do verbo francez *trembler*, mas creio que é o verbo hespanhol *temblar*, cujo participio do presente é também tremblando.

Mestre Estolano explicou miudamente a Geraldino onde este aposento ficava. No fim do que, disse elle :

— No mais estou ás ordens de meu senhor.

— Adeus, mestre Estolano. Até quando ?

— Até quando meu senhor quizer...

— Pois bem : então appareça sempre.

— Para servir a meu senhor.

— Adeus, mestre Estolano.

Vejamos agora o que passou-se entre mestre Estolano e as senhoras em casa.

Mestre Estolano perante Gertrudes, Emilia e Magdalena cumpriu religiosamente a palavra que deu a Geraldino, guardando escrupulosamente o segredo que lhe havia promettido ; Emilia ouvindo que seu lenço muito querido se perdera, disse tranquillamente : « Paciencia, perdeu, está perdido... »

— Grandes são os milagres que produz o amor, Emilia, disse D. Gertrudes, affectando um ar pretençioso.

— Porque ?

— Porque estimavas aquelle lenço que era uma cousa nunca vista ; se outra pessoa t'o perdesse, como não estarias desesperada !... mas foi o Sr. Geraldino...

— Mas que hei de eu fazer ?

— Nada, cousa nenhuma ; mas o que é verdade é que quando amamos, ou ainda gostamos de alguém, póde esse alguém fazer as asneiras que quizer, praticar quantos estouvamentos lhe parecer, certo de que para tudo lhe acharemos desculpas... mas em fim, o Sr. Geraldino é tão amavel, e tu lhe deves um tão importante serviço, que tudo acho bem razoavel.

Emilia ficou em silencio : pouco depois levantou-se e se foi ao fundo da casa. Mestre Estolano que a estava capeando, chegou-se a ella e lhe disse :

— Eu tenho uma cousa que dizer-lhe, mas é um segredo muito grande: quer saber?

— Então o que é?

— Mas me guarda segredo?

— Guardo.

— Pois o senhor moço Geraldino não perdeu o seu lenço...

— Sim?!... Então ficou com elle? aquelle maldito!...

— Nada; tambem não ficou com elle...

— Não?! Então deu-o a alguém? Eu morro de raiva se assim for... Quero meu lenço para cá.

— Nada, não senhora; não o deu, nem elle era capaz disso.

— Então que fez elle do meu lenço, mestre Estolano?

— Ouça, e não se agonia.

— Pois diga já.

— Elle rompeu o seu lenço...

— Elle rompeu o seu lenço...

— Como? rompeu o meu lenço? O meu lenço, que Carlota me deu! Que homem tão máu! meu lenço, que eu estimava tanto; e porque?

— E porque? com ciúmes de Vm.

— Ciúmes de mim!! disse Emilia sorrindo-se.

— Sim, senhora; com ciúmes de minha senhora.

— E com quem?

— Com ninguém; mas elle pegou no lenço, leu as letras do nome de Vm., e suppoz que as outras que estavam por baixo...

— E' o nome de Carlota.

— Mas elle suppoz que eram do de algum moço que lhe havia dado o lenço, e ficou agoniado com ciúmes, e rasgou o lenço com raiva.

— Como é ciumento!... Ha de me dar conta do meu lenço; não mandei que elle o rompesse... E elle foi quem lhe contou isso, mestre Estolano?

— Quando eu fui buscar o lenço, a primeira vez, elle estava dormindo; fui segunda vez, entrei, e vi o lenço no chão feito em pedaços; disse-lhe que ia destrocar o lenço de minha senhora, e elle me disse com uma cara muito feia, e muito zangado, apontando para os pedaços do lenço: « Ah! o tens. » Eu não quiz dizer isto cá em casa; e voltei depois, e lhe perguntei o que queria que eu dissesse sobre o lenço, e elle disse-me que o tinha perdido: mas eu que tinha visto os pedaços do lenço, disse que elle me enganava: elle então me fallou a verdade, e me contou tudo; mas pediu-me segredo.

— Sim... elle é desses, heim?! faz suas cousas, e depois pede segredo?... pois deixe estar que elle ha de me pagar.

— Qual pagar... não lhe diga nada: senão elle fica agoniado commigo, e não me diz mais nada.

— Está bom, eu me calarei.

— Ora pois... segredo; porque eu penso que aquelle menino lhe quer muito bem.

— Qual, mestre Estolano!

— Qual? Pois Vm. verá que ainda ha de casar-se com elle.

— Eu sei.

— Pois muito bem; vamos a vêr.

— Deos o permitta...

Assim murmurou Emilia se retirando.

No seguinte dia, pela manhã, era o dia 23 de agosto de 1789. Margarida estando ainda a dormir no seu aposento do Parto, ouviu bater á porta.

— Quem bate? disse ella como ainda somnolenta.

— E' Carlota, Sra. Margarida.

— Ah! faz favor de demorar-se um bocadinho?

— Sim, senhora.

Margarida saltou da cama, e ainda em menores abriu a porta a Carlota.

— Tão cedo Sra. Carlota! disse Margarida. Alguma novidade?

— Ah! sinto tel-a incommodado... não sabia que estava acomodada; peço-lhe mil desculpas...

— Ora essa é boa: é o mesmo. Eutão não se assenta?

— Não é preciso. Venho tão sómente dizer-lhe que a senhora que foi minha mestra, D. Gertrudes, veio passar hoje o dia commigo; e minhas amigas Emilia, e Magdalena vieram com ella; como mostrou outro dia desejo de as conhecer, julguei de minha obrigação dar-lhe parte disto.

— Ah! muito agradecida, muito agradecida: já me vou vestir e já vou vê-las.

— Então até já?

— Até já.

Carlota retirou-se, e Margarida não se fez por muito tempo esperar. Uma hora depois ella passou ao aposento de Carlota. As cinco damas conversaram juntas todo o dia: as quatro jovens familiarisaram-se logo, como é costume entre senhoras; por que para ficarem amigas basta um quarto de hora: e pois, jogaram, brincaram, e deram-se a toda a sorte de divertimentos proprios de moças. Ao entrar da noite, Gertrudes retirou-se para sua casa com Magdalena, acompanhadas de uma escrava e de mestre Estolano; e despediu-se até o outro dia, em que deveria levar Emilia.

As oito horas, pouco mais ou menos, Margarida passou ao seu aposento, com sua alma contristada, não só pelos encantos de Emilia, como até irritada pela historia do lenço, que Emilia teve a imprudencia de contar a Carlota á sua vista, por isso que Geraldino era o assumpto da conversação, sempre que Gertrudes não estava presente. Perdoavel levianidade todavia n'uma menina que pela primeira vez ama! A's onze horas tudo era silencio dentro do recolhimento. Pouco depois um vulto mysterioso es-

coando-se por entre as trevas dos corredores desliza-
va-se por elles pé ante pé, e com vagaroso passo,
como para que suas pisadas não fossem ouvidas : sua
mão furtiva apagou silenciosamente todos os lam-
peões que encontrou : depois chegou-se ao aposento
de Carlota ; a porta estava meio aberta ; as duas
amigas deitadas sobre a cama dormiam cansadas
de suas conversações, tendo se esquecido da luz, e
da porta que aberta ficára. O vulto entrou, tirou a
chave, e passou-a para o lado de fóra ; apagou a luz,
e deixando as duas presas, trancou a porta por fóra,
e com o mesmo mysterio com que viera, sumiu-se
de novo nas sombras dos corredores.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

EDITORA POPULAR

Bibliotheca Romantica

AS FATALIDADES

DE

DOUS JOVENS

Recordações dos tempos coloniaes

POR

A. G. Teixeira e Sousa

TERCEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO

A' VENDA

Nas livrarias da rua de S. José ns. 118, 110, 99, 93 e praça
de D. Pedro II, 16.

Typ. CINCO DE MARÇO.—Rua do Lavradio n. 96

AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS

CAPITULO XXI

ELLA !.. ELLA !..

Nas scenas mais hediondas produzidas pelo crime, tanto se revela a Providencia ao sabio, como a moralidade ao causuista !

Estamos na madrugada do dia 24 de agosto de 1789. são quasi duas horas da manhã.

O povo da capital da colonia portugueza, isto é, do Rio de Janeiro, acorda-se sobresaltado ao horrivel estrondo dos sinos, dos tambores, e immenso ruido, que nas ruas vai !.. e medonho era elle !

O argentino accento dos desconcertados sinos de mais de vinte campanarios retinindo seus lugubres echos nas encostas das montanhas, que bordam a hoje capital do Imperio do Brazil, vinham como que em dobres de finados, quebrarem-se no valle da cidade, atroando os ares com seus funebres e aterra-dores sons !

Mais de cem caixas de guerra reboando a um só tempo em tremendo rebate, misturavam seus roucos e monótonos tocares de guerra com os agudos gemidos dos sinos, com o estrondo dos que corriam, e com os gritos assustados ; e fazendo tremer debaixo de seu doloroso peso não só uma população inteira, como a terra em que se ella assentava, davam a esta noite de morte um feio, um terrivel aspecto marcial !

A este horrivel e temeroso estrondo, se acordavam tremendo as familias cortadas de mortaes sustos !

Dir-se-ia que desequilibradas as massas do universo voltavam ao nada, e que agonizante a Natureza gemia nos longos paroxysmos de uma longa vida de quasi setenta ou oitenta seculos!

Dir-se-ia que o echo universal da fatal trombeta do anjo terrivel, despertava os mortos chamando a humanidade ao juizo derradeiro, e que os impios da terra buscavam debaixo das montanhas esconder-se da irosa face do Senhor!

E pois as familias se acordavam tremendo! Os paes perguntavam o que era? As esposas corriam para os maridos, como que demandando seu soccorro; as donzellas choravam tremulas em torno de seus paes; os mancebos, acreditando sua patria invadida por inimigas lanças, se armavam; e apezar de suas mães e irmãs, lançavam-se ás ruas para vingarem os sustos de suas caras familias, ou vendendo caras snas vidas, encontrarem nos ferros hostis uma morte honrosa! As criancinhas se acordavam em altos gritos, batendo nas mãos, como que pedindo misericordia; e lançando-se ao pescoço de quem primeiro lhe acudia, abraçavam-se fortemente escondendo o rosto de medrosas no peito daquelles com quem se abraçavam!

Juntai os sons dos sinos, os echos dos tambores; os estrepitos dos que corriam pelas ruas, os ferreos estrondos que faziam nos lagedos as patas ferradas dos cavallo dos soldados montados, os gritos das crianças, os sustos dos paes, as lagrimas das mães, as incertezas dos mancebos, os temores das donzellas; isto n'uma população pacifica, e não afeita aos horres da guerra: e aqui tendes o quadro medonho desta terrivel noite de pavores!

Dirieis uma cidade tomada de assalto, onde o inimigo tendo impetuosamente entrado, vai levando a fio de espada quanto se oppõe á sua furia matadora, como a pedra desprendida do cume da montanha esmagando quanto tópa diante de sua queda ruinoza!

Tamanho susto á vista do que era, faz dizer com o fabulista latino : « Conceberam os montes, e deram á luz um rato ! »

No meio desta confusão horrivel ouvia-se vozes que bradavam confusamente : « Fogo !.. fogo !.. » Depois outras vozes que gritavam : « Ponham luminarias ! ponham luminarias. »

Meia hora depois grande parte da velha cidade estava quasi toda illuminada, mormente nas immedições do incendio. Um grande clarão produzido por uma estranha luz, que certo não era o das luminarias, esclarecia grande parte da cidade. Ouviam-se vozes confusas, perguntavam, e respondiam a um só tempo : « onde é o fogo ? » é, respondiam uns : « n' Ajuda » outros : « na rua Direita » estes : « no Carmo » aquelles : « na rua de S. José. » Afinal todas as vozes indicavam um ponto : « No recolhimento do Parto ! »

E com effeito, lá era o incendio e todos para lá se partiram. O convento de Santo Antonio magestosamente assentado no cume de sua alegre collina estava esclarecido por uma luz avermelhada ; dirieis que era ferido por um raio ainda frouxo de um sol nascente, mas rodeado de um clarão ensanguentado, horrivel phenomeno, que é medonho nuncio de um grande flagello, ministro das iras do Senhor, que denota que uma grande secca vai em breve torrar as plantas da terra, ou que uma extraordinaria enchente vai afogar os animaes quadrupedes della !

Começaram pois todos de correr para o Parto, e alguns minutos depois estava o edificio envolto em fumo, e cercado de tropa e de povo. Horrivel espectáculo ! Medonho era do ver-se ! Entre os mais distinctos persouagens, que assistiam a esta sceua desastrosa, notava-se o vice-rei Vasconcellos rodeado de militares e officiaes de justiça, dando suas ordens e prevenindo com ellas não só os estragos do incendio, como algum disturbio ou desacato que podesse oc-

correr. A tropa de linha que havia affluído ao logar do incendio, descrevendo um grande circulo em roda do edificio abrazado, formava uma especie de muro, que prohibia ao povo o ingresso do recolhimento e da igreja de N. S. do Parto; tendo todos os soldados as bayonetas caladas para parte do povo, custoso já de conter-se.

Duas filas da mesma tropa se destendiam desde o logar do fogo até o chafariz da Carioca, formando assim uma grande ala desembaraçada ao transitio de escravos, que, carregados de barris e potes de agua, passavam sem interrupção desde o fogo até o dito chafariz, sem empecilho do povo, que não podia romper estas filas de soldados.

O intendente da policia ajudando o magnanimo vice-rei, cercado de immensos officiaes de sua alçada, dava tambem suas ordens, rondava em torno do edificio, e do edificio incendiado até o chafariz dito.

O primeiro cuidado de ambos foi o de salvarem a santa Imagem de N. S. do Parto, e pôrem as recolhidas a bom recato, que foram logo salvas no começo do incendio.

O fogo lavrava impetuosamente; as chammass abafadas pelas materias incombustiveis, que sobre ellas cahiram, levantavam-se ainda com diminuta força: entretanto eram grossas e cercadas de maças de negro fumo, que com vehemencia se erguiam perpendiculares como grossas torres de negro marmore; ou fazendo zigue-zagues á maneira de enormes cobras, serpenteando em volta de corpulentos troncos! e depois de se elevarem em densas columnas, ou em espessas roscas, se rarefazendo nos ares, uniam-se todas alongando-se em negra e medonha nuvem, que se dilatava entre os céos e a terra, como querendo esconder aos olhos dos anjos as miserias dos homens; ou como que occultando aos olhos da Virgem por essencia o horrivel destroço de seu augusto templo!

Medonha era a noite e sombrio estava o céu! Uma só estrella não ousava testemunhar este espectáculo horroroso em que o Genio da noite via ruir em pedaços as mais bellas partes da casa da oração. O vento que até alli como assombrado desta scena de horror, havia encolhido suas frias azas, começou de destendel-as e sacudil-as, batendo os ares! No meio deste alvoroço, em que tudo tomava parte... quem diria! um vulto recostado a uma parede, bem defronte da porta por onde sahiram as recolhidas parecia impassivel! Este vulto embuçado em seu capote approximou-se apenas quando sahiram as recolhidas e as contemplou com excessiva curiosidade; e depois tranquillamente se foi recostar no mesmo lugar. Passado algum tempo, uma mulher sabe do recolhimento, parece uma recolhida: o vulto do capote move-se e mostra agitação; a mulher enfia-se por entre o povo e escapa-se pela rua de S. José, e o rebuçado, sem perder um só de seus movimentos, a segue cuidadosamente. Ao mesmo tempo vozes de quem pedia soccorro se partiram de uma janella do recolhimento: eram duas differentes pessoas que assim gritavam.

Simultaneamente uma grande parte do telhado do corpo da Igreja abate-se com temeroso estrondo, cujo echo horrisono retroo pavoroso, ao mesmo tempo que a terra horrorisada estremeceu convulsa debaixo do enorme peso desta grande mole desabada!

Uma alluviação de negro fumo, um turbilhão de crepitantes faiscas ergueram-se em revoltas ondulações e na impetuosidade de um turvelinho se foram perder nos ares. O fumo cedeu seu logar às chammas que, como que enraivecidas de se verem por tanto tempo supitadas, voaram com impeto de raio e foram lancetar as nuvens!

Ao mesmo passo que por sobre o edificio cruzavam-se estalando farpadas e devoradoras chammas, enormes pyramides de roxas labaredas lambiam os

ares e chammuscavam as nuvens ! Ao immeuso estrago do impetuoso fogo juntavam-se os estrondos de compridas vigas, que envoltas em chammas, queimadas em uma ou mais partes, arreventavam-se com terrivel estridor e acompanhadas de pedaços de madeiros inflammados, vinham espalhar sobre a terra suas accesas ruinas ! A este ruidoso estampido respondia o surdo baque de fumegante parede, que desequilibrada desabava medonha, cobrindo o chão de abrazados estilhaços, de ardente calça, de calcinadas pedras e de inflammados tijolos, calhãos que ficavam sobre a terra por longo tempo fumegando ! Era dôr o ver cahindo em cinzas tanto trabalho da mão do homem, onde o genio havia se esmerado de aperfeiçoar a delicadeza d'arte e o gosto havia posto a ultima e melindrosa demão !

Nos outros logares do edificio, onde o tecto não se havia ainda abatido, não era menos horrivel a funesta hediondez deste quadro de horrores ! As chammas, não podendo pyramidar-se aos ares, abafadas pelo tecto, ainda suspenso, lançavam-se impetuosas com arrepiadora crepitação por entre os umbraes das janellas, como querendo fugirem do flammibundo edificio, atirando-se ao espaço em estridentes linguetas ! Taes as chammas comprimidas no centro de um grande forno, que não podendo devorar a abobada a que investem com desesperada vehemencia, longe de minorarem em seu esforçado impulso, precipitam-se pela boca da fornalha, unico respiradouro que encontram e por ali violentamente se lançam ao espaço que demandam em roxas espadanas, que iracundas serpejam !

Tal era o horror desta medonha scena, quando um mancebo acabava de chegar fatigado a este funesto logar de desastres : elle pára diante do incendio pouco depois da sahida das recolhidas e prega seus olhos, que ficam immoveis, sobre uma janella do re-

colhimento : depois aproxima-se de um sujeito e pergunta-lhe :

--- As recolhidas estão salvas ?

— Não sei se todas.

Foi a este tempo que as duas vozes que pediam soccorro se fizeram ouvir. O mancebo dá signal de quem conhece estas vozes, agita-se e sua agitação passa bem depressa a uma frenetica afflicção ! Neste excesso de desespero quer romper as filas dos soldados para lançar-se ao edificio. Todos os que ouviram os gritos das duas vozes que pediam socorro e que pareciam de mulheres, fizeram outro tanto, e como o mancebo, todos são repellidos. O povo, que levado por um sentimento de compaixão quer socorrer as que gritam, enfurece-se contra os soldados e os soldados contra o povo velando por seu posto. Escandeceram-se os animos ; sangue ia correr, se o vice-rei tão prestes não chegasse, tendo ouvido o motim. Vasconcellos chega, todos se suspendem e elle pergunta o que é.

— Senhor... senhor (brada-lhe o mancebo, como fóra de si).

— Senhor Geraldino (diz-lhe o vice-rei, estendendo-lhe a mão affavelmente).

— Senhor, ella morre... alli... alli abrazada entre estas chammas... morre...

— Quem ? quem ?

— Ella... ella...

— Ella quem ?

— Emilia... Emilia... morre, e não querem que eu lhe valha... Mande V. Ex. a estes barbaros soldados que me deem passagem... ao menos que eu morra com ella senão a puder salvar.

O vice-rei deu ordens a uma turma de soldados, que lhe obedecendo logo, investiram d'envolta com uma porção de povo que havia rompido a fila, e *barafustaram* em tropel pela porta dentro do reco-

lhimento. Vasconcellos volta-se para ver Geraldino, mas já o não achava, que no sussurro da onda popular se havia também precipitado ao recolhimento em socorro das que o pediam em gritos! O turbilhão de povo recua horrorizado á vista do perigo, não podendo vencer a impetuosidade das chammas, nem a densidade do fumo. Geraldino, como inspirado de uma nova idéa, tem então um melhor alvitre; corre a uma escada, das que se achavam arri-madas á parede do edificio abrazado, e por onde os apagadores do fogo subiam, e desciam, e ajudado de Venancio seu escravo, e de mestre Estolano, e de mais algumas pessoas interessadas na salvação das infelizes, a traz para defronte da janella, d'onde os gritos se partiam. A escada era fraca, a altura immensa, e a subida perigosa. Geraldino porém não pesa nem uma destas difficuldades, e começa a subir.

— Aonde vai, meu senhor? diz Venancio, querendo detel-o.

— Salval-a, ou morrer com ella! exclama o magnanimo mancebo, subindo sempre.

— Salval-o, ou morrer com elle! brada o amoroso escravo subindo também.

— Salval-os, ou morrer com elles! grita o generoso Estolano, subindo igualmente!

Geraldino já estava no meio da escada, quando esta começa a estalar, e a quebrar-se. Venancio, entendendo que diminuindo o peso, a escada se não quebraria, atira-sa della á baixo, e acha-se no chão sem perigo: Estolano, que por felicidade estava mais perto do chão, faz o mesmo, e apesar de velho também nada soffre: era porém tarde que a escada fazendo-se em dous pedaços, veio a terra com Geraldino... O povo vendo esse fracasso solta um grito de horror e compaixão! e todos pensam ir levantar do chão seu miserando corpo despedaçado! Geraldino mesmo vendo a escada ir-se quebrando, sem que pudesse evitar sua ruina, viu neste momento acerbo a

negra morte sacudir diante de seus olhos, com sinistro vôo, suas funereas e pesadas azas!... mas qual seu espanto quando em sua queda sente-se sus-tido por dous robustissimos braços de ferro de um corpulento vulto rebuçado em um grande capote, com o rosto meio encoberto, como quem punha a peito o não ser conhecido, este vulto pondo Geraldino mansamente de pé lhe diz ao ouvido:

— E' preciso ser mais prudente...

Geraldino encara o vulto, que parece conhecer pela fallia, e exclama admirado:

— E' elle!... porém ella morre... morre abrazada acolá...

O povo, commovido pela afflicção do mancebo, segunda vez se lança à porta do recolhimento; e o vulto corpulento do capote se envolve no murmuri-nho desta buliçosa onda de povo; mas esta onda recúa ainda desta vez repellida como da primeira por um turbilhão de fogo, que envolto em espesso novello de negro fumo ameaçava de morte ao temerario que por ventura ousasse de acommettel-o! Todos recuam pois, todos afora um! este um vence a espes-sura do fumo, caminha por entre as chammas com tão natural denodo, que dir-se-ia que o fogo lhe era um elemento familiar! Nada o suspende, vence embarços, supera os perigos, galga animosamente as escadats, e perde-se na immensidade do edificio inflammado, por entre o fogo e o fumo! Geraldino attonito, afflicto e quasi louco, quer ainda fazer-se camiuho por meio do povo: elle está nesta terrivel lucta quando tres ou quatro minutos depois do desap-parecimento do vulto no centro do edificio, o mesmo vulto no centro do edificio, o mesmo vulto, ou outro semelhante, trazendo duas mulheres arquejando de cançadas, uma em cada braço, as depõe junto de Geraldino dizendo:

— Ahi as tendes. Disse, e desapareceu.

— E' elle!!! Bradou Geraldino.

CAPITULO XXII

E' A MESMA !

O cadafalso é um triumpho para o innocente, embora fraco, elle morre ali com uma coragem espantosa ! O criminoso porem, embora vultoso, acaba no patibulo como o maior covarde de todo o mundo !

No seguinte dia logo pela manhã dous espectaculos bem diversos occupavam toda a attenção do povo do Rio de Janeiro. Um era na igreja do Parto, e o outro no largo de S. Francisco de Paula.

O povo do Rio de Janeiro dividido em duas grandes grandes porções contemplava dous factos bem diversos, e que despertavam tristes, terriveis e mui differentes idéas !

Em roda da igreja e recolhimento do Parto, uma immensidade desta população admirava curiosamente as ruinas desse bello edificio cobertas de montões de cinzas tepidas e fumegantes ; enquanto algumas pessoas desta porção com maior curiosidade e interesse, percorriam o resto do edificio respeitado pelas chammas admirando o estrago feito por tamanho incendio.

Contam nossos maiores, que fronteiro á igreja dos terceiros de S. Francisco de Paula, havia não pouco tempo, que em obras se achava uma grande morada de casas. Estavam levantadas as paredes, mas não rebocadas ; corrido grande parte do vigaumento, e todo o telhado em cima, quando negocios de herdeiros embargaram a obra, e a fizeram paralyzar. Na época em que aconteceram as cousas que relato, havia mais de vinte annos que esta edi-

ficação estava parada. Os cardos, as beldroegas e outras ervas parasitas cobriam o telhado, e pendiam das paredes. Os andaimes foram desmanchados ; estavam ennegrecidas as paredes ; e os buracos que serviram aos travessões dos andaimes se viam cheios de ninhos de andorinhas, canarios, camachilras, corujas, e varios saxatiles. Enfim, este edificio, que envelhecia antes de ser acabado, estava reduzido a pardieiros : de noite, alli se acolhiam escravos fugidos a seus senhores, soldados desertores, vadios, e até mulheres de má vida ; estes desertores, e escravos fugidos investiam dalli aos que passavam, e os roubavam, espancando-os ás vezes. Estes repetidos insultos fizeram que das oito horas em diante ninguem por alli quizesse passar. A gente ignorante chegava até a dizer que aquella casa era mal assombrada !

Foram pois estas cousas que obrigaram, por assim dizer, a chamarem áquelles pardieiros— Palacio encantado.

Alguns de nossos maiores, que nesse tempo viviam, conheceram bem o palacio encantado : dessa existencia pois ninguem duvida ; apenas hoje uma duvida se suscita, e é sobre o logar em que tal casa existiu. Por mim digo que os velhos de minha familia m'o indicaram no logar mencionado, onde elles foram testemunhas da apparição, cuja conta vou dar. Hoje porém varias idéas tenho ouvido sobre o logar em que existiu o palacio encantado. Uns dizem que foi no logar em que meus maiores m'o disseram ; outros que no largo de S. Domingos ; estes que no campo de Sant'Anna, e depois d'Acclamação, no logar chamado— Pitangueiras ; aquelles indicam outro logar ; e assim hoje ficamos nós na duvida sobre o verdadeiro logar em que tal casa existiu ! e alguns ha que dizem que *viram com seus proprios olhos* o palacio encantado, no logar que inculcam ! Até isto é um encantamento !

Como duvidas tão positivas sobre um logar, que varias circumstancias tornaram de algum modo celebre ? ! Como ? não tendo-se passado nem um seculo sobre estas cousas !

Assim são todas as nossas tradições que tão pouco tem havido quem as commemore ! além da pouca conta que dellas fazemos ! Quanto á nossa historia, basta que saibamos que existiu no Rio de Janeiro uma casa, que estando em obras foi, por assim dizer, abandonada. que esta casa se chamou—Palacio encantado,—e que nella appareceu o que vou dizer, fosse lá o palacio encantado onde fosse.

E pois, na manhã que se seguiu ao incendio do Parto, logo muito cedo começou o palacio encantado a encher-se de povo, e do mesmo modo o largo de S. Francisco de Paula (conto como me contaram). Pouco depois os soldados que faziam o serviço da policia cercaram a praça, de modo que nem deixavam sahir os que dentro estavam, nem entrar os que por fóra volviã.

Eis o caso. Um sujeito passando em frente do palacio encantado, teve urgente necessidade de ficar só por alguns momentos ; e para livrar-se do incommodo que o affligia julgando apropriados esses pardieiros, entrou-os ; de volta, viu uma caixa sobre umas vigas, e notou que as juntas da caixa pareciam snar um licor vermelho, como sangue : approximado, acreditou que se não enganava : levado da curiosidade que lhe inspirava tão extraordinaria cousa, tentou a caixa a vêr se estava aberta ; não estava ; mas movendo-a do logar em que estava collocada, viu que debaixo do fundo estava uma das vigas coberta de sangue... retirou-se immediatamente, mas foi contaudo a quantos conhecidos encontrava o caso da caixa. Chegado o caso aos ouvidos da policia, mandou o intendente tomar delle conhecimento. Os officiaes disto encarregados apenas viram o que era tendo forçado a caixa, partiram

a dar conta ao intendente, que sem demora veiu seguido de officiaes de sua alçada, e de soldados, e cercando o largo, como disse prohibiu a entrada aos de fóra, e a sahida aos de dentro.

Aberta a caixa solemnemente pelos officiaes de policia, qual seu espanto vendo dentro della uma joven senhora, que apezar de macerada, e de livida, parecia ter sido bella! Ella estava vestida e penteada simplesmente mas com decencia: joven, mostrava ter vinte e tantos annos de idade; formosa, a mesma horrorosa morte desdobrando sobre seu rosto seu sombrio, e pesado véo, nem assim havia alli obscurecido todos esses magicos encantos, que inda vislumbravam por entre o horror de uma barbara morte, que tão flagellante parecia ter sido.

Uma larga facada sobre o peito esquerdo defronte do coração bastára para pôr cabo a seus dias; mas a truculenta mão, que tão dura havia murchado tão linda flor, não foi contente de romper uma parte desse melindroso pistillo; pois tinha mais algumas facadas no corpo, a lingua cortada, ambas as pernas fracturadas e de tal modo que estavam dobradas sobre as coixas, como que para melhor ser o cadaver accommodado na caixa em que fóra encerrado!

Sem mais demora se abriu uma devassa sobre este acontecimento. As pessoas que se achavam dentro do palacio encantado, na occasião em que chegou a policia ahi, juraram, mas nada depuzeram que indicar pudesse o menor vestigio. Neste interim apresenta-se um soldado da policia com um preto, o qual deixando no largo uma carroça que trazia, foi levado ao intendente da policia.

— Senhor, disse o soldado, ouvi a este negro dizer que elle tinha trazido esta noite uma caixa para aqui.

Incontinentemente foi preso o senhor do preto, e conduzido á presença do intendente: este declara que o escravo é seu, e que sahira quasi ás quatro horas da

madrugada do campo dos Ciganos, onde actualmente edificava umas moradas de casas, a levar naquella carroça uma porção de entulho para a praia, e que nada mais sabia. Interrogado o preto, disse que ia á praia de Braz de Pina a despejar o entulho, e que lá encontrou um homem com uma caixa grande junto de si; que este homem lhe perguntára se elle queria trazer aquella caixa para o palacio-encantado, pagando-lhe elle; o preto disse-lhe que sim, por que por alli era seu caminho.

Então o homem o ajudou a pôr a caixa sobre a carroça, dizendo que era alguma ferragem para aquella obra, e lhe deu tres patacas em prata: e que quando elle partiu com a carroça perguntou ao homem quem lhe havia de ajudar a tiral-a da carroça, e que elle lhe dissera que o que ia na carroça não tinha risco, e que podia atiral-a ao chão, e deixal-a até junto da porta; mas que elle ajudado de outro preto que passava a botou dentro da casa em cima do vigamento; e que nada mais sabia.

Ora, ha no depoimento deste preto uma circumstancia que convém muito notar, e é que sahindo elle do campo dos Ciganos, depois largo do Rocio, e hoje praça da Constituição, com a carroça de entulho, mais perto lhe era descer pela rua da Cadeia, e il-o despejar á praia de D. Manoel; ou pela do Ouvidor, e despejal-o na praia do Peixe. Com effeito desceu por esta ultima, e a razão, que o levou á praia de Braz de Pina, é que nesse tempo haviam os juizes almonacés prohibido lançar-se entulho na praia do Peixe, largo de Palacio, e praia de D. Manuel; e então a mais perto lhe era a de Braz de Pina.

Findo este in errogatorio, um meirinho da policia deu parte ao intendente que um frade queria fallar-lhe; mandado entrar, appareceu um religioso franciscano de cincoenta e tantos annos a sessenta, de agradavel presença, o qual com franciscana urbanidade disse:

— Eu dirigia-me á casa do Sr. intendente, a dar-lhe conta de um grave successo commigo occorrido esta noite.

— O padre-mestre pôde sentar-se e fallar.

— Eram quasi tres horas da manhã quando fizeram soar fortemente a sineta da portaria, o irmão porteiro a abriu e um vulto embuçado em seu capote pediu a toda a pressa um religioso para ouvir de confissão a uma dama *in articulo mortis*. O guardião mandou-me, e desci a ladeira em companhia do vulto; este chegando á embocadura da rua da Valla, disse-me com affectada tranquillidade que nada receiasse, 'mas que sua segurança exigia que eu me deixasse tapar os olhos, e que o acompanhasse cegamente. Duvidei fazel-o e a isso me oppuz absolutamente. O vulto recorreu a rogos e a promettimentos, disto passou a ameaças; e vendo que nada obtinha, tirou denodadamente uma pistola, e engatilhando-a defronte de meu peito, bradou-me com uma voz de um medonho trovão:

« Padre, ou ceder, ou morrer .. Que diz? »

« Como quando sahi do convento, disse eu, não disse ao meu guardião que vinha morrer; visto que elle me espera não quero deixal-o em falta; e pois eu me sujeito. »

Assim o vulto tapou-me os olhos com o lenço, e comecei a caminhar guiado por elle e sem saber para onde. Depois de darmos algumas voltas, pareceu-me que entravamos em uma casa; fizeram-me assentar e antes de me tirarem o lenço disse-me o mesmo que conduzido me havia.

« Senhor padre, a pessoa a quem vai ouvir de confissão é uma mulher moça e formosa, delinquente perante seu marido, porém ella não tem de vida senão o tempo preciso para vossa caridade ouvir-a de confissão, e absolvel-a, segundo ella mesma pede. Sr. padre talvez ella lhe peça que delate este crime á policia, dizendo-lhe meu nome e o della; eu

porém não quero ver-me obrigado a punir na pessoa do Sr. padre-mestre essa delação caso assim seja ; e por isso vossa caridade ha de jurar-me aqui de não declarar o nome desta mulher e nem o meu, caso ella lh'os diga. »

Com effeito jurei *in verbis sacerdotis* de respeitar religiosamente o sigillo do confissionario, nada declarando do que me fosse dito debaixo de confissão. Findo isto, tirou-se-me a venda, e eu achei-me em um pequeno quarto, apenas allumiado por uma pequena luz de um candieiro de latão. O vulto passou a uma sala vizinha e trouxe-me uma mulher, que apezar da pouca claridade me pareceu formosissima: ella vinha tremendo e chorando.

O vulto que a conduzia, parou diante de mim, e apontando para ella disse-me de um modo acerbo :

« Meu padre, eis aqui uma mulher criminosa, que se tivesse mil vidas não pagava com ellas nem metade de seus crimes ! Meu padre, esta mulher infernal acaba de lançar fogo no recolhimento do Parto ! »

Ella, a pobre senhora, lançou um suspiro, como arrancado de uma intensa dôr, e o homem continuou ainda :

« E' uma mulher casada que nunca amou a seu marido ; que teria acabado com elle se o podesse fazer ; que na occasião em que projectava um negro adulterio, colhida por seu marido, o cobriu de insultos ! encerrada no recolhimento do Parto por causa desse mesmo crime, poz-lhe fogo para se evadir desse asylo... mas eu que a conhecia bem, collocado defronte á porta do recolhimento vigiava as recolhidas que sahiam, e uma por uma, e no meio dellas esta mulher não sahio : pouco depois um vulto de branco sahe do recolhimento, eu approximo-me, e era ella que por entre o povo buscava evadir-se : segui-a ; desceu-pela rua de S. José, voltou pela do Saco-Sarará, chegando ao canto do Bom Successo, desceu pela rua

do Cano: tomou pela rua de traz do Carmo, sahiu pela do Ouvidor, e veiu dar consigo na rua Direita: ali, vendo que era seguida, deitou a fugir correndo a bom correr! mas defronte das casas dos Contos foi segura por seu marido: este quiz ali mesmo acaballa, pois que antes não o tinha feito impedido por um amigo. Ella, vendo a morte diante dos olhos, cahiu de joelhos a meus pés, pedindo que a deixasse confessar ao menos, porque agora a morte, e a eternidade, e o juizo de Deus a assombravam; dizia ella chorando, que era muito criminosa, que tinha lançado fogo no recolhimento do Parto, e que naquella hora sem duvida duas lindas damas morriam abrasadas e victimas de sua vingança! Ella pois pedia-me a confissão pelo amor de Deus, porque agora a morte lhe causava horror, e o inferno a sustentava!

Consenti: e já que perde o corpo, não perca tambem a alma. »

Então voltando-me para a senhora disse:

« Filha, a misericordia de Deus é grande: Quer confessar todos os seus peccados? »

« Sim, meu padre, me disse ella, mas eu quero que todo mundo saiba deste horrivel crime que commetti lançando fogo na casa de Deus, sacrificando tudo á minha vingança. »

« Nesse caso, tornei-lhe eu, é preciso que declare tudo sem ser debaixo de confissão. »

« Pois ouça, meu padre, disse elle. »

O padre referiu tudo quanto ouviu da bocca da penitente: esta pois lhe havia contado toda a sua vida desde seu casamento até sua entrada no recolhimento do Parto; ella não omittiu nenhuma circumstancia, nem a de seu adulterio, ou antes tentativa d'elle: contou seus ciumes quando suppoz que seu amante não a desprezava por honra, mas sim por causa de outra mulher: pintou com vivas côres seus ciumes quando viu esta mulher, que suppunha sua

rival, no mesmo recolhimento, e em companhia de outra senhora com quem ella já muito se dava; contou depois o como concebeu o projecto de sua vingança, e o modo por que o executou.

O religioso terminou assim :

« Ella concluiu dizendo-me que sahio de seu aposento, e que indo ao de sua camarada achou-a dormindo com sua rival, e a porta aberta; passou então a chave para o lado de fóra, apagou a luz do aposento das duas, trancou-as e deixou-as ficar assim trancadas; depois voltou ao seu quarto, tomou algumas velas, e accesas lançou-as em alguns logares onde viu que o incendio era inevitavel : quando este se manifestou, e as portas foram abertas para serem salvas as recolhidas, ella occultou-se; e depois quando julgou occasião mais opportuna sahio, e é quando foi presa por seu marido. Quando terminou esta narração exclamou :

» Padre, eu sou muito criminosa diante de Deus! ah meu padre, haverá perdão para mim?

« Por maior que fosse vosso peccado, minha filha, disse-lhe eu, ainda assim haveria perdão para elle; os crimes dos peccadores são finitos, minha filha, e a misericordia de Deus infinita!

» Padre, disse ella, eu tenho medo de morrer... porque sou uma grande peccadora... ah! eu tenho medo de morrer!...

« Não desespereis, minha filha, tornei-lhe eu, confiai na bondade do Senhor...

« Ah! meu padre, disse ella chorando, ainda ha bem pouco tempo eu desafiava a morte, e a morte era bella ante meus olhos... mas agora... ai de mim!.. A Eternidade abre-se diante de meus olhos tão negra... tão negra!.. Padre, Deus me coudemna... os demonios me arrebatam... o inferno me abrasa... ai de mim! tudo vinga o ultraje que eu fiz á casa de Deus! » Ella entrou a volver todo o quar- em um delirio de temor, que lhe figurava vêr os

demonios, o inferno, e as duas jovens a quem ella tinha assassinado no incendio!

« Padre, padre... bradava ella, soccorrei-me... alli estão... alli estão... »

« Quem christã! perguntava-lhe eu.

« Ellas... ellas... exclamava a triste apontando para um canto do quarto, as duas infelizes que eu matei no incendio! são ellas... Ellas me accusam diante de Deus!.. Alli estão as chammas que eu accendi... alli estão ardendo!.. é o inferno... o inferno, que me espera... padre, não ha misericordia para mim! os demonios me despedaçam.. » E ella cahiu n'uma especie de syncope, e assim esteve dous, ou tres minutos: tornada a si, disse-lhe eu:

« Filha, é preciso confiar na misericordia do Senhor! Deus está sempre com seus braços abertos á espera do peccador arrependido. O seu amor é immenso, e sua misericordia sem fim! Elle perdoou á peccadora publica, ao discipulo que o negára; e perdoaria até ao perfido que o vendeu, se elle reconhecendo seu crime, em vez de desesperar, confiando na misericordia do Divino Mestre, chorasse arrependido a enormidade de sua culpa aos pés do Deus que tão gravemente offendera!

« Filha, o maior peccado, o meio mais grave pelo qual o peccador offende a seu Deus é a desesperação, não confiando em sua illimitavel bondade! e o céo se alegra mais pelo arrependimento de um grande peccador, do que pela salvação de um justo! Filha, confessai vossos peccados christãmente, confiai em Deus e Deus terá piedade de vós.

Com effeito, ella se poz de joelhos, e o homem sahio. Cinco minutos durou sua confissão, que foi feita christã e constrictamente. No fim quasi della o homem bateu á porta dizendo: « Senhor padre-mestre, é preciso abreviar... »

A triste senhora estremeceu e me disse chorando:

« E morrer tão moça... »

« E que importa isso, filha? tornei-lhe eu, Deus quer a salvação de vossa alma, e por isso vos chama para si tão cedo! Para offenderdes a Deus, muito tendes vivido! Para se commetterem grandes crimes basta ter-se commettido um; e vós havieis intentado um e perpetrastes outro! As portas do crime pois estavam abertas diante de vós; e seu horroroso covil vos estava patente! Ah minha filha! e que mar tão tempestuoso e tão cheio de naufragios não agitaria constantemente o fraco baixel de vossa vida, até que cheio de offensas ao vosso Creator se fosse despedaçar em um maior naufragio e quando nem vosso arrependimento tivesse já logar, nem tão pouco o vosso perdão! Mas Deus que é bom, Deus que ama as lagrimas do peccador arrependido, não quer que vossas desgraças desenleem mais o fio de vossos crimes. Deus levantou sua dextra, e pondo barreira aos vossos dias, corta igualmente a teia de vossos delictos, pois elle quer vossa alma para si. Elle mesmo foi quem inspirou vossos remorsos, o temor de vossa morte, o desejo de vossa confissão e absolvição, e vosso arrependimento emfim! Que tão bom, que tão bom, filha que é o nosso Deus, que punindo o peccador no meio de seus delictos, ali mesmo ainda o acode e lhe administra os ultimos consolos á sua alma! Só uma cousa, minha filha, vos falta para serdes digna das misericordias do Senhor, e gozardes de sua presença na morada dos justos; é terdes fé na misericórdia de Deus: tendes, minha filha?

« Tenho, meu padre, disse ella; mas, em nome de Deus quero outra graça de vossa caridade.

« E qual é, perguntei-lhe eu.

« E' que me não desampare vossa caridade senão depois de minha morte! Ah, meu padre! eu quero o seu conforto, quero o soccorro da religião até meu ultimo instante!... »

Era exigir-me muito, exigindo não menos do que

minha presença a um crime, a um assassinato: mas não era um homem do mundo que alli se achava e sim um ministro de Deus: e eu lhe disse que sim. Nisto entrou o homem e eu dirigi-me a elle; fiz todo o possível para obter o perdão da infeliz, porém de balde: este homem ou era o mais intratavel de todos os homens, ou estava irritado contra sua mulher até o ultimo ponto! Eu disse-lhe então que consentisse que ao lado de sua mulher lhe assistisse o seu derradeiro momento...

« Não, senhor reverendo, bradou-me elle com uma voz horrivel, o seu officio está concluido e ha de retirar-se já.

« Vêde, meu filho, que se por qualquer abuso estás senhor de seu corpo, não o estás de nenhum modo de sua alma, e por essa quem agora responde a Deus sou eu: ella quer que eu a acompanhe até seu derradeiro momento, e eu lh'o não posso recusar e nem vós prohibir-me. O medico do corpo pôde desamparal-o, perdidas todas as esperanças de o salvar, mas o medico da alma não a deixa senão quando ella vâa para Deus! Isto lhe disse eu e elle tornou-me:

« Padre, commigo ninguem teima... e é preciso que se retire...

« Quem quer que sejais, lhe disse firme e resolutamente, eu vos declaro em nome de Deus que não sahirei. Eu me não opponho á vossa justiça ou injustiça; matai pois a vossa mulher; matai-a, pois tendes sua vida em vossas mãos: mas segunda vez vos digo e vos declaro em nome de Deus, que antes de sua morte só lançareis daqui o meu cadaver. »

Durante isto a infeliz estava de costas para nós de joelhos, com as mãos postas e orando diante de um crucifixo. O barbaro, ouvindo minha ultima resolução, caminha para ella rapidamente; suppuz que ia dizer-lhe alguma cousa, quando, sem que eu o esperasse, ouvi um grito de dôr: volto-me, a des-

graçada cahia sobre a terra, banhada no seu sangue!... O salto do tigre sobre a presa é menos rápido; o effeito do raio não é mais prompto!... Corri a miseranda, apertei-lhe a mão nomeando o nome de Jesus, e ella fazendo uma ligeira contorsão, expirou de uma facada que lhe devia ter partido o coração!...

O monstro olhando para mim, como regozijando-se de sua barbara ligeireza, me disse :

« Está satisfeito, meu reverendo?

« Como homem de Deus, como sacerdote christão, cumpri o meu dever, respondi-lhe eu.

« E eu o meu, como um marido aggravado, disse elle.

« Mas lembrai-vos, meu filho, ainda tornei-lhe eu, das palavras do Senhor : *Quem com ferro fere com ferro serd ferido*; Deus permitta que assim não acabeis...

« E' o mesmo, meu padre. Agora podemos ir-nos. »

E dizendo isto, quiz dar-me algumas moedas que me pareceram de ouro.

« Não, lhe disse eu, applicai-as por suffragios por aquella infeliz creatura.

« Pois ahi tem essas moedas, diga-lhe o padre-mestre algumas missas por alma, respondeu elle.

« Mandai-as dizer por outro sacerdote, filho. »

Dizendo eu isto, tornaram a tapar-me os olhos e sahi do mesmo modo. Pouco depois tiraram-me o lenço, e eu estava no largo da Carioca.

— E vossa caridade conhecerá o cadaver dessa mulher se o vir, perguntou o intendente ao frade.

— Talvez.

Então o intendente fez mostrar ao religioso o cadaver, este affirmando-lhe a vista, disse :

— E' a mesma.

A's dez horas da manhã o cadaver dentro da mesma caixa foi depositado na Santa Casa da Mise-

ricordia, onde grande quantidade de pessoas atraídas pela noticia o foram ver.

Era meio-dia, quando Geraldino seguido de seu amigo Carlos, foi tambem ver o cadaver da moça assassinada, que no Palacio encantado havia apparecido dentro de uma caixa. Apenas Geraldino encarou o cadaver, recuou como horrorisado e com voz um tanto suffocada exclamou :

— E' ella!...

— Ella quem?... Ella quem?... Pergunta Carlos tão embaraçado como elle.

— Margarida !...

CAPITULO XXIII

È TÃO SUBLIME PERDOAR OFFENSAS !

O filho do malvado, tão malvado como seu pae, merece mais a compaixão do philosopho, do que seu odio. O filho do perverso, quando é bom, é credor de duplos respeitoes, e duplos elogios.

Quando Gertrudes ouviu dizer que o fogo era no recolhimento do Parto, esteve a ponto de morrer de susto tremendo pelos dias de Emilia! A assustada Gertrudes mandou logo mestre Estolano, e dous escravos saberem novas de sua educanda. Gertrudes deixou apenas para acompanhal-a a escrava de Emilia: mandou pois todos os escravos que pôde mandar, e mais mandaria se mais tivesse. No meio destas mortaes ancias, no fundo destas assustadas dô-

res que sentia Gertrudes, entra repentinamente por sua casa Geraldino trazendo Carlota e Emilia! A alma da boa Gertrudes voando do meio do susto e dôr aos transportes da segurança e do prazer, se desfez em caricias, enquanto seus olhos derramavam duas lagrimas de uma bem entendida alegria. Gertrudes abraçada com as duas, tendo seus braços, cada um no pescoço de uma, antes de pronunciar palavra, que lh'as embargavam na garganta seus repetidos soluços, deixava cair sobre os peitos das duas, lagrimas doces nascidas da mais cordial ternura! A terna Emilia, a sensível Carlota abraçadas estreitamente com aquella que as havia educado, misturavam, tambem soluçando, as perolas que de seus olhos cahiam, com aquellas que Gertrudes derramava! Lagrimas de prazer! Mel mais doce que o dulcissimo mel do Hymetto, que o coração tão suave derrama nas effusões d'alma, quando ella attinge ao seu *summo* bem, deleitada nos gozos de uma ventura suprema! Lagrimas de prazer! Oh! quem sempre as pudéra chorar! Os mesmos escravos, mudas testemunhas desta scena de doces lagrimas, e de transportes do coração, não foram indifferentes; não que tambem choraram lagrimas de prazer.

Passado este primeiro transporte de jubilo disse carinhosamente Gertrudes, beijando as faces das duas jovens:

— Então, minhas filhas, como foi isso? como?

— Nós não sabemos. respondeu Emilia; eu me acordei ao estrondo de uma gritaria immensa, e de sons de tambores, e de sinos. Acordo a Carlota, e ella depois que deu attenção a todo este motim disse: « E' fogo... onde será? » Eu não sei, disse eu, vamos abrir a janella. « Vamos » disse Carlota. Nisto percebemos que o maior estrondo era muito perto; chegámos até a acreditar que era embaixo do nosso quarto. Abrimos a janella... Oh! meu Deus! quasi morremos de susto! o clarão das chammas quasi que

nos cegou! e então uma nuvem de fumaça, que entrou pela janella, nos deu a entender que o fogo era no recolhimento. Eu e Carlota botámos uma cadeira na janella, atrepámos em cima, e olhámos para baixo. Ah! minha amiga! quasi morremos de susto quando vimos na rua um immenso povo, e soldados! Nisto vimos linguetas de fogo, que do quarto vizinho vinham para o nosso...

Corrremos á porta, e... Oh! meu Deus, a porta estava fechada... fechada por fóra!

— Fechada por fóra?! exclamou Gertrudes com excessiva admiração.

— Sim, minha amiga, disse Carlota, fechada por fóra!

— Fechada por fóra! continuou Emilia. Que malignidade! Fugiram todos, todos buscaram salvar-se... e nos deixaram trancadas .. queriam que morressemos queimadas! Que gente tão má.. Carlota, não vás mais para aquella casa, não vás mais não, minha amiga...

— Quem, eu? acodiu Carlota. Deixa estar que pouco pedes a quem muito te deseja servir... nada, não quero morrer assada; não.

— Continúa, Emilia, disse Gertrudes.

— A porta estava fechada; a fumaça começava a suffocar-nos; nós sentíamos o calor das chammas, como se estivessemos dentro de um forno! Começámos a gritar, como loucas... ao passo que o calor se fazia mais forte, e a fumaça augmentava, gritávamos mais... corriamos por todo o quarto, como desesperadas. batiámos com os pés no chão, com as mãos na parede, chamavamos por Nossa Senhora .. Oh, minha amiga!.. morrer queimada ha de ser uma morte muito cruel .. No meio destes tormentos ouvimos uma cousa bater na parede da janella, mas a janella tinha grades, e não podíamos vêr o que era depois ouvimos uns estalos, como de madeira que se rachava, e logo um estrondo mais forte, como de pe-

daços de páu que cahiam. Suppuzemos que era a casa que cahia em cima de nós, e soltamos gritos horriveis : emfim, eu e Carlota, enrouquecemos de gritar, e apenas lançavamos dolorosos gemidos ! Julgavamos que ninguem sabia de nós, que não eramos ouvidas, e nos resignámos quasi a morrer queimadas. Neste tempo ouvimos uns passos fortes, e muito ligeiros, que julgámos ser no corredor ; pareceu-nos ouvir abrirem algumas portas vizinhas do nosso quarto, e Carlota disse : « E' gente que nos vem soccorrer ; andam nos procurando. » Gritemos, disse eu. « Sim, tornou Carlota, e batamos na porta. » Então começámos a gritar « é aqui » e a bater na porta com toda a nossa força...

— Olhe, minha mestra, como tenho as mãos, disse Carlota mostrando as mãos a Gertrudes, que com effeito estavam crivadas de callos de sangue.

— Oh filha ! disse Gertrudes. Coitada ! é preciso mettel-as em agua de sal !..

— E as minhas como estão, minha amiga ! fallou Emilia mostrando egualmente as suas.

— Coitadinhas ! disse Gertrudes Então o resto ?

— Sim, proseguiu Emilia, nós estavamos gritando e batendo na porta, quando ouvimos uma voz muito grossa dizer de fóra : « Saiam detraz da porta » sahimos ; ouvimos uma pancada muito forte na porta, e ella abriu-se... entrou um vulto alto, e embrulhado n'um capote, poz Carlota debaixo de um braço, eu debaixo de outro... que homem para ter força, meu Deus !... parecia que eramos duas peanas ! e com cada uma debaixo de um braço, foi sahindo, muito desembaraçado ; rompendo quasi por entre as chammas, como se fosse um demonio, desceu as escadas, e quando chegou á rua nos largou ao pé de um moço dizendo : « Ahi as tendes » e elle desapareceu logo.

— E quem era o moço junto do qual elle deixou-vos ? perguntou Gertrudes.

— Nós encarámos para o moço... e era elle...

— Elle quem ?

— Elle... o Sr. Ge...

— Elle e sempre elle ! Elle ! o teu anjo da guarda ! oh ! que o céu te guarde para elle, e premie seus trabalhos com tuas virtudes.

— Oh ! minha mestra, disse Carlota, como elle é bonito ! Que lindo moço ! como é amavel... e...

— Carlota... disse Emilia meio arrufada...

— Oh ! pois que é isso ! Tens ciumes de mim, Emilia ?

Emilia comprehendeu a sua imprudencia, e abaixou os olhos, dizendo :

— Não.

— Deixa-me gostar d'elle, menina : ao menos ficas certa de que tens bom gosto, vendo muita gente gostar da pessoa da qual tu gostas...

— Não, senhora, não é preciso...

— Porque, Emilia ?

— Porque a senhora tem seu marido, e basta gostar d'elle...

— Oh ! bravo, minha senhora : e o Sr. Geraldino é seu marido ?

— Sim, não é... disse Emilia tristemente.

— Não a afflijas, Carlota, disse então Gertrudes. Emilia, não te amofines ; a Carlota está brincando contigo.

— Eu bem o sei, respondeu Emilia.

— Mas então, tornou Gertrudes quem era esse homem que as salvou ?

— Nós não sabemos...

— E o Sr. Geraldino o que fazia durante esse tempo ?

Mestre Estolano tomou então a palavra, e com sua costumada energia contou tudo quanto Geraldino fez. Mestre Estolano (quem sabe se o Dr. lhe ensinou tambem a conhecer o coração humano, e o fraco das mulheres) ; mestre Estolano contou os esforços de Ge-

raldino, suas fadigas, suas angustias e aflições por salvar Emilia, de um modo tão vivo, tão energico. e algumas vezes tão pathetico, que o melhor orador possuido deste assumpto, melhor o não faria! Mestre Estolano empregou no seu discurso as mais arrojadas hyperboles, gastou atrevidas figuras; e a exaggeração estava sempre em sua boca! Apossado do coração de seus ouvintes, elle os arrastou após de suas palavras ao ponto de os deixar suspensos tremendo pela vida do joven! Nunca o *si vis me flere, dolendum est* de Horacio foi tão bem desempenhado, e de tal sorte que quando mestre Estolano disse:

« Quebrou-se a escada em mil pedaços... e elle... elle veio redondamente a terra... »

Não tinha bem firmado a palavra *terra*, quando Emilia soltou um grito, e cobriu o rosto com ambas as mãos, como querendo impedir que seus olhos vissem o despedaçamento de seu querido! Gertrudes e Carlota estremeceram debaixo destas palavras, fazendo uma contorsão involuntaria, e sentindo calar-lhe no coração um calafrio de susto, e bradou uma: « Coitado! » e outra: « Meu Deus! » e ambas: « Pisou-se muito? »

Mestre Estolano continuou seu discurso, que concluiu dizendo:

— Ah minhas senhoras! aquelle menino é um anjo!

Não nos esqueçamos que o modesto Geraldino, apenas entregou as duas moças a D. Gertrudes, e a saudou, retirou-se immediatamente recusando todos os offerecimentos que a polida dona da casa lhe fez, e furtando-se aos cordiaes agradecimentos das duas jovens.

Achava-se então em casa de Gertrudes um escravo da fazenda de Juthurnuayba; por elle julgou Emilia dever escrever a seu pae, pedindo-lhe a composição com Geraldino; consultada Gertrudes sobre este ponto, não só approvou a idéa de Emilia, como

ainda lhe forneceu algumas : Emilia escreveu a seu pae uma carta, que Gertrudes leu e corrigiu : depois desta correccão foi a carta enviada a Flavio. Eil-a :

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1789.

Meu pae e senhor.—Roubada quasi de seus braços por *malvados salteadores, que tiveram não só o atrevimento de ferirem ao melhor de todos os homens, isto é, a meu pae, como de me arrebatarem do seu lado, eu seria miseravel victima de sua brutalidade, cahindo sem vida no meio de um deserto, se um mancebo, ou antes um anjo que Deus mandou em minha ajuda, me não soccorresse!* Este honesto joven acompanhou-me tão sómente até nossa porta, d'onde desapareceu, esquivando sua modestia aos nossos agradecimentos! Quanto meu pae desejou então vel-o e expressar-lhe seus reconhecimentos, eu o senti pelas suas palavras. Hoje mesmo eu estou certa que quando meu pae tiver occasião de ver e de abraçar este mancebo que salvou sua filha, o fará com o maior contentamento do mundo!

Entretanto, meu pae, não foi essa a unica vez que esse generoso moço arriscou pelos meus os seus dias ; não foi essa a unica vez que por intermedio d'elle eu fui arrancada das mãos da morte! duas vezes meu pae lhe deve a conservação de sua filha.

Na madrugada do dia 24 do corrente eu me achava no recolhimento do Parto, onde tinha ido visitar a Carlota, que Vm. bem conhece, a qual seu marido lá deixou, emquanto foi viajar á costa d'África ; ninguem sabe o como pegou fogo no recolhimento ; o que é porém verdade é que eu e Carlota escapamos de sermos victimas das chammas, trancadas no aposento della! e morreríamos certamente se um desconhecido nos não salvasse por intermedio do mesmo mancebo que no bosque me salvou dos salteadores !

Saiba agora, meu pae, que a vida desse moço esteve por momentos perdida, só por salvar-me!

Agora resta-me dizer-lhe quem elle é, e o favor que quero alcançar de meu pae para elle. O como eu o vi aqui no Rio de Janeiro, isso deixo para a vista: agora só rogo a meu pae que se possua do meu pedido, que julgue que é muito justo e determinado pela nossa gratidão.

O mancebo pois é o Sr. Geraldino Antonio Silva, filho do finado Julio com quem Vm. teve uma demanda, e tem agora com o filho, o Sr. Geraldino.

Parece-me que elle acceitará alguma composição a respeito dessa causa, que seja justa e razoavel; e entendo que meu pae por gratidão é quem lh'a deve propôr. Oh meu pae! Como não será tão bonito o pae agradecido em nome da filha abraçar o inimigo, tornar-se até amigo deile, e fazel-o feliz se o puder! Embora meu pae tenha razão... mas é tão bello ser agradecido!... E' tão sublime perdoar offensas!... Sim, meu pae ha de fazel-o... ha de, que sua filha muito querida lh'o roga!... Sim, ha de, para que Geraldino não diga nem se gabe em tempo algum que o filho de Julio foi mais generoso do que o pae de Emilia agradecido!

De mais, meu pae é tão rico, que não precisa das migalhas do Sr. Geraldino. Ora, sendo eu a unica herdeira de Vm., é claro que toda e qualquer composição a respeito redunda em meu prejuizo; não importa; se eu sobreviver a meu pae, se sem essa composição eu tenho de herdar um milhão, fico contente em herdar metade, comtanto que o mundo diga que o agradecimento dos offendidos foi igual á generosidade dos offensores! Além disto, meu pae está de posse de uma grande fazenda, cuja metade me pertence por morte de minha mãe: é pois minha essa metade? Certamente. Pois bem, eu não a quero; meu pae, a ceda, com tanto que sejamos todos felizes e fiquemos todos amigos... Com effeito a gene-

rosidade folgará vendo premiados seus brilhantes rasgos ! A gratidão dormirá tranquilla alliviada do enorme peso de uma divida ! A amizade ouvirá ufana a queda de uma antiga inimizade começada nos paes e acabada nos filhos. E a humanidade emfim applaudirá contente o sublime pleito da generosidade e da gratidão, vendo ambas triumphantes, e nenhuma vencida !

Oh ! quem poderá por seu proprio gosto, privar-se de sentir tão doces movimentos ?!

Eu espero e conto que meu pae não falte ao meu pedido, o que lhe rogo pela alma bemaventurada de minha boa mãe !

Rogo a Vm que me perdôe este atrevimento, se como tal o julga, na certeza porém que outra coisa não tenho em vistas senão a honra e gloria de meu pae, como filha muito amante, muito respeitosa, e muito obediente.—*Emilia Mathildes do Paraíso.*

CAPITULO XXIV

É UMA INFAMIA !... É UMA INFAMIA !

Esfalfan.os-nos em defender de alguma imputação os que gozam de boa fama, como se o homem não fosse capaz do tudo ! Acreditamos tudo quanto se diz mal do que tem mau nome, como se não pudesse ser calunniado.

Geraldino escreveu a Liberato, seu tutor, dizendo-lhe que a contar daquella data a um mez completava 25 annos, e por isso iria no fim desse tempo tomar conta de sua casa, o que lhe participava, para que

tivesse seus negocios sob mão, a fim de que não tivesse demora no recebimento do que lhe pertencia ; Geraldino entretanto começou a dar ordens aos seus arranjos de partida. Quasi um mez depois recebeu uma carta de Liberato, e nella inclusa as contas de receita e despezas da sua casa durante a tutoria de Liberato.

Liberato vendeu toda a madeira, da qual tomou conta ; se estas vendas foram boas ou más, não sabemos, o que sabemos é que pelas contas de Liberato ellas foram vendidas a *vasto de barato*. Liberato fez as colheitas de todos os grãos e do mais que havia na abundante e bem cultivada fazenda : parte destas colheitas gastaram-se em comestiveis dos escravos : o que se vendeu, como tambem o dinheiro das madeiras foram gastos em remedios para a cura dos mesmos, em pagar a capitães do mato para prenderem os que andavam fugidos, e enfim, em vestuarios dos mesmos escravos ; pois segundo elle estavam nós, quando tomou conta da fazenda como tutor. Liberato tomou conta de 18 escravos, e entregava 8 ; faltavam por tanto dez, destes, 4 estavam fugidos ; 6 haviam morrido, e Liberato annexou ás contas a certidão de obito de cada um. Emfim Geraldino estava reduzido a uma fazenda, em terras litigiosas, sem plantações, sem bemfeitorias, sem animaes, tendo antes sido senhor de uma boa fazenda com 18 escravos, bem plantada, com muitos animaes, etc.

Quando Geraldino viu estas contas, e approvadas pelo juiz de orphãos, trançou as mãos na cabeça, como louco, exclamando : « Estou perdido ! »

Geraldino naturalmente bom, do ado de uma boa alma, não se atrevia a desconfiar da prohibidade de Liberato ; e demais Liberato passava por bom homem, e não havia dados para que delle se desconfiasse. Pariu pois a toda a pressa, e chegou á fazenda que fôra de seu pae : era uma lastima vel-a ! A casa de vivenda estava arruinada, as senzalas quasi

vindo abaixo ; apenas estavam em soffrível estado a casa de farinha, forno e roda ; dos celleiros, dous podiam passar, os outros dous estavam em deploravel estado ! existiam 2 crias, de cinco que eram ; e tambem destas apresentou Liberato certidão de obito. Da ferramenta pouca havia, e essa pouca arruinada. Dos animaes existiam 6 bestas de carga, sendo antes 10, dos cavallos 3, de 6 que eram ; tambem já não existia a besta de sella ; dos cavallos que eram 3, havia 2 ; havia 5 vaccas, tendo sido 12 vitellas e novillos nenhum ; os trastes de casa e prava duravam ainda, mas uma sella chapeada de prata e freio, um dos escravos furtára quando fugira, levando tambem um cavallo de sella. Das plantações apenas existiam as arvores fructiferas que Liberato havia achado ; as cercas estavam quasi todas destruidas ; e por fatalidade o gado havia entrado na roça e tinha assolado tudo, de modo que naquelle anno a colheita era miseravel !

Dous dias depois da entrega da ex-fazenda sahiu Liberato a uma viagem ; Geraldino tomou uma espingarda, e dirigiu-se a caçar ; alongando este passeio, foi dar comsigo nas roças de Liberato seu extutor. Que extraordinario contraste entre a fazenda deste e a de Geraldino. O campo da fazenda de Liberato estava coberto de innumero gado, e de toda a qualidade ! Immensas pilhas de madeira serradas, e fraquejadas estavam em seus matos ! Uma bella casa de vivenda, espaçosas seuzalas bons celleiros, muitas bemfeitorias, longas plantações, e por cima de tudo isto 40 escravos possantes lavravam estas terras de Liberato, aquelle que ha quatro annos antes senhor de uma pequena e nova situação, apenas tinha 16 escravos e alguns animaes cargueiros !

Geraldino encostou sua espingarda ao tronco de uma arvore e cruzando os braços diante desta fortuna, que em tão pouco tempo ameaçava de ser colossal, não se pôde privar de bem amargas quão

dolorosas reflexões ! Talvez que perguntasse a si proprio, como é que Liberato em tão pouco tempo achou meios para montar sua situação a tal ponto, e como sua fazenda já tão bem montada em tão pouco se achava decadente a ponto de tocar quasi á miseria ! Como é que debaixo da mesma administração as mesmas influencias haviam produzido tão oppostas consequencias ? A fazenda de Liberato era vizinha á sua, logo como é que as febres que acabaram com os escravos de Geraldino, respeitaram os de Liberato ? Era um milagre ! A peste que assolou os animaes da fazenda de Geraldino, não tocou nos da fazenda de Liberato, e, segundo constava entre os vizinhos, nenhuma peste tinha havido ; verdade era que Liberato não motivava nem a morte dos escravos e nem a dos animaes ; isto é, elle não dizia que fossem pesteados estes, e nem das febres aquelles. Demais, os escravos de Julio passaram sempre por bons pretos ; ora, sendo estes, e os da fazenda de Liberato administrados por elle : donde provinha que só fugissem os da fazenda de Julio e não os da fazenda de Liberato ? Inda mais : que significava o destroço das lavouras de suas roças ? o desamparo em que estavam todas as cercas ? O deileixamento de quasi todos os predios da fazenda ? o desencaminhamento de ferramentas, etc. ? Depois : que vinha a ser essa extraordinaria declinação da ordem providencial em favor de Liberato e tão aberrantemente pronunciada contra Geraldino ?

Certo que incompreensiveis são os altos juizos de Deus, nem nos cabe aprofundal-os ; mas factos ha sobre a terra que sua aprofundação nada tem de attentado contra a Providencia !

No meio destas amargas reflexões, Geraldino conheceu mui. o bem que estava sobre as ribanceiras do precipicio da miseria, e que um leve empurrão alli o abysmaria !

Dos bens que seu pae havia com seu suor adqui-

rido, poucos lhe restavam ; esses mesmos desappareceriam, se por ventura perdesse a causa, porque então as custas e o que tinha por cima de repôr, conforme as contas de Flavio, lhe absorveriam tudo quanto possuia. No meio de seus tristes pensamentos o horror da pobreza e da miseria assoberbaram a alma de Geraldino, e seu futuro antolhou-se-lhe então carregado de bem negras côres ! Sua alma, bem que compassiva, e sempre inclinada ao bem, não pôde comtudo eximir-se de uma terrivel desconfiança ! Geraldino achava o que fosse de reprehensivel no procedimento de Liberato a respeito de seus negocios, e o pobre moço começou immediatamente a desconfiar desta tão gabada probidade que entre seus vizinhos era quasi proverbial. Geraldino era já bem desgraçado ; sim que elle era naturalmente bom e via-se forçado a desconfiar de um homem a quem a lei julgou idoneo para reger seus bens e ainda a sua pessoa, durante sua menoridade. Emfim, viu seus negocios mal parados, e julgou dever vir ao Rio de Janeiro. Apenas chegou a sua casa, voltado da sua caçada, deu ordens para sua viagem, entregando a administração da casa a um escravo fiel e partiu para a cidade.

Logo que Geraldino chegou, foi visitado por mestre Estolano, em nome de Gertrudes, Emilia e Carlota, que se deliberou a ficar em casa de Gertrudes até á vinda de seu marido ; nessa visita viu Geraldino o original da carta que Emilia a seu pae escrevera, e juntamente a resposta que Flavio mandára á sua filha. Julgando de meu dever pôl-a debaixo dos olhos de meus leitores, aqui a transcrevo :

« Minha filha

« Fazenda de Juthurnuayba, 12 de setembro de 1789.

Recebi a tua carta, que não pude ler sem grande pesar. Sinto o como se pode sentir que tu devas

a vida ao homem a quem mais aborreço. Eu aborrecia o pae desse moço, como ao meu maior inimigo, e a morte do paé não destruiu em meu coração o odio que com a mesma força tenho para com o filho. Sabe pois que persigo a esse moço, e o hei de perseguir até reduzil-o a pedir uma esmola de porta em porta; e minha filha se quizer conservar o meu amor, convém que nunca mais me falle em tal homem. Com effeito, como elle te salvou a vida, eu quero pagar-lhe esse serviço. Ora pois, elle ou te salvou por humanidade, ou por interesse; se foi por humanidade, nada se lhe deve e a nada tem direito: se foi por interesse, que arbitre o valor de seu serviço, porque tenho muito dinheiro para pagar-lhe.

Nada mais tenho que dizer-te a tal respeito.

Desejo-te saude.

Teu pae.

Quando Emilia leu esta infame carta cuidou morrer de dôr e de confusão! A carta que ella havia mandado a seu pae, tinha sido escripta com palavras sahidas do coração, e havia supposto que essas palavras tocando o coração de seu pae, disporem sua gratidão em favor de Geraldino! Ella chegou até a acreditar que uma vez seu pae reconciliado com elle, seria facil qualquer composição, e que melhor composição que ver esses bens pelos quaes se debatiam ha tantos annos. ficarem em mãos de ambos, e o que era mais, sem desfalque de nenhum! O leitor bem prevê que a composição que Emilia meditava era um casamento entre ella e Geraldino; e nada mais natural. Emilia não sabia porém que não era só a difficuldade de ganhar a seu pae que tinha que vencer; porque ella ignorava os escrupulos de Geraldino, pois que este, com quanto amasse os encantos de Emilia, não podia,

nem sabia comprehender como de tão máu pae nasceria uma boa filha. Geraldino estava pois mais que que muito convencido de que Flavio era um máu homem. Cumpre confessar que nesses felizes tempos ainda os bons evitam escrupulosamente o contacto dos máus: isto é, a honra não era uma palavra vaga, havia pois idéas e acções muy positivas que lhe correspondiam immediatamente! É um homem de bem daquelle tempo coraria se se visse forçado a trocar meia duzia de palavras com homem tido e havido por máu! Entretanto, como Geraldino amava os encantos de Emilia, pouco longe estava de amal-a, porque do amor das perfeições da cousa ao amor da cousa mesma não ha mais do que um passo; e então é bem de presumir que Geraldino modificasse suas idéas e aceitasse esta união tão ardentemente ambicionada por Emilia. Poucas vezes resistimos ao amor de uma belleza que nos ama, se é que sobre a terra ha todavia bellezas!

Emilia pois lendo esta carta não disse palavra, exprimindo apenas a dôr que lhe ella causava por um diluvio de lagrimas que correram de seus olhos! certo, que as acções de um pae estão muito acima das censuras de uma boa filha e Emilia o era, mas seu coração sensivel e por demais agradecido não pôde esquivar-se de censurar uma acção tão indigna que sendo por Emilia só considerada como feia, era por todo o mundo olhada como infame!

Gertrudes leu muitas vezes esta carta e não podia de nenhum modo resolver-se a crêr naquillo que tinha diante de seus olhos e que ella mesma lia: sem o menor commentario, sem dizer até cousa alguma a deu a Emilia. Este amargo silencio era para Emilia mais expresso que tudo quanto ella pudesse a a tal respeito ouvir.

Carlota tendo tambem lido esta carta, apenas disse, dando-a a Emilia:

— E' uma infamia!... é uma infamia!

— Carlota, é meu pae...

— Antes o não fosse...

Emilia levantou-se chorando e retirou-se : e Gertrudes disse a Carlota :

— Carlota não a afflijas.

— Ella é quem se afflige por ser tola.

— Então o que ha de fazer ?

— Si fosse eu bem sei o que faria....

— E que farias ?

— Casava-me com o Sr. Geraldino,...

— Contra a vontade de teu pae ?

— Não, mas contra a vontade de um infame que julga que a virtude e as mais generosas acções se pagam com ouro ! Que indignidade !

— E se elle fosse teu pae o julgarias infame ?

— Não diria o que acabei de dizer, mas tambem me não affligia ; entendia-me com o Sr. Geraldino e estava acabado: quando eu tivesse vinte e cinco annos, meu pae me havia de entregar o que de direito fosse meu por morte de minha mãe ; e elle havia de pegar com um trapo quente.

— E' sempre máu casarem-se os filhos contra a vontade dos paes.

— Somos suas filhas e não suas escravas : emquanto nossos paes trabalham por nosso bem, devemos amal-os e obedecel-os ; mas esta obediencia póde e deve até cessar, quando nossos paes em vez de trabalharem por nosso bem, trabalham por seus caprichos, a ponto de nos sacrificarem a elles.

— Tu tens razão até certo ponto, Carlota ; não obstante eu te rogo que não inspires a Emilia esses sentimentos, ao menos emquanto ella estiver em nossa casa.

Carlota não duvidou prometter aquillo mesmo que ella estava certa que não cumpria, nem lhe era possivel cumprir.

Quando Geraldino leu a carta de Flavio, disparou em gargalhadas de riso, como um louco. Entre-

gou-a depois a mestre Estolano, que se despediu e retirou-se.

Geraldino havia até alli acreditado que a maldade de Flavio era unicamente composta de uma cega ambição e por isso não duvidava que elle aceitasse uma composição, em consequencia da qual nada lhe fosse tirado de seus bens, isto é, dando-lhe a filha, unico meio que para isto havia ; mas em face desta resposta, conheceu que além da ambição havia odio e capricho.

Desejamos ardentemente aquillo que se nos difficulta ; o homem é naturalmente teimoso e reuctante ; Geraldino pois á vista desta carta já pensava em casar-se com Emilia, só porque nisto amofinava mais o seu inimigo.

CAPITULO XXV

MORRER!... QUE FACTO É ESTE QUE CORRESPONDE
A ESTA PALAVRA ?

Quando a medida dos soffrimentos do coração se enche, e se despedaça de cheia, a razão desampara a alma, e a mais brilhante das imposturas humanas, a philosophia, o não soccorre !

E' bom fallarmos agora do nosso bom velho Sebastião de quem, ha tanto tempo, não temos a menor noticia. Pois bem ; Sebastião fez sua viagem sem o menor incidente, chegou a Minas, onde foi dignamente recebido por seu sobrinho, e logo que chegou escreveu a seu amigo Julio e a Geraldino, e desde

então uma activa correspondencia foi entabulada entre os tres. Eu deixo aos meus leitores o ajuizarem do sentimento de Sebastião pela morte de Julio. José, o bom administrador da fazenda de Juthurnuayba, afilhado de Thomaz, tambem escreveu a Sebastião por este tempo, e fallando-lhe da morte de Julio, notemos-lhe este periodo: « o Sr. Julio foi assassinado quize dias depois que perdeu a segunda sentença de sua demanda no Rio de Janeiro. Acredito, meu velho amigo, que os máus são mais felizes neste mundo do que os bons... mas apezar desta convicção em que estou, já me custa a conter o meu infeliz segredo, porque apezar de todos os pezares, antes ser bom e filho dos bons, do que máu e filho de máos. »

José dizia outras muitas cousas que ora não vêm ao caso. Sebastião pois escrevia sempre a Geraldino confortando-o a ter paciencia nos seus revezes, e exhortando-o sempre a ser virtuoso, e promettendo vir o mais breve possivel.

Francisco durou ainda um anno depois da chegada do nosso velho a Miuas; morto, foi aberto seu testamento; Sebastião era seu primeiro testamenteiro e universal herdeiro; os legados eram poucos, de modo que os suffragios determinados por Francisco a bem de sua alma, de seus paes, avós, e irmãos, com alguns legados, como esmolas a alguns pobres determinados, a algumas corporações pias, etc., montava tudo a sete mil cruzados. Cumpridos estes legados, forros alguns escravos, assim por elle deixados, ficava Sebastião herdeiro de uma fazenda com 68 escravos, muito bem montada, e com immensas plantações, e em moeda corrente, isto é, ouro e prata, 120 e tantos mil cruzados segundo era fama.

Sebastião libertou de seu moto proprio todos os escravos velhos, o que seu sobrinho não tinha feito; fez o mesmo com muitas crias, mormente de côr

parda, deixando-as em casas capazes, e com os documentos de sua liberdade. Feito isto, vendeu a fazenda e o resto dos escravos, e com o melhor de cento e noventa e seis mil cruzados veio para o Rio, trazendo em sua companhia o pagem que levára, escravo de Julio, dous escravos seus, que foram de seu sobrinho, conduzindo a tropa carregada de canastras onde vinha seu dinheiro: havia pois quasi dous annos que Sebastião tinha sahido do Rio de Janeiro. Deixemol-o pois em sua viagem, ardente por vir abraçar e felicitar a Geraldino.

Nada ainda sabemos a respeito do que tem feito a policia do Rio de Janeiro sobre o cadaver encontrado no palacio encantado. Pois saibamos agora que todas as pesquisas feitas pela policia para prender o matador foram nullas; confessemos entretanto que o intendente não poupou diligencia alguma para descobrir o asylo do assassino, mas tudo foi de balde. Ha em todas as grandes cidades, ou em quasi todas, uma policia mais habil, mais diligente, mais sabedora de tudo do que a policia correccional: é a policia dos salteadores; os salteadores pois souberam logo quem era a assassinada, e o assassino. O meio era facil. Um dos salteadores que viu o cadaver conheceu, como Geraldino, que era de Margarida. Pela narração do padre todo o mundo sabia que o matador fôra seu marido: no emtanto grandes duvidas se suscitaram, pois era constante que Alfama, marido de Margarida, achava-se fóra da cidade ha mais de anno, tendo ido para Minas: mas uma reflexão: quem a encerrou no Parto? Dizia-se que o matador era seu amante, e que para subtrahir-se á justiça tomou o character de marido perante o padre. Tudo isto era mysterio, porque a casa de um salteador é sempre mysteriosa, e com effeito Alfama não apparecia na cidade havia muito tempo. Tudo isto pois era mysterios, afóra para os salteadores, que logo comprehenderam que o matador de Marga-

rida fôra elle proprio: e interrogado pelos companheiros não pôde, ou não quiz negar. Ora o povo que quando não sabe a fundo uma cousa, ou quando não comprehende a essencia de certos phenomenos, gosta de interpretal-os a seu modo, dizia que o correspondente de Alfama fôra quem a matára, cheio de furor e ciumes por esta desprezar um amor, que elle ardente lhe offerecia; esta noticia tomou corpo, e bem depressa assegurou a impunidade do assassino.

Durante muito tempo não se falla n'outra cousa na cidade, o que era thema até entre os salteadores.

Cinco dias depois do attentado de Alfama, sahiram os salteadores da cidade e botaram-se para a estrada de Minas para ahi fazerem suas sortidas. Uma tarde, quasi ao anoitecer, estando elles de emboscada, sentiram o tropel de uma tropa, que pela bulha que fazia, parecia ser composta de muitos animaes; prepararam-se para o assalto, e como esfaimado tigre, quando dá sobre a presa, apresentaram-se á estrada, impondo aos viandantes a dura obrigação de lhes entregarem a bolsa ou a vida. De facto, os salteadores não se enganaram em suppôr que grande era a tropa que batia a estrada, porque eram tres caravanas de nossos mineiros, que se havendo encontrado em caminho, juntas viajavam para o Rio de Janeiro. Entre os conductores das tropas vinham dous paulistas, irmãos gêmeos, chamados um João e outro Martinho; estes dous rapazes de 28 annos eram notaveis por suas forças, destreza e animosidade. Os salteadores eram 20, e mui bem armados, os tropeiros eram 14 e não bem armados; destes eram livres seis e os outros escravos; além destes vinha mais atraz um velho, seguido de um escravo e de um moço, filho de um dos donos das tropas. Quando João e Martinho se viram atacados dos salteadores, o seu primeiro impulso foi de se baterem; mas notando na desigualdade do numero, e

até do armamento, contiveram-se, e apenas se contentaram em notarem muito os salteadores, tomando até suas feições. Os salteadores pois no maior socego despojaram tudo: isto é, deixaram os animaes carregados de queijos, toucinhos, etc., e foram abrindo quantas canastras acharam e vendo que estas traziam dinheiro em boa especie, se apoderaram das bestas carregadas das canastras. Neste tempo chegou o velho com os que vinham atraz, e todos foram mudas testemunhas deste attentado. Os salteadores tomaram por outra estrada e desapareceram: os viandantes mineiros continuaram silenciosos na viagem. Notemos que durante esta scena não houve um tiro, um espancamento ou um dito.

A noticia deste acontecimento soou bem diversa do que havia sido: propalou-se pela estrada que um grande combate tinha havido entre os salteadores e os tropeiros, em que houve muito sangue e algumas mortes. O motivo disto é que os moradores da estrada sabiam que os salteadores eram capazes de tudo, e que João e Martinho não se deixariam roubar impunemente. Cumpre advertir que quando os salteadores se retiraram com sua presa, a mais rica que elles haviam feito desde que andavam em suas correrias, dispararam tres tiros para o ar, como festejando o bom exito desta feliz expedição.

Voltemos a Geraldino. Poucos dias depois de sua chegada á cidade, foi elle intimado da sentença final da causa. A sentença do ultimo tribunal o condemnava a perda da metade da fazenda, a pagar a demasia em que seu avô ficou alcançado para com Thomaz, como dizia a sentença, e ao pagamento das custas.

Para tudo isto só tinha elle 9 escravos, isto é, 8 que recebeu de Liberato, e o que tinha acompanhado a Sebastião; os poucos animaes e poucas bemfeitorias da fazenda em terras, que pela sentença ficavam pertencendo a Flavio, e este pouco

chegaria apenas para estes pagamentos, ficando o pobre Geraldino reduzido a uma extrema miseria.

Geraldino, collocado na triste posição em que a fortuna o havia posto, meditava dolorosamente sobre seu passado, e media com horror o futuro que o esperava ! Em verdade, nascer herdeiro de uma fortuna de mais de 100:000\$000 e ver-se reduzido em pouco tempo a uma horrivel miseria, pelos dólors de um homem sem consciencia, como elle acreditava, era sobremodo duro, era insupportavel até. Como pobre, sem ter de que viver, apparecer no logar de seu nascimento ante esses que haviam testemunhado sua infancia, sua puericia, e sua adolescencia, tão fartas, e tão abundantes ? como apparer no Rio de Janeiro, onde recebido era com tanta benevolencia entre as familias mais gradas da primeira cidade da Colonia portugueza ? como comparecer entre seus collegas tão pobre, elle que olhado fôra como herdeiro de uma fortuna colossal ; elle que em todas as festas apparecia rompendo sedas e velludos, e coberto de ouro ? « Agora (diria o triste Geraldino em suas amargas reflexões) agora os meus amigos, uns fugirão de mim, outros não me conhecerão ! A vista do homem pobre incommoda a todo o mundo ! As familias que com tanta bondade me recebiam em seu seio furtar-se-hão ás minhas visitas, e eu mesmo como lhes poderei apparecer ? Não tenho cousa alguma de meu ! Quando se me acabar o pouco dinheiro que tenho, onde irei comer ? Em casa de algum amigo ? de algum collega ? mas até quando ha de durar esta situação terrivel ? Nem tenho um meio de vida de que possa lançar mão... nenhum meio de vida, oh ! meu Deus ! Como é horrivel esta situação funesta ! »

Estas e outras, eram talvez as dolorosas reflexões de Geraldino, no fundo de sua dôr, e de sua miseria. Todavia elle julgou que devia ir á fazenda que de seu pae fôra, para entregar a Flavio a importancia

das custas, e do mais a que montasse a divida de seu avô. Geraldino julgou que pouco ou nada lhe restaria, e então tomou um accordo. Julgou pois que no estado em que se achava devia abraçar um meio de vida, qualquer que fosse, antes do que ser pesado a seus amigos ; então lembrou-se de logo que voltasse da fazenda ir ter com o vice-rei, e pedir-lhe que lhe mandasse assentar praça em algum dos regimentos da tropa de linha ; neste accordo vestiu-se para sair, querendo não só dar ordens a sua viagem para a fazenda, como consultar um amigo sobre a resolução que tomava.

Apenas Geraldino sahiu, como que inspirado, teve uma lembrança feliz ; elle estava mais calmo. Lembrou-se pois de Sebastião. Geraldino sabia bem que Sebastião fôra a Minas, mais por elle e seu pae do que por si mesmo. Sebastião havia-lhe escripto ha pouco tempo communicando-lhe todos os seus negocios, e que breve voltaria com uma consideravel fortuna. Então Geraldino de novo acoraçou-se, e cheio de esperanças de melhorar de sorte apenas Sebastião chegado fosse, continuava sua marcha não já para consultar seus amigos sobre o accordo que tomára, mas para arranjar-se para ir á fazenda. Quando Geraldino chegou ao largo do palacio, ouviu uma noticia que na cidade corria, e era que algumas tropas de Minas haviam sido atacadas por salteadores, sendo mortos todos os tropeiros ou quasi todos, e que entre os mortos fôra um velho de nome Sebastião, que de Minas voltava muito rico, pela graça de um seu sobrinho, que por sua morte o deixára herdeiro de tudo que possuia, e testamenteiro.

E' impossivel pintar a dôr, e afflicção que se aposaram do coração do desgraçado Geraldino. Immediatamente foi a casa de varios negociantes que tinham correspondencias para Minas, e de todos elles soube a mesma noticia, que era o que por toda a parte corria ! Geraldino perdeu completamente o siso e

fóra de si o desgraçado voltou para casa. Ah! a idéa que logo o assaltou, foi a de suicidar-se! Longe de expellir de sua escandescida cabeça essa idéa de horror, Geraldino a recebeu com prazer, e a affagou com toda a effusão de uma alma desesperada, e aborrecida do mundo!

— Que! dizia Geraldino fazendo por tornar encantadora essa idéa temerosa. Que ha pois nesta desgraçada vida que possa tornar a existencia supportavel ao meu coração? Perdi minha mãe na infancia, perdi meu pae na adolescencia, não tenho parentes, nem quem de mim se dôa! Sebastião, o meu melhor amigo, morreu ás mãos dos salteadores! Ah! Sebastião viveria ainda e talvez feliz, se me não quizesse felicitar e a meu pae! Não tenho pois sobre a terra quem derrame uma lagrima por mim! Emilia, a mulher que eu poderia amar, não pode ser minha, porque é filha de um malvado, nem posso, nem devo amal-a! Tudo para min acabou-se sobre a terra! A minha existencia até hoje não foi mais que um agradável e lisongeiro sonho! Eu despertei ao som do tremendo rebate dado pela pobreza, e despertando, me vejo no meio da miseria! Pois bem, durmamos, e durmamos para sempre! E que nunca mais o medo da fome, o perigo da pobreza, o susto de incommodar os amigos e o horror do futuro perturbem o meu somno que será eterno! Acabo de uma modorra suave por um sonho feliz, e entro n'um profundo somno agradável pela sua imperturbavel dureza!... Morrer!... O mundo chama fraco aquelle que se suicida, porque diz que cobarde não teve animo de supportar os revezes da sorte. Não; fraco é aquelle que medroso não arrisca um unico instante de crise, por um socego eterno, e uma inalteravel paz, esperando salvar-se das garras da desgraça para ser ainda feliz um dia! Vã esperanza, consolador embuste de um coração fraco, mesquinho coração de mulher! Brillhantes illusões da fortuna

que cambiando mil agradaveis côres, sorrindo incessantes, perfidos sorrisos, enamorais timidos corações, que fascinados voam após de vossas enganosas chimeras, não, vós não me illudireis mais nem um só instante!... Virtude!... honra!... innocencia! Falsario, embusteiro foi aquelle que ligou a estas palavras vagas uma idéa inqualificavel, sem a menor acção que lhe possa corresponder sobre a terra! Virtude, hora, innocencia! palavras vagas, parto mesquinho de azedado misantropo, que fugindo aos homens exclamou talvez no meio das selvas, quando se lamentava contra as maldades dos homens, dizendo: Oh! se os homens não fossem máus! Se os homens cumprissem com seus deveres! Se os homens tivessem força para vencer suas más inclinações!...» Sim, não ser máu era ter innocencia! cumprir com seus deveres era ter honra! ter forças para vencer as más inclinações era ter virtude!... Morrer!... que facto é este que corresponde a esta palavra! A perda de todas as sensações, trevas que succedem á luz, e emfim um eterno repouso! E tudo isto é bem horroroso para um coração fraco! E' pois necessario morrer!—Dizendo isto Geraldino sentou-se á sua mesa, escreveu uma carta, fechou-a, e deu-a a Venancio seu escravo, que a levasse a seu amigo Carlos.

Apenas o escravo sahio, Geraldino carregou uma pistola, e entrando para seu quarto, com firme proposito de acabar a vida, engatilhou-a e levou-a ao ouvido.

CAPITULO XXVI

ERA UMA MULHER QUE ESTE LADRÃO MATOU !...

A vida do malvado é um milagre ; mas como os milagres não são permanentes, cessando este, desaparece essa vida, que de um milagre se sustentava !

Os tropeiros que na estrada de Minas haviam sido roubados, pouco adiante se hospedaram num pouso : no outro dia separaram-se quasi todos ; uns seguiram para o Rio de Janeiro, e do numero destes foram os dous irmãos gêmeos, João e Martinho, outros voltaram para Minas, e outros demoraram-se mais tempo no pouso.

Os saltadores ricos por sua preciosa presa voltaram ao Rio de Janeiro, para ali fazerem o dividendo.

Uma noite, seriam oito horas, entrou numa casa de negocio no largo de palacio um homem trigueiro, um tanto magro e bastante alto. Um homem decentemente trajado, bem que não parecia Carioca pelas suas maneiras, passa em frente d'elle e lançando-lhe os olhos, fez gestos de quem o conhecia. O homem alto e magro não se apercebeu disto, e o estranho passou mais outra vez e mais de perto, e desenganou-se de que não se enganava : firme nisto, foi postar-se um pouco distante, espreitando ao homem magro ; este sahio e dirigiu-se á rua Direita e por ella foi andando seu caminho direito a S. Bento : o desconhecido o seguiu. O homem magro desceu pela rua de S. Pedro, chegou á praia de Braz de Pina e entrou em uma casa. O desconhecido seguindo-o até

ahi, viu-o entrar, tomou o numero da casa e retirou-se.

Saibamos já que o homem magro, alto e triqueiro, era Alfama o marido de Margarida, morta por elle, e que a casa onde entrou era a sua mesma casa.

A's dez horas da noite pouco mais ou menos, Alfama ia sahindo de sua casa, quando na acção de vingar o portal da rua sentiu quatro mãos de ferro, ou antes quatro grossos pregos, que lhe pregaram seus braços de encontro a seu corpo! foi-lhe impossivel o menor movimento! Alfama, conquanto não fosse homem que tremesse de qualquer cousa, estremeceu com effeito debaixo do peso enorme destas tremendas mãos de ferro, e tanto mais porque elle sabia, que excepto o Botocudo, ninguem se atrevia a lutar com elle corpo a corpo, e nem até dous homens! Alfama sacudiu duas vezes seus braços, movendo fortemente seu corpo para se desenredar dos dous, mas foi debalde. Conhecendo que o esforço dos que o prendiam era muito superior a todas as suas forças empenhadas, julgou melhor recorrer ao fugimento e aquietar-se. Apenas socegou-se, ouviu uma voz dizer-lhe:

— Ora póis, amigo, já déve dé saber qué não está nãs mãos dé nenhuma créança.

Alfama pelo accento da voz que lhe fallava, conheceu logo que estava nas mãos de paulistas, e que não eram quaesquer paulistas, mas sim paulistas de papo, que não perdoam, que juram, e que cumprem escrupulosa e religiosamente o seu juramento, inda no cabo de 30 ou 40 annos! Alfama pois conheceu que sua situação neste momento não era lá muito para invejar-se.

— Então o que querem VVmm. ? perguntou Alfama.

— Qué mencê ássuba para ácima, qué témos qué lhe fallar lá déntro dé sua casa.

— Aqui mesmo podem dizer o que querem...

— Não sénhor, não seja má! creado... nós mände ássubir qué lhé não quérémos fállar no meio dá rua, feitos négros...

— Pois bem, larguem-me e subamos.

— Não sénhor; háde ássubir ássim mésmo: e vámos já; quando não lhe héi de crávar á minha tóeira dé póna dé déamante qué não há de dézer ném Jésus. E vámos qué nós témos préssa.

Alfama comprehendeu bem que o unico partido que lhe cabia tomar era fingir-se para, ou desfazer-se de seus inimigos traçoeiramente, ou fazer com elles alguma boa composição. Todavia affectando muita serenidade lhes disse:

— Pois subamos.

— A'ssubámos, sim, sénhor.

Subiram, entraram uma sala apenas alumiaada por uma pequena luz de um bico de candieiro de latão. Ahi os dous vendo Alfama com um cinto donde pendiam duas pistolas e uma comprida faca, fizeram um grande espanto de galhofa, e um disse:

— Cóm qué você pélo que ácábo de vér é bém bóa jóia!...

— Então porque?

Durante este dialogo os nossos paulistas mui pachorrentamente iam despojando-o de suas armas.

— Pôrquê mé párece qué tém muitos inimigos...

— Nada, nada: ao contrario: dou-me com todos.

— O'ra póis; sendo assim, áóude é que ántão ia você côm éstas pistolas e máis ésta faca?

— Ia fazer uma viagem...

— O'ra vámos áqui pára ésta óutra sala qué quérémos ficár máis á nosso gosto.

E dizendo isto foram arrastando a Alfama para a sala vizinha, o qual pela sua parte não tendo-se achado nunca em taes apertos, não estava lá muito contente. Um dos paulistas levou o candieiro em uma mão, emquanto com a outra ajudava o companheiro

a levar a Alfama. Ah! os tres interlocutores continuaram a sua conversa. Alfama pois havia dito que:

— Ia fazer uma viagem.

— Para o caminho das Minas, não, senhor déabo? Diga-me, senhor cara de judêu, você nós conhece?

— Não, senhores: esta é a primeira vez que tenho a honra de os ver.

— E' mentira, seu pátfie... nê m uma, é nê m outra coisa...

— Como?

— Nê m é a primeira vez, e nê m tem honra nisso... A' primeira vez que nós viu, seu cara de déabo, teve você grande prazer, e mais a segunda há de ter grande desgosto. Diga-me, seu grandéssissimo ladrão, seu cara de déabo, seu sem vergonha; onde bô tó u você e mais os seus camaradas o dinheiro do velho Sébasteão, aquê lle côitado daquê lle homê m tã m bom, que nunca fê z mál a nê nguê m? A' onde bô tó u, seu cara de não sei que diga?

— Qual Sebastião? senhores!

— Qual Sébasteão? não sabe!

— Não, senhores...

— E pois eu lhê digo. O velho Sébasteão é um velho muito bom, e muito bêzarro, que seu sóbrinho Francisco déixou por hérdêiro; aquê lle côitado daquê lle velho fê z bêm a muita gênte nas Minas: quando foi ágora vinha ê lle das Minas para o Rio de Jánciro, e trazia o seu dénheirinho que éra os seus cento e tantos milcruzados, e vai você, e mais os seus camaradas, sem que é nê m para que, lhê saem na estrada, e lhê tó mam o seu dénheirinho?!.. E pois isto é coisa que sé faça, seu alma de judas?

— Senhores vv. mm. estão enganados; isso não é commigo..

— Não é com você?! Olhem a cara deste velhaco... este ladrão... este déabo tem cara de quem

já está condemnado, e ardendo em vida nas profundas dos infernos!.. Digá-me, seu grandéssissimo ladrão, áonde bótou o dinheiro daquélle póbre velho? pónha-o pára aquí... sénhor déabo; quando não lhé héide dé tirar ás tripas com ésta toéira, pónha-o (isto dizia o paulista batendo no cabo de uma faca que no cinto trazia.)

— Senhores, deixem-me: isso não é commigo.

Neste tempo um dos paulistas correndo com os olhos toda a sala, pareceu ver sobre uma parte da parede uma grande nodoa de sangue; para certificar-se disto, enquanto o outro segurava em Alfama, tomou o candieiro e foi examinar. Effectivamente era uma grande mancha de sangue! Foi naquella mesma sala em que, havia pouco tempo, Alfama tinha partido com uma facada o coração de sua mulher, isto é, coração de uma mulher que elle havia feito infeliz! No momento em que o terrível Alfama cravou com ancia de leão a faca no coração de Margarida, e a retirou, talvez para segundar-lhe novo golpe, uma espadana de sangue pulsando da ferida com mais impetuosidade que o bote da serpente, esbarrou espumando de encontro a essa parede, deixando nella uma roxa nodoa, que em vão foi lavada por Alfama, e até raspada! E essa mancha de sangue ahí roxeando parecia pedir vingança contra o mais implacavel de todos os homens!

O paulista, vendo a nodoa de sangue e mirando-a muito, disse:

— A' sénhór, quê ságué é éste qué éstá aquí ná sua párede!

— Isso não é sangue...

Alfama dizendo isto, fez um esforço para desenvencilhar-se das mãos do paulista que o segurava; mas foi de balde, que combinado-se as forças dos dous, acharain-se insensivelmente abraçados frente a frente; e então o paulista tentou lançar Alfama no chão; e se resistiu ao impulso, e começaram os

dous uma luta. O outro paulista largou o candieiro, e chegando-se para os dous atletas, começou a testemunhar a luta, sem todavia misturar-se nella. Era para vêr a prodigiosa força dos dous contendores !

— O'ra póis, Mártinho, vê lá sé esse cáchóro désse ládrão té suja... disse o paulista, que via a luta.

— Com effeito João... elle têm força... disse o lutante.

E todavia Alfama era sobremodo animoso e valente, e tinha a força de 4 homens de forças regulares. Um homem era o unico que o vencía, e a quem elle respeitava, era o Botocudo ; seu contendor não obstante não só lhe resistia, como até lhe dava muito que entender !

Ora, um empenhava todas as suas forças e levava o inimigo até a parede, onde este cobrando novos brios, fazia por sua vez o mesmo ao outro. Umás um apertava o contendor pela cintura, fazendo-o vergar muito para a terra. Outras vezes, outro levantava o inimigo ao ar esperando assim torcel-o, e estiral-o em terra ! Agora, um fingia querer lançar o outro ao chão por um lado, e rapidamente o impellia para o opposto. Logo o outro mettia uma perna porentre as pernas do contrario para assim falseando seus passos lançal-o ao chão, e tudo era embalde !

Alfama vendo que por meio da força não podia vencer seu inimigo, começou a usar de manha ; com effeito, tendo livre sua mão direita, lança-a rapidamente ao cabo da faca que Martinho tinha na cintura, e a tira. De nada porém lhe serviu isto, que o ligeiro Martinho pegando-lhe immediatamente no braço junto da mão que Alfama erguia armada, susteve-lhe no ar o ferro, e a morte !

João acudindo neste arriscado lance, pega então em Alfama pela golla do vestido, e puchando para

si, enquanto o irmão delle se desembaraçava, disse-lhe:

— Não hás dé roubár mais á nenguem... ladrão...

E cravou-lhe uma faca, que já palmada tinha, um pouco abaixo da garganta, para o lado do coração! Notavel, horrivel coincidencia! Uma golfada de negro e espumoso sangue com impeto, pulsando, como a primeira esguichada do tonel apenas aberto, foi estacar-se de encontro á mesma parede, e cobriu a mancha que alli havia impresso o sangue de Margarida! Martinho notou isto e disse:

— A'lma bémdita quê áqui derrámastes vósso sangue... éstas vingáda; ide póis para o céo!

Alfama lançando um grito ouviu ainda estas palavras, e exclamou com accento de dôr:

— Margarida... perdão... per...

E cahindo no mesmo lugar, em que Margarida havia expirado, lançando, por entre os lábios do largo golpe, envolta em negros borbotões de tepido sangue uma alma desesperada, expirou Alfama, o mais funesto de todos os homens!

— Éra uma mólhér quê éste ladrão mátoou... disse João.

— Ê é vérdade! disse Martinho.

— A'gora vámos á vér sê é áqui mêsmo nésta cása quê éste vélháco, ê máis ós seus cámarádas guárdou o denhêiro do vélho Sébastião.

— Vámos.

Dito isto sahiram os dous paulistas da sala, e começaram a dar busca em toda a casa. Chegaram á cosinha, e encontraram Bartholomeu que dormia a somno solto: accordaram-n'o, e Bartholomeu vendo diante de si dous homens, cujas caras lhe eram estranhas, encheu-se de susto, e perguntou por seu senhor.

— Déixa têu sênhor, nègro, ágóra nós quérémos

quê vós nós digáis áonde é quê o vosso sénhór guar-
dáva ô dênheiro quê roubava.

— Eu não sei, meu senhor, respondeu Bartholomeu tremendo de medo.

— Cóm quê não sábes hém ?

— Não sei, meu senhor...

— Então vem cá.

Dito isto levaram pae Bartholomeu á sala onde jazia estirado no chão o corpo de Alfama, e um lhe disse :

— Cónheces áquélle hómem ?

— Meu senhor !... exclamou pae Bartholomeu, recuando de horror ante o corpo de Alfama.

Ê pois muito bém : já tu sábes dé quem é este corpo, hém ? ôra éstimo : ê pois é de teu sénhór, este ladrão quê nós róbou ná estráda das Minas ; ê ô mésmo quê nós fizemos aó sénhór hávêmos de fazer aó escravo, se não quizer nós fallar á vérdade...

— Eu fallo, senhor, meu senhor...

— O'ra éstimo muito. Então vámos ; áonde é quê teu sénhór guarda o dinheiro quê têm roubado ?

— Aqui, sim senhor...

Pae Bartholomeu foi adiante, e os dous o acompanharam. Chegados ante uma porta, disse o preto :

— Entra-se por aqui, mas falta a chave desta porta.

— Não fáz mal. Encóstêmos, irmão, e pónhâmos esta pórtá em baixo.

De facto, os dous mettem hombros á porta, que gemeu, e foi dentro. Entraram, e pae Bartholomeu tomando um formão velho que de proposito alli estava, o mettem no canto de uma taboa do assoalho, e alçapremando esta de encontro á vizinha, a fez levantar ; depois levantou com as mãos a immediata, e offereceu-se aos olhos dos dous uma escada que descia para uma especie de enxovia ; desceram. Era este logar fechado por quatro paredes, sem porta, ou

entrada alguma, além da do alçapão de cima : esta especie de carcere estava encravado nas lojas da casa, e estas tambem pertenciam ao inquilino de cima. Este pequeno quarto era quadrangular, tendo cada parede de vinte a vinte e cinco palmos. Abrangido pelas paredes, todo este espaço, afóra um pequeno quadro de 10 palmos de largura, estava atopetado de grandes caixas, canastras, etc. Os dous paulistas conheceram logo as canastras, que haviam pertencido a Sebastião, e estas eram 16, a saber : 12 contendo 78 contos, tendo cada uma 6 contos e quinhentos mil réis, pesando o ouro de cada uma 1 arroba pouco mais ou menos ; 2, contendo cada uma 550\$ em prata, quasi o mesmo peso das outras, prefazendo toda a moeda 79:100\$; e duas com roupa.

Estavam estes dous paulistas hospedados em uma casa da rua de S. Pedro, entre a praia de Braz de Pina e a rua Direita ; já se vê que pouco longe da casa de Alfama.

— Irmão, disse um ao outro ; nós dévemos dé levar éstas canastras dô vêlho Sébástião, por quê éllas não são déstes vêlhácos : quê diz mencê ?

— Céstáménte quê dévemos dê lêvár. Précisámos dê uma córda pára ás púchármos pára cima pór êste alçápão.

— Este négro há de tér àlguma. O' páe, nós quêrémós uma córda ; tu não téns ?

— Sim, senhor, meu senhor, disse pae Bartholomeu, e apresentou logo uma corda.

Os dous guindaram as canastras pertencentes a Sebastião, e abrindo depois algumas caixas que estavam cheias de saccos de ouro, tiraram dellas, calculando tanto quanto julgaram que chegaria a 20 mil cruzados para indemnisar, diziam elles, os prejuizos das outras duas tropas. Estes 20 mil cruzados metteram em uma destas caixas, e como as canastras de Sebastião egualmente guindaram. Postos em cima os 17 volumes, sahio um dos paulistas, e foi à

casa onde estava hospedado, e voltou logo trazendo 4 pretos. Por felicidade delles, os salteadores tinham nessa noite se alongado um pouco da cidade, e elles, com os 4 pretos, em tres caminhos carregaram os 17 volumes, e os puzeram em sua casa.

CAPITULO XXVII

COBARDE !.. É INDIGNO DE SER HOMEM !

Quando queremos aprofundar os designios da ordem providencial, nos aprofundam a nos mesmos.

Poucas horas depois deste acontecimento voltaram seis dos salteadores, entraram, e dous ou tres minutos depois que entraram, viram sair de todas as portas que davam para a sala, em que se achavam, uns poucos de soldados que com pistolas engatilhadas e caminhando para elles lhes deram voz de prezos. Salteadores não se deixam prender sem trocarem algumas balas, ou cruzarem meia duzia de estocadas: deixam-se antes matar. Com effeito os faccinoras levaram mãos de suas pistolas e as dispararam sobre os morcegos, (1) que fizeram outro tanto; um soldado cahiu morto, outro mal ferido e dos salteadores apenas dous feridos. Os soldados cahiram sobre elles de espada nua e os acuti-

1 Tenho usado algumas vezes das palavras *soldados da policia* e *morcegos*. Advirto porém que nequelle tempo não havia soldados de policia e para este serviço eram empregados soldados da guarnição que se achava no Rio de Janeiro e a estes, que faziam o serviço policial da noite, e que chamavam morcegos. Chamo pois soldados da policia os que eram tirados para tal serviço.

laram desabridamente e depois os amarraram, levando-os para a cadeia e o corpo de Alfama para a Misericórdia.

Demos a razão disto. Pae Bartholomeu, achando-se só e vendo morto seu senhor temeu-se e sahiu: pouco distante de casa encontra uma ronda da policia que o prende; pae Bartholomeu diz aos soldados que dous homens haviam entrado em casa de seu senhor, e que o mataram e roubaram. Os soldados vão a casa que o preto lhes indicou e ahi acham o corpo de Alfama; ficam alguns, e outros vão participar a seu commandante o acontecido. No mesmo momento foi o intendente sabedor do caso e elle mesmo em pessoa acodiu ao lugar com uma grande escolta; entra a casa de Alfama e admirado do apparatus bellico ahi guardado, começa de ter desconfianças contra esta casa. Põe o preto em confissão e Bartholomeu não só não é corrente em suas respostas, como é contradictorio; o intendente crendo que podia deste preto tirar não pequeno partido, manda pôr-lhe anginhos; pae Bartholomeu atormentado de dôres por esta tortura confessa que seu senhor era amigo de certos homens que quasi sempre moravam com elle e que costumavam sahir da cidade por muito tempo e que quando vinham traziam muito dinheiro Perguntou-lhe o intendente onde guardavam seu senhor e seus amigos este dinheiro! pae Bartholomeu o levou ao mesmo quarto para onde levára os dous paulistas. Ahi certificou-se o intendente de que estava no asylo dos salteadores e deu suas ordens para uma emboscada, porque soube de pae Bartholomeu que os salteadores, ou ao menos alguns tinham de voltar naquella mesma noite. Esta emboscada surtiu o effeito que ha pouco vimos.

Voltemos nossas vistas para outra parte. Venancio, o escravo de Geraldino, tendo recebido a carta de seu senhor, que lhe recommendou que a entregasse

em mão propria de Carlos, não o achando em casa, soube de sua mãe que estava em casa de D. Gertrudes onde tinha ido visitar sua prima Carlota. Para lá bo:ou-se Venancio a toda a pressa. Chega com effeito, encontra Carlos, entrega-lhe a carta e espera resposta ; Carlos a abriu e chegando-se á luz (eram quasi nove horas da noite) começou-a a ler. Gertrudes, Carlota e Emilia notaram que Carlos ia descorando, ao passo que ia lendo a carta ; e tendo chegado ao meio della pouco mais ou menos apertando a carta nas mãos, em signal de grande agitação, volta-se para o preto, perguntando com grande afflicção :

— Onde está teu senhor, Venancio ?

— Em casa, sim senhor.

— Que desgraça ! que loucura !

Carlos disse isto tomando seu chapéo, e de um modo que indicava uma grande perturbação e pedindo desculpa ás senhoras, ia retirar-se, quando ellas lhe perguntaram todas a um tempo o que era.

— Vejam, minhas senhoras.

Disse Carlos dando a carta a D. Gertrudes, e sahindo precipitadamente.

D. Gertrudes leu em tom alto o seguinte :

« Carlos,

Triumphou emfim o meu málvado inimigo ! Hoje fui intimado da sentença final e citado para dar bens á penhora para custas, e resto do que se pretende que meu avô ficou devendo ao fallecido Thomaz ! o que possuo apenas chega para isso.

Cahido no abysmo da pobreza, reduzido á mais completa miseria, a minha existencia tem-se tornando inteiramente impossivel ! Tu sabes que já não tenho paes. e nem parentes que me chorem ; a ninguem pois sou caro sobre a terra, e morrer é mais doce do que ser pesado aos homens ! Tenho pois resolvido morrer ! Se julgas que a isto resolvi-me de-

esperado, e fôra de mim, te advirto que não, que estou em meu perfeito juizo. Entendo que devemos viver enquanto a vida nos é agradável, e temos meios de a sustentar com honra; mas que logo que a vida se torna insupportavel, e é um pesado fardo, entendo que podemos, que devemos até nos privar della! Não é para sermos infelizes que fomos creados; fomos creados para o bem; sermos felizes é pois nossa missão sobre a terra, e logo que não temos meios para o conseguir, não enchemos a nossa doce missão nella, e então morrer é uma felicidade!

Morrer moço ou velho, rico ou pobre, bom ou máu, chorado ou aborrecido, é tudo o mesmo no dia da morte! por que tambem durante a vida, ser bom ou máu, é indifferente! o essencial é ser feliz; o modo tambem não faz ao caso! Se julgas que estou em erro, lastima-me, mas não me odies, em todo o caso perdoa-me, se em meus pensamentos offendo a alguém. Inclusive acharás a carta de liberdade de Venancio, é um bom escravo, acolhe-o por amor de Deus, se é que ha Deus. Na minha gaveta acharás o pouco dinheiro que possuo; com elle paga o que eu dever ao senhorio das casas onde moro, do resto farás o que quizeres. Dá minha roupa ao Venancio, e tu fica com meus livros.

Ah! só tu, meu Carlos, serás o unico que derrames talvez uma lagrima por mim... só tu... eu te agradeço, como se fosse um beneficio... Dapui a tres dias ninguem se lembrará de Geraldino... não importa, porque me vou repousar e repousar para sempre!... No momento em que te escrevo, como Candace, tenho n'uma mão a penna, e na outra a morte, isto é, uma pistola que me deve cortar os dias, objecto neste momento supremo mais precioso, e mais caro que ha para mim sobre a terra!

Dize a Emilia...

Adeus e para nunca mais nos vermos...

Teu amigo, Geraldino.

« Quando Gertrudes leu estas palavras « Dize a Emilia... Adeus e para nunca mais nos vermos... » Emilia soltou um grito, e cahiu sem sentidos !

Gertrudes e Carlota acodiram á desmaiada moça ; emquanto a soccorriam, Geatrudes despachou a mestre Estolano a saber de Geraldino ; este apenas soube do que havia, sahiu precepidadamente maldizendo a sorte, e quem sabe se a Flavio !

Emilia, pallida e fria, esteve fóra de si cinco minutos, sem dar o menor signal de vida, excepto o de um tardo latejar de seu angustiado coração. Gertrudes entendeu que o caso era mais serio do que ella mesma o havia pensado, e despachou uma escrava a chamar o medico. Findos cinco minutos, o primeiro signal de vida dado por Emilia foi duas geladas lagrimas que se escoaram de seus olhos. Ella correu com os olhos todo a sala, e depois n'uma voz murmurou :

— Geraldino...

— Elle não morreu, minha filha, disse Gertrudes.

Emilia em uma especie de delirio, balbuciou ainda algumas palavras : depois chegou o medieo, e applicando o quanto lhe aconselhava sua arte, a restituiu á vida e á razão

Vejamos agora o que se ha feito de Geraldino.

Quando este infeliz mancebo entrou para sua casa desesperado, e fóra de si, e de animo firme a acabar consigo, não reparou que uma janella que lançava para a rua estava aberta cousa de um palmo. Nós o deixámos com uma pistola, e muito bem carregada; e Geraldino, como sabemos, firme em matar-se engatilhou-a, e levou-a ao ouvido direito.

Na occasião em que approximava a morte de sua escandecida cabeça, ouviu uma voz estrondosa que de sua janella bradava:

— Cobarde!.. é indigno de ser homem!..

— E' elle !.. gritou Geraldino espantado!

Seu corpo estremeceu todo debaixo do peso desta medonha voz, as forças lhe fugiram, e aterrorizado deste inesperado repente, deixa cahir de sua mão a mortifera arma, que disparando-se a seus pés com medonho estrondo foi cravar a bala n'uma parede vizinha! Geraldino não tinha ainda se recobrado de seu susto quando vê diante de si um velho, um mancebo, um ancião, um preto velho, e um preto moço.

— Louco... que ias fazer! Bradou-lhe o velho.

— Geraldino, estás doudo? disse o moço.

— Meu senhor, disseram os dous pretos! e os ditos destes quatro personagens feriram os ouvidos de Geraldino a um só tempo, que voltando-se para elles, atirou-se aos pés do velho exclamando:

— Meu pae, meu amigo !...

CAPITULO XXVIII

LIBERATO POIS É UM MALVADO

O maior de todos os malvados da terra é o malvado hypocrita! A cobra que se apascenta em flores está sempre disposta a morder!

— Geraldino, meu filho, que ias fazer? disse Sebastião, vendo no chão a pistola.

— Ah! meu pae!

— Querias matar-te, e porque? Sr. Carlos porque era isso?

— Porque perdeu a demanda, que tinha com o Flavio, se julgou pobre... e...

— Que fraqueza! Meu filho, pois isso é motivo

de morrer? Morrer por ser pobre! Não tens tu dous braços para trabalhares? Só porque nasceste rico, e hoje te vês pobre julgas que não deves mais viver? Geraldino, e aquelles que nunca têm cousa alguma de seu, e que para comerem de noite, trabalham um dia inteiro ao rigor do sol e ao peso da chuva, matam-se? Meu filho, admira-os! Vê como elles são homens e têm animo para soffrerem todos os embates da fortuna! Pobres, vivendo apenas de seu trabalho, elles se casam, tomam uma mulher e pouco depois carregam-se de filhos, o que é trivial entre pobres! Amado e sendo amados, no meio de seus filhos, talvez que a dura carne secca de sua mesa lhes seja mais saborosa que os preciosos manjares da mesa do rico, ou dos grandes validos da fortuna! Entras em suas casas, o riso está sobre seus rostos, e a paz em seus corações! Geraldino, meu filho, não te envergonhas disto? Tinhas tu medo de morrer de fome? Morrer de fome no Brazil, nesta torra mimosa da natureza, e abençoada do Creador?! Nesta terra de promissão, meu filho não se morre de fome! Aqui plantam-se grãos, e colhe-se ouro! e todo este terreno é ouro. Só aquelle que tem preguiça de metter o bocado na bocca pôde morrer de fome nesta terra de benções, e de fartura!

Matar-te! E quem te deu jus de te privares por tuas proprias mãos de um beneficio que te foi feito por teu Creador! Deus, que te deu a vida por certo tempo só por elle sabido, t'a pedirá quando julgar conveniente. Privar-te deste beneficio do Creador é um attentado contra elle! Geraldino, tu peccaste contra Deus de uma maneira horrivel...

— Ah! meu pae! meu bom amigo! era por sua causa que eu me queria matar...

— Por minha causa! e como?

— Vulgarisou-se que Vm., victima dos salteadores, havia acabado o vida ás mãos desses sceleratos...

... E que tinha isso? Não perdestes tua mãe, teu pae, e morreste! não estais ainda vivendo?

— E' verdade.

— Não perdi eu tudo quanto sobre a terra me era caro? Não perdi minha mulher, meus filhos, minhas riquezas? matei-me por ventura? um mal pôde sanar outro mal?

— E de que me servia a vida tendo perdido tudo quanto me era caro neste mundo?

— De adquirires novas afeições, que de novo amenisassem teus dias! A's vezes o coração amante de uma mulher virtuosa é bastante para uma alma sensível, como a tua, e o amor pode milagres que ás vezes não podem os milhões, e nem todos os impulsos da fortuna! O egoismo de vida tortura o coração em suas pequenas amarguras a ponto de angustial-o até as vascas da morte! mas o bello ideal de amor amenisa o coração a ponto de derramar nelle todos os encantos da vida! a vida do homem não se compõe só de realidades, porque então seria apenas duração! compõe-se tambem de suaves illusões, e nossa alma se paga de as crear tão bellas, tão mimosas suas, para as guardar desveladas para si, como caros pedaços de si propria! meu filho, a primeira qualidade do homem é saber sel-o, e em todos os lances da sua vida, e o mundo é um juiz tão severo que não perdoa um vicio, inda compensado por duas virtudes! E nem sei se te diga que vale mais ser completamente máu, do que desigual, ora máu e ora bom, porque aquelles que tratam com um homem desigual, veem-se obrigados a serem tambem deseguaes, moldando suas acções pelas delle. E' pois mister ser bom, Geraldino, ter animo, resignar-se e viver.

— Geraldino, até amanhã. Desejarei achar-te mais socegado.

— Adeus, Carlos.

— A's ordens de meu senhor.

— Adeus, mestre Estolano:

Carlos e Estolano sahiram; dirigiram-se immediatamente á casa de Gertrudes, onde acharam as tres senhoras tremendo pela vida de Geraldino. Carlos contou tudo o que se havia passado e o prazer das tres, foi duplo não só pela salvação de Geraldino, como pela apparição do velho Sebastião que como morto era chorado.

Venancio, não se fartando de ver a Sebastião e a seu senhor salvo, nem se lembrou de fechar a porta depois da sahida dos dous.

Sebastião assentou-se perto de Geraldino, e com o fim de distrahir-o de sua melancolica agonia, começou a contar-lhe tudo quanto se havia passado em sua viagem.

Quando contou-lhe o como os salteadores lhe haviam roubado tudo, elle exclamou:

— Era tudo isto para ti... e fiquei pobre outra vez!... mas que importa! Deus sabe o que faz. Paciencia.

— E que importa, meu bom amigo! Que importa que os salteadores roubassem tudo, se o melhor dos homens vive e está commigo. Agora eu quero viver, porque sou feliz.

Geraldino por sua vez contou a Sebastião tudo quanto lhe aconteceu depois de sua ida para Minas. Contou minuciosamente a sua inclinação para com Emilia, a paixão desta para com elle, e seus escrúpulos e resentimentos. Neste logar Sebastião disse:

— E eu creio, Geraldino, que tu virás a ser o esposo de Emilia.

— E' impossível, meu amigo. Os filhos dos máus são egualmente máus. Todavia, Deus a fade bem.

Geraldino continuou depois a sua historia: contou os successos de Margarida, o como se achou entre salteadores, o que lhes ouviu dizer, notando que quando um delles fallára sobre uma canastra de dinheiro enterrada que lhes fôra subtrahida, pare-

ceu-lhe que conhecia a falla de um delles, mas que não se lembrava quem era nem donde era. Geraldino contou o que se passára na demanda, bem que tudo isto já tivesse mandado dizer a Sebastião em suas cartas, e acabou por contar-lhe seus successos durante sua menoridade, e como se achava pobre.

— Deus me perdõe, meu bom amigo, disse ainda elle; mas apesar do nome de bom e de honrado, que goza este Liberato que foi meu tutor, todavia desconfio delle.

Sebastião sorrindo-se maliciosamente e sacudindo a cabeça disse:

— Vê se te lembras, se a falla que ouviste do saltador que fallava sobre a canastra seria a falla de Liberato?

— Oh meu Deus!...

— Então seria?

— Era, eu o juro!

— Não é preciso jurares, porque eu o sei melhor do que tu. Era a falla delle.

— E' possível!

— Certamente custa a crer que um homem, que houve missa todos os dias santos, tanto de guarda e dispensados, e até nas sextas-feiras e sabbados, que jejua em todos os dias de preceito e nas sextas-feiras e sabbados, e faz jejuar a seus escravos, que não come carne em toda a quaresma e a jejua toda, que quando está desoccupado em sua casa está sempre lendo o *Flos Sanctorum*, o Mestre da Vida, a Côrte Celestial, e outros livros devotos; que não falla em Deus sem tirar o seu chapéo, que não falla no diabo e que quando ouve fallar nelle cospe; custa a crer, digo, que seja um ladrão e um assassino! E entretanto, meu filho, é verdade. E passa por um homem de bem e até por um santo! E talvez que mais depressa se acredite na santidade de Liberato do que na honra do velho Sebastião!

— Será possível?!

— Sim e muito possível. Nunca ouvistes fallar no capitão Ribeiro, assassinado na fazenda de Juthurnuayba, voltando do Rio de Janeiro?

— Sim, e de sua irmã barbaramente espancada...

— De que morreu pouco tempo depois.

— Sim; e creio, se bem me alembro, que essa infeliz dama soffreu essa desgraça no mesmo dia em que Emilia foi roubada pelos salteadores...

— Exactamente. Nesse dia pois, em que por Emilia puzestes teus dias em risco, eu me levantei muito cedo, como de meu costume o era, e creio até que nesse dia levantei-me um pouco mais cedo do que costumava. Ainda estava escuro, e dirigi-me para o lado da estrada. Pouco tempo depois que alli cheguei, ouvi um tropel de cavalleiros; escondo-me no mato e vejo virem seis cavalleiros armados de pistolas, facas e espingardas. Pararam, como á espera de alguém, e como ahí havia uma arvore, cuja subida era facil, trepei-me nella, e puz-me a observar os seis sujeitos. Poucos minutos depois vejo vir um viandante, e ao lado d'elle uma dama. Os seis tiram suas pistolas, eugatilham-as e dizem ao cavalleiro que deixe seus burros carregados e a dama, e que continue seu caminho. O cavalleiro diz que os burros deixa, mas que a dama não; nisto um dos seis lança mão das redeas do cavallo da senhora, e manda que se ape; o cavalleiro quer impedir esta accção, e um dos seis dispara sobre elle uma pistola, que ferindo-o o lança por terra sem vida; ao mesmo tempo os pagens que são dous deitam a fugir, e cinco dos salteadores apoderam-se dos burros, e um da senhora, que vendo cair morto o seu conductor, cahiu tambem sem sentidos.

O salteador, que tomou a dama, entrou com ella para o mato, e por elle se sumiu com ella. Os burros ao som do tiro, e queda do cavalleiro e da senhora começaram a jogar e arrebetados os arreios das

canastras, ficaram estas espalhadas pela estrada. Os cinco as ajuntaram, e trouxeram-as para um ponto. Alembra-te que na fralda do monte, perto da casa de teu pae, mostrei-te um dia dous logares onde duas arvores foram arrancadas.

— Alembra-me.

— Teu pae quiz fazer, como de facto fez, duas canôas, e havendo ali duas arvores proprias para isso, longe uma da outra cerca de uns 40 passos, elle as aproveitou; mas para que se não rachassem na occasião de derribal-as mandou cavar as raizes, e arrancou-as: assim pois ficaram grandes covas das raizes. Os salteadores trouxeram as canastras para o logar onde esteve uma das arvores ditas, e ali as abriram todas, e todas estavam cheias de ouro. Era já dia, os burros tinham fugido, e elles não tinham meios de levarem tanto ouro naquelle mesmo instante. Com effeito enterraram duas canastras, e nestas puzeram todo o ouro das outras, cobriram-as de terra, e as outras levaram para outra parte, talvez para inutilisal-as; feito isso desappareceram. Desci immediatamente, fui a casa, chamei mestre Braz e Agostinho, ambos escravos de teu pae, de muita confiança, e vim com elles ao logar. Fiz desenterrar as canastras, e nós tres, comquanto os dous pretos fossem possantes, não pudemos nem movel-as. Então fiz tirar todo o ouro de dentro de uma, e com o pouco que ficou no fando, a fui levar para outro logar onde houve a outra arvore, e distante da primeira 40 passos; ali a fiz enterrar e repôor dentro todo o ouro; fiz depois o mesmo com a outra canastra, e assim as deixei enterradas noutro logar ignorado pelos salteadores. Tu já prevês que quando elles voltaram pelas canastras, as não deviam achar.

Eram talvez 7 horas da manhã quando mestre Braz e Agostinho entraram em casa de teu pae, trazendo em seus braços uma joven senhora muito maltratada, e quasi morta. Disseram elles que um

homem alto, gordo, e muito feio vindo com ella ás costas lhes dissera que levassem aquella moça para casa de seu senhor a ver se escapava. Teu pae a recebeu caridosamente ; e logo se lhe administrou tudo o que era possível para salvá-a. A pobre senhora contou então então que era irmã do capitão Ribeiro, a quem os salteadores haviam assassinado, que voltavam ambos da cidade, onde seu irmão tinha ido cobrar dinheiros muito atrasados que alli lhe deviam, e a ella, pois que ambas sendo herdeiros dos mais ricos fazendeiros dos Campos dos Goytacazes, não tinham inda dividido os bens que de seus maiores tinham recebido, vivendo juntos ha muitos annos. « Eu sei que não posso escapar, (disse ella) o malyado quiz abusar de mim por meio da força ; e achando mais resistencia do que suppunha, maltratou-me do modo que tenho o corpo todo moido. Entretanto morro sem deixar herdeiros, como meu irmão. Nestas canastras que traziamos se contem 200 mil cruzados em ouro, se alguma apparecer por esse mato ou todas, eu dou todo o ouro que se achar a Vm., contentando-me que applique mil cruzados por suffragios por mim e meu irmão. »

Effectivamente Isabel morreu no outro dia, mas vingada por um salteador generoso, cuja vingança José a viu tomar, segundo nos contou elle. Ora sabeis portanto que eu fui testemunha ocular deste roubo, e deste assassinato, que já era muito claro quando os salteadores o commetteram, e enterraram as canastras, e que eu podia reter suas feições... Acreditarás agora, que um dos salteadores e aquelle que disparou a pistola contra o capitão Ribeiro, é um homem que passa por um santo ?

— Liberato, meu pae ? !

— Liberato mesmo !...

— Oh ! eu me recordo... era a falla delle que ouvi em casa de Margarida ; era a falla delle. E foi meu tutor !

— Liberato pois é um malvado !

— Espoliou-me... mas ainda bem ..

— Ouve agora o resto desta historia. Algum tempo ao depois mandou teu pae botar um roçado abaixo, no mesmo morro dito Havia um pouco acima da fralda do monte, uma grande pedra, que difficulosamente podia ser movida por 16 homens ; acima um tanto havia um grosso ipê tabaco, cujo diametro seria de 3 palmos, os derribadores metteram-lhe seus machados, e o derribaram. Esta arvore estava meio pensa para a parte de cima ; na occasião de cahir, cahiu para aquelle lado para onde estava pensa, como era de esperar ; a parte debaixo apenas cortada, e solta do resto do tronco, vem n'uma forte guinada pelo morro abaixo, bate de encontro á pedra, abala-a, suspende-a, e a tira da cama em que dormia talvez desde a infancia dos tempos. A pedra perdendo o equilibrio fóra de sua cama, rola pelo monte abaixo até a fralda, e sobre o logar em que eu havia feito enterrar as duas canastras com ouro, ella deita-se e ahi nessa nova cama começa de novo a dormir outro somno, que até hoje dura, e apezar da dureza de seu somno, esta grande pedra está assim guardando um thesouro de 200 mil cruzados ! Entretanto, este thesouro te pertence por doação de sua dona. Ora, mestre Braz e Agostinho morreram, e eu sou o unico que possui este segredo, e agora tu.

— E como tiraremos esta pedra ?

— Devemos ir ao logar, e só á vista della é que podemos fazer alguma cousa.

— Iremos... mas...

— Mas o que ?

— Não tenho nem cinco reis para fazer esta viagem.

— E' máu isso ; mas pediremos a alguem.

— Sim; talvez ao meu amigo Carlos.

— Seja.

Quando Sebastião proferiu estas palavras, Venancio na sala soltou um grito; os dous correm para elle, e perguntam o que é.

— Tinha aqui na sala um vulto muito grande, (diz Venancio).

— Mas onde está ? (perguntam os dous).

— Parece-me que sahiu.

— Eis-ahi, (disse Geraldino) tu deixaste a porta aberta...

— Tinha-me esquecido de fechal-a.

— Pois fecha-a : foi algum ladrão. O que vale é que em casa de estudantes, nunca ha que roubar...

— Quanto mais um estudante orphão espoliado, disse Sebastião. Uma bolsa com ouro !... e dizes que não tens dinheiro ?

— Onde ?

— Nesta mesa !

— E' possível !

— Ella aqui está.

Geraldino toma a bolsa, despeja-a, e cahiram della sobre a mesa 50 peças de 6\$400, e entre ellas um pequeno papel. Sebastião pega nesse papel dobrado em forma de um bilhete, e o abre ; não havia letras, e apenas uns traças e pontos. Sebastião o mostra a Geraldino dizendo :

— E o que é isto ?

— Geraldino vê o papel, e exclama.

E' elle !

CAPITULO XXIX

JURASTE RESPEITAR MINHAS RESOLUÇÕES !

Aquelle que tem vergonha envergonha-se até das vergonhas alheias!
Aquelle que se envergonha das vergonhas alheias, não devia ter parentes, nem amigos!

São oito horas da manhã do dia seguinte. Geraldino e Sebastião almoçam secegradamente e conversam com cordial alegria : elles fallam a respeito do homem gordo, alto e feio, que no bosque entregou Emilia a Geraldino e de cujo som de voz Geraldino não se esqueceu ! Quem será esse homem ? Será algum bom genio que em tudo o acode ? Será algum demonio que com elle sympathisasse ? Mas os demonios tambem são susceptiveis de sympathia ? E esta ultima acção sua ! Ouviu a Geraldino dizer que não tinha dinheiro e lhe deixou sua bolsa. Mas quem lhe disse que Geraldino intentava suicidar-se, para tão adrede suspender sua resolução, bradando-lhe pela janella ; « cobarde... não é digno de ser homem !... » Anjo ou demonio, Emilia lhe deve uma vez a honra e tres vezes a vida ; uma no bosque, outra no fogo do Parto e a ultima suspendendo o suicidio de Geraldino, porque a morte deste importaria a della ! Anjo ou demonio, Geraldino lhe deve a vida e elle vela sobre Geraldino, como extremosa mãe vela sobre seu recém-nascido ! Anjo ou demonio emfim, Geraldino não o conhece e ninguem sabe quem elle seja.

A respeito pois deste anjo ou demonio, conversavam os dous ao almoço, quando guiado por Venancio

entra um preto, que apenas vê Geraldino, se lhe atira aos pés exclamando :

— Meu senhor !...

Geraldino recuou espavorido, pallido e tremulo. Venancio comprehendendo a razão disto, lhe disse :

— Elle não morreu, meu senhor.

— E' possível ! Anastacio, então que foi feito de ti !

— O Sr. Liberato me vendeu para o Rio Grande.

— Para o Rio Grande ?

— Sim, meu senhor.

— Então o que é isto? nada percebo, disse Sebastião .

— Liberato quando me prestou contas deu-me por fugidos 4 escravos nossos e mortos 6 ; destes um era o Anastacio, que está presente.

— De que te admiras, não é elle um salteador que passa por um homem capaz ?

— Em todo o caso é mister que eu saiba como isto se fez.

— Sem duvida.

— Meu senhor, disse Venancio aquelle homem que serve de sachristão lá na freguezia, está aqui na cidade, se meu senhor quizer fallar com elle eu posso procural-o.

— Isso é uma felicidade, Venancio : disse Sebastião vae já procural-o e traz-nos aqui.

Venancio sahio e os dous ficaram conversando com Anastacio, que continuou :

— Quando eu fui vendido, meu senhor, tambem foram commigo Antonio serrador, José pequeno e João congo : nós fomos para o Rio Grande. Depois nós encontramos lá Manuel crioulo, que disse, que foi vendido lá com Joaquim Moçambique. E foi o Sr. Liberato que nos vendeu a todos

— E' singular ! Entretanto o Sr. Liberato apresentou-me a certidão de obito desses escravos !

Pouco tempo depois entrou Venancio trazendo o

Sr. Ignacio, sachristão da freguezia em que foram enterrados os escravos de Geraldino, como dizia Liberato. Passadas as saudações do estylo, sentou-se o Sr. Ignacio e Geraldino disse-lhe:

— Sr. Ignacio, dei-lhe o incommodo de mandal-o chamar para que me dissesse uma cousa, que, como creio, só Vm. me póde dizer.

— Incommodo nenhum, Sr. Geraldino. Antes vim com muito prazer, porque saiba que eu o estimo muito, e fui muito amigo de seu pae; era muito mais moço do que eu; mas era moço de boa laia; tinha muito juizo e era muito temente a Deus!... e muito bem ensinado; bom filho era aquelle! Deus lhe falle n'alma! Ainda me lembro das boas caçadas de veados, e boas pescarias que com elle fiz na lagôa: e atirava muito bem; sua pontaria era sempre na cabeça do veado. Olhe, Sr. Geraldino, se vm. sahir a elle, ha de ser um bom filho; que esta mocidade d'agora está toda perdida; é tudo uma libertinagem, uma heresia, uma falta de respeito que mette medo. No meu tempo, menino, os rapazes de 18 e de 20 annos brincavam o tempo será com as meninas de 16, 18 e 20, e não havia malicia alguma entre elles! Hoje os filhos não têm respeito aos paes, não têm medo de Deus e tudo está perdido...

— Então, diga-me Sr. Ignacio: sepultaram-se lá na freguezia alguns escravos meus?

— Sim, senhor; lá sepultaram-se 6 escravos, e no assento que se abriu no livro dos enterros assentaram-se como seus escravos; mas eu que conhecia todos os escravos de seu pae, notei que não eram nem um dos que se foram enterrar; e isto mesmo notei ao Sr. Liberato e elle me disse que alguns dos escravos antigos foram vendidos, e que com o dinheiro compraram-se alguns novos, e que destes é que haviam morido alguns.

— Porém consta-me que o Sr. Liberato com permissão do juiz vendeu 4 escravos meus, e com este

dinheiro comprou 4 negros novos os quaes morreram....

E' muito morrer, mas todavia podia bem ser. Quando elle deu conta de meus bens, deu fugidos 4 escravos, vendidos 4, a saber: Antonio serrador, José pequeno, João congo e Manuel crioulo, com cujo dinheiro comprou 4 novos que morreram; e dá-me mais como mortos Joaquim Moçambique, e Anastacio, e entretanto Anastacio é vivo.

— Eu não lhe sei dizer, porque os dous ultimos que se sepultaram lá, foi com differença de 5 dias um do outro, e iam enleados. Mas eu conheço uma pessoa que lhe póde bem explicar isso.

— Quem?

— O Camillo, escravo do Liberato mesmo; este Camillo serve ás vezes de pagem, e agora veio com o senhor; costuma a servir, como de enfermeiro aos parceiros, e talvez saiba disso.

— Venancio: conheces o Camillo?

— Sim, senhor, conheço, e sei onde mora quando vem com o Sr. Liberato.

— Onde?

— Na rua do Alecrim.

— Pois vê se o trazes aqui.

Venancio sahiu. Os tres continuaram a conversar, até que pouco depois entrou Carlos. Duas horas depois da sahida de Venancio, entrou elle, e disse ao senhor que ahi estava o mestre Camillo. Sebastião, Ignacio e Carlos passaram a um quarto vizinho, e Geraldino ficou só. Mestre Camillo entrou, e depois que Geraldino lhe fez um muito bonito recebimento, lhe disse de um modo affectuoso:

— Ora, mestre Camillo, eu sei de uma cousa que você tambem sabe, mas eu desejo que você me confirme o que eu sei...

— Então o que é, Sr. moço Geraldino?

— Você foi quem tratou de alguns escravos meus, que estiveram doentes em casa de seu senhor quando elle foi meu tutor?

— Sim senhor.

— Quaes morreram?

— Todos os que estiveram doentes, que foram 6.

— Não ha tal, mestre Camillo. Não morreu um só escravo meu.

Geraldino proferiu estas palavras com um tal accento de convicção, que mestre Camillo ficou diante d'elle como pasmado de ver que se sabia aquillo que elle suppunha que todo o mundo ignorava, e Geraldino continuou:

— Quer o mestre Camillo que eu lhe mostre agora o Anastacio, que seu senhor disse que era morto?

— Será possível, Sr. moço!

— Anastacio? chamou Geraldino, e Anastacio entrou. Será este o Anastacio?

— Sim, senhor, disse mestre Camillo cheio de confusão.

— Pois bem; já você vê que eu sei de tudo: eu podia daqui mesmo maudai-o para a cadeia por dous soldados, e você lá me houvera de dizer tudo quanto eu quero; mas não quero fazer-lhe mal.

— E eu que culpa tenho do que meu senhor faz? sou mandado.

— Bem sei. Mas só quero que me falle a verdade; conte certo com minha protecção. Mestre Camillo, se me diz a verdade, conte certo com a sixa alforria.

— E se meu senhor souber?

— Assevero-lhe que de nada ha de saber.

— E' verdade que dos escravos de meu senhor, que ficaram na fazenda, nenhum morreu. Meu senhor vendeu primeiro 4 escravos de Vm. e comprou 10 escravos novos para elle; destes morreram 4, e foram enterrar-se na freguezia. Depois morreram

mais 2 e tambem foram para a freguezia; foi então que meu senhor veio para a cidade com Joaquin Moçambique e Anastacio. De maneira que dos escravos novos que meu senhor comprou só ficaram 4; dahi a tempos meu senhor comprou mais 6, e todos estes ficaram em casa de meu senhor.

— Então ficaram, por todos, 10?

— Sim, senhor.

— E onde estão?

— Em casa de meu senhor,

— De modo que seu senhor ia vendendo meus escravos, e como iam morrendo os d'elle, elle os sepultava como meus?

Mestre Camillo sorriu-se manhosamente.

— E os 4 que elle me deu como fugidos, estão certamente fugidos?

— Esses creio que estão, sim senhor.

— Pois bem, mestre Camillo, quando eu fôr para minha casa appareça-me.

— Estou ás ordens de meu senhor, disse mestre Camillo e retirou-se.

Geraldino disse a Anastacio que não sahisse de sua casa por ora, e que ficasse em terra até que o barco em que tinha vindo se fizesse outra vez de viagem.

Anastacio, vendido para o Rio-Grande, o senhor que o comprou, pouco tempo depois fel-o embarcar para o Rio de Janeiro como marinheiro; foi logo na primeira viagem, que Anastacio fez, que encontrou-se com Venancio, e foi a casa de Geraldino; e ahi de boa mente quiz ficar com seu verdadeiro senhor.

Já o leitor sabe de que maneira Liberato furtou seis escravos a seu pupillo, e como por umas cousas se conhecem outras, já nenhuma duvida temos em crer que Geraldino na qualidade de pupillo fôra completamente prejudicado por seu tutor. Geraldino pensou em vingar-se de Liberato.

A generosidade é certamente a qualidade a mais bella e a mais amavel que distingue o homem social, eu o conheço e o confesso; e entretanto não me atrevo a condemnar um pensamento de vingança! Um soffrimento longo e pesadas affrontas molesta nossa alma, e abrem em nosso coração uma tão profunda chaga, que só o sangue do offensor derramado no festim da vingança, como sacrificio aos nossos soffrimentos, pôde servir de balsamo para cicatrizar uma ferida aberta com dôr de morte pelo punhal das affrontas!

Geraldino tinha cahido na pobreza pelos dolos de um homem indigno, sem alma, um ladrão: Flavio em fim; mas esta queda o encontrou cheio de resignação, de paciencia e de generosidade até! Sim, que esta pobreza em que cahiu era antes uma suave mediania do que uma pobreza insupportavel, porque os bens que seu pae lhe havia deixado chegavam para suas necessidades, e para que vivesse sem demasiado incommodo, e sem ser pesado a seus semelhantes. No meio de sua queda, abre seus olhos, e quando pensa achar-se no centro dos bens por seu pae adquiridos, elle se vê no abysmo da miseria, ao ponto de lhe ser preciso pedir a seu amigo meia dobra para fazer sua viagem, como tenciouava fazer-o a seu amigo Carlos, se uma desconhecida mão lhe não deixasse sobre sua mesa uma bolsa com 50 meias dobras, e isto por causa de um homem mais sem alma, mais doloso e mais ladrão do que o mesmo Flavio, que era Liberato. Flavio era um malvado, mas este malvado suppunha ter queixas contra Julio, pae de Geraldino, e conservando para com o filho o mesmo odio que tivera ao pae, sustentava com aquelle o mesmo plano de vingança que coubeu contra este! Isto era horrivel, é verdade; mas tinha ao menos uma explicação. Liberato, ao contrario, tinha pela lei sido escolhido como fiel dos bens de Geraldino, servia-lhe de pae, e só este ca-

racter sagrado com que a lei o tinha investido, impunha-lhe santa obrigação de desempenhar virtuosamente sua augusta missão! Isto era pois inqualificavel!

Geraldino começou a affagar o doce pensamento de sua vingança, como o enfermo que teme a morte e affaga o suave pensamento do recobro de sua saude! Mergulhado nestes pensamentos comprehendeu bem que necessitava de muito dinheiro para o conseguir. Todavia o thesouro fornecido por Sebastião, e que enterrado estava, lhe facilitava meios; mas a pedra que o encerrava, essa pedra fatal! Oh! que isso era uma idéa amarga. Dezeses homens eram os que podiam mover difficulosamente essa pedra, e elle não tinha mais que 10, e era de presumir que nem desses pudesse dispôr, porque Flavio lhe moveria a execução e, peuhorados os escravos, não tinha com que mover nem levemente essa pedra.

Todavia, Geraldino comprehendeu a necessidade de partir o mais breve possivel; communicou seu desejo a Sebastião, que lh'o approvou, e começaram a dar ordem á partida. Venancio partiu incontinente, e foi á fazenda buscar cavalgadura. No outro dia Sebastião foi agradecer a algumas pessoas que o mandaram visitar depois da sua chegada de Minas, e entre ellas a D. Gertrudes. Sebastião foi por ella, Carlota e Emilia recebido com todo o respeito e estima que merecia um velho de tanta honra, e que gozava de tantos respeitos. Entravada a conversação. Emilia pediu a Sebastião para explicar-lhe o motivo da desavença entre seu pae e Julio, pae de Geraldino. A resposta que Emilia havia recebido de seu pae sobre a carta em que lhe propunha a composição com Geraldino era de tal modo positiva que fez crer á innocente joven que seu pae era de facto o offendido, e que bastante razão lhe assistia para tão fero perseguir a Geraldino, suppondo que este havia augmentado os aggravos de seu pae

contra o della ; Emilia não podia accommodar em sua cabeça a idéa de uma infamia praticada por seu pae. Ella era filha ! Emilia pois disse :

— Ha muito tempo, Sr. Sebastião, tinha desejos de vê-lo, e de fallar-lhe.

— E pois aqui estou, minha menina.

— Porque sei que sobre esta fatal demanda de meu pae com o Sr. Geraldino ninguem me pode explica como Vm.

— E então o que é que quer saber ?

— O motivo de tanto odio, o principio de uma tal desavença, quem tem razão emfim ; eu quizera saber de tudo isto para poder firmar meu juizo.

— Em nenhum caso, minha filha (disse Sebastião em um tom solemne), é dado aos filhos o ceusurarem a seus paes.

— Eu o sei. Mas isso é o mesmo que dizer-me que meu pae carece de razão nesta causa.

— A simples narração dessa escandalosa historia, ainda sem a menor reflexão, é a mais acre censura do procedimento do Sr. Flavio ; e eu não me atrevo a censurar ao pae em presença da filha.

— Mas como Vm. é o unico que me pode contar isto, e o unico de quem eu não me atrevo a duvidar, por isso quizera ouvi-lo.

— E porque sou eu o unico de quem não se atreve a duvidar ?

— Porque a sua probidade é proverbial.

— Se me manda, obedecerei.

— Não, Sr. ; porém lhe rogo.

— Eu a vou satisfazer, bem que a meu pezar.

— Todavia, Sebastião contou a Emilia toda a historia de Thomaz e Silvestre ; a fundação da fazenda, repetiu-lhe a integra da escriptura, de que elle foi uma das testemunhas ; contou-lhe depois a indignidade de Flavio para com a mulher de Julio, a desavença destes dous, o procedimento de Flavio quando Julio o mañdou citar para contas, as contas que

Flavio apresentou; Sebastião annalysou ligeiramente estas contas, e acabou emfim pela nova escriptura onde elle Sebastião estava assignado como testemunha sem que elle com effeito assignasse; tal era a habilidade daquelle que roubou as firmas das testemunhas.

Quando Sebastião terminou esta historia de ladro-eiras, de dolos e de escandalos, Emilia tapou com um lenço seus lindos olhos, e afogada em seu pranto não teve uma unica palavra que proferisse. Sebastião comprehendeu bem que o amor de Geraldino, e a vergonha por um tal pacera motivos destas lagrimas: elle pois dirigiu a Emilia algumas palavras de consolação, e acabou dizendo-lhe com candura:

— Devemos confiar sempre em Deus, ainda até nos nossos maiores desgostos; quem sabe se um dia ainda nos veremos mais felizes do que hoje! eu o espero.

— Nunca.

— Nunca?!

— Nunca.

— Não importa.

Sebastião despediu-se; e Emilia retirou-se para seu quarto onde, só foi dar desafogo a seu pranto. Ninguem se atreveu a interromper sua pungente dôr, ninguem lhe dirigiu uma palavra.

No outro dia foi Geraldino á casa de D. Gertrudes despedir-se, e receber suas ordeus, Emilia appareceu triste e macilenta; saudou a Geraldino seccamente, e nem pôz-lhe os olhos; e durante todo o tempo em que Geraldino esteve, nunca Emilia lhe dirigiu uma palavra.

Geraldino não se apercebeu disso; porque de animo firme a esquecer Emilia, apenas uma ou duas vezes olhou para ella.

Retirado o mancebo, Carlota tomou Emilia á parte, e lhe fallou assim:

— Que é isto, Emilia! offendeu-te Geraldino?

— Não.

— Já o não amas?

— Amo.

— Como o amavas!

— Ou talvez mais ainda.

— Não é possível!

— Deixar de amal-o, não: só com a morte!

— Que dizes, Emilia?

— Que o amo como se pode amar na terra; e que sempre o amarei; que o coração que ama a Geraldino não amará outrem; e que até desgraçado não quero expellir de meu coração este amor tão bem nascido, e que já tão feliz me fez!

E as lagrimas começaram a cahir de seus olhos com abundancia. Carlota continuou.

— Mas o teu procedimento de ha pouco?

— Que procedimento?

— Nunca olhaste para elle, nada lhe disseste...

— Já o tenho visto muito, e nada tenho que dizer-lhe.

— Não é exacto; porque quem ama folga de ver sempre o objecto que ama, e sempre temos tanto que dizer á pessoa que amamos...

— Ouve. E's minha amiga?

— Creio que não podes duvidar.

— Acreditas em virtudes no coração de mulheres?

— E nas tuas mais do que nas de ninguem.

— Agradecida. Juras respeitar minhas resoluções?

— Juro: quaesquer que ellas sejam.

— Pois bem. A filha de Flavio não é digna do filho de Julio! Quando os filhos de Deus se casaram com as filhas dos homens, a terra foi coberta de crimes; e segunda vez não se verá sobre a terra uma tal união! Eu não quero ligar o nome de uma familia manchada pelo crime ao nome de uma familia bemquista pela virtude! Eu não quero ser mãe

de um máu filho, para que seu pae não diga: « Neto de Flavio, malvado como elle a natureza não quiz que tu desmentisses a raça de que provens! » Não Carlota, eu não quero que ao passar pela rua, levada por Geraldino, o mundo diga: « Eis ahi um verdadeiro contraste! Alli vai o filho da virtude ligado á filha do vicio! » E' pois mister que o mundo me não conheça. A amante de Geraldino ficará sendo sua irmã, e a filha de Flavio reparará os danos que seu pae causou!...

— Emilia...

— Juraste respeitar minhas resoluções.

— Miua amiga...

— Tu juraste, Carlota.

— Serei fiel ao meu juramento.

CAPITULO XXX

HIC LAPIS A DOMINO IN ANNO MDCCXL CONSTITUTUS EST : IN ANNO MDCCXXXIX ID SCRIPSI !

Não ha felicidade mais preciosa, do que a que nos vem depois da desgraça !

A alegria que segue a esta felicidade não tem rival !

Chegou finalmente Venancio com a cavalgada, e Sebastião e Geraldino seguidos de Venancio e de Anastacio, que espontaneamente quiz acompanhar Geraldino, e de Matheus, escravo de Geraldino, que havia acompanhado Sebastião a Minas, partiram para Juthurnuayba. Sem algum incommodo fize-

ram a viagem em dia e meio, e chegaram á fazenda sem a menor novidade. Perto de casa, Sebastião despachou os tres pretos que fôsem adiante para casa, e elles caminhando mais lentamente deixaram-se ficar atraz. O designio de Sebastião era passar onde estava o thesouro, e mostrar a pedra a Geraldino. Effectivamente o fez, e quando Geraldino viu o lagedo que cobria o logar onde estavam as canastras enterradas, julgou que Sebastião se havia enganado, pois que no seu entender nem 24 homens moveriam a grande pedra. Foram para casa ; era meio-dia pouco mais ou menos, e Geraldino tencionou de, logo que chegasse a noite, ir ao logar ver se podia de algum modo desenterrar as canastras que estavam cheias de ouro.

A's cinco horas da tarde entram em sua casa dous meirinhos, que o citaram para dar bens á penhora, por parte de Flavio, e com mandado de despejo, para deixar a situação nomeando elle de sua parte dous arbitros e dous de Flavio, para avaliarem as bemfeitorias.

Geraldino pediu que demorassem a execução até o outro dia, ao que os officiaes de justiça responderam que não, emquanto á execução ; a ter dinheiro, o exhibisse, do que lavrariam o auto, que a não ter, devia dar bens á penhora ; que emquanto ao mandado de despejo, o Sr. Flavio lhe fazia a esmola de o deixar dormir aquella noite ainda alli, mas que de manha, logo que os arbitros tivessem feito a avaliação, havia de despejar o sitio ! Ora Geraldino era citado por 1:648\$732 custas da demanda, e 803\$147, quantia em que seu pae ficou alcançado para com a sociedade, como atraz vimos, cujas quantias montavam a 2:452\$179 : Geraldino tinha presentemente só 10 escravos ; e nesse tempo o mais que um escravo custava era 200\$000 ; e se por isso foram avaliados, foi por circumstancia de serem quasi todos serradores e falquejadores ; e pois foram avaliados a

200\$000 ; e sendo elles dez, a 200\$000, montava a somma a 2:000\$000, faltavam ainda para o cômputo 452\$179, que talvez não fossem preenchidos pelo valor das bemfeitorias ! Bem disse Flavio que houvera reduzir Geraldino a pedir esmolas !

Effectivamente os meirinhos levaram os escravos para serem depositados, e com effeito o foram em casa de Liberato, que assignou o deposito.

Geraldino vendo sahir os escravos, cruzou os braços e deixando cahir duas lagrimas, disse a Sebastião :

— Eis que me levam os escravos que meu pae comprou e a quem eu tenho tanto amor ! E com elles, meu amigo, vão-se as minhas derradeiras esperanças !

— Ainda não.

Anastacio, que foi o unico que ficou em casa. porque os meirinhos não só o não viram, como até sabiam que Geraldino só tinha 10 escravos, foi cuidar da ceia e mais arranjos para os dous.

Logo das tres horas da tarde desse dia, começou a trovejar longe. Grossas montanhas de nuvens, cujo fundo côr de terra era rodeado por uma crespa fimbria prateada, começaram de erguer-se da parte do oeste ; os trovões augmentaram-se gradualmente, e às sete horas da noite a tormenta era immensa. Um rijo vento do sul tão despropositado desmandou-se, que parecia querer arrancar o globo de seus eixos, e com a violencia com que disparava seus sopros, não só despedaçava grandes arvores, espalhando sobre a terra seus despedaçados ramos, como derribava corpulentos troncos, arrancando-os pelas raizes, e ao mesmo tempo que o cedro da baixa cahia em estilhaços, a grossa palmeira da montanha voava em migalhas ! A grossa saraiva, tendo açoutado os ares com seu inusitado peso, depois de saltitar por sobre as telhas, vinha embranquecer a terra, que tremia horrorizada ao echo espantoso dos trovões medonhos !

Horriavel estava tudo. Assustador era de ver-se um tão horroroso espectáculo! A tempestade com suas azas de fogo sacodia as nuvens, emquanto lançava espessas columnas de desequilibrado ar, que vinham sobre a terra despedaçar-se com temeroso mugido, trazendo de envolta não só borbotões d'agua que em grossos jorros cahia, como nuvens de sarivas que despedaçavam os tectos das moradas dos homens!

O céu era um assombrado bosque de nuvens negras, onde grossas serpentes de fogo de um só bote vingavam de um a outro horizonte; eram relampagos, que em zigue-zague se inflammando, lascavam-se dos céos até a terra, que ferida do raio tremia até o mais intimo de suas entranhas, onde o corisco ia esfriar seus ultimos ardores, e expirar seus extremos esforços!

O impeto dos ventos agitando com furia de demónio as pacificas aguas da lagôa de Juthurnuayba, jogava suas ondas de uma para outra parte, lançando lugubres gemidos que apenas se escutavam monotonos nos intervallos das rajadas dos ventos, ou das detonações dos ares, quando trovejantes nuvens se escalavam com estampido de morte e arrojavam com tremendo impulso sobre a branca areia da praia serranias d'agua, que alli se quebravam espumosas com murmurio medonho! e estas murmurantes ondulações abrilhantadas pelo fogo do raio, circumdavam o lago de uma franja de referventes chammas!

Nestes intervallos ouvia-se ao longe um tardo canto, ou antes um gemer tristonho que partia das casas dos lavradores; eram os hymnos Eucharisticos, e outros canticos devotos, que os timidos lavradores entoavam ao Senhor, misturando estes gemidos cantares com o echo funebre da tormenta, porque o homem nos seus perigos queima incensos ao seu Deus sobre as azas até da propria tempestade!

Se os horrores de uma procella medonha tem de precederem ao ultimo gemer da natureza, quando elle tocar ao momento de seu derradeiro existir, certo que essa ultima borrasca suscitada pela natureza contra a humanidade, não será mais funesta, mais feroz, e mais terrivel!

A poesia e a pintura são os dous unicos pinceis que a natureza deu ao homem para pintarem seus paineis brilhantes, suas lustrosas scenas, suas belezas, seus sublimes e seus horrores! mas certamente não ha ali pinceis tão energicos, e tintas tão expressivas que possam descrever todos os horrores de uma tormenta extrema. Concebamos, e admiremos as leis da natureza!

No meio destes horrores em que parecia que a natureza irritada havia convocado todos os elementos contra a humanidade, a borrasca soltou um bramido mais forte! A luz sulfurea de um lampejo esclareceu o emmaranhado silvedo da tempestade. Uma serpente de fogo descoseu-se desse horrído serrado! Brillhou nos céos, mediu o espaço, e ainda sua bolicosa cauda tremulava nos céos, já sua pesada cabeça descarregava seu bote na terra! Uma detonação horrivel fez estremecer o globo! Foi o estrondo de um trovão, foi o cahir de um raio! Repentino bateu o estouro, e seguiu-se o tremebundo rolar de medonho trovão! A terra estremeceu ao echo do trovão, e ao golpe do raio! Immediatamente mil gritos de « misericordia! » feriram os ares. Houve silencio, e logo um cheiro incommodo de enxofre e chamusco se fez sentir — Cahiu perto — disse Sebastião; creio que sim, respondeu Geraldino, e elles continuaram a resar.

Com este trovão a tempestade desabafou as suas derradeiras iras; com este raio alliviou-se de seu ultimo peso; Pouco a pouco serenou-se a chuva, acalmou-se o vento, e diminuíram os trovões. A's dez

horas a tormenta soltou seu ultims soluçar, e a humanidade começou a respirar : a tempestade escampou-se emfim ! Dissiparam-se as nuvens borrascosas, e as estrellas tremularam na abobada celeste com sua sympathica luz. Nenhum vestigio do temporal ! apenas se ouvia o tardo cahir de gottas da chuva, que por entre as folhas das arvores silenciosas se deixavam escorregar, para virem soltar um gemido final, tombando sobre as folhas seccas que cobriam o chão.

Geraldino chamou Anastacio e quiz sahir com elle.

— Onde vás ? lhe perguntou Sebastião.

— Aqui abaixo.

— Vás ver a pedra ?

— Talvez chegue até lá.

— Pois vamos.

— Vamos, disse Geraldino.

Sahiram todos tres ; encaminharam-se para a pedra, mas qual o seu espanto á vista do espectáculo que se offereceu a seus olhos !

A pedra estava feita em quatro pedaços quasi eguaes, cada um para seu lado, deixando livre o logar em que estavam enterradas as canastras ! Dir-se-ia que mão humana a tinha golpeado, puxado cada pedaço para seu lado ! Não pára aqui tudo ; o que admirá é que as pedras estavam affastadas de sobre o logar onde estavam as canastras, tanto quanto era bastante para que ellas fossem desenterradas ! Os dous entre-olharam-se pasmados, e passado o primeiro momento de espanto, Geraldino disse a Sebastião :

— Que é isto, meu amigo ?

— Seja o que fôr, aproveitemos-nos dos favores que o Céu derrama sobre nós ; levemos esse ouro, que elle te pertence.

— Sim, levemos. Mas as chaves ?

— Eu as deixei abertas.

Nisto já tinham, Geraldino e Anastacio, tirado a terra que sobre as canastras havia, que era pouca, e Geraldino puxou o ferrolho para abrir uma dellas, mas foi de balde, e de balde quantos esforços fez. Era isto natural, que o ferro enterrado se havia oxydado pelo tempo, e não era facil abrir sem grande difficuldade.

Sebastião que logo viu a razão disto disse a Anastacio ;

— Corre, Anastacio, vê se achas em casa algum formão velho e traze cá uma vela e fogo.

Em cinco minutos, que perto era a casa, foi e veiu Anastacio, acendeu-se a vela, e Geraldino com o formão abriu ambas as canastras ; de effeito estavam cheias de pequenos sacos e estes cheios de ouro. Apagaram a vela e começaram a carregar o ouro. Os sacos eram 16, continham cada um 2:500\$; de modo que Geraldino e Anastacio de cada caminho levavam dous sacos, quasi uma arroba de peso, pouco mais ou menos, e Sebastião levava um ; de sorte que em tres caminhos esgotaram as canastras, trazendo-as egualmente no ultimo caminho.

— Anastacio virá de manhã muito cedo botar terra nos buracos, disse Sebastião, e fazer com que não se conheçam os vestigios das canastras.

— Justamente, disse Geraldino.

Depois que chegaram a casa, tirou Sebastião de sua carteira uma carta e a deu a Geraldino, dizendo :

— Agora lê isto.

— E' uma carta para mim mesmo, e a letra é sua !...

— Era para te ser entregue no caso de eu morrer sem ver-te.

Geraldino abriu a carta e leu ; nella contava-lhe Sebastião toda a historia do capitão Ribeiro e de sua irmã com os salteadores ; e acaba revelando-lhe o logar em que devia achar as mencionadas canastras, etc.

Geraldino agradeceu mil vezes a Sebastião tanta bondade que com elle tinha, abraçando-o cordialmente.

No outro dia muito cedo foi Anastacio ao logar onde esteve a pedra, para apagar os vestigios das canastras, tapando as covas onde ellas haviam estado. Sebastião e Geraldino foram tambem com o fim de ver se davam com a razão do quebramento e affastamento da pedra: quando chegaram, já Anastacio tinha voltado, desencontrando-se delles. Então os dous examinando o estrago da pedra, não tiveram duvida em crer, pelos vestigios que notaram, que um golpe de raio a tinha escalado em quatro partes: havia até alguns ramos de arvores quebrados e chamuscados; isto em quanto ao quebramento, mas sobre o affastamento elles tiveram duvida, pois que este parecia ser feito muito de proposito; não obstante talvez fosse effeito do raio. Os dous concluíram que a queda do raio que tão perto lhes pareceu, e cujo cheiro de queimado e de enxofre sentiram, foi naquelle logar. Entretanto Geraldino notou em redor dos pedaços da pedra certas pégadas humanas, que certo não eram suas, nem de Sebastião e nem de Anastacio. Chamou Sebastião para vê-las, e com admiração sua notou o mesmo! O que era mais particular era que estas pégadas eram demasiado grandes, o que denotava que quem alli as tinha impresso devia ser mui corpulento! Notava-se ainda que a pessoa que a deixou havia feito grandes esforços junto das pedras, talvez para querer movel-as. Quando os dous estavam entregues a este excesso de admiração, reparou Geraldino em algumas letras escriptas sobre uma face de um dos pedaços da pedra. As letras diziam o seguinte:

— Hic lapis a Domino in anno MDCCXL constitutus est: in anno MDCCXXXIX id scripsi.

Os dous pasmados puzeram-se a olhar um para o outro.

— Grande mysterio deve de aqui haver, disse Sebastião.

— Mas o que é extraordinario é que a pedra é mais moderna do que a escripta, tornou Geraldino.

— Parece-me isto uma idéa inspiradora!

— Na verdade!

— Parece que quem aqui escreveu sabe de alguma cousa analoga! Quem sabe?

— Quem sabe! Mas que cousa? E como se pôde dar um caso semelhante a este?

— Facilmente.

— Como?

— Haver um papel mais moderno que a escripta nelle lavrada.

— Que celebre anachronismo!

— Para isto nada mais é mister do que ser o papel feito em um anno e escrever-se nelle alguma cousa *com anti-data*, de modo que sendo o papel do presente anno, a data da cousa escripta seja do anno passado: Bem vêes que pelas letras d'agua do papel se pôde combinar as datas delle e do escripto.

— Mas haverá homem tão tolo que, commettendo um tal anachronismo, não se lembrasse de examinar o papel em que o commettesse?

— Às vezes os velhacos não attendem a tudo; e demais, nem todo o papel tem a data de sua fabricação em letras d'agua. O caso é que sendo isto muito possível, nem tu, nem eu examinámos se a escriptura com que Flavio te deu mate mais peccava nisto ao menos.

— E' verdade! é verdade! E quem sabe se este letreiro desta pedra é uma revelação?

— Não conheces a letra?

— Os caracteres são tão grandes que ainda que eu tivesse visto a letra de quem isto escreveu n'outros caracteres não poderia conhecer.

— Será delle, de teu homem desconhecido do bosque?

— Oh! que attenta a sua corpulencia, estes restos devem de ser delle.

— Entretanto devemos partir para a cidade e sem demora.

— Sem demora.

Geraldino ao achar este ouro, lembrar-se-ia do sonho de mestre Estolano?

FIM DO TERCEIRO VOLUME.

Extracto do catalogo da livraria de Serafim José Alves

16 *Praça de D. Pedro II* 16

(Largo do Paço)

Astucias de Namorado, por Pinheiro Chagas, 1 vol. enc.	2\$000
Apaixonado de Maria Antonieta, 2 vols. em um	5\$000
Amores de Artagnan, 5 vols. broc.	3\$000
Antonio José e os horrores da Inquisição, 1 vol. broc.	1\$000
Angelina ou dous accasos felizes, 1 vol. broc.	\$600
Aves de rapina, por Hyppolito de Castille, 1 vol. broc.	3\$000
Arca de Noé, por M. Leite Machado	1\$000
Annel (o) mysterioso, por Alberto Pimentel, 1 vol. broc. 2\$000, enc.	3\$000
Amor que não mata, por Coaracy, 1 vol. broc.	\$500
Aristocracia do genio e da belleza feminina na antiguidade, contendo Semiramis, Sapho de Mytelene, Corina, Aspasia, Phinea, Cleopatra, Hypathia de Alexandria, por José Palmella, 1 vol. broc.	3\$000
Auroras (leitura para todos) 1 v. br.	\$500
Acayaca , pelo Dr. Joaquim Felicio dos Santos, 1 vol. broc.	1\$000
Asté , por A. Dumas, 2 vols: enc.	2\$000

Typ. CINCO DE MARÇO.—Rua do Lavradio n. 95.

AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS

CAPITULO XXXI.

QUE PENA! TÃO MOÇO E DE TÃO AGRADAVEL
PRESENÇA!

A idade e os homens endurecem o coração do homem! Um moço malvado é difficil d'encontrar; mas encontrado, é temivel, mas todavia ainda corrigivel, o de que não é capaz um velho.

Nesse mesmo dia Geraldino deu todas as providencias para depositar o dinheiro ou levantar o deposito dos seus escravos. Apareceram os arbitros da parte de Flavio, o qual por si tinha dado todas as providencias; Geraldino nomeou os seus, fizeram-se as avaliações, as quaes muito de proposito foram amesquinhadas, de modo que Geraldino teve ainda de fazer uma pequena reposição. Todo este dia passou-se nestes arranjos, voltaram os escravos para casa; Geraldino fez carregar alguns animaes, que comprou, com seus arranjos e voltou para o Rio de Janeiro.

No seguinte dia, depois de sua chegada á cidade com Sebastião, foi-lhe Venancio dizer que dous homens queriam fallar com o Sr. Sebastião, mas em segredo; entraram, eram os dous irmãos paulistas Martinho e João, que tão conhecidos do leitor já se fizeram; entraram e de parte a parte mostraram grande prazer em verem-se. Martinho fez entrar alguns pretos carregados com canastras, as quaes

Arabescos , por J. R. de Campos Carvalho, 1 vol. broc.	1\$500
Annel (o) preto, romance ou historia de uma infeliz, por Camillo Eloy Pessoa, 2 vols. broc.	2\$000
Bastidores do mundo, por Ponson du Terrail, 2 vols. broc.	2\$000
Briga na aula de D. Europa, a proposito da França e Prussia, 1 vol. broc.	\$200
Biographia de Alphonse de Lamartine, por J. Tito Nabuco, 1 vol. broc. com retrato	1\$000
Beberrões (os), conto por Cl. de Teuba, 1 vol. broc.	\$400
Bibliotheca brasileira, 3 vols. broc.	1\$500
Bibliotheca das senhoras, 2 vols. br.	2\$000
Contrabandista (o), romance vertido livremente, por Guilherme Redd Cabral, 1 vol. broc. 1\$500, enc.	2\$000
Cousas leves e pesadas, por C. Castello Branco, 1 vol. broc. 2\$000, enc.	3\$000
Culto do dever, pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, 1 vol. enc.	3\$000
Cartas de Leandro a Hero, por D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, 1 vol. broc.	\$400
Cantico do Natal, por Carlos Dinkens, tradução de Eugenio de Castilho, 1 vol. broc. 700 rs., enc.	1\$200
Contos do serão, por Eugenio de Castilho, 1 vol. broc.	\$600

EDITORA POPULAR

Bibliotheca Romantica

AS FATALIDADES

DE

DOUS JOVENS

Recordações dos tempos coloniaes

POR

A. G. Teixeira e Sousa

QUARTO VOLUME

RIO DE JANEIRO

A' VENDA

Nas livrarias da rua de S. José ns. 118, 110, 99, 93 e praça
de D. Pedro II, 16.

foram depostas na sala e depois disse a Sebastião que ahí estava o seu dinheiro.

Qualquer pôde bem ajuizar do espanto de Sebastião mas o generoso paulista contou-lhe em quatro palavras tudo o que lhe havia acontecido com Alfama, o Caniço. Sebastião louvou muito a coragem dos dous rapazes, mas não pôde dissimular-lhes o mal que haviam feito no assassinato de Alfama. Depois Sebastião lhes disse que elles podiam dispôr de metade do dinheiro que nas canastras havia, o que elles recusaram e uma generosa teima se levantou entre elles, que João disse :

— Sé nós quizessemos dénhéro, méu amigo, nós ó terárimos dá casa dós ladrões pór què lá hávia muito dénhéro, más nós tróuxémos sé ó que éra séu, é quanto vimos què págaria nóssos préjoizos é dá outra tropa.

A' vista de uma resposta tão decisiva, Sebastião respeitou a delicadeza dos dous, que pouco depois se despediram contentes, deixando a Sebastião não menos.

Retirados os paulistas, chamou Sebastião a Geraldino, entregou-lhe o dinheiro, e contou-lhe tudo quanto os paulistas lhe haviam narrado ; á vista do que ficou Geraldino certo que o matador de Margarida fôra Alfama seu marido.

Era constante na cidade que os seis salteadores presos haviam ido duas vezes á presença do Intendente, onde acareados nada quizeram revelar.

Geraldino alugou todos os seus escravos, que da roça trouxe, afora Venancio e Anastacio, e lembrou-se de vêr se fallava a um dos salteadores presos para dali firmar o ponto de partida de sua vingança contra Liberato. Lembrava-se elle que quando esteve em casa de Margaride ouvindo os salteadores, ouviu-os dizer que o Vermelho não tinha entranhas de salteador, e que Liberato havia feito nelle uma má aquisição ; e que mais tarde, ou mais cedo o

Vermelho os abandonaria pregando-lhe alguma. Lembrava-se mais de que este Vermelho se chamava André Pereira Dias; e era constante que um dos salteadores presos tinha esse nome.

Geraldino pois dirigiu-se á cadêia, e ali com sua costumada affabilidade começou a conversar com o carcereiro, foi-o levando geitosamente até que, mediante algumas meias-dobras que lhe metten nas unhas, conseguiu delle vir o Vermelho á sala livre, e ali conversaram; veiu, e Geraldino e elle ficaram a occultas. Era o Vermelho um rapaz bem apessoado, bem feito, louro, de olhos azues, muito corado, razão porque os salteadores lhe chamavam vermelho: elle parecia ter de 26 a 28 annos pouco mais ou menos, idade que causava compaixão. Geraldino olhou para elle e não pôde furtar-se ao sentimento de compaixão que lhe inspirou tanta moçidade e tão agradável presença; e mostrando no seu gesto o sentimento de seu coração, exclamou ao vê-lo:

— Que pena! tão moço, e de tão agradável presença!

O joven Vermelho abaixou a cabeça, e começou a chorar.

Geraldino por este signal de ternura comprehendeu que o joven não tinha má inclinação, que algum notavel acontecimento o havia forçado a abraçar uma tão escandalosa vida, e que seria possível obter delle não só uma emenda, como tudo o que elle queria aos seus fins.

— Não chore, moço, você ainda não está perdido sem remedio

— Daqui, meu Sr., para a forca ou de grado perpetuo.

— Pode ser que não; e eu não vim aqui senão para lhe ser util.

— A mim, senhor?!

— Sim.

— E Vmc. conhece-me?

— Não de vista, mas sim de nome; pois sei que os seus companheiros lhe chamavam Vermelho.

— Como sabe disso?!

— Também sei que quem lhe metteu nessa má vida foi o Sr. Liberato, de quem você foi feitor.

— E' possível?!

— Muito possível. Mas diga-me: porque não revelou tudo isso ao Intendente!

— Como, Sr.! esses demonios de meus malditos companheiros dizem que se eu revelar alguma cousa, me hão de matar aqui mesmo!

— Então elles conhecem em você alguma tendencia a dizer tudo?

— Ah! Sr., se o Sr. Intendente me desse minha liberdade, talvez eu revelasse quanto sei.

— Pois eu não só farei por obter sua liberdade, como dar-lhe-hei meios para estabelecer-se, com tanto que você me conte tudo quanto sabe a respeito de seus companheiros. Ora vamos, primeiro conte-me sua vida.

— O Sr. não me está enganando?

— Sou homem de bem.

— Jura-o?

— Por Deus.

— Pois Sr., eu sou portuguez, e vim para aqui muito criança: sabia lêr, escrever e contar, e estando aqui no Rio de Janeiro sem arranjo, mandaram-me para casa do Sr. Liberato, que admittiu-me como seu feitor. Costumava ir em casa d'elle um tal muito rico chamado Flavio, que tem uma grande fazenda n'um logar chamado lagôa Juthurnuayba: tambem esse diabo que é mais ladrão que quantos saltadores ha, tem que dar boas contas a Deus...

— E porque?

— O Sr. o conhece?

— Não.

— Porque essa fazenda, ao menos metade, é roubada a um pobre orphão chamado Geraldino.

— Então como?

— Eu lhe conto. Ia pois esse diabo a casa do Sr. Liberato. O Sr. Liberato um dia chamou-me, e mandou-me escrever uma carta; eu tinha meus 14 para 15 annos, e tanto tinha de criança, como de tolo; escrevi a carta com letra muito bonita, que o tal meu amo admirou, e gostou muito. Eu como criança, porque bem sabe que toda a criança gosta de elogios, comecei a fazer letras em diversos caracteres, e com muita presteza, e mostrava a meu amo, dizendo: « e esta? » O homem mostrava-se muito admirado; e eu que suppunha que aquillo de nada valia continuava; em um momento fiz quatro pequenas cartas, de modo que pareciam escriptas por quatro pessoas diversas.

Ora imite lá a minha letra, disse-me elle. Fil-o immediatamente, e de tal modo que elle mesmo não soube depois qual era a sua escripta. Nisto chegou o Sr. Flavio, e o Sr. Liberato contou-lhe com admiração a minha habilidade, e o Sr. Flavio quiz vêr; escreveu, e eu olhei para a letra, e logo a imitei com a mesma facilidade. Passados poucos mezes disse-me meu amo; « André, aprompta-te para ires á cidade commigo, partiremos amanhã de madrugada. » Sim, senhor, disse-lhe eu. Na madrugada do seguinte dia appareceu o Sr. Flavio muito bem montado, seguido de dous pagens, e meu amo e eu montámos e sahimos. Chegámos ao Rio de Janeiro, e elles sahiram a arranjar seus negocios. Eu ficava sempre em casa, e era tratado como um fidalgo. Um dia entrou um sujeito, que ao depois por minhas combinações soube eu que era um tabellião... oh! que grandissimo velhaco! Ah! meu Sr., só os saltadores não é que são ladrões; este mundo está cheio delles! O tal Sr. tabellião escreveu tudo quanto o Sr. Flavio quiz, e depois chamou-me, mos-

traram-me algumas assignaturas, e me mandaram escrever no papel que o tabellião tinha feito, imitando aquellas assignaturas do mesmo modo que alli estavam; fiz assim uma pequena parada, e o tabellião me disse: « Escreve, rapaz », escrevi...

— E não se alembra que nomes eram os das assignaturas?

— Talvez... ora espere... Os primeiros eram um Silvestre de tal, e um tal Thomaz e por baixo era um Sebastião Botelho em quem ouvi depois fallar muito, e os dous ultimos alembra-me bem que tinham o sobrenome de Braga. Foi-se o tabellião, e o Sr. Flavio deu-me uma dobra dizendo que era para eu comprar um par de sapatos. Voltámos para a roça, e tempos depois é que soube que era uma escriptura falsa para o Sr. Flavio roubar metade de uma grande fazenda, como creio que roubou!

Passado muito tempo, o Sr. Liberato disse-me um dia: « Rapaz, quero-te bem, e quero que fiques rico em pouco tempo sem grande trabalho: » Como? perguntei-lhe eu. « Facilmente, com tanto que faças uma cousa » tornou-me elle. « E que cousa é preciso que eu faça? » lhe perguntei. « Que sejas prudente, discreto, e que guardes sempre em tudo e por tudo o maior segredo » me disse elle. « Pois bem, tornei-lhe eu, isso é facil. « Como era possivel presumir eu alguma cousa de mal, attenta a fama de honrado que aquelle homem tinha! E' um santo, meu senhor, resa, ouve missa, jejua, e tudo mais. No outro dia o Sr. Liberato dá-me um cinto com duas pistolas, facas, espingarda, polvora e balas; manda-me montar, e partimos; quando abri os olhos eu estava no meio de uma companhia de salteadores! Desgostei-me desta má vida, e principiei a mostrar-lhe negação, o que visto por elles começaram a ameaçar-me de matarem-me no caso de abandonal-os, e assim me obrigavam a ir a todas as suas empresas. Nunca pensei que o Sr. Liberato era a joia que é, tão máu

e tão sanguinario. — Vermelho em seguida, contou as principaes façanhas de Liberato, que nós já sabemos: contou o assassinato do capitão Ribeiro, o roubo de seu ouro, as velhacadas da tutoria de Geraldino, e continuou assim:

— Parece-me que, algum tempo depois que os salteadores começaram a apparecer pela lagõa de Juthurnuayba, o tal Sr Flavio se associou a elles, ou com elles tinha alguma tratada; porque além do Sr. Liberato ir lá muitas vezes a casa delle, elle vinha outras tantas a casa do Sr. Liberato; e algumas vezes, quando faltava algum cavallo a algum salteador, o Sr. Flavio o mandava, que elle os tem bons; e os salteadores todos respeitavam tudo quanto era do Sr. Flavio: este contracto começou logo depois que os salteadores o roubaram no caminho vindo elle para a cidade com uma filha.

Este malvado Flavio, não satisfeito de roubar metade de uma fazenda, maudou por fim matar ao dono della...

— Matar ao dono della?!

Geraldino tinha suspeitas de que seu pae fõra assassinado e, como todo o mundo suppunha que pelos salteadores; pois apezar de ter a Flavio por muito máu homem, todavia não o acreditava capaz de tanto. Os leitores pois bem poderão comprehender qual a surpresa do joven ouvindo estas palavras do Vermelho. Matar ao dono della, tinha Geraldino dito, e o Vermelho lhe tornou sinceramente:

— Sim, senhor, matar ao dono della.

— Mas como?

O Vermelho contou a Geraldino a disputa havida entre Flavio e seu pae, que o leitor já sabe; e continuou:

— O Sr. Flavio despediu-se da festa do casamento com o Sr. Liberato, e parece que no caminho foi que trataram a respeito da morte do tal Julio.

O que eu sei é que um salteador, a quem os outros chamavam Caniço por ser muito magro, estando em casa do Sr. Liberato commigo, disse-me um dia, sendo perto da noite: « Vermelho, vamos passear. « Vamos » (disse eu). Apromptámos os cavallos, e sahimos. Ora, comquanto aquella vida me fosse aborrecida, vi bem que era preciso fingir-me contente até poder safar-me delles: o elles, bem que me chamassem moleirão, e ralhasssem muito commigo, com effeito nada escondiam de mim. Sahimos com effeito: quando fomos chegando perto do rio de S. João, ouvimos um tiro perto, e logo o baque, como de um corpo que cahia... Caniço pára e diz: « Aquelle *assobio* é do *homem de bem*. » O porque conheceu elle, não sei. Continuámos nosso caminho, e pouco adiante vimos um cavallo arreado e prompto, que corria sem dono, e Caniço disse: « Aquelle *amigo* é do Julio: que tal seria a *colheita*? *passaria elle o rio*? » Pouco adiante notámos que havia sangue na estrada. « *Sarrabulho fresco*, » disse o Caniço. Mais adiante encontrámos o Sr. Liberato. Apenas o Caniço o viu, disse-lhe: « *Tu caçaste*? « Não » disse Liberato. « *Caçaste*, que eu conheci o *som* do teu *assobio*. Na estrada havia *sarrabulho*: a *caça* *passou o rio*? *deixou pelle ou pennas ou cabellos*? Que tal foi a *colheita*?... »

— Mas que significam estas cousas?

— Eu lhe digo: *assobio* chamavam elles a espingarda, e sendo pistola era *assobio pequeno*: o tiro era *som do assobio*; a bala era *escarro*; o effeito da bala *escarradura*; o chumbo *cuspo*; o effeito deste *cuspidellas*; *amigos* eram os cavallos; *colheita* era o que se roubava; *passar o rio* era morrer; *sarrabulho* era o sangue; *caçar* era atirar a alguém; *caça* era a victima; *deixar pelle* era quando encontravam grande *colheita*; *cabellos* era quando a *colheita* não era nem boa, nem má; *pennas* era quando a *colheita* era pessima. E assim outros muitos nomes...

— Bem; vamos então ao caso.

— Não caçei nada, disse o Sr. Liberato. « Ora caçaste » disse o Caniço, e sei o nome da caça : queres que t'o diga ? » « Vejamos » tornou o outro. « Pois é o Julio » disse-lhe Caniço rindo-se. « Então ouviste alguma cousa ? » perguntou o tal *homem de bem*. « Sim, conheci o *som* do teu *assobio* ; havia *sarrabulho* na estrada ; e encontrei o *amigo* do Julio a correr sem dono : e agora ? » ; isto disse o Caniço, e o Sr. Liberato respondeu-lhe : « Isto é cá um negocio particular ; quiz servir a um amigo. » « Já sei, disse o Caniço, ao Flavio. » « E' verdade, responde o outro. « E *passou o rio* ? » perguntou Caniço. « Com uma *escarradura* na *placaria*, responde Liberato. Não trazia *lã*, nem *cabello*, porque vinha de perto. » « Mas o Flavio por elle dará a *lã* ? » perguntou o Caniço. « Dez mil cruzados » respondeu Liberato.

Dahi seguimos juntos todos tres para casa de Liberato. Foi de então para cá que comecei a ter horror a tal gente.

— E o que é *placaria* ?

— O lado esquerdo. Ah meu Sr. ! se Vm. visse o immenso dinheiro que estes salteadores têm, ficaria admirado !

Mas esse dinheiro já foi todo apprehendido pela policia, quando deu em casa do Alfama.

— Ah ! mas elles o têm noutra parte.

— E onde ?

— Em casa do Sr. Liberato mesmo.

— Mas bem guardado ?

— Num subterraneo.

— Dentro mesmo de casa ?

— Sim, Sr. ; a entrada delle é no quarto em que dorme o Sr. Liberato : ahi ha um alçapão no assoalho, e em baixo um vão, que todo elle é dinheiro.

— E o corpo de Julio appareceria ?

— Alguns dias depois passando eu perto do rio de S. João, vi alguns urubús voando, e outros assentados numa arvore ; alembrando-me da morte do

Julio, fui ver o que era, e era o corpo d'elle; eu mesmo o sepultei, plantei uma cruz sobre sua sepultura, como fiz na sepultura do capitão Ribeiro, junto do brejo.

— Pois bem; eu estou prompto a fazer por você todos os serviços ao meu alcance para pôr-lhe em liberdade, e fique certo que o hei de conseguir, porque tenho dinheiro, comtanto porém que você me faça só dous serviços.

— E quaes são?

— O primeiro é que você escreva ao Flavio uma carta, cujo sentido eu darei; o segundo é que revele ao Intendente da policia tudo quanto me disse...

— O' Senhor, isso é para minha perdição.

— Já lhe disse que tenho dinheiro: faça o que lhe digo, e deixe o mais por minha conta.

— Pois bem.

— Mas diga-me: se você vir estas assignaturas que então imitou, ainda agora as imitaria?

— Sim, Senhor.

— Pois eu peço ao carcereiro, e me espere aqui.

Geraldino pediu ao carcereiro que demorasse o preso na sala livre alguns momentos enquanto elle voltava; o carcereiro fez cara e elle lhe disse:

— Ora vamos, vamos, que não se ha de arrepender...

— Mas venha já.

— Neste momento.

Disse, e sahiu. Geraldino botou-se á casa do escrivão em cujo cartorio estavam os autos da causa de Flavio com elle, e por felicidade não achando o escrivão em casa, dirigiu-se a um amanuense que regia o cartorio na falta d'elle, e pediu-lhe os ditos autos em confiança por duas horas.

— Eu não posso fazer isso, disse o empregado do cartorio, mas será o Sr. escrivão.

— Bem sei que o não faz a todo o mundo; mas a quem lhe saiba agradecer, e guardar segredo...

— Mas pode haver algum compromettimento...

— Fique certo que eu lhe guardo inviolavel segredo; ora ande... dizia Geraldino esfregando-lhe duas meias-dobras na mão.

— Bem, senhor; eu lhe rogo que seja discreto; vou buscal-os; espere aqui.

Disse, e retirou-se. Geraldino tinha duas qualidades essenciaes para alcançar tudo quanto quizesse destas gentes, tinha dinheiro e mãos largas, e entre estas gentes, com poucas excepções, todos comem e a fartar, desde o moço de feitos até a mais suprema autoridade!

O amanuense voltou com os autos, e deu-os a Geraldino, dizendo:

— Traga-os já.

— Já, e até já.

Geraldino sahiu; chegou á cadeia e o carcereiro que tinha palavra de ouro, guardou o preso na sala-livre até sua volta, como havia promettido; chegou-se Geraldino ao preso, mostrou-lhe a escriptura entranhada nos autos, dizendo-lhe:

— Serão estas as assignaturas?

— As mesmas.

— Imita-as ainda agora?

— Sem a menor discrepância.

— Então vamos á carta.

Geraldino pediu papel e tinta ao carcereiro, deu-os ao Vermelho, que assentou-se e escreveu quanto Geraldino quiz; era pois o seguinte:

Sr. Flavio Martins de Carvalho.

Cadeia do Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1780.

Esta serve para Vm. e o Sr. Liberato; pois que por causa d'elle é que aqui me acho: eu nunca fui ladrão, nem tinha queda para esta má vida, e o Sr. Liberato é quem me metteu nella, e agora esquece-se de mim. O Sr. Liberato lembra-se da morte que

fez no capitão Ribeiro e que elle e seus companheiros enterraram junto do brejo, na estrada que vai para o rio de S. João, onde ha uma pequena cruz que eu plantei com minhas mãos? que se alembre da irmã do capitão Ribeiro espancada pelo Fanhoso, que já levou o diabo, a qual morreu pouco depois; e das canastras cheias de ouro do dito capitão que elle e o Barrilote enterraram; que se alembre da historia daquelle menino filho de Julio a quem elle roubou, depois de ter dado meios a Vm. de roubar ao pae metade da fazenda; que se alembre da morte de Julio que elle fez por dez mil cruzados que Vm. lhe deu! Quanto a Vm. alembre-se daquella escriptura falsa passada aqui no Rio de Janeiro, e cujas firmas Vm. e o Sr. Liberato mandaram-me roubar. Sr. Flavio, eu ainda me lembro dos nomes das firmas que roubei e, são: Thomaz Martins de Carvalho, Silvestre Antonio Silva, Sebastião Botelho, André Joaquim de Braga e Bento Maria de Braga; e por meio desta velhacada de que eu fui, sem saber, instrumento, vm. ficou só com a fazenda. Pois bem, vm. e o Sr. Liberato me abandonando eu irei parar n'uma forca ou galés perpetuas; mas o Sr. Liberato ha de tambem ir comigo e Vm. e o tal escriptura da dita escriptura tambem não hão de passar muito bem. Todavia, eu espero que Vm. e elle me valham; quando não, fallo e conto tudo.

Sou seu venerador e criado

André Pereira Dias.

Cumpre advertir que as cinco assignaturas de Thomaz, Silvestre, Sebastião e dos dous Bragas, na occasião de Vermelho escrevel-as, Geraldino lhe disse que as imitasse da mesma maneira que tinha feito na escriptura falsa; de effeito elle o fez e com tal presteza e habilidade que Geraldino ficou estupefacto de admiração!

Geraldino dobrou a carta, fechou-a e guardou-a e voltando-se para Vermelho lhe disse:— Agora diga ao carcereiro que mande dizer ao Intendente que tem você importantes revelações que fazer á policia: o Intendente ha de mandal-o buscar já, você revele tudo quanto me disse; isto são 5 horas; quando voltar ha de ser quasi noite. Ora debes dizer ao Intendente que guardaste silencio até agora, com medo de teus companheiros que te ameaçavam de morte, se revelasses alguma cousa; e que para tua segurança elle te mande para a sala livre ou para outra prisão, onde fiques separado delles; quando você vier, aquí me ha de achar; e deixe o mais a mim, que eu farei o resto.

Todavia Vermelho chamou o carcereiro e disse-lhe que mandasse dizer ao Sr. Intendente que queria fazer-lhe varias revelações; o carcereiro mandou incontinente, e uma hora depois uma ordem do Intendente e 4 soldados vieram buscar o preso á sua presença.

Geraldino ficou na cadeia esperando o resultado, e enquanto esperava, começou a passear meditando sobre o plano de sua vingança; assentou-se depois e entrou a examinar os autos... repentinamente lembra-se do letreiro da pedra mais moderna que a inscripção, e vai logo, como era de esperar-se, vêr a escriptura: esta era passada em 1739, anno este em que certamente foi celebrado o contrato entre Thomaz e Silvestre, e em que passada foi a escriptura; e a data, em letras d'agua, do fabrico do papel, era do anno de 1742; assim era o papel mais moderno que a escriptura tres annos! Eis aqui uma grande machina sustida por uma teia de aranha, que devia baquear, fazer-se em pedaços, apenas se tocas-se nesta teia. Geraldino deu saltos de contente á vista deste achado: sahe precipitadamente para levar os autos ao amanuense; na ida passa por casa para mostral-os a Sebastião, mas não o acha; chega

ao cartorio, entrega os autos, e volta á cadeia ; ainda Vermelho não tinha voltado de casa do Intendente. Então Geraldino toma o carcereiro á parte, e lhe diz :

— Eu quero a liberdade deste homem.

— Como ?

— Elle tem dinheiro ; cumpre saber com quanto deve fugir ?

— E' impossivel.

— E' muito possivel. Ouça : elle deve trazer ordem do Intendente para Vm. não só tratál-o bem, como tel-o até na sala livre.

— Como sabe disso ?

— Sei. Logo que elle chegue, eu lhe direi o que deve fazer ; depois de retirados os soldados, Vm. abre a prisão onde elle estiver ; a pretexto de levar-lhe um vaso para suas necessidades, visto que na sala livre não ha outros presos, Vm. entra. Elle dentro da prisão, para a cousa não parecer calva, lhe agarra, e o atira no chão, abre a porta, embuça-se n'um capote, toma seu chapéo, sahe da sala livre e como é noite sahe sem que a sertinella o conheça. Assim quem fica culpado é o Intendente, que mandou tel-o na sala livre, e tratál-o bem.

— Oh senhor ! isto é para perder-me...

— Eu teuo amigos. Cumpre saber com quanto deve elle fugir ?

— Isso é cousa que nem por 3 mil cruzados eu posso fazer...

— Pois será por 4... por 5 enfim...

— Mas se elle fôr preso ao sahir, eu cá me não responsabiliso.

— Já sei. Então o que diz ?

— Faça o que quizer ; mas veja o que faz !

— Eu já volto.

Geraldino sahiu, e pouco depois voltou trazendo um cesto na cabeça de um preto ; nelle vinha um capote e chapéo. Geraldino esperou um pouco e Verme-

lho chegou: entrou este para a sala livre; retiraram-se os soldados, depois que o commandante da patrulha deu ordem ao carcereiro. Tudo sahio como Geraldino tinha previsto. O Intendente determinava ao carcereiro que tivesse o preso André Pereira Dias na sala livre, sem o menor exame, tratado o melhor possivel. Logo que os soldados partiram, Geraldino foi á sala livre e disse ao preso :

— Tome este capote e chapéo, embrulhe-se bem, e ponha-se prompto; quando o carcereiro abrir a porta e entrar, você avance a elle e o atire ao chão, tome-lhe as chaves, abra as portas, e saia sem mostrar susto, e vá-se embora. Faça por não voltar mais aqui, e por ser bom homem, que se aqui vier outra vez, então não sahira mais...

— E se o carcereiro gritar ?

— Não grita; não seja innocente. Aqui tem este cartuxo com dinheiro, tem aqui 5 mil cruzados. Adeus.

— Deus o guarde, meu senhor.

Todavia o Vermelho tomou o capote, poz o chapéo e apromptou-se. Geraldino deu ao carcereiro um cartuxo com 5 mil cruzados, e sahio. Era noite. O carcereiro abre o xadrez da sala livre, e entra com um vaso na mão, pousou-o em baixo de uma barra, e quando quiz sahir, o Vermelho agarra-o, o atira ao chão, e o atira de veras; abre o xadrez e sahe. O manhoso carcereiro, quando cahiu, bateu com a cabeça de encontro ao xadrez e feriu-se levemente; elle o sentiu e para melhor fingir seu papel, deixou-se ficar no chão como desmaiado; quando comprehendeu que o preso já estava livre das cadeias, atira com um tamborete ao xadrez, que, empellido com força, bate de encontro a este, vem com estrondo sobre o assoalho, e sólta ao mesmo tempo um grito, e continua o desmaio. O seu ajudante, e mais duas pessoas acodem ao estrondo e ao grito, e vendo o carcereiro no chão, com a cabeça partida e desmaia-

do, soccorrem-o. e deitam-lhe agua sobre a cabeça : o carcereiro tornou a si e sua primeira pergunta é pelo preso ; os dous assustam-se, gritam ; a sentinella grita ás armas, forma-se a guarda, partem soldados em busca do preso, mas elle já ia longe, bemdizendo talvez o seu bemfeitor.

Geraldino chegou a sua casa, tirou a carta da algibeira, e beijando-a, exclamou :

Oh ! meu pae, tu serás vingado ! Anjo ou demónio das vinganças, preside meus desejos, e guia meus passos. Inferno, acende teus furores em meu coração ! Deus, se és justo, ou faze que meus inimigos caiam esmagados debaixo do peso de minha vingança, ou que eu proprio, victima della, seja por ella aniquilado.

CAPITULO XXXII

DORME, QUE TU VÁS SER COMPLETAMENTE VINGADO

Aquelle que diz que devemos perdoar toda e qualquer offensa, ou nunca foi cruelmente offendido, ou não e capaz de nenhuma acção nobre.

O Vermelho, fiel á sua promessa. revelou tudo ao Intendente da policia. Nós já sabemos quaes são estas revelações. Quanto a varios apellidos, os salteadores tratavam-se por nomes que representavam alguma de suas qualidades physicas, ou moraes, elle disse pois :

— A mim chamavam elles Vermelho, por causa da minha côr ; Alfama, esse que foi achado morto em sua casa, e que foi o matador de sua mulher,

como disse a V. S., era chamado o Caniço, por ser muito alto, e magro; o Fanhoso era um diabo muito máu que espancou a irmã do capitão Ribeiro, a qual morreu das pancadas dias depois, e por isso o capitão da companhia o matou; chamavam-lhe Fanhoso, porque fallava assim. O Barrilote era um muito pequeno, e muito gordo: ao Sr. Liberato elles chamavam o homem de bem.

Deste modo o Vermelho foi revelando tudo a respeito dos salteadores, donde cada um era filho, onde morava, etc. Todas estas declarações foram mandadas escrever pelo Intendente e depois destas grandes revelações mandou o Vermelho para a cadeia, donde se evadiu, como vimos ha pouco. O carcereiro foi immediatamente ao Intendente, a quem contou a historia da fuga do preso; o Intendente vendo-o com a cabeça quebrada acreditou, e só por formula, e para justificação do carcereiro mandou abrir devassa da qual o carcereiro sahiu limpamente.

Geraldino, que não se esquecia do prevenir cousa alguma, havia comprado um dos empregados de policia, para dizer-lhe tudo quanto se passasse a respeito dos salteadores.

No dia seguinte, depois das revelações de Vermelho, soube elle por este empregado da policia que se apromptava uma escolta para ir prender a Liberato. Geraldino soube logo quem era o sargento encarregado da escolta e com elle se foi entender. Já se vê que sempre 4, 6, 8, ou 10 meias dobras são a base dos preliminares do tratado que se deve seguir. O Intendente, entre os soldados que escolheu, teve o cuidado de buscar um que fosse tapejara do lugar; era um filho do Rio de S. João; entre este, o sargento, e Geraldino, convencionou-se de que chegaria a escolta á casa de Liberato em um dia aprazado, e ás tantas horas da noite, e que o commandante da escolta não bateria á porta sem que Geraldino lhe desse um signal convencionado.

E' de mister advertir que Geraldino não tinha terras, nem casas, nem cousa alguma em Juhturnu-ayba ; mas não longe da fazenda que foi sua, e mui perto da casa de Liberato, havia uma pequena situação pertencente aos paes de José, administrador da fazenda de Flavio, afillado de Thomaz, que o leitor bem conhece ; ali era o ponto donde Geraldino pretendia dirigir suas operações contra seus inimigos.

Geraldino cheio de enthusiasmo de prazer contou suas descobertas a Sebastião.

— Eis aqui, meu bom amigo (exclamava elle), como a cega fortuna por desconhecidos caminhos, cheios de rodeios e perigos, nos leva a um fim feliz, que nunca em nossos planos foi attingido ! Eu fui á cadeia, apenas para mover Vermelho para delatar Liberato, e neste Vermelho encontrei o falsificador das firmas, e o homem que me revelou tudo quanto eu queria saber. Agora, meu amigo, Flavio e Liberato estão em uma concha da balança de minha vingança, e eu estou noutra ; é pois necessario que ou seu peso me leve aos ares, donde me precipite, e acabe desgraçado, ou que meu peso leve a elles. Deus está entre nós ! Meu pae será vingado.

— Então o que queres fazer ?

— Quem, eu ?

— Sim.

— Vingar-me.

— Tu !

— Eu mesmo.

— E não vês, que o homem que se vinga se abate ?

— Sim, senhor ; vejo que o homem que se vinga de um pobre, de um miseravel se abate, e se nivela ao reptil venenoso, que só levanta a cabeça para fazer mal ; mas igualmente vejo que o homem que se vinga de um rico, de um grande, de um potentado emfim, ennobrece a sua pequenheza, illusurada a

sua vingança ! Com tal exemplo os grandes ficam sabendo que não ha homem tão pequeno, que não seja capaz para uma vingança, e uma vingança cabal ; e os pequenos aprendem a não se deixarem calcar impunemente, e a saberem que os pequenos tambem tem meios, dos quaes podem dispôr para se nivelarem com os grandes da terra. Oh ! que a vingança de um grande que nos humilhou é mais doce que a posse do bem amado por quem ha longos annos suspiravamos !

— A vingança ou seja tomada contra um grande ou pequeno, é sempre vingança, é sempre uma vileza, e por isso não muda de esseucia.

— A vingança tomada contra um miseravel, é uma acção vil ; a vingança tomada contra um grande, é uma acção nobre.

— O homem nobre não se vinga.

— O homem nobre perdoa a um inimigo miseravel, e até o vale em suas miserias, isto é grandeza d'alma ; mas o homem que se não vinga de um grande inimigo, podendo-o, é um covarde, um miseravel, e um adulator emfim !

— O homem de boa alma, e que recebeu uma boa educação, em nenhum tempo muda de principios ; pôde apaixonado, ou levado de mundanos caprichos hallucinar-se, e no meio de sua hallucinação pôde commetter um mal, e até um crime ! mas elle tem boa alma, e uma boa educação ; a hallucinação cede, a calma volta, e a luz da razão espancando as trevas da paixão ou do capricho, esclarece o crime commettido no momento do enthusiasmo, com todas as suas consequencias : o arrependimento vem mais tarde, o crime está commettido, o remedio é nullo, e então os remorsos se apoderam da alma que foi creada para o bem ! No fundo desses remorsos o mal commettido avulta, e suas consequencias tomam um vulto gigantesco. O dia é cheio de pensamentos dolorosos, a noite pejada de phantasmas medonhos ! o somno é

interrompido de pesadelos de ferro e de sonhos de horrores ! A comida é insípida, a companhia dos amigos aborrecida, a natureza sem encantos, e a vida pesada, a luz incommoda, e as trevas pavorosas ! Geraldino, sabes o que é isto ? effeitos do remorso deixados pelo crime, filho de uma vingança ! A victimia des-a vingança ensanguentada, livida e medonha apparece sempre aos olhos do criminoso, que um momento se deixou illudir pelos attractivos de uma vingança !

— E entretanto, meu amigo, os matadores de meu pae, os seus roubadores, não tem esses remorsos.

— Elles não tem uma alma boa como a vossa

— Pois eu farei por tel-a má como elles.

— Não está em tuas mãos ; tua alma não é obra tua.

— Todas as almas são obras do mesmo creador, e por isso egualmente boas.

— Mas as educações as fazem variar.

— Pois nesse caso variarei a minha educação.

— Queres então ser máu ?

— Para Flavio, para Liberato, tão máu como um demonio !

— E a sociedade ? e aquelles que te conhecem ?

— E meu pae assassinado ? e meu pae morto horrivelmente ? e eu empobrecido ? e eu no abysmo da miséria ?

— Mas Deus já te deu meios para te salvares do abysmo da miséria.

— E para vingar-me ; se Deus não quizesse a minha vingança, Deus não medaria meios ; pois que sem elles eu nem a poderiaprehender.

— Deus não dá meios para uma vingança, porque Deus perdoou áquelles que o crucificaram e tu debes imital-o.

— A offensa do homem contra a divindade é filha da ignorancia, e por isso não chega á Divindade ; Deus não se offende dos crimes que a humanidade

commette contra elle, porque a miseria humana não perturba um só momento a gloria da Divindade! Deus reprova sómente os crimes dos homens contra o mesmo homem! eis os crimes que elle pune. Os crimes pois do homem ficando muito abaixo de Deus, Deus os pôde perdoar. Uma offensa, porém, de um grande da terra contra um pequeno, é muito superior às forças deste pequeno, e por isso elle não tem forças para perdoar essa offensa!

--- Geraldino, é preciso moderar-te.

— Ah! meu amigo, a velhice de uma mãe, e o tumulto de um pae, são sobre a terra uma preciosidade para um filho, e eu não tenho minha mãe! Meu pae assassinado barbaramente jazeu insepulto longo tempo, até que as aves carnivoras deram conta delle, quando ellas já tinham devorado suas carnes, quando essa terra maldita já havia sorvido todo o seu sangue! E seu miserando filho não pôde recolher n'um sepulchro seus ossos descarnados, seus ossos aridos e seccos! E' pois necessario que algumas gottas de sangue horrifem o sepulchro de meu pae! e esse sangue deve ser de seus inimigos, de seus assassinos! Ah! um pae é um objecto precioso, um objecto supremo, e é até justo o vingarmo-nos de seu matador. Ah! contar seus ais debaixo da ponta vingadora de nosso punhal, ouvir-lhe os lamentos contemplar-lhe os arquejos da morte, sorrirmo-nos às suas vascas, lembrarmo-nos de que assim acabou nosso pae... ouvil-o dizer: « Não me mates » e nós respondermos: « Isso mesmo te diria meu pae. » Vêl-o afinal morrer n'uma morte affrontosa, e nós exclarmos n'um sauto enthusiasmo: O' meu pae, estás vingado! » Oh! isto deve de produzir um extasis tão doce, como do amante feliz em venturosa noite, no primeiro encontro de amor! se isto é crime, a lembrança de nossa pae impiamente morto, neutralisa os remorsos deste crime! Oh! quanto tarda o momento de minha vingança!

— E se tu cahires victima della ?

— Nas grandes emprezas a mesma queda é grande ! Oh ! meu amigo, meu pae, meu unico amparo sobre a terra ! deixai-me, deixai fartar meu coração do nectar da minha vingança !

— Vai, e o céo permitta que nunca te arrependas.

Geraldino sahio, e apromptou-se para viajar para a lagôa de Juthurnuayba ; no outro dia, seguido de Venancio e de Anastacio, partiu ; sem o menor incommodo chegou, e hospedou-se em casa dos paes de José. No seguinte dia devia chegar a escolta que levava ordem de prisão para Liberato : este estava em casa. No dia pois, em que a escolta devia chegar, seguinte ao da chegada de Geraldino, ao pôr do sol dirigiu-se elle a casa de Liberato. Oito horas da noite era a hora em que cercada a casa, devia o sargento bater á porta. Geraldino chegou a casa de Liberato, e segundo o costume da roça, gritou da cancella :

— O' de casa ?

— Entre quem é.

— Dá licença, Sr. Liberato ?

— Oh ! Geraldino ! entrai, entrai, disse Liberato sahindo ao terreiro para receber o joven. Geraldino entrou, e Liberato o recebeu com toda a amizade possível. Liberato estava com as Horas Mariannas lendo o Officio de Nossa Senhora : elle gritou para fóra dizendo :

— O' preta, traze alguma cousa para o Sr. Geraldino.

— Nada : agradecido.

— Então porque ?

— Porque nada quero.

— Ah ! então isso é outra cousa.

Nisto um vento fresco d'oeste começou a soprar, cujas refregas entravam incommodas por uma porta que lançava para parte do interior da casa ; Liberato levantou-se e fechou-a, pediu luz, e uma escri-

va trouxe-a. Liberato fechou a porta da frente, e as duas janellas ; ficou pois Geraidino como queria, e elles a sós.

— Muito custa, disse Liberato, a levar-se esta vida, menino.

— Conforme Para um homem como eu, que de repente fica pobre, reduzido á miseria e sem ter de que viva, é a vida custosa, mormente não tendo vocação para a vida de salteador, vida em que se enriquece em pouco tempo, e com pouco custo ; quero dizer, vida de homem de bem.

— Oh homem ! isso é um contra-senso !

— Então o que ?

— Ser salteador, e homem de bem !

— Pois não obstante, ha salteadores que entre seus collegas são chamados homens de bem.

— São bem extravagantes taes salteadores !

— Ao contrario, têm muito juizo ; é uma bella invenção conhecer os companheiros por uma qualidade moral ou physica, mais saliente nelles ; por exemplo : um homem muito corado chama-se Vermelho ; um que passa entre os que o não conhecem por um santo, é o Homem de bem ; um muito baixo e gordo, o Barrilote ; um muito alto e magro, o Caniço ; um que falla fanhoso, o Fanhoso, etc. O que é máu é quando um Caniço, depois de matar sua mulher, acha dous paulistas destemidos que lhe fazem o mesmo ; ou quando um Fanhoso, depois de espancar uma pobre donzella, acha o capitão da companhia que o espanca, e por fim o mata tambem, que é sempre como acaba essa má gente !...

— Então serão estes salteadores que tem feito tantos insultos por tantas partes, e aqui por nossa visinhança ?

— Exactamente ; os mesmos exactamente.

— Dizem que é uma companhia numerosa !

— E de homens habilissimos !

— Sim ?!

— Tão habeis, que querendo qualquer sujeito fazer um grande roubo, v. g., da metade de uma grande fazenda, querendo inutilisar uma escriptura, passar outra ; toda a difficuldade está em arranjar-se o escrivão ; ora, como essa gente se attrahe ao ouro como o aço ao iman, havendo ouro ha escrivão, e havendo escrivão, basta achar-se um pobre rapaz de nome André Pereira Dias, o Vermelho, que habilmente falsifica firmas, e falsificadas ellas, está tudo arranjado ; e o dono da fazenda, com uma *escarradura do assobio* do homem de bem, manda-se passar o rio !

— E' extraordinario !..

— Muito extraordinario ! E quando aquelle a quem se quer roubar metade de uma fazenda desconfia de uma escriptura falsa, para melhor segurança do negocio ha um homem de bem que mediante uns 10 mil cruzados, seu braço não treme, sua pontaria é certa e com um tiro assegura-se o negocio ; porque a terra esconde o morto, e os vivos occultam o nome do matador.

Liberato movia-se levemente na cadeira e Geraldino sempre cauteloso não tirava olhos de seus menores movimentos. Quando Geraldino proferiu estas ultimas palavras, Liberato formando um salto de onça, voou sobre elle ; mas Geraldino, moço, robusto e ligeiro, furtou rapidamente o corpo ao bote do tigre, e quando Liberato deu acordo d'elle, Geraldino lhe estava distante alguns passos com uma pistola em cada mão, e ambas engatilhadas, dizendo-lhe :

— Para ser ligeiro, não é mister ser salteador ; tambem temos por cá quem salte bem, e quem não erra um escarro de assobio pequeno ainda na distancia de 20 passos ! E que tal !

— Geraldino, disse o ladrão dando alguns passos para elle :

— Alto lá: se dá mais um só passo, disparo...

Liberato suspendeu-se tímido, e Geraldino disse:

— Assente-se naquella cadeira.

Liberato assentou-se, e Geraldino continuou:

— Poupaste-me o trabalho de dizer-te: « infame, eu fallo contigo! » Sabes, malvado, o que eu tenho soffrido por teus embustes, por tuas ladroeias, e velhacadas? sabes?

— Não.

— Pois ouve. Cahi no seio da pobreza, aprofundei-me no abysmo da miseria, não tive de que viver, e intentei suicidar-me! Vivo, e vivo por um milagre! Orphão na minha mocidade, tu, infame, tu me espoliaste e me deixaste sem cousa alguma. De resto, o diuheiro que o honrado Sebastião trazia de Minas, para com elle remediar minhas desgraças, tu e teus comparsas o roubaram! Tu me fizeste orphão, e depois pobre! Vê quanto tenho soffrido por ti, por ti, delapidador! por ti, assassino! por ti, homem malvado! Agora quero tambem vingar-me; quero atormentar-te como tu me atormentaste, e dar-te o mais barbaro de todos os supplicios até o momento de tua morte!

Não longe destelogar, junto ao brejo da estrada, ha uma pequena cruz, cravada pelas mãos do Vermelho, em baixo dessa pequena cruz um homem dorme, e dorme eternamente o somno da morte! Desse sepulchro desamparado no deserto levanta-se neste momento uma voz que me brada: « Mancebo, vingança, vingança ao capitão Ribeiro! » e o mancebo responde: « Dorme em paz o teu eterno somno... dorme, que tu vás ser vingado. » Poucas leguas distantes deste logar, na freguezia da Sacra Familia de Ipuca ha uma sepultura; alli dorme o somno dos finados uma donzela infeliz, horriavelmente assassinada! dessa sepultura uma voz chorosa se levanta neste instante, e brada: « Vingança. . mancebo, vinga a Isabel!.. » e o mancebo

responde: « Dorme tranquilla o teu somno de mortos, dorme, que tu vás ser vingada! Sobre a margem direita do rio de S. João ha uma pequena cruz, tambem plantada pelas mãos de Vermelho, em baixo dessa cruz o melhor de todos os homens dorme o frio somno dos defunctos! Um filho solitario no fundo de sua dôr buscou em vão seu pae, em vão, que seu sepulchro foi ignorado dos sacerdotes do Senhor, e não sabido dos devotos dos finados. O filho não tinha em sua casa uma velha mãe que o consolasse, e debalde perguntava pelo sepulchro de seu pae; porque a velhice de uma mãe, porque o sepulchro de um pae são objectos para um filho, puros, consoladores, e sagrados! E o filho embalde procurava o pae, porque o pae assassinado impia, covarde, e traçoeiramente por um homem de bem estava occulto debaixo de uma terra silenciosa! O rio que havia conhecido o melhor de todos os homens quando se alembra de elle ia com suas lagrimas regar seu ermo sepulchro no deserto abandonado! e as arvores desdobravam sobre esta terra seus ramos, e as hervas e as flores nasciam compassivas sobre esta sepultura, como para esconder aos raios do sol um crime inaudito! Mas a terra, que engole e occulta em seu seio o assassinado, dá conta um dia do nome do assassino! e o assassinado tem um filho em cujo coração deixou as sementes da vingança! Pois bem, desse sepulchro desamparado em ermo ergue-se medonha e pavorosa voz, cujo estridor horrisono assustando os ares, faz estremecer os bosques, retroando nas serras: « Meu filho, diz a voz, vingança!... Sê inexoravel, como elles foram! Meu filho, elles te deixaram orphão para melhor te espoliarem! Meu filho, vinga teu pae tão cruelmente assassinado! Meu filho, vingança, vingança! » e o filho responde: « Dorme socegado o somno dos sepulchros, ó meu pae! dorme, que tu vás ser completamente vingado! Teu filho neste momento terrivel e solemne vai com

mão de ferro abrir o inferno para abysmar nelle o teu caviloso matador ! »

Sob tua tutoria seis de meus escravos morreram ! Mas minha voz de ferro, que impera sobre os mesmos solteadores, minha voz de ferro, que manda assassinar a um Alfama, o Caniço, em sua propria casa e della tirar o ouro do velho Sebastião ; minha voz de ferro, que remove as canastras cheias de ouro do capião Ribeiro do logar onde um Homem de bem e um Barrilote as tinham sepultado, para minha casa ; minha voz de ferro que diz a um carcereiro : « Abre tuas cadeias porque eu careço de um Vermelho para romper todos estes mysterios ; » esta voz de ferro tambem faz alevantar mortos de seus sepulchros, para em presença de um homem de bem comprovar suas infamias. Anastacio ? — (chamou Geraldino) Anastacio que por sua ordem devia estar á porta até que fosse chamado, respondeu : « Senhor ? » Geraldino abriu a porta e Anastacio entrou.

— Homem de bem : vês agora a força do meu poder ? Minha voz tropeja e os mesmos mortos acodem ao meu appello ! Não é este o Anastacio que morreu ? é, e resucitou ao meu chamado ! Ainda faço mais: bato com meus pés sobre a terra, ella ouve esta pancada e vomita homens armados para, amarrado e de rastos, te levarem ao palacio dos grandes criminosos, á cadeia !

Todo o mando comprehende bem que Geraldino se quiz divertir fallando do poder de sua voz.

Geraldino dizendo isto bateu com os pés sobre o chão e de fóra bateram á porta.

— Quem bate ? Perguntou Liberato com uma frieza glacial.

— Abra a porta da parte de S. M.

Geraldino sahiu com Anastacio. Liberato vendo-se só, chamou a mestre Camillo e lhe disse :

— Depois que eu entrar naquelle quarto um, ou

dous minutos, abre aquella porta. Geraldino, enganaste-te desta vez : não déste todas as providencias e teu golpe foi falso ! Nós nos veremos um dia ; e eu sacrificarei o filho sobre a sepultura do pae.

Elle disse e retirou-se. Da parte de fóra tornaram a bater e dentro ninguem respondeu, Um pouco depois tornaram a bater e quem bateu disse :

— Se não abre, vai a porta a baixo — A casa estava completamente cercada ; ella era destacada e assim impossivel que quem estivesse dentro pudesse sahir Abriu-se a porta. Entraram alguns soldados, Geraldino e Anastacio ; estes entraram para um quarto, estiveram sós e sahiram cinco minutos depois. Os soldados procuraram toda a casa e procuraram em vão. O commandante da patrulha exasperou-se ao ultimo ponto, a pesquisa foi minuciosa e Liberato não appareceu !

CAPITULO XXXIII

SENHOR PADRE, EU NÃO QUERO CASAR-ME

O malvado em sua carreira transpõe immensos, perigosissimos abysmos, ate que julgando-se muito seguro, caher n'um, donde nunca mais se levanta.

Todos os escravos de Liberato foram levados presos: inventariaram-se seus bens, e as chaves foram entregues ao pae de José, como vizinho mais chegado. A escolta partiu para o Rio de Janeiro.

Na mesma occasião em que a escolta viajava para Juthurnuayba, sahiu dahi Flavio para a cidade; de

modo que desencontrando-se da escolta, nada soube do que se passava em Juthurnuayba, na casa de Liberato. Geraldino, apenas partiu a escolta para a cidade, partiu também a toda a pressa. Ahi chegado, foi ter com o vice-rei, e contou-lhe tudo quanto lhe havia succedido desde que com elle esteve na festa dos annos, omittindo o ter elle dado traças para a fuga de Vermelho. E' bem de crêr que alguns dos successos extraordinarios de Geraldino o euchessem de espanto, e outros de indignação. como, por exemplo, a falsificação da escriptura! Sem mais detença fez chamar o tabellião á sua presença, e depois da chegada deste, mandou o vice-rei buscar o amanuense com os autos da demanda em questão; chegado o amanuense com os autos, tomou-os o vice-rei abriu-os, e achou a escriptura; observou as letras d'agua, confrontou a data do papel com a data da escriptura, e de effeito achou o escandaloso anachronismo, que revelava o dolo de Flavio, e a venalidade, e o crime do tabellião! Quando o vice-rei mostrou ao tabellião este celebre anachronismo, perguntou-lhe: « O que é isto? » o pobre diabo do tabellião fez-se de mil côres, e começou a tremer. A' vista da mais positiva de todas as provas, certo, nem o negar, negar muito, negar até como um demonio, lhe aproveitava. Este misero diabo, indigno de toda a compaixão, colhido assim como Marte nas redes de Vulcano não se lembrou de outro alvitre senão lançar-se aos pés do vice-rei, chorando, e dizendo: « Senhor, são fraquezas dos homens! » O vice-rei chamou logo o official da sala, e deu ordens para a prisão do tabellião e seu processo, e immediatamente o suspendeu do officio. Quanto a Geraldino, seguiu o que lhe competia, procedendo contra o tabellião; este porém na ida para a cadeia achou meios de iludir a escolta, e evadiu-se.

No meio destas cousas, chegou Flavio á cidade, e aboletou-se em casa de seu correspondente: era

este um portuguez, homem de bem, pé de boi, portuguez antigo, negociante no Rio de Janeiro, onde tinha não poucos creditos. Tinha este um filho, de nome Manuel, de 24 a 26 annos de idade, que iniciado no commercio por seu pae, já negociava com fundos seus, e tambem com muito credito. Flavio entendendo que casando-se Emilia com Manuel, seria um bom partido para ambos, tocou nisto a Alexandre, pae de Manuel! Alexandre desconfiava da velhacada de Flavio, e o mesmo Manuel não era lá tão innocente, que tambem não tivesse suas desconfianças. Comquanto homens de bem, tanto o pae, como o filho, não tinham todavia esses escrupulos de Geraldino, escrupulos de que é unicamente susceptivel um coração delicado! E pois, o pae accetou com gosto a proposição de Flavio e o filho não a rejeitou.

No dia seguinte, depois de sua chegada á cidade, foi Flavio visitar sua filha e D. Gertrudes, levando em sua companhia Manuel. Depois das saudações, ceremonias, etc disse Flavio a Emilia com muita bondade:

— Emilia, estás moça, estás com quasi 25 annos, e é preciso casar-te. Agora que meus negocios estão em muito bom pé, julgo que deves tomar estado, para o que trago o Sr. Manuel, filho do meu amigo, e correspondente Alexandre; é moço de muito boas partes, muito bem ensinado e já estabelecido soffriavelmente; e penso que um casamento com elle é um bom arranjo para ti e para elle: que dizes?

— Que não tenho vocação para um tal estado, e que quero ser solteira toda a minha vida, e solteira morrer.

Isto é uma extravagancia!...

— Será; com tanto que esta extravagancia não seja constrangida.

— Minha filha, eu estou velho, pouco poderei viver; e por isso é mister que te cases. Se ficas sol-

teira, depois de minha morte quem regerá teus bens? quem se porá à frente de teus negócios! Como has de tu por ti mesma reger uma fazenda tão grande como a nossa?

— Quando eu completar os meus 25 annos, meu pae, emancipar-me-hei, tomarei conta do que me pertence, e dar-lhe-hei o emprego que mais justo acho. Quanto a mim, não quero mais do que o que fôr necessario para meu patrimonio; e um convento me basta...

— Um convento!

— Um convento, meu pae! Tal é minha resolução, e della ninguém me arrancará...

— Emilia, estás louca?

— Louca estaria eu se me quizesse casar.

— Tens algum desgosto no mundo?

— Aquillo que não conhecemos, não nos póde desgostar.

— Então qual é o motivo, porque queres ir para um convento?

— Porque o mundo não tem para mim os encantos, que nelle quizera achar.

— Já te entendo...

— E seria bem infeliz, se meu pae me não entendesse.

— E que pretendes fazer de teus bens?

— Uma reparação.

— Uma reparação!

— Eu estou n'uma grande divida para com Deus, e o mundo... e Deus disse que punia nos filhos os crimes de seus paes...

— Eu não te entendo... Qual é essa reparação? e a quem queres dar teus bens?

— A'quelle joven, que nascido rico, não devia estar hoje pobre.

— Emilia... disse Flavio levantando-se desabridamente.

Emilia levantando-se tambem, e com seus braços cruzados, ficou firme diante de seu pae, e com os olhos baixos. Emilia nesta postura humilde, e ao mesmo tempo altiva, levantou seus olhos, e encarou a Flavio. Poder magico da virtude sobre o vicio ! Flavio não pôde supportar as vistas da filha, e dominado por ellas, abaixou seus olhos, e depois disse :

— Eu sei como hei de ser obedecido... Adeus.

Flavio retirou-se com seu amigo Manuel, certo de coagir sua filha a desposar-se com elle. Com effeito, suppondo que Emilia não se opporia á sua vontade, quando sahio de Juthurnuayba trouxe para a cidade os banhos promptos, proclamando Emilia livre e desimpedida para qualquer estado que quizesse tomar ; e a certidão de idade. Para mais favor ao seu plano, havia dous dias santos juntos, que eram o domingo e o dia vinte de janeiro, dia santo no bispado do Rio de Janeiro, dia em que a igreja celebra o martyrio e morte de S. Sebastião, orago da primeira Igreja do Rio de Janeiro, e padroeiro da cidade. Correram pois os dous pregões nestes dous dias santos, e o terceiro ; e o mais que era preciso, Flavio arranjou com seu dinheiro. Dispostas estas cousas, contando elle com a repugnancia de Emilia, julgou que o padre que a casasse, devia estar pelo que elle quizesse. Quanto ás testemunhas essas eram faceis ; todavia Flavio entendeu-se com um vigario de uma das freguezias da cidade, e acontecendo que a Igreja precisasse nessa occasião de uma corda para o sino, Flavio deu uma boa esmola para a dita corda do sino ; e para uma comadre a quem o padre vigario muito queria, um vestido, e para o afilhado do padre vigario, e filho de sua comadre muito querida, um parzinho de sapatos. Os padres pois não se vendem, e nem se deixam comprar ; recebem, como vimos, esmolas para cordas dos sinos de suas Igrejas, quando elles são parochos, porque velam muito no arranjo e accio dellas ; quando porém não são parochos, re-

cehem esmolas para suas queridas comadres, e seus prezados afilhados, porque elles são mui caridosos para as suas comadres o seus afilhados !

Nesse dia pois mandou Flavio dizer a Emilia que ás Ave-Maria estivesse prompta para sahir com elle. Esta ordem encheu de terror a Emilia, e de confusão ás outras senhoras. Não tendo acontecido desde que Emilia estava em casa de Gertrudes, o que havia annos, seu pae sahir só com ella ; tendo havido dous dias antes a proposta do cosamento por seu pae, e rejeitada por ella ; sendo Flavio um homem caprichoso, e capaz de tudo, julgaram as senhoras á vista destas circumstancias, que elle queria fazer alguma tratada. A' vista do que, pediu Emilia a Gertrudes que mandasse chamar a Sebastião ; mandou, e o bom homem foi prompto em vir immediatamente. Logo que Sebastião chegou, as tres damas lhe contaram, até com afflicção de mulheres, o que se passava. Sebastião, comquanto jugasse Flavio capaz dos maiores attentados, todavia não acreditou que constangesse sua filha a casar-se : não obstante aconselhou ás senhoras que logo que Flavio sabbisse com Emilia ellas mandassem uma pessoa seguil-os, e que essa pessoa lhe desse conta do logar em que ficavam. Effectivamente apenas anoiteceu, parou uma sege á porta de D. Gertrudes, e Flavio mandou dizer á sua filha que estava á sua espera : Emilia desceu logo, entrou na sege, e Flavio correndo as cortinas mandou partir. O bolieiro sabia para onde, e poz-se a caminho. Pouco depois parou, os dous saltaram, e entraram por uma porta que se abriu á sua chegada, defronte da qual havia outra sege. Estolano, que apezar de velho, ainda corria bem, foi o que seguiu a sege, e vendo-a parar, fez-se na volta sempre correndo, e veio participar a Sebastião.

Quanto a Emilia, quando ella conheceu que estava na sachristia de uma igreja, lançou um grito, e

cahiu sem sentidos. Acodiram-a, e pouco depois voltando a si, achou-se entre os braços de seu pae, ao lado de Manuel, e perto de dous homens que não conheceu, um padre com sobrepelliz e estola, e um moço perto della, tendo uma vela acesa n'uma mão e um livro, n'outra uma caldeirinha: estavam de frente ao altar-mor, e as velas da banquetta acesas!

O infame vigario, o ministro do erro, o sacerdote da mentira, o apostolo da ambição, o homem do crime emfim, dentro do mesmo templo, enxovalhando seu augusto ministerio, á face de Deus sacramentado, e profanando aquella suprema cerimonia que o mesmo homem Deus havia santificado nas bodas de Chanaan, começou a officiar!

— Senhor padre eu não quero casar-me, disse Emilia.

O indigno sacerdote, sem fazer o menor caso deste dito, continuou.

— Senhor padre, bradou a desgraçada com toda a sua força; eu não quero casar-me.

Este lamentoso echo foi solitario perder-se nas ermas abobadas do profanado templo, e nem uma voz respondeu-lhe, além da voz do vendido ministro, que de novo principiava dizendo:

« O matrimonio da Lei Evangelica, etc.

Emilia contempla-o com uma nobre dignidade: olha para Manuel, como cheia de compaixão, e conserva-se serena. Na accasião sublime do juramento supremo, o descarado parochó estendendo em sua mão esquerda a estola que elle conspurcava, para com ella ligar as dextas dos dous contrahentes, voltou-se para Emilia dizendo:

— Sua mão?

Emilia recuou-a com desprezo, e sem dizer palavra, e o bello do padre continuou sempre a pedir-lhe a mão; Emilia nem se dignava de responder. Debalde foram os pedidos e ameaças de Flavio, de-

balde os rogos de Manuel, do padre e dos padrinhos; Emilia não só não estendeu a mão, como até nem responder-lhes quiz. O bom do padre, para que a cerimonia não ficasse lá de todo muito coixa, poz a mão de Manuel sobre a estola que tinha sobre sua mão, fazendo elle de noiva apezar de sua cara de judeu de cartilha, enleou a mão de Manuel e a sua e voitando-se para Emilia, mandou-lhe que pronunciasse os augustos votos; Emilia olhou-o com escarneo e desprezo, e nada respondeu. Outra scena de pedidos, de rogos e de ameaças, e nada. Emfim. o prestimoso sacerdote pronunciou estes votos em nome de Emilia, dizendo:

— Eu, como ministro desta cerimonia, em nome de Emilia Mathildes do Paraiso, recebo a vós Manuel Malachias Agrinencio dos Santos por legitimo marido, etc.

Depois, Manuel pronunciou seus votos e o padre mandou-os ajoelharem-se para receberem as benção matrimoniaes. Escuso dizer que Emilia não se quiz ajoelhar; que só Manuel o fez, e que o desprezível ministro pronunciou a benção conjugal, e fez a aspersão d'agua benta.

Finda a cerimonia sahiram todos, excepto o sachristão, que ficou apagando as velas, o que acabado sahiu, e fechou a porta da igreja. Apenas o fez, um vulto pondo-lhe uma pistola aos peitos lhe disse:

— Siga-me, se não morre.

O pobre sachristão, que apezar de ser sachristão foi esta a primeira vez em que se viu entre a cruz e a caldeirinha, acompanhou, sem dizer cousa alguma, o tal vulto, que dous passos atraz d'elle lhe ia no encalço indicando-lhe por onde queria que caminhasse. Chegaram a certa casa, entraram, e o homem pondo papel e tinta sobre uma mesa, disse ao sachristão.

— A senhora que ha pouco casou-se na igreja de** não o fez obrigada ?

— Sim, meu Sr. ; mas eu não tenho culpa.

— Escreva ahi o nome della, do pae, do noivo, dos padrinhos, do padre que a casou, e todas as cousas que você viu.

O sachristão tremendo de medo, escreveu tudo o que se lhe mandou, e deu o papel ao sujeito.

— Assigne, disse elle.

O sachristão assignou.

— Onde é sua casa ?

O sachristão deu sua morada.

— Passe muito bem. Lembre-se que nada deve dizer a pessoa alguma a respeito deste negocio : ouviu ?

— Sim, meu senhor.

— E se disser, sua vida me responde por sua indiscrição.

O sachristão sahio dando graças a Deus de ver-se livre de tal aperto. A casa em que elle entrou era a casa de Geraldino, e o vulto era Sebastião. Que quererá elle fazer ? Emilia está casada, e tudo é tarde... e Deus que lance seus olhos sobre sua triste sorte !

Vejamos a comitiva dos noivos. Sahidos da igreja, Flavio e os dous padrinhos metteram-se n'um carro, e para não haver desconfiança, partiram adiante, e em casa de Alexandre vieram esperar os noivos. Estes, mettidos na sege, que conduzia Flavio e Emilia, vieram mais atraz. Eram quasi nove horas. O desconsolado noivo, que a unica culpa que nesse negocio tinha era ter assentido a tanta infamia de Flavio, vinha por todo o caminho se desfazendo em finezas á sua noiva, que guardando sempre um mysterioso e ao mesmo tempo fero silencio, nem os olhos nelle punha. Emilia conservou neste negocio sempre a maior firmeza possivel, e uma nobreza altiva. Como disse-mos, vinham nesta sege mais atraz os dous noivos, e como assim vinham, um vulto lhe sahio ao encon-

tro ; era este um corpulento rebufado, que fazendo parar a sege, apodera-se do noivo, e o tira della para fóra ! A frieza com que Emilia viu um grande vulto parar diante da sege, fazel-a suspender em sua carreira, impôr silencio ao bolieiro, a seu marido e a ella, tirar seu marido da sege, esta frieza glacial, horrivel até certo ponto, seria criminada de conveniencia com este vulto, se em logar de Emilia fosse outra mulher ! Dir-se-ha que Emilia pensava que a maior desgraça que lhe podia acontecer era ver-se unida n'um leito conjugal, com um homem a quem com tanta infamia a ligaram ! Emilia pois julga doce tudo quanto lhe aconteça, com tanto que a salvem do thóro nupcial, que ella julga tão infame. E pois, nem a menor palavra, nem o menor movimento de Emilia. O vulto tendo tirado a Manuel da sege fallou ao ouvido do bolieiro, e este partiu. No dia seguinte amanheceu Emilia em casa de D. Gertrudes, e Manuel na cadeia.

CAPITULO XXXIV

UMA LAGRIMA POR UMA GOTTA D'AGUA

A morte de um avarento allivia
a humanidade de um fardo inutil !

Os tres personagens, isto é, Flavio e os dous padrinhos, reunidos com Alexandre, e sua familia cansavam-se de esperar pelos noivos, e esperavam, e desesperavam. Flavio já meio desconfiado mandou um proprio a casa de D. Gertrudes saber se lá es-

tavam; não estavam porém. Este proprio foi muitas vezes, e voltou, e sempre a mesma resposta. « Não estão » Alexandre de sua parte fazia o mesmo, seus escravos por seu mandado foram até a Igreja, voltaram, tornaram a ir, e a voltar muitas vezes, e nada; nem sege, e nem os que nella vinham. Fez-se tarde, despediram-se os padrinhos, recolheu-se a familia, e nem uivos, e nem sege! Alexandre passando a longos e ligeiros passos por sua alcova, consolava a sua mulher que banhada em lagrimas tremia pela vida de seu filho. Flavio, que para fazer-mos justiça cumpre confessar, amava Emilia, não achava logar. Parece que se Emilia quizesse fazer quanta asneira dêsse na mente de uma noiva estouvada e caprichosa, e demais a mais filha unica e rica, que Flavio lh'o-consentiria. Uma cousa porém havia a que Flavio se opporia com todas as suas forças: era vê-la unida com Geraldino. Ora, as relações havidas entre Geraldino e Emilia, a carta que esta lhe endereçou sobre a composição, lhe fez suspeitar que alguma cousa havia entre elles, e a maneira positiva com que Emilia lhe fallou quando elle lhe propoz o casamento com Manuel, o fez persuadir que Emilia esperava unicamente o complemento de sua idade para unir-se a elle: eis o que Flavio se propunha a embarçar a todo o custo.

No dia seguinte a este acontecimento, muito cedo estava Flavio ainda accommodado, pois que toda a noite não dormira, quando muito assustado veio ter com elle Alexandre e lhe disse:

— Sr. Flavio, o que é isto?

— O que?!

— Foi preso um tabellião, por causa de uma escriptura falsa, e cuja falsidade está muito provada.. Falla-se no seu nome como entrado nisso. Sua filha não apparece, e meu filho está preso na cadeia!... Sr. Flavio, o que vem a ser tudo isto?

Flavio levantou-se apressadamente, vestiu-se, e

emquanto punha a caminho seus arranjos de viagem, despachou um seu escravo a saber se Emilia tinha apparecido, e ouvindo em resposta que não, despachou um de seus pagens com seus arranjos de viagem para o ir esperar na praia, e mandou a outro com um bilhete a D. Gertrudes, dizendo que o portador ficaria em sua casa, e partiria com noticias de Emilia, apenas fossem sabidas.

Dadas estas providencias, partiu para a roça cheio de temor, crendo que suas velhacadas estavam patientes.

Geraldino, que bem que estivesse na cidade, ignorava o casamento de Emilia e tudo quanto se havia passado, ainda que espreitava os passos de Flavio; apenas soube, duas horas depois, que elle havia partido, partiu tambem. Flavio, apezar dos ardentes sóes de janeiro, viajou quasi todo o dia; mas tendo descansado um pouco em caminho das onze horas da manhã ás tres da tarde para não só jantar, como deixar o sol quebrar a força de seus raios; emquanto descansava, Geraldino passou por elle, e caminhou sempre. Certo de que Flavio tocaria em casa de Liberato, chegou Geraldino a casa do pae de José, comeu alguma cousa, pediu a chave da casa de Liberato, e disse aos velhos paes de José, que no caso de Flavio allichegar, e perguntar se Liberato estava em casa, dissessem que não sabia, e elle seguiu para casa de Liberato acompanhado de Venancio e de Anastacio. Ahi accendeu uma vela, tendo levado para isso arranjos, e ficou á espera.

Sobre a malrugada ouviu tropel de cavallo, que pararam no terreiro, e alguém gritou :

— O' de casa ?

Era Flavio. Cumpre advertir que Flavio tinha visto a Geraldino criança, e desde então nunca mais o vendo, não o podia conhecer; Geraldino porém conhecia-o muito bem.

— Póde chegar, respondeu Geraldino.

Apeou-se Flavio, e entrou.

Achando Geraldino, saudou-o, e perguntou :

— O Sr. Liberato ?

— Póde assentar-se, que já vai vel-o.

Assentou-se Flavio, e Geraldino tomando um a sento, chegou-se para perto d'elle dizendo :

— Então, vem da cidade ?

— Sim senhor.

— Ha por lá alguma cousa de novo ?

— Não senhor, tudo é velho.

— Isso é bom. Admiro como não tem medo de viajar a estas horas : dizem que ha salteadores.

— Nada, agora já está isso socegado.

— Deveras ?

— Depois que o Intendente da policia os tem perseguido muito, e foram presos seis, a cousa anda melhor.

— Eu entendo que o que convém é que se destruam os focos dos salteadores.

— E quem sabe onde elles são ?

— Ora, sabe todo o mundo.

— Então ondê ?

— Um no Rio de Janeiro, e esse já foi destruido pela policia, e outro, que ha n'uma roça... não sei bem onde, ha de tambem saber-se.

— Ora Deus o permitta.

— Ha de permittir, porque Deus não dorme. O triumpho dos velhacos dura até certo tempo deteminado, porque Deus serve-se d'elles, como de instrumentos, e depois suscita contra elles as justicias da terra !

— E' verdade.

— Oh ! se é verdade ! verdade e muita verdade. Ah, meu senhor ! a terra é muito pequena, e ahí as boas accções são tão raras, que desaparecem de sobre a superficie della ! e as más accções, como são muitas, que fervem n'um tão pequeno espaço, por mais que

os malvados as queiram occultar, ellas sempre vem a lume ou mais tarde, ou mais cedo !

— Assim é, assim é...

— Tanto assim, que não longe deste logar ha alguns annos, perpretaram-se alguns crimes; aquelles que os perpretraram estavam seguros, e muito seguros de que elles unicamente e a terra sabiam de seus crimes; e como assim pensavam, estavam tranquilllos, quando sentiram uma mão de ferro pesar sobre um de seus hombros, assim (e Geraldino pôz sua mão sobre o hombro de Flavio, e continuou), e uma voz medonha dizer-lhes : « Ladrão, mandaste assassinar meu pae, e com uma escriptura falsa roubaste-me metade de uma grande fazenda, e com ella todos os meus bens. »

Flavio ouvindo este discurso ficou como gelado, e tremendo em cima do assento em que estava, e perguntou com voz tremula, e entrecortada :

— Onde está o Sr. Liberato ? onde está ?

— Talvez morto a estas horas, ou perto disso.

— Liberato !

— Sim, senhor, Liberato.

Geraldino respondeu cerrando os dentes, deixando uma idéa horrivel roçar em seus labios um sorriso amargo, funesta idéa de um sentimento de odio, que revelava o azedume de uma dôr; sorriso amargo, antithese de uma idéa de vingança e de morte !

Então que tem elle ? perguntou Flavio mais assustado.

— A justiça de Deus entregou-o a um filho que vingá nelle neste momento a morte de seu pae e o roubo de seus bens, durante sua menoridade !

— Nada disto eu entendo...

— Pois eu lhe explico; ouça :

Em 1775, 36 annos pouco mais ou menos depois da morte do velho Thomaz, que com seu amigo Silvestre foi fundador da fazenda de Juthurnuayba, entrou para esta casa, como feitor do Sr. Liberato

um pobre moço de nome André Pereira Dias. Eram donos da dita fazenda um Sr. Flavio e o fallecido Julio, que Deus haja em sua santa gloria. Seis annos eram passados que Thomaz havia fallecido da vida presente, e Silvestre dez. Julio era herdeiro desta, como Flavio daquelle. Havia pois 6 annos que Thomaz era morto e quasi 6 annos que o filho de Silvestre pedia ao filho de Thomaz para ajustarem suas contas, dividirem a fazenda, ou Flavio pagar a Julio sua metade. E havia quasi 7 annos que Flavio sempre procrastinando as contas com vãos pretextos, ia com palliações dizendo sempre « Hoje, amanhã. » Julio o mandou citar para ajustes de contas, e Flavio respondeu que nada lhe devia. Instaurou-se o processo e cada um dos dous litigantes começou a fazer valer seu direito; com uma differença, que Julio fiado em seu direito entregou tudo á justiça, e Flavio confiando em muito, esperava tudo de suas velhacadas de suas ladroeciras, e de seu di-nheiro!

Havia uma escriptura publica passada no Rio de Janeiro, da qual se sabia que Thomaz e Silvestre eram donos da fazenda de Juthurnuayba, e que para essa sociedade haviam ambos entrado com eguaes fundos. Estavam assignados neste instrumento publico, como contractantes: Thomaz Martins de Carvalho, Silvestre Antonio da Silva, e como testemunhas: Sebastião Botelho, André Joaquim de Braga e Bento Maria de Braga. Quando porém appareceu a escriptura em juizo, outra era sua integra; o unico dono da fazenda era Thomaz, e Silvestre tinha apenas um mesquinho interesse na oitava parte dos lucros! Miserrimo pão, que Flavio lançava á cara dos herdeiros de Silvestre, depois de o haver envenenado com a pestilente saliva de sua putrida lingua!

E' necessario ter um coração insensivel para as artes e insigues habilidades, para não louvar o im-

menso talento daquelle que de um só jacto imitou com tanta dextreza e acerto cinco firmas diversas, e de tal modo, que o mesmo Sebastião vendo sua firma nesta escriptura disse : « Eu não assignei isto, mas a firma é minha ! « Destes raros talentos o céo só depara a homens como Flavio e Liberato, porque os homens de bem não precisam delles, e Deus dá a cada um o que cada um precisa.

E pois no dia 24 de maio de 1775, André Pereira Dias, feitor de Liberato, assentado nesse mesmo banco em que agora se assenta o Sr. Flavio...

Flavio estremeceu, e disse :

— O Sr. me conhece ?

— Antes o não conhecesse... Atenda. Assentado nesse mesmo banco em que agora se assenta o Sr. Flavio, escreveu algumas cartas que seu amo mandou escrever: seu amo, que occupava este mesmo assento, que tem sobre o tampo uma meia lua, no qual eu estive até agora assentado. O joven escreve em uma bella letra, que seu amo admirou, e depois como para divertir-se, começou a escrever cartas, em diversas letras; o amo, o Sr. Liberato, fez seu nome e mandou André imital-o; foi dito e feito, André imitou com admiravel presteza; nisto entrou o Sr. Flavio, cuja firma, para encurtar o negocio, André imitou optimamente bem! O Sr. Flavio agradeceu a seu Deus por uma tal descoberta e exultou: era o homem que se queria! Fez-se uma viagem ao Rio de Janeiro, comprou-se o tabellião em cujo cartorio estava a escriptura, e em casa de Alexandre, correspondente do Sr. Flavio, lavrou-se nova escriptura, cujas firmas roubou-as André...

— Isso não é verdade, senhor.

— Então lei esta copia, cujo original aqui tenho, e nelle as mesmas firmas roubadas, como na escriptura.

Geraldino, dizendo isto, e dando a Flavio a copia

da carta de André mostrava-lhe entretanto o original.

--- Mas quem é vm. ?.. Quem é este André que eu não conheço ?

— Quanto a mim, logo saberá ; quanto a André, é o mesmo que roubou as firmas da escriptura, e a quem o Sr. Flavio deu uma dobra .. uma dobra para um par de sapatos (para isso chegava) pelo serviço do roubo das firmas ..

— Ha engano nisto...

— Nisto não ; na escriptura falsa, sim.

— Como ?

Geraldino soltou uma grande gargalhada de riso e disse :

— A ser homem de bem não custa ; mas a ser velhaco, e a saber sustentar uma grande velhacada, custa muito ! Pois digo-lhe eu que na escriptura é que ha engano, e não no que lhe eu digo. Que diz ?

— De nada disto sei.

— Pois eu lhe digo. Nem o Sr. Flavio, e nem o escrivão lembraram-se de vêr se o papel em que se ia passar a escriptura falsa tinha letras d'agua : e por felicidade do herdeiro de Julio o papel tinha letras d'agua, e nellas a data do anno em que foi elle fabricado : e que me diz ? pois acreditará que sendo a escriptura do anno de 1739, o papel era feito em 1742 ? O papel mais moderno que a escriptura (pouco tempo tambem...) tres annos ! Acha isto milagroso ? e tambem eu que fui logo ter com o vice-rei e revelei-lhe o tal negocio ; o vice-rei mandou subir á sua presença não só os autos como o tabellião e achando a mesma maravilha, mandou recolher o tabellião á cadeia, porque esta magia é de tal transcendencia que della deve de conhecer o Santo Officio.

Quanto ao pobre André, elle teve um premio digno da sua alta habilidade. Liberato deu-lhe um cinto com pistolas, faca, espingarda, polvora e balas ; enfim, armou-o, como eu estou agora...

Geraldino dizendo isto, deixou cahir seu capote, e appareceu cingido com um cinto de pistolas e o iniciou na companhia dos salteadores, companhia que nunca offendeu a cousa que fosse do Sr. Flavio, desde que o Sr. Liberato a ella pertenceu, apesar de seu Flos-Sanctorum, de suas Horas Mariannas, Côrte Celestial, Mestre da Vida, etc...

— Mas quem é Vm. ?

— Quer saber quem eu sou ?

— Sim, quero.

— Anastacio: está prompto ? perguntou Geraldino para dentro, e Anastacio, como de accordo com elle, appareceu com uma vela na mão e disse :

— Sim, senhor.

— Então siga ao Anastacio. disse Geraldino ; e Flavio seguiu ao preto, sem nada dizer, indo elle atraz.

Lembre-mos-nos que entre as cousas que Vermelho disse a Geraldino na cadeia, foi de um subterraneo, ou logar vão em baixo da casa de Liberato, onde elle e seus companheiros guardavam os roubos por aquellas viziuhanças feitos.

Pois bem, a casa de Liberato era uma boa casa assente sobre o cume de uma doce collina, doce por tres lados da casa, que eram o lado da frente e da parte do sul ; lado de traz, da parte do norte ; e o lado d'oeste ; pelo oitão do este porém era a collina de uma rapida subida, de modo que a casa tinha terreiro pela frente, por traz e pelo oitão do oeste e por todos estes lados era térrea e pelo oitão do este não o tinha e era assobradada. Assim desde o oitão do este até meio da casa, havia por baixo della um vão pelo qual podia um homem andar em pé e a seu commodo uns 40 passos desde o oitão para o centro da casa. Liberato mandou guarnecer de paredes todo este espaço em redor d'elle, isto é, elevou paredes de pedras do chão para cima até os baldrames de madeira de que era feita a casa ; e para seus fins não

deixou nestas paredes mais que estreitos respiradores: depois correu uns barrotes ligeiramente e sobre elles tabuado ainda bruto, formando assim um tosco assoalho nesta especie de subterraneo, porque a unica entrada que para elle havia era um alcapão por cima, sabido apenas de Liberato, dos salteadores, de mestre Camillo e do official que o fez, que talvez já não existisse, ao menos no logar. A entrada deste subterraneo era pelo quarto de Liberato. Uma tabua larga era o alcapão desta enxovia, a qual tabua abria-se e fechava-se em todo o comprimento e cujas dobradiças eram pregadas por baixo e com tanta arte, que ninguem diria que alli havia um alcapão.

Ora, lembremos-nos que Liberato, vendo a casa cercada, retirou-se a um quarto, jurando e ameaçando a Geraldino, que havia sahido com Anastacio, com o qual entrando e com a patrulha, retiraram-se a um quarto, onde depois de estarem pouco tempo sahiram. Saibamos agora que Liberato retirou-se para o seu subterraneo, julgando-se alli muito seguro.

Geraldino contava com isto e era o que elle queria. Saibamos mais que Anastacio, que entendia de carpintaria, trazia por ordem de Geraldino uma verruma um tanto grossa e quatro parafusos, e que quando Geraldino entrou com Anastacio para o quarto onde estava a mysteriosa entrada do subterraneo, mandou por Anastacio fazer quatro furos em todo o comprimento da tabua e metter-lhe os quatro parafusos. Quando Liberato julgou que a escolta se havia retirado, subiu á escada, empurrou o alcapão e achou-se fechado! Liberato empregou tudo quanto lhe foi possivel para libertar-se e tudo foi debalde. Emfim, elle conheceu por ultimo que estava preso e bem preso naquella mesma sepultura que havia feito para encerrar os bens alheios! Figurai-vos que vedes uma grande onça e a mais feroz possivel cahida n'um grande fôssô: figurai-vos vendo-a dar

grandes saltos para alcançar as ribanceiras do fôso; figurai-vos ouvindo-a soltar horrososissimos rugidos; tal era Liberato ! ao menos é esta a narração que fez Anastacio, que de sentinella ao tigre preso Geraldino deixára ! E daqui se póde ajuizar dos caracteres de seu negro furor ! Oh ! e como não se encandeceriam sciutillando os olhos da fera ! Como não rangeriam seus dentes no excesso de desesperação ! Como não tremeriam seus membros excitados pela sua raiva de vibora ! Oh ! que então se podesse ser visto, nelle veriamos a verdadeira imagem do furor e da vingança ! Anastacio conta que lhe ouviu exclamar no fundo de sua cova : « O' Alfama tu foste mais feliz, que acabaste de um só golpe e eu devo morrer pouco a pouco entre os martyrios da fome e da sede ! Alfama, tu foste feliz ! » E porque não houve então uma voz que lhe respondesse : « Alfama era um criminoso, mas não um criminoso hypocrita ! »

Quando pois Anastacio disse que estava prompto, havia já desaparefuso a tabua, e aberto o alcapão; chegaram á beira delle Flavio e Geraldino, e este mandou a Flavio que descesse : elle pois o fez por uma escada de mão que alli havia, e Geraldino e Anastacio fizeram o mesmo. Cumpre advertir que antes da descida dos tres já Anastacio só havia descido e perlustrado a cova ; não havia nella arma alguma, pois que estavam em exercicio nas mãos dos assassinos. Desceram pois, e ainda não se haviam approximado do centro do covil, quando uma voz desfallecida e moribunda dizia :

— Agua!... um pouco d'agua pelo amor de Deus!..

Chegaram ao centro do escondrijo, e todo elle estava coberto de caixas pequenas e grandes, canastras de varios tamanhos, etc. ; estas caixas e canastras estavam com dinheiro em ouro, prata e cobre, e com muitos trastes de prata, e joias de ouro. Anas-

tacio, que antes havia descido, notou a Geraldino uma sella com estribos de prata, e toda guarnecida do mesmo metal, assim como o freio ; Geraldino conheceu logo que era a sella que fôra de seu pae, e que Liberato deu como furtada por um dos escravos fugidos.

Liberato, esse homem de ferro, que nunca havia chorado em sua vida, deitado sobre uma destas caixas, luctava dolorosamente nas vascas da morte, acobardando mirrado de fome, e secco de sede !

— Agua ? um pouco d'agua, pelo amor de Deus ?

Dizia Liberato ouvindo os passos se aproximarem : e levantando difficulosamente a cabeça, e vendo Geraldino, quiz fazer um esforço e não pôde. Era a serpente enfraquecida, e cheia ainda de furor e peçonha, que nos seus paroxysmos não podendo já erguer seu mortifero dente para offender, apenas move com vagar de morte a ponta de sua cauda, onde parece se haver recolhido toda a sua força vital, retorcendo todavia seus olhos ainda cheios de um fraco, mas bem distincto lume de furor ! Liberato fallou, e com voz fraca e entrecortada, disse :

— Vens insultar meus derradeiros momentos, Geraldino ?

Flavio ao ouvir o nome—Geraldino—estremeceu, e recuou timido exclamando :

— Geraldino ! o filho de Julio ? !..

E como desfallecido assentou-se sobre uma caixa.

— Agora já o Sr. Flavio sabe quem sou, disse Geraldino. Sim, Geraldino, o filho de Julio, o vingador de seu pae !

— E o que quer de mim o Sr. Geraldino ? disse Flavio.

— Apresentar a seus olhos o seu complice ; aquelle que de Vmc. recebeu 10 mil cruzados para assassinar meu pae ! aquelle que reuniu-se a Vmc. para

me desgraçarem ; que depois de me deixar orphão, espoliou-me, deixando-me pobre, sepultado na miseria ! E' pois assim, Sr. Flavio, que acaba um salteador, um velhaco, um amigo falsario, um tutor doloso, um máu homem, um assassino emfim ! E' assim que acaba um Liberato, estendido sobre caixas e canastras cheias de ouro, e de prata Ouro e prata porque perpetrou tantos crimes ! Ouro e prata porque commetteu mortes ! Ouro e prata porque se fez tão máu ! E esse ouro, e essa prata, e esses bens alheios, dos quaes se apossou, hoje lhe não servem de cousa alguma ! E mirrado de fome, e secco de sede, morre desesperado sobre esse ouro, e sobre essa prata, que tanto fez por adquirir, e á custa das mais nefandas maldades, e dos mais execrandos crimes !

— Agua?... um pouco d'agua pelo amor de Deus ! disse Liberato

— Vai buscar-lhe agua, Anastacio.

Anastacio sahio, Geraldino voltando-se para Flavio, disse :

— Agora, Sr. Flavio, já sabe que todo o mysterio de nossa demanda, e da morte de um pae me é patente ! Até agora occupei-me do Sr. Liberato, e tudo é feito d'elle ! Da hora em diante tratarei de Vmc., e tudo de Vmc. será feito ! Ao Sr. Liberato : uma morte de avarento, morrendo á fome, e á sede, sobre seu ouro ! Ao Sr. Flavio, uma morte de falsificador de escripturas, uma morte de ladrão, uma morte de assassino, uma morte publica, emfim, no alto do cadafalso ! E pois, Sr. Flavio, agora nós.

Nisto Anastacio chegou com agua ; Liberato nem forças teve para pegar no vaso ! havia 7 dias que morria á fome e á sede Anastacio chegou-lh'o á boca : bebeu com indizível avidez e depois de farto, derramou uma lagrima ! uma lagrima por uma gotta d'agua ! e fez um esforço para assentar-se, o que foi vão ; cahiu de novo, e fazendo horriveis contorsões, e desesperados gestos, expirou !...

Geraldino tomando das mãos de Anastacia um sacco cheio de moedas de ouro, arrojou-o aos pés de Flavio, bradando :

— Assassino, ahí tens os dez mil cruzados que lhe déste pela morte de meu pae!

CAPITULO XXXV

IDÉAS DE AMOR, NÃO AMARGUREIS MAIS MEUS DERRADEIROS MOMENTOS!..

Quando a nossos olhos se despedaça o painel encantador de nosso bello ideal, julgamos que nunca mais poderemos ser felizes!

D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, natural do Rio de Janeiro, nascido em 23 de agosto de 1731, era então bispo da diocese do Rio de Janeiro. Nomeado bispo, e successor de Fr. D. Antonio do Desterro a 15 de Janeiro de 1773, foi confirmado por bulla do santo padre Clemente XVI, datada em 20 de dezembro do mesmo anno, com o titulo da Igreja Tipassitanense, ou de Tipassa. Sagraado, sahindo de Lisboa no dia 21 de fevereiro de 1774 a bordo da fragata *Nossa Senhora da Guia*, e chegando á barra do porto a 15 de abril entrou-a no dia seguinte, 16, já como proprietario da mitra fluminense, por isso que a 5 de dezembro de antecedente anno havia fallecido o bispo Fr. D. Antonio do Desterro. Feita a protestaço de fé, no dia 27 do sobredito abril tomou posse do bispado, por seu procurador e

tio, o conego doutor Paulo Mascarenhas Coutinho ; e no dia 29 de maio fez sua entrada publica.

Um dos primeiros actos do novo bispo foi o chamar pela pastoral de 11 de março de 1775, um e outro clero, a exame de Theologia Moral, afim de aquilatar a capacidade daquelles sacerdotes, a quem havia de porventura confiar a direcção de suas ovelhas, e a regencia das igrejas. As corporações religiosas não só foram surdas a tal chamado, como reluctaram até, no que lançou a barra além de todas a ordem capucha. continuando a confessar, prégar, etc., em suas igrejas. O bispo depois de oito mezes de espera, vendo que não era obedecido, inhibiu-lhe o uso da predica em todo o bispado, e até em suas igrejas pela pastoral de 3 de dezembro, isto sobre pena de excommunhão maior, e das mais que fosse convenientes impôr, em consequencia deste facto. A ordem se humilhou. E mais tarde a virtuosa soberana D. Maria I, por alvará de 29 de abril de 1766 foi servida confirmar a dita pastoral.

Este acto de supremacia, e energia com que sustentou-se, é sufficiente para demonstrar o character firme e activo do bispo, além de não faltarem entre seus contemporaneos muitos que dissessem que para o despotismo lá tinha sua tal e qual queda ! Já os leitores veem que logo que o bispo soubesse do escandalo praticado no casamento de Emilia, o simoniaco parochó, que tão infamemente havia vendido o mais espontaneo de todos os sacramentos da Igreja, não ficaria lá muito bem.

Sebastião, apenas amanheceu, botou-se para o Rio Comprido, onde o bispo costumava estar em um quinta pertencente á mitra, e apenas foi introduzido á presença do bispo, revelou-lhe todo o caso. O bispo mandou immediatamente chamar o sachristão que confirmou tudo quanto havia escripto, e elle dando as providencias para o processo do vigario, mandou notificar os dous que foram testemunhas do

casamento. Nesse mesmo dia pelas 10 horas da manhã já não havia na cidade quem não soubesse do escandaloso casamento feito pelo pedre *** na freguezia de ***

Vamos agora a Emilia, e seu pretendido consorte. Quando Emilia parou á porta de D. Getrudes, perguntou ao boleeiro o que o vulto lhe havia dito ao ouvido, e este lhe disse que o vulto mandára trazel-a para a mesma casa donde elle tinha vindo. Emilia, que suppunha que seu casamento era muito valioso, e que estava irremediavelmente casada, pediu ao boleeiro segredo sobre sua pessoa, dizendo-lhe que não dissesse onde ella se achava, e ordenando-lhe que esperasse um pouco, mandou-lhe trazer por mestre Estolano algum dinheiro para que melhor mantivesse o seu segredo.

Alexandre sciente da prisão do filho, botou-se para casa do intendente; e sabendo que estava preso por ladrão, cuidou morrer de dôr!

Alexandre era pessoa mui conhecida, negociante de muito credito, e por isso em attenção a elle mandou o intendente buscar Manuel á cadeia. A patrulha que o havia prendido tinha communicado em sua parte que Manuel e outro foram encontrados dentro de uma casa de negocio de seccos e molhados, depois de haverem forçado a porta; que o companheiro evadiu se, e Manuel foi achado com o furto nas algibeiras, isto é, algum dinheiro tirado da gaveta.

Manuel, em presença do intendente, contou a historia do seu casamento com Emilia, sem todavia dizer que ella fôra constrangida, e que vindo para casa, um vulto alto lhe fez parar a sege; que pegou nelle, como n'uma penna, que o tirou do carro, sem todavia tocar nem levemente em sua mulher; que fallou ao ouvido do boleeiro, e que a sege partiu immediatamente levando-a.

— Eu fiquei com o vulto (continuou Manoel) que

me disse que se eu gritasse, matava-me. « Mas que quer Vmc. de mim ? » lhe dizia eu. « Siga-me, e calado » tornou-me elle; com effeito enfiou-me o braço e foi-me levando. Andou commigo por muitas ruas como para fazer horas; fecharam-se as casas de negocios, e ficou a cidade em silencio. O vulto que me levava, chegou-se a uma janella de uma venda, empurrou-a, e a janella foi dentro com facilidade; e elle mandou-me que saltasse para dentro: saltei, pois que não sabia para onde saltava, e quando soubesse, que houvera de fazer? O vulto saltou egualmente atraz de mim, e depois de estar dentro abriu uma gaveta, tirou de dentro algumas moedas de prata, e mettendo-me no bolso, saltou pela janella com ligeireza immensa; mas na occasião de sahir bateu com os pés em umas barricadas, que cahindo uma sobre outras, e todas sobre o mostrador, fizeram um grande estrondo. As pessoas de casa acordaram, e vendo-me, gritaram « Ladrão!... ladrão », e no mesmo instante cercaram-me tres pessoas armadas de páus e facas! Disse-lhes eu, que estavam enganados; mas elles sem me attenderem continuaram gritando « Ladrão, ladrão! » Nisto batem á porta, perguntaram quem é, e respondem de fóra « Patrulha. » Abrem a porta, e com effeito entra uma patrulha, cujo commandante pergunta o que é. « É este ladrão que estava aqui me roubando; (disse um delles) que arrombou aquella janella, e saltou por ella para dentro! » « Vejamos se tirou alguma coisa da gaveta » disse outro, e foram vêr: com effeito acharem na gaveta dinheiro de menos, vieram ás minhas algibeiras e ahí o acharam! Pedi ao commandante da patrulha que me ouvisse, e não quiz attender-me. Disse-lhe então que elle bem via que pelo meu trajar não era ladrão, nem algum vadio, ou moleque, e que por tanto me ouvisse, pois que só por algum caso extraordinario é que alli me podia achar. « Pois bem (disse elle) se estiver iu-

nocente justifique-se na cadeia ; quanto a mim minha obrigação é leval-o preso, porque foi achado n'uma casa estranha, tendo arrombado uma janella, e furtado dinheiro da gaveta, que achou-se em sua algibeira. E vamos. » E sem mais me ouvirem, deram commigo na cadeia.

A' vista de tudo o que aconteceu, devo de acreditar que o maroto do vulto nada mais quiz do que fazer-me dormir na cadeia em a noite de meu noivado. Quanto a minha mulher, não sei della...

Quando Manuel fallou em dormir na cadeia, em noite de seu noivado, apesar da seriedade do negocio, Alexandre não pôde deixar de sorrir-se, e o Intendente largou uma estrondosa gargalhada !

Alexandre pagou ao dono da venda os prejuizos que poucos eram, e Manuel foi naquelle mesmo dia solto por ordem do Intendente ; pois que ninguem acreditaria que um moço negociante, acreditado, e filho de outro negociante de tanto credito, fosse roubar uma taberna.

Entretanto o processo do parochó continuou. Os dous padrinhos juraram em presença do bispo, e ambos tão infames foram que jurando em sua alma aos Santos Evangelhos disseram que Emilia se havia casado por sua vontade ; mas jurando um depois do outro, e sem se ouvirem reciprocamente, não eram contestes ; porque um jurou que Emilia quando o parochó lhe perguntou se queria casar com o Sr. Manuel Malachias Agrimencio dos Santos, respondera que sim, e que era muito de seu gosto ; e pronunciou os votos com muita expressão de vontade propria. O outro porém disse que o padre não perguntára, como é costume, se ella queria casar com o dito Mauuel, e que na occasião do juramento chorára, sim, mas que o prestára. Ora, o sachristão jurou em sua alma, tudo quanto havia escripto ; e Sebastião jurou que ouvira de fóra Emilia gritar :—« Sr. padre eu não quero casar-me », e além disto tudo,

o desaparecimento de Emilia depunha muito contra o casamento, revelando o attentado. No pé pois em que o negocio se achava, convinha á honra e melindre de Manuel que revelasse o constrangimento de Emilia, e todo o acontecido, a fim de julgar-se nullo um casamento com uma senhora, que Manuel já não podia receber como sua mulher, sem grande quebra de sua honra, visto que Emilia não apparecia !

Emilia chegando a casa de D. Gertrudes, contou ligeiramente a ella e a Carlota tudo o que lhe havia acontecido, e tomando papel e tinta começou a escrever encerrada no seu quarto. Carlota ficou espreitando-a pela fechadura, enquanto Gertrudes mandou de novo chamar a Sebastião : mas este portador não o achando, deixou recado em casa de Venancio, e sahiu. Quando Sebastião chegou em casa achou o recado de Gertrudes, mas só sahiu para ir a casa della depois que se desoccupou do sachristão.

Quanto ao vulto, contou mestre Estolano que quando a sege sahiu com Flavio e Emilia, e elle partiu atraz, viu um vulto alto recostado na parede defronte, e que quando a sege sahiu, este vulto a acompanhou, e a elle.

Emilia pois escreveu o seguinte :

« Nutrindo os mais generosos sentimentos, e desejando reparar a maior de todas as injustiças, eu esperava chegar á idade competente para dispôr de meus bens, como entendi que o devia fazer.

Amando o mais bello e talvez o melhor de todos os mortaes, eu concebia para mim o mais lisonjeiro, o mais brilhante futuro, quando a mão da desgraça rompeudo a nuvem que me occultava a verdade, ergueu entre mim e esse mortal uma muralha eterna que nada poderá destruir, porque a virtude

sustenta em seio sua inabalavel base : mas comprehendendo que não podia ser desse mortal, a quem consagrei meu coração desde o primeiro instante em que o vi, comprehendí tambem que não podia e nem devia ser d'outro, apesar de ser proverbial a leviandade, a incoustancia e falsidade das mulheres ! e então o véo das virgens do claustro brillou ante meus olhos e um convento começou a ser o objecto de meus votos. Eis senão quando, contra minha espectação e contra a de todo o mundo, estrangida e ludibriada, eu me vejo esposa e sem saber como, nem como não ! A idéa de ver-me ligada a um homem, a quem nunca amei, a quem não amo, a quem será impossivel até estimar, é uma amargura para meu coração e a idéa da morte, appar lhada com todos os seus horrores, é mais encaadora a meus olhos, do que meu estado, do que meu marido, do que todo o mundo, que já para mim se havia tornado um tumulto, sem o mortal que adoro e que com um desgraçado casamento tornou-se mais insupportavel do que o mesmo Inferno !

Morrer pois para o mundo e viver para o claustro, foi o meu intento ! Mas ai de mim que sou hoje forçada a morrer para tudo quanto no mundo existe ! E morro enfim ! Tambem não tenho pena de deixar o mundo... Só uma saudade tenho : é d'elle e de minhas amigas.

Vós, minha boa Gertrudes, minha preceptora, minha amiga, eu vos rogo que me perdoeis ; lamentai-me, mas não me arguais, Oh ! se neste momento eu pudesse ver Luiza, Luiza que amamentou-me, que serviu-me de mãe, que tanto me quer... e eu amo-a tanto !.. Carlota, adeus ; não chores por mim e reza por minha alma .. Sou bem infeliz : não é assim, minha amiga ?... Não importa, com tanto que elle seja feliz ! feliz como eu pretendia ser com elle ! Oh ! se depois de minha morte eu pudesse vel-o... ver se elle chorava por mim, como eu por

elle choro neste instante.. Idéas de amor, não amargureis mais meus derradeiros momentos!... Adeus, Magdalena...

Adeus, adeus todos e adeus para sempre...

Emilia Mathildes do Paraíso.

Carlota viu sobre este papel cahirem algumas lagrimas, que Emilia teimava por limpar. Depois de escripta esta carta, a infeliz Emilia tomou uma de suas saias, tirou-lhe o cadarço do cós, fez um laço em uma ponta, assegurou-se se o cadarço era forte e sustentaria seu peso, puchando muito por elle, e tomou a outra ponta, atou-a numa estaca de um cabide de parede. Quando Carlota viu todo este terrivel apparatus, correu a D. Gertrudes e contou-lhe o que viu; Gertrudes quasi desorientada, chamou Estolano e os mais escravos, e começaram a bater na porta; foi debalde, que nada suspendeu o fatal destino que guiava Emilia a um suicidio!

Entretanto a infeliz Emilia prendendo o laço á estaca do cabide, pendurou-se nelle. Os de fóra, vendo que ella não abria, metteram todos hombros á porta, e a impulso destas forças, que bem que fracas, combinadas, davam um resultado, foi dentro, tendo saltado a taramella que a fechava. Quando a porta se abriu, quebrou-se a estaca e Emilia veiu ao chão com o laço ao pescoço e o outro extremo delle trazendo atada a estaca!

Correram a ella, tomaram-a em braços e levantaram do assoalho um corpo sem vida!

— Morta!...

Exclamou Gertrudes cahindo sobre ella sem sentidos!

— Morta!...

Exclamou Carlota abraçando-se com a desventurada Emilia!

— Morta!...

Exclamou Estolano, sahindo pela porta fóra a correr!...

CAPITULO XXXVI

ESSE DIA CHEGOU, E É HOJE ESSE DIA!...

Se o homem não contasse com o dia seguinte, nunca seria malvado. O que conta com o dia seguinte, conta com aquillo que ninguem lhe prometeu, e sempre se engana.

Geraldino sahio do subterraneo onde com Flavio assistiu aos ultimos momentos de um dos maiores sceleratos, e tendo fechado a porta, e dado as chaves ao pae do José, ahi repouseu um pouco, e seguiu logo para a cidade. Apenas chegado, Sebastião narrou-lhe tudo quanto havia acontecido sobre o casamento de Emilia. Geraldino sentiu abalar-lhe o peito toda a força do ciume e da mais pungente dôr; mas elle havia imposto sobre si proprio um peso quasi incomportavel, sacrificando a mais bella de todas as mulheres ao seu resentimento e ao seu capricho! então esse peso enorme devia ser sustentado por elle, ainda que esmagado ficasse debaixo delle, ou passar pela vergonha de um homem sem convicções, e sem firmeza de character! Geraldino quando pois soube tão desesperadas noticias, recolheu-se ao seu quarto, onde em silencio foi devorar a mais amar-

ga de todas as amarguras, afóra a da morte de seu pae! Amar!... e julgar impossivel obter a posse do bem que se ama!... Amar!.. e ver entre si, e o objecto amado uma barreira de ferro eternamente indestructivel! Amar!... e ver o objecto amado contra sua propria vontade em braços de outro mortal!... Oh! inferno do coração! Ser atormentado constantemente por um amor desventurado é ser outro Ixion constantemente atormentado pelo gyro funesto da incessante roda do inferno! Ver sempre o bem que se ama, e não poder gozal-o, tocar-o sequer, dizer-lhe apenas: « Eu te amo!... » é ser outro Tantalo mirrado de fome, rodeado de fructos, secco de sede no meio de um lago! Receiar ver outro gozar-se deste bem que adoramos; receiar a todo o instante ver o nosso amor nos braços de um rival feliz, ao menos brutaemente feliz... é ser outro Sisypho receiando a todo o momento ser esmagado pelo enorme peso do sobranceiro e impendente rochedo!... inferno do coração. amor, baldado amor, que não póde gozar o amor que ama! amor que morre por saciar-se, tonel das Danaides que nunca se enche! Oh! negras furias d'alma! inferno do coração!

Geraldino tinha pois em seu coração este terrivel inferno. Devorado de amor, abrasado de ciúmes, nem lhe era ao menos dado dezabafar os furores desta ultima paixão! Um confidente em nossos amores é uma felicidade; mas um confidente no excesso de nosso ciúme, que modifique nossos transportes, que modere nossas iras e que comparta nossos dissabores, é um anjo; e quem sabe até... e quem sabe se uma divindade!

Geraldino porém havia-se collocado em uma tal posição, que devia fingir até que gostava deste casamento de Emilia! Taes eram seus supplicios, quando repentinamente foi forçado a voltar a Juthurnayba a pedido de Sebastião.

Voltemos a Flavio.

Flavio sahindo da casa de Liberato com Geraldino, tendo sido testemunha de sua horrivel morte, seguiu para sua casa. Ahi, todos os tormentos do inferno, todas as furias que affligem o malvado, todos os remorsos que flagellam o criminoso, accometteram de um só jacto o seu coração!

As palavras de Geraldino torturavam sua alma dolorosamente! Elle ouvia a todos os instantes essa voz bradar-lhe enfurecida: « É a ti, uma morte de falsificador de escripturas, uma morte de ladrão, uma morte de assassino, uma morte publica, enfim, no alto do cadafalso! » No meio destas horrorosas idéas ouvia o chocallar de moedas que a seus pés cahiam, e a voz irritada de um filho bradar-lhe: « Assassino, ahi tens os dez mil cruzados que lhe deste pela morte de meu pae! » Elle quer desviar a vista deste quadro medonho, e ante seus olhos se afigura morto um scelerato, um assassino, um salteador, um ladrão, o seu complice enfim! A's vezes lembra-se de remediar, ao menos em parte, tantos males que causou, por meio de um casamento; mas é tarde, pensa elle, porque Emilia está casada! Máu amigo, máu homem, acaba por ser máu pae! Entretanto essa mesma filha que elle ama não apparece! Do meio deste presente incerto, cheio de angustias e remorsos, para traz, vê um passado vergonhoso, cheio de infamias e de crimes! para diante, um futuro medonho, cheio de incertezas e de horrores! No passado, o crime: no presente, a punição dos homens; e no futuro, a Eternidade!

Quando Flavio chegou a casa, que contou a José e a Luiza a historia do casamento de Emilia, Luiza concebeu tal dôr e desesperação, que esteve a ponto de morrer! José perdeu quasi o juizo e não podendo supportar uma tal infamia, disse a Flavio que queria ir á cidade a ver se obtinha noticias de Emilia. Flavio não só lh'o consentiu, como até instou-lhe que apressasse a viagem. Luiza quiz acompanhal-o,

e debalde foram os pedidos de José e de Flavio para que não fosse; debalde, que a sensível Luiza resistiu a tudo.

— Não, não, deixem-me ir, dizia Luiza pranteando, deixem-me ir; ella é minha filha; aqui nestes peitos foi ella amamentada... neste collo passou os dias de sua infancia! Quero ir procural-a: buscal-a-hei por toda a parte! todos terão pena de mim, quando souberem que é uma mãe inconsolavel que procura sua filha desgraçada! Eu chamarei por Emilia, e Emilia donde quer que esteja responderá ao meu chamado, porque a voz de uma mãe chega até o fundo do coração de um filho...

— Luiza... Luiza... bradou-lhe Flavio, vai, vai... e não atormentes mais os ultimos dias da minha vida.

— Deus lhe pague.

Luiza e José apromptaram-se e partiram, e sem incommodos chegaram á cidade.

Dous dias depois da partida dos dous consortes para a cidade, Flavio atacado de uma congestão cerebral, cahiu gravemente enfermo: nesse mesmo dia mandou á cidade de Cabo Frio buscar o tabelião, o qual chegou no outro dia, e fez o seu solemne testamento.

Depois de algumas disposições testamentarias, notemos esta que é muito para notar-se: sem declarar que tinha uma filha, fez a seguinte disposição:

« Depois de cumpridos todos os meus legados, nomeio por minha 1.^a testamenteira, e universal herdeira a Emilia Mathildes do Paraíso. » Os legados eram 10 mil cruzados a José e Luiza, uma capella de missas por alma de seus paes, meia por alma de seus avós, meia por alma de seus parentes e amigos, 5 mil cruzados para dividir-se por diversos pobres, cujos nomes indicava; alguns escravos forros, entre elles mestre Estolano, e enfim 5 mil cruzados a D. Gertrudes. E dos remanescentes da

terça nomeava herdeiro a Geraldino ! No caso porém de Emilia não haver apparecido, e nem nunca mais apparecer, constituia por seu universal herdeiro a Geraldino, e herdeiros de sua terça a José e Luiza, e ao velho Sebastião; e os 10 mil cruzados deixados em favor de José e Luiza, ficavam para a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro. Notavel contraste entre as ultimas vontades deste homem máu, e entre todos os actos de sua vida ! Por ventura os grandes criminosos terão alguma vez na sua vida momentos de remorsos ? Vemos um grande malvado caminhar ao cadafalso, ás vezes com a impavidez da virtude e do heroismo ; vemos outro caminhar ao patibulo com a contricção do verdadeiro arrependimento, com a fraqueza da victima do remorso ! Será isto pois devido ao physico só, ou ao physico e ao moral ? ou só a este ultimo ? Demos porém que isto seja proveniente só do physico : quanto a Flavio, fosse elle muito embora um homem de ferro, a concurrencia de circumstancias que o rodearam no limitado espaço de tres dias, foram de tal maneira estrondosas e horriveis, que impossivel era não esmagarem sua alma sob o peso funesto do remorso. Vejamos este concurso de circumstancias.

Flavio havia constrangido sua filha a um casamento inâmico e infamemente feito ; noutro dia soube que o tabellião que havia passado a escriptura falsa tinha sido preso, e que seu nome era complicado em tal negocio ; seu genro tinha amanhecido na cadeia, sem que elle soubesse como, e nem pelo que ; de sua filha, elle não sabia, e a julgava perdida ; afflicto por estas idéas, vem para sua casa ; antes de a ella chegar, entra em casa de Liberato, ahi encontra um joven bello, amavel, a quem havia desgraçado, e que ante elle desenvolve a historia de seus horrores, suas infamias, suas velhacadas, seus crimes, o assassinio que mandou perpetrar, tudo está patente, e este joven lhe lança á cara toda a histo-

ria de seus mal-fícios ! Este joven cheio de furor o ameaça com o cadafalso, e seus crimes não merecem menos. Depois desta ameaça horrivel elle vê expirar diante de seus olhos um ladrão, um salteador, um fraudulento, o assassino que elle comprára para empregar seu mortifero prestimo contra um homem de bem, e até virtuoso ! e o vê expirar sobre seu ouro, mirrado de fome e secco de sede !

Esta reunião de acontecimentos capazes de fnnestar a alma a mais desabrida de qualquer malvado, foi a causa motora de seus remorsos !

Aggravando-se rapidamente a enfermidade, Flavio se sentia morrer sem que estivesse em sua casa um só amigo seu : considerando isto, mandou um proprio a toda a pressa chamar José, Luiza e Emilia, no caso de apparecerem. José e Luiza pois não puderam partir logo, porque Luiza pela presteza da viagem, ficando muito cahida, não se achou em estado de partir. Sebastião porém sabendo que Flavio estava nos ultimos momentos, convidando Geraldino, partiu immediatamente com elle. Chegaram a Juthuruayba, Geraldino ficou alguns momentos em casa dos paes de José, e Sebastião, sem que Geraldino soubesse, seguiu para casa de Flavio. Antes de vel-o, soube dos escravos que estava o peor possivel, que pouco poderia durar, e que havia mandado chamar o padre Jacintho, capellão da fazenda, para o ouvir de confissão.

Era o padre Jacintho um homem justo, e de consciencia recta, bem que fôsse um tanto ignorante.

Sebastião entrou pois, e apenas Flavio o viu, disse-lhe :

- Meu velho Sebastião, Deus é quem lhe manda..
- É para que ?
- Para assistir aos meus ultimos instantes...
- Então o que é isso ?
- Estou nas portas da morte ! Estou entre as mãos de Deus !..

— Onde está José ?

— Partiu para a cidade.

— E Luiza ?

— Foi com elle.

— E então ?

— Ninguem que eu estime está commigo.

— Flavio, lembraste de que te procurei um dia para fazer com que entrasses em teus deveres a respeito de Julio.

— Ai de mim ! lembra-me...

— Flavio, lembra-te de que desprezaste a voz de um velho amigo, coberto de cabellos brancos ?

— Lembro-me.

— Lembra-te do que então te disse ?

— Não.

— Não ?

— Não : ha já tanto tempo ..

— Flavio, te dizia então eu, ha sobre a terra tres amizades unicamente, porque todas as amizades do mundo resumem-se em tres, as quaes vem a ser : o dinheiro, os parentes e amigos, e as boas acções. O dinheiro segue o homem só até o leito da morte, e dali não vai mais, e de mais nada lhe serve ! Os amigos e parentes, que envoltos em lucto, e oprimidos de dôr, acompanham o homem até as bordas do tumulo, e dali não excedem, e dali voltam a suas moradas para dali a algum tempo esquecerem eternamente esse amigo, esse parente morto ! As boas acções, porém, que não só vão com o homem até a presença de Deus, como até ficam sobre a terra vigiando sempre sobre sua honrosa e feliz memoria !

Flavio, no fim de tua vida, no dia de tua morte, tu não contarás com nenhuma destas tres amizades ! Os bens de que queres lançar mão não serão gozados por teu filho, parente, ou amigo ! O ouro que possues, e os bens que queres possuir te desampararão, e te desampararão eternamente, antes de

culhires no doloroso leito que te aguarda! e abominado dos homens, culpado aos olhos de Deus, detestavel a teus mesmos olhos, tu findarás uma odiosa vida no leito da miseria, n'um desamparo cabal! No leito da enfermidade, cortado de dôr, esmagado dos remorsos, teus olhos espantados buscarão um amigo, um parente, que console tuas penas, que suavise tuas dores, que te faça menos horroroso o dia da morte... e será debalde! Tu chamarás tua filha, e o echo de tua voz se perderá no espaço, sem que tua filha te responda! Chamarás, e uma voz rouca te responderá horrivel: « Tu não tens filha! » Em vão procurarás quem te sustente a tua cabeça moribunda! em vão quem te enxugue a derradeira lagrima da morte! E nem terás quem te cerre os olhos no dia do teu passamento, e acabarás emfim n'um desamparo! Nem um parente, e nem um amigo levará o teu corpo á sepultura! E teus maleficios que além de ficarem sobre a terra para ali cobrirem de negridão e de horror a tua triste memoria, irão contigo ate a presença de Deus para alli fazerem maior peso na coucha da balança em que se aquilataram tuas maldades, pois os homens não conlecem de ti mais do que maldades. Flavio, adeus... tu me verás um dia! E-se dia chegou, e é hoje esse dia!.. Flavio : cumpriu-se tudo quanto te eu predisse?

— Quasi tudo!... Ai de mim! quasi tudo!

— Não; tudo cumpriu-se! Onde está teu ouro? De nada te serve agora! Flavio, tu o darias todo para comprares a paz do teu coração, e todo o teu ouro não te serve para isso! Onde estão teus amigos e parentes? O mesmo José e Luiza nem aqui se acham neste momento solemne! Onde estão tuas boas accões! Tuas iniquidades amarguram os teus derradeiros momentos! Flavio, contudo, ainda é tempo de um arrependimento perante Deus!..

— Minha filha? onde está minha filha? bradou Flavio no excesso quasi de um delirio!

— Tu não tens filha ; exclamou o padre Jacintho que acabava de entrar, tendo-lhe ouvido as ultimas palavras.

— A minha Emilia ? a minha Emilia ?...

— Confessa-te primeiro, Flavio...

— Minha filha ? a minha Emilia ?

— Flavio, confessa-te primeiro... confessa-te primeiro...

— Não me exaspereis... não me acabeis de lançar no inferno... Minha filha ? minha filha ? Emilia ?... minha Emilia...

— Não é tua filha...

— Padre...

— Não é tua filha...

— Quem ?

— Emilia... sim, não é tua filha...

— Padre, ou demonio... não, não te acredito ..

— Lê, disse o padre dando-lhe um papel.

Flavio abriu.

— E' a assignatura de minha mulher!... disse elle tremendo, e começou a ler. Quasi no meio cahiu-lhe o papel da mão e erguendo-se, ou remorsos, ou arrependimento, exclamou fóra de si:

— Deus fez o melhor... Mundo, sê amaldiçoado!...

E cahiu numa horrivel convulsão, fazendo os mais horribes trejeitos, e as mais dolorosas contorsões! um minuto depois tudo foi feito d'elle, morrendo sem confissão e sem sacramento algum!

CAPITULO XXXVII

É O NOME DE NOVO ESCRIPTO « CAROLINA ! »

Não ha sobre a terra segredos:
a vida descobre os da morte, e a
morte os da vida ! Ellas se trahem
pois mutuamente.

Assim é que ha grandas feitos sobre a terra, cujos motores são ás vezes entes bem pequeninos !

Graças a mestre Estolano ! graças ! que se elle não fôra, Emilia já não vivera ! E ella vive, e a elle, e quem sabe se unicamente a elle, deva Emilia sua vida ! Graças a mestre Estolano ! Emilia vive !

Sabemos que quando D. Gertrudes e Carlota julgaram Emilia morta, mestre Estolano sahiu precipitadamente. Pois bem : mestre Estolano sahiu, e voltou logo armado de uma lanceta, e no mimoso e bem torneado braço da virgem abriu uma larga cisura por onde fez uma farta sangria. Pouco tempo depois a joven deu signaes de vida ; e um professor que pouco depois chegou, approvando a sangria de mestre Estolano, fez o resto. Sabemos que o velho Sebastião tinha pensado que para bem da reputação de Emilia era conveniente declarar que ella se achava em casa de sua preceptora, onde havia chegado meia hora depois de seu escandaloso casamento. Todavia, tres dias passados sobre este acontecimento, não havia quem não soubesse de toda a historia do casamento, e até que Emilia tentára suicidar-se ; isto aggravou a posição do vigario, ministro da tão infame cerimonia, e a situação de Manuel, que por honra sua julgou melhor tudo declarar, declarando

egualmente que elle não fôra mais do que um instrumento meramente passivo neste negocio ! Em consequencia, foi o casamento julgado nullo ; Emilia livre para ligar-se a quem quizesse ; Mannel da mesma maneira, ficando sempre a Manuel e Alexandre a vergonha de tão indigno procedimento. Emilia restabeleceu-se dentro de pouco tempo, e na vespera do dia em que quiz partir para Juthurnuayba com José e Luiza, recebeu a noticia da morte de Flavio.

Sebastião apenas viu morto a Flavio, mandou chamar Geraldino a casa dos paes de José, que immediatamente foi. Cumpre advertir que quando Geraldino, em casa de Liberato ameaçou a Flavio com o cadafalso, não é que elle tivesse tenção de denuncial-o e talvez a. é nem de accusal-o ; elle queria unicamente compellil-o á uma desesperação funesta, e pôde ser que a um suicidio !

Talvez que meus leitores sympathisem pouco com os sentimentos de Geraldino, vendo-o tão preocupado de sua vingança premedital-a tão bem e pô-la em execução combinando de tal modo seus meios, que nenhum de seus golpes lhe fallou ; sim, nenhum, porque ver Flavio acabar cortado de remorsos, opprimido de angustias, afflicto e desesperado, eram unicamente seus fins ! e elle assim acabou !

Talvez que meus leitores pois se disponham muito contra um animo tão vingativo : mas tendo um pae, um pae que seja um verdadeiro amigo, um pae honrado, um pae virtuoso, bom homem, bom cidadão (naquelle tempo eram vassallos) bom filho, bom marido, bom pae, bom amigo, digno de amor e de respeito a todos os respeitos ; figurai que este homem, este pae tão bom, repentinamente desaparece, que muito tempo depois sabeis que fôra assassinado por um homem que se dizia seu amigo, recebendo por isso 10 mil cruzados, e que aquelle que o mandou assassinar, é aquelle mesmo que intenta roubar a

fortuna de vosso pae, e portanto a vossa ; figurai ainda que o matador de vosso pae, é um homem que abusando dos mais sagrados direitos, rouba todos os vossos bens, a ponto de reduzir-vos a mendigar um pouco de pão para vosso sustento ; figurai mais, que o acaso vos deparava com um meio de não só recuperardes vossos bens, como de vingar-vos de vossos inimigos ; que fariéis ? Uma suprema virtude, diréis vós, perdoaria, e deixaria a Deus sua vingança. E é verdade ! uma suprema virtude perdoaria, e deixaria a Deus sua vingança ! E' pois verdade ! Mas vós bem o dissestes—uma suprema virtude ! E onde se encontrará essa suprema virtude ? Esse mesmo homem de uma virtude suprema diria « Eu perdoava, mas perdoando eu, não me atrevo a condemnar aquelle que se vingasse ! » E demais, ha sobre a terra offensas de tal maneira positivas e de tal modo premeditadas, que o maior de todos os corações, a mais generosa de todas as almas não achariam em si forças bastante capazes para tanto !

Foi nessa occasião que Geraldino contou a Sebastião tudo quanto entre elle e Liberato se havia passado, e depois entre elle e Flavio. Geraldino exclamou depois :

— Faltavam ainda quatro, mas...

— Que quatro ? (disse Sebastião).

— Os objectos de minha vingança eram Flavio, Liberato, e este por tres motivos : por matador de meu pae, por espoliador de meus bens, e por testemunha falsa na demanda de meu pae, com Flavio, jurando contra meu pae ! O escrivão factor da escriptura falsa, e as outras tres testemunhas que tambem juraram contra meu pae ; uma era o Vermelho, mas esse me serviu de tanto, que eu lhe devia perdoar, attendendo ao que me prestou : outra era o Philippe, o pescador que mora alli defronte ; e a outra era sua irmã.

— Pois agora vos digo eu que basta.

— Sim, basta.

Enviou-se o testamento de Flavio ao vigario de Ipuca da Freguezia da Sacra Familia, para o abrir, donde não podia voltar senão dahi a dous dias; entretanto Geraldino, Sebastião, e o padre Jacintho deram sepultura ao corpo de Flavio; assim pois este malvado na hora da morte não se achou senão com aquelle mesmo respeitavel ancião que outr' hora, cego de sua ambição, havia desattendido; e para seu mesquinho funeral com este mesmo, com o decrepito padre Jacintho, e com aquelle moço a quem elle havia arruinado, e cujo pae havia mandado assassinar.

Tinham os tres acabado de sepultar o corpo de Flavio, quando um escravo do pae de José veio dizer ao padre Jacintho, que sentindo-se um grande fetido sahir da casa de Liberato, seu senhor a mandára abrir, e que se achára o corpo do mesmo já corrompido em um quarto.

Quando Flavio sabiu do subterraneo de Liberato, Geraldino ajudado de Anastacio tirou o corpo do subterraneo e o deixou ficar no quarto em que dormia Liberato, sobre sua cama: eis a razão porque alli se achava.

Geraldino fazendo-se ignorante de tudo acompanhou o padre com Sebastião, e fizeram tambem dar sepultura ao corpo deste scelerato. Fecharam de novo a casa entregando as chaves ao pae de José, e o padre Jacintho de tudo deu conta ao juiz ordinario da cidade de Cabo-Frio.

Voltando o proprio com o testamento aberto, á vista das disposições nelle contidas, qualquer pôde bem ajuizar qual seria o espanto e admiração de Sebastião e Geraldino!

Os dous partiram pois para a cidade, onde Emilia, que tinha então seus dezenove annos, pouco mais ou menos, a primeira cousa de que tratou foi do supprimento da edade para reger seus bens.

Luiza, que tinha muita amizade a Geraldino, lembrou a Emilia que teudo morrido seu pae e achando-se ella tratando de sua emancipação, que emancipada, era livre e podia ligar-se com quem quizesse; julgava pois ella que seria bom que Emilia se casasse com Geraldino.

— Não, minha mãe; não me casarei com pessoa alguma.

— Como, Emilia; é isso possível?

— Possível e muito possível.

— Não o amavas tu?

— E ainda o amo.

— Não desejavas até ser sua mulher?

— Sim, senhora... mas era em outro tempo.

— Mas o que havia nesse tempo e o que ha hoje?

— Nesse tempo havia de minha parte a ignorancia total a respeito d'elle e hoje ha a sciencia.

— Não te comprehendo.

— E eu fallei tão claro...

— E eu te digo que não te entendo.

— Quero dizer que não sabia que elle era filho de Julio... porque eu sou filha de Flavio.

— E que importa isso?

— Que não posso, nem devo me casar com elle.

— E então que queres fazer?

— Entrar para um convento...

— Para um convento?!

— Para um convento!...

— A fazer o que?

— Professar e viver alli, até que a morte venha tirar-me uma vida tão incommoda.

— E os teus bens, Emilia?

— Dal-os-hei a Juca, a Vm. e ao Sr. Geraldino.

— Emilia, minha filha, tão moça, tão formosa e tão rica: queres te sepultar em vida entre as paredes de um convento?!

— E, se não posso ser feliz neste mundo, minha mãe?...

— Tu o não queres...

— Oh! se eu não fosse filha de Flavio!...

Luiza, cobrindo o rosto com um lenço, sahiu de junto de Emilia, chorando e suffocando seus suspiros em seu coração. Emilia muito transportada de seu amor, exclamou :

— O' Geraldino! não posso ser tua! não serei de pessoa alguma!

Geraldino e Sebastião chegaram á cidade; apenas saltaram, a primeira cousa que viram foi uma grande escolta de soldados, que conduziam uns 18 ou 20 presos, entre os quaes notou Geraldino em um muito alto, um tanto gordo. Geraldino vendo-o, lhe pareceu que já tinha visto aquelle homem; o homem por sua parte olhou para Geraldino e para Sebastião como casualmente e voltou logo o rosto. Geraldino forcejando por chamar suas recordações, pareceu-lhe enfim que era o homem do bosque que lhe havia dado Emilia. Firme neste pensamento chegou á sua casa, vestiu-se e botou-se para palacio; disse ao vice-rei o que havia visto, e a suspeita em que estava. O vice-rei respondeu que o mandaria buscar a vêr se seria o mesmo homem.

Voltamos a Emilia: firme no proposito em que estava de entrar para um convento apenas viu-se emancipada, mandou chamar a um tabellião, para passar uma escriptura, a Sebastião para testemunha della, a Carlos amigo de Geraldino para o mesmo, sendo a outra José.

Emilia, em presença de todos, excepto Sebastião e Geraldino, que chegaram depois, declarou sua vontade, e disse que de seus bens reservava só quanto fosse preciso para sua dotação, e que de todos os mais tirando 20 mil cruzados, que daria a Sebastião por uma escriptura, e 50 mil cruzados a José e Luiza tambem por outra escriptura, de tudo quanto res-

tasse fazia doação por escriptura publica a Geraldino.

Quando Sebastião e Geraldino chegaram, já estava passada a escriptura, e o tabellião começou a fazer a leitura della aos dous recém-chegados. Apenas o escrivão terminou a leitura, lendo o nome da assignatura de Emilia Mathildes do Paraiso, Sebastião disse :

— Ella não se chama Emilia...

— Como?

Exclamaram todos excepto José e Luiza, que desde que Sebastião chegou, tinham os olhos fitos nelle, medindo todos os seus gestos, como o doente mede os gestos do medico!

— Não se chama Emilia.

— Como, Sr. Sebastião? disse Emilia. Pois eu não me chamo Emilia?

— Não, senhora.

— Pois como me chamo eu?

— Carolina.

— Como Carolina?! Pois eu não sou Emilia! Eu mesma vi a certidão do meu baptismo. Emilia, filha legitima de Flavio e de Mathildes?!...

— Essa menina já morreu, e morreu poucos dias depois de seu baptisamento, e Vm. chama-se Carolina, filha de José e de Luiza.

— Oh! meu Deus, será possível!

— Sim, minha filha, bradaram José e Luiza abraçando-a, Emilia, continuou Luiza, tu és minha filha.

— E' possível que eu seja tão feliz! Mas como? eu de nada sei!

— Ouvi, Emilia. No dia seguinte ao nascimento de Emilia, filha de Flavio, nasceu a filha de José, e ambas se baptisaram n'um dia chamando-se a de Flavio, Emilia, e a de José Carolina. Convém saber que todas as filhas de Flavio morriam na infância, o que muito desgostava a este. Mathilde teve a des-

ventura em uma tarde, que dormia a sesta de suffocar sua filha debaixo de seu peito, amamentando-a, e adormecendo nessa occasião. Vendo sua filha morta, e sabendo o genio violento e impetuoso de seu marido, foi ter com Luiza, e propôz-lhe dar ella por morta a sua Carolina e ella adoptar a Carolina por filha, que dalli em diaute ficaria se chamando Emilia. Luiza que amava a sua filha, não quiz consentir, mas Mathilde rogou tanto que Luiza disse que ia consultar seu marido, e faria o que elle quizesse.

Chegando José ao mesmo tempo, não quiz convir na troca da filha viva pela morta, mas Mathilde lhes ponderou, que ella não tomava para si a innocente Carolina; que Luiza ficaria tratando della, que logo que a innocente fallasse, chamaria as duas de mãe; que notasse o brilhante futuro de Carolina em consequencia da grande fortuna de que era herdeira, e que talvez algum dia depois da morte della Mathilde e de Flavio, elles pudessem descobrir esse segredo á mesma Carolina. Assim convieram José e Luiza na troca.

Algum tempo depois, Mathilde achando-se já doente revelou isto debaixo de confissão ao padre Jacitho, que a aconselhou que fizesse essa declaração por escripto, e deixasse em mão de alguém, de quem se confiasse, porque o testemunho de José e de Luiza, e delle não serviriam muito depois de sua morte. Com effeito Mathilde pediu ao padre Jacintho que escrevesse tudo aquillo que lhe tinha ouvido, e ella assignou. Quatro dias antes de sua morte Mathilde, que muito me estimava e muito confiava em mim revelou-me todos estes segredos. E pois, Carolina, deixai-me chamar-vos assim que assim é vosso nome, vós sois filha de José e de Luiza; e eu desde já vos felicito pelos virtuosos e honrados paes que tendes!— Assim disse Sebastião.

Geraldino, que durante esta narração estava ca-

lado, e como suspenso, deixou no fim della cair duas lagrimas de seus olhos e murmurou :

— E não é filha de Flavio ! não era sua filha !... Carolina lançou sobre Geraldino um olhar... Oh ! quem sabe o que queria ella dizer nesse olhar ? Vós o comprehendeis !..

Sim ; pois tambem Geraldino o comprehendeu ! Geraldino pois caminhando para ella disse ;

— Senhora, ha em minha alma um livro todo mystico, e essa mystificação é toda obra da sensibilidade !

Em um dia meu coração gottejou sangue, e meu anjo, com o sangue sahido do meu coração escreveu no livro de minha alma esse dia, e um nome ! O demonio da vingança apagou bem depressa esse nome, para em um dia melhor meu anjo de novo o escrever. O nome apagado era « Emilia ! » e o nome de novo escripto « Carolina ! » O dia ficou eterno, porque a mão do demonio da vingança não tinha poder jámais para riscar de minha alma o dia em que n'um bosque entre saltalores eu vi um anjo transformado n'uma mulher ! O leão pouco depois de nascido mostra n'um rugido feroz, que será um dia o despota das selvas ! A aguia implume mede do ninho já com altivo olhar o espaço immenso que tem de um dia percorrer ! O lobo ainda terno, já na cova onde nasceu devora as presas, que a seus pés lhe depõem ! O filho do cordeiro é sempre cordeiro ; e a filha de José e de Luiza não podia ter entranhas de tigre ! A filha de Flavio devia de ser má como seu pae, e eu a devia detestar, detestando a filha do matador de meu pae !..

— Oh ! meu Deus ! exclamou Emilia !..

A estas palavras de Geraldino todos mostraram horror ! e elle continuou :

— A' voz da virtude surgiu a verdade das sombras do engano ! O golpe da morte desfez o véo do mysterio ! e o tumulto abrindo-se para engulir um

homem, deixou que de seu fundo se escapasse a mais consoladora de todas as verdades, que não podia ser gozada pela vida, se não fosse ministrada pela morte ! O altar do claustro esperava por momentos a Emilia filha de Flavio coberta com o véo das virgens votadas a Deus, como esposa do Senhor ! E o altar de Hymeneu não poderá esperar por instantes a Carolina filha de José coberta com o véo de uma virgem votada ao amor como esposa de Geraldino ?

— Sim... sim ; agora posso ser sua esposa, se meus paes o quizerem... disse Carolina.

— E de hoje em diante não haja em nossas almas mais do que um pensamento revelado em duas palavras para cada um de nós ! O pensamento de Carolina será « Geraldino e Amor ; » e o pensamento de Geraldino será « Amor e Carolina. »

CAPITULO XXXVIII.

DUAS LAGRIMAS CORRERAM DE SEUS OLHOS !

O homem generoso, que soffra muito, começa por perdoar aos inimigos, e acaba por odiar a especie humana.

D. Gertrudes, que até estes acontecimentos morava na rua de S. José, mudou-se para a dos Ourives.

O vice-rei cumpriu sua palavra ; mandou buscar á sua presença o preso, por Geraldino indicado, e com elle esteve algum tempo. Até este momento sabemos que o vice-rei apenas o viu, lhe perguntára pelo nome, e que elle dissera chamar-se Gonçalo Pereira Dias, e o vice-rei lhe disse :

— Jurais dizer a verdade sobre tudo quanto vos eu perguntar?

— Juro.

— Se não estais de animo a cumprir vosso juramento, então não jureis.

— Nunca menti, e muito menos perjurei agora.

O vice-rei fez ao preso muitas perguntas, a que elle respondeu; depois disse-lhe o vice-rei:

— Como vos deixastes prender?

— Dormia eu em uma estalagem quando, dormindo, deram-me a voz de preso; nunca resisti a ordens legaes: entreguei-me.

O vice-rei mandou retirar o preso, e recommendar ao carcereiro que queria que fosse elle tratado com todo o respeito, ficando na cadeia em custodia.

Ha tres mezes que Flavio é morto. Estamos em casa de D. Gertrudes, e ali tudo quanto ha de grande na cidade do Rio de Janeiro. Ha dous padrinhos que assistiram á cerimonia de um casamento, no qual officiou o bispo em obsequio ao vice-rei, cujo padrinho foi elle, e outro o honrado Sebastião. Ha duas senhoras que acompanharam uma noiva, e estas senhoras são D. Gertrudes e Carlota, cujo marido já chegou da Costa d' Africa. Os dous esposos são dous anjos transformados um em mancebo, outro em uma virgem; ou antes é o mesmo amor com todos os seus encantos e bellezas materializado em dous jovens. São cinco horas da tarde e vós adivinhais quem são os noivos. Pois bem, a alegria transluz em todos os semblantes; o prazer é completo. Geraldino conversa com o vice-rei, e lhe pergunta pelo preso de quem ha tanto tempo não tem noticia, e o vice-rei lhe responde, que até allí estava procedendo a certas indagações, e por isso é que tem o preso como em custodia.

No meio de tudo isto, um homem alto, corpulento entra na sala de um modo insolito, e saúda a todos

ligeiramente. Carolina e Geraldino apenas o viram, bradaram :

— E' elle!...

José exclamou :

— E' o homem que vi na mata! o vingador de Isabel !

O homem, indifferente a todas estas vozes sem olhar para pessoa alguma, caminhou-se para o vice-rei, e chegando-se a elle, disse :

— Eis-me ás ordens de V. Ex.

— Sr. Geraldino, disse o vice-rei apontando para o homem, eis aqui o homem a quem V. S. e a Sra. D. Carolina devem a vida, e que tambem salvou a Sra. D. Carlota no incendio do recolhimento do Parto.

Apenas o vice-rei pronunciou estas palavras, Geraldino, Carolina, Carlota e seu marido, José e Luiza, como machinalmente voaram ao homem, e todos ao mesmo tempo o abraçaram, chamando-lhe uns seu benefeitor, e outros seu libertador !... O homem insensivel e indifferente a todas es as demonstrações de gratidão, voltou-se friamente para o vice-rei e lhe disse :

— Excellentissimo : posso retirar-me ?

— Não ; quero que conteis aqui perante todos a mesma historia que me contastes em palacio.

— Senhor, é muito exigir,

— Vós me promettestes fazer tudo quanto eu vos pedisse...

— Mas quando jurei a V. Ex. dizer as verdades sobre tudo o que eu soubesse, e perguntado me fosse, não presumi que V. Ex. soubesse de cousas que eu tão em segredo havia feito, e das quaes a ninguem dei parte : assim, quando prometti fazer tudo quanto V. Ex. me exigisse, nunca pensei que V. Ex. quizesse que tão publicamente contasse eu a minha historia.

— Notai que se não a quizesseis contar, eu não vos obrigaria; mas eu vos peço.

— E eu obedeco.

Então todas as senhoras fizeram um circulo em redor do homem, que no centro occupou uma cadeira e os homens em outro maior circulo fecharam o das senhoras.

O homem, depois de assentado correu com os olhos toda a companhia e encontrando diante delles a Magdalena, não sabemos porque se demorou contemplando-a. Magdalena não pôde supportar as vistas do desconhecido, e abaixou seus olhos. O desconhecido pois começou assim:

— Meu pae, que era um negociante, querendo, logo que eu estivesse prompto, mandar-me formar a Coimbra, mandou-me aprender os preparatorios; apreendi-os, mas antes de eu partir morreu meu pae: tomei conta da casa e comecei a negociar. Pouco tempo depois um moço meu amigo desde a infancia, pediu-me um abono, e convidou-me para pômos um negocio de sociedade, entrando eu com os fundos e elle com sua agencia; dei-lhe o abono, ou antes puz-lhe a casa, e sem a menor declaração entreguei-lh'a; no fim de quatro annos convidei o meu socio para darmos balauço á casa, e fiquei admirado quando elle me disse que eu alli nada tinha! Quiz levar o homem por bem, e elle me respondia a tudo: « Pois mostre como tem aqui alguma cousa. » Era isto um caso que pouco devia admirar; mas notei sempre o animo deste moço, meu amigo desde a infancia, um collega a quem eu me havia sempre prestado, accrescendo que durante nossa sociedade adoeceu muitas vezes, e foi tratado em minha casa, como filho: bagatellas; perdi aquelle dinheiro, mas nem por isso me desgostei. Algum tempo depois casei com uma moça pobre, não feia, e em quem julguei algumas qualidades boas. No cabo de um anno minha mulher deu á luz uma filha. Um dia

minha mulher acompanhada de uma sua escrava, que trazia ao collo minha filha, voltava de casa de seu pae, a quem fôra visitar, era á entrada da noite, e tres marinheiros começaram a dizer-lhe graças, e assim a foram acompanhando: eu que vinha mais atraz approximei-me e elles começaram a triscar commigo; dei o braço a minha mulher sem lhes dar resposta, e elles foram-me sempre acompanhando e continuando com seus atrevimentos ao ponto de quererem tirar minha mulher de meu braço, dizendo: « A' sô jupira, largue a moça. » Havia mais gente que testemunhava este escandalo, e neste ponto eu já muito irritado tirei o braço de minha mulher e dando um grande murro de mão fechada no que me queria tirar minha mulher, o estirei em terra; os dous avançaram sobre mim, e eu tomando um páu do que havia derrubado, em pouco tempo tambem os lancei ao chão cobertos de sangue.

Eram 8 horas quando em minha casa fui preso, por ter matado um homem e ferido gravemente dous: admirei-me disto, mas era verdade. O murro que eu havia dado acertou de ser na fonte, e o homem cahiu sem vida; um dos dous tinha a cabeça quebrada e um braço; e o outro um braço e duas costellas. Eram elles marinheiros de uma galera pertencente a um ricasso, que me quiz perder a todo o custo; mas as testemunhas juraram todas em meu favor, depondo todo o escandalo e eu fui absolvido, tendo todavia estado na cadeia 6 mezes. Atrazaram-se meus negocios, mas enfim de novo puz tudo a caminho.

Dalli por diante os meus inimigos me chamavam uns, o assassino, outros, o matador; e outros por me tornarem ridiculo, o botocudo: cumpre notar que eu sempre fui feio como me veem, bem que em minha mocidade não houvesse em meu rosto estes traços profundos deixados nelle pela desgraça e pelo costume de um riso contrafeito.

Meu pae havia sido um portuguez e minha mãe uma indígena, e tendo eu a cõr assim acabocclada, eis o porque elles me chamavam o botocudo; um anno depois de meu casamento, morreu meu avô em Portugal, e tendo eu de cobrar o que alli me pertencia por sua morte, bem que me custasse a deixar minha casa, todavia, não tive remedio senão fazel-o, porque não tinha por quem mandar cobrar o que me pertencia em Portugal.

Apromptei-me, dispuz os arranjos de minha casa, e deixando á frente dos meus negocios minha mulher, e um homem talvez de quarenta e tantos annos, meu padrinho e amigo intimo que fõra de meu pae, parti. Demorei-me um anno de ida e volta, cobreí o que era meu, e voltei. Na volta naufragei defronte do Pará, e escapando só com a roupa do corpo, perdi tudo quanto trazia, que eram uns 40 mil cruzados. Senti, mas resignei-me na esperança de achar em minha casa ainda meios de viver, e nos braços de minha mulher e de minha filha meios de esquecer minhas desgraças.

Cheguei á minha terra, caminhei para minha casa, bato á porta e ninguem me responde. Indago na vizinhança, e me dizem que alli ninguem vivia, havia mais de dous mezes. Emfim o amigo intimo de meu pae, o meu amigo, meu padrinho, que passava por um santo homem, havia desaparecido com minha mulher e minha filha levando tudo quanto era meu! Fiquei pois sem mulher, sem filha, e sem um vintem! Oh! eu nunca tinha chorado em toda a minha vida; se eu soubesse o que era chorar, talvez que nesse dia uma lagrima de dôr consolasse a minha pena; e eu não chorei!

Oito dias depois appareceram uns pasquins na cidade, e sem o menor fundamento m'os attribuiram: sem mais processo, sem mais cousa alguma que cheirasse a legalidade, trancaram-me na cadeia,

onde jazi onze mezes, sete dias, quatro horas, e alguns minutos!

Era muito soffrer! Meu coração não pôde conter mais soffrimentos; a medida estava cheia, e ella arrebentou! Meu coração vomitou turbilhões de fel contra a humanidade e comecei a odiar a especie humana!

Deixei a sociedade, e no deserto, fui buscar a independencia e a felicidade que nunca havia achado entre os homens sociaes! Occulto entre as brenhas, eu evitava a companhia dos homens, ou antes seu contacto e suas vistas.

Uma manhã, caminhando eu por uma estrada, na occasião de dobrar um angulo que ella fazia, vejo diante de mim um homem de joelhos, no meio de dous outros, que o seguravam pelos braços, tendo cada um uma faca n'uma de suas mãos, e lhe diziam que fizesse acto de contricção. O pobre homem quando me viu, estendeu as mãos postas para mim, pedindo-me que o acudisse. Parei, e pedi aos dous que deixassem aquelle pobre homem; elles me disseram que seguisse meu caminho e me não mettesse com elles: o homem continuava a pedir-me, e eu tornei a pedir aos dous a vida d'elle; além de me não attenderem, responderam-me com insultos e motejos: repelli estas affrontas com affrontas eguaes, e elles como leões furiosos me investiram meneando suas facas: recuei, e erguendo um páu, acertei de dar na cabeça de um que estava sem chapéo, de tal modo, que lhe voaram os miolos e elle cahiu morto; e dando no outro uma forte pancada com o mesmo páu sobre a fonte, teve a mesma sorte do outro. Quando procurei o homem, que Deus me havia deparado para salvar, achei-me só. Continuei minha vida de solitario vivendo no deserto.

Um dia, quando mal apercebido estava, fui preso por uma escolta, e trouxeram-me para nma povoação vizinha: era para soldado que fui preso; e o

commandante da escolta que me prendeu em pleno dia, era aquelle mesmo a quem eu tinha salvado das mãos de dous assassinos, e salvado á custa de um crime, e da vida de dous homens ! Assentaram-me praça e vim para o Rio de Janeiro. Aqui irritado sempre contra os homens, eu não supportava a menor cousa que se me dissesse : era até impossivel acostumar-me a uma tal vida ; mas que houvera de fazer !

Os meus camaradas convidavam-me para jogar, depois que elles mesmos me ensinaram esse indigno vicio, infame, e pae de todos os vicios, e eu sempre lhes ganhava o dinheiro que quasi sempre lhes restituia.

Uma noite, vindo eu para o quartel, eram 9 horas, atravessava o Campo de Sant'Anna, quando ouvi um homem gritar que não o matassem ; approximei-me ; eram tres vultos cada um com seu páu esbordoando a outro, e este que soffria era o meu sargento. Invisto para os tres vultos, e os fiz fugir, e com o meu sargento fomos para o quartel ; dahi em diante o meu sargento começou a mostrar-se muito meu amigo, de modo que todo o dinheiro que eu ganhava quasi sempre lh'o dava.

Um dia estava eu jogando a carteta com meus camaradas, quando o que tinha o baralho de cartas na mão com o maior descaro possivel recuou uma carta, dei-lhe um soco, e o meu sargento que entrava nessa occasião deu-me duas pranchadas ; levanti-me irritado contra elle, dei-lhe uma grande bofetada e tomando-lhe a espada a fiz em pedaços entre minhas mãos, como se fosse uma fragil canna, e feito isto, sahi do quartel e desertei.

Eu não sei a razão porque entre toda a tropa adquiri uma reputação de valente e forçoso. Logo que desertei, entranhei-me por essas roças da Praia-Grande para o centro. Foi ahi que encontrei esses salteadores que quizeram por força que eu fosse seu

capitão. Depois de muita escusa acceitei com condições, que eram, que elles roubariam unicamente as pessoas abastadas, que não offenderiam physicamente, nem de leve, a pessoa alguma, que de seus roubos eu nada queria. Acceitaram, e isto unido ao respeito que me tinham, serviu de alguma cousa, que ao contrario mais assassinatos commetteriam, porque eram sanguinarios.

A prova é a morte do capitão Ribeiro, e de sua irmã, espancada por um malvado, cuja morte eu vinguei naquelle que a perpetrou.

Quanto aos serviços que prestei ao Sr. Geraldino, se assim lhe quizerem chamar, a razão é porque eu já conhecia antes esse joven, com quem havia sympathisado; suspeitava que elle era não só victima de uma grande velhacada, a do Sr. Flavio, como tambem que seu pae fôra assassinado por esse motivo, eu não verifiquei todavia esta ultima supposição. Gostei tambem da bella acção que praticou, arriscando-se por uma donzella no bosque; desde então eu quiz velar por elle, e esta dedicação foi mais decidida quando suspeitei que o Sr. Liberato seu tutor e espoliava. Entretanto, cumpre confessar que quasi tudo quanto com elle me aconteceu foi mais devido ao acaso, ou á Providencia, do que ás minhas diligencias. Foi por um acaso que o tirei das mãos de uma patrulha de soldados da policia, e o levei á sua casa. Foi por um acaso que elle foi parar a casa dos saltadores onde eu estava, e a senhora que alli o tinha feito entrar conhecendo-me, entregou-me sua pessoa para levar a sua casa. Foi por um acaso que compareci no fogo do Parto, que o preveni em sua queda, e tirei do meio do incendio as duas senhoras. Foi por um acaso que passei por sua casa quando se quiz suicidar...

— Mas aquillo que Vm. disse (perguntou Geraldino) quando passava: « Cobarde, não é digno de ser homem! » não foi commigo!

--- Não. Naquelle momento acabava eu de saber quem havia sido o assassino daquella senhora, que appareceu morta no Palacio Eucantado, e tinha sido seu proprio marido.

A' minha vista elle em sua casa a tinha querido assassinar, e eu lhe suspendi o golpe. Soube pois com certeza que fôra elle, pois antes o suspeiava, e achando indigno que um homem levante a mão armada contra uma mulher, dizia ao companheiro com quem vinha conversando, que o dito marido era um cobarde e indigno de ser homem, por ter commettido uma tão vil acção. Quando ouvi o tiro, parei, e voltando para traz disse ao meu companheiro que seguisse e eu voltei; achando aberta a porta de sua casa, entrei, ali ouvi toda a sua conversa com o Sr. Sebastião, e foi quando lhe deixei minha bolsa, e por esquecimento uma senha dentro, daquellas que lhe dei no bosque. Dahi segui para Juthurnuuyba a vêr se podia remover a pedra em a qual Vm. fallára e o Sr. Sebastião. O raio fez metade e eu o resto: isto é, o raio despedaçou a pedra, e eu apartei os pedacos. Ali lembrando-me de uma demanda, que houve em minha terra, toda baseada n'uma escriptura falsa, cuja falsidade se conheceu pelas lettras d'agua do papel: porque, como na sua demanda, era o papel mais moderno do que a escriptura; tive a idéa de escrever na pedra aquellas pallavras para experimentar a sua comprehensão. Eis aqui toda a historia.

Sabia eu, porque por meio dos escravos sabe-se de tudo, tudo quanto se passava em casa da Sra. D. Gertrudes; soube da proposta do Sr. Flavio sobre o casamento da Sra. D. Emilia, e soube mais da ordem do mesmo senhor para que sua filha estivesse prompta sendo noite: em consequencia, postei-me de frente da porta a ver para onde queria elle levar sua filha; segui a sege que os levou, e na volta

tirei de dentro della o tal noivo, què por brincadeira fiz dormir na cadeia.

Immensas risadas festejaram a estas ultimas palavras do Botucudo, depois do que Geraldino, Carolina, Carlota, seu marido, José e Luiza se desfizeram em obsequios, e agradecimentos ao Botucudo. Findo isto, perguntou-lhe Geraldino :

— E qual é o logar de seu nascimento ?

— O Maranhão.

— O seu nome ?

— Gonçalo Pereira Dias.

— Oh meu Deus! exclamou Magdalena.

Todos olharam para ella, e quasi todos lhe perguntaram o que tinha.

— E o nome de sua mulher ? perguntou ella ao Botucudo.

— Francisca Pereira da Conceição.

— E' extraordinario ! Meu pae tambem tinha o seu nome, e minha mãe tambem se chamava Francisca Pereira da Conceição.

O Botucudo contemplou Magdalena e perguntou-lhe :

— Donde é filha, minha menina !

— Do Maranhão.

— Tem Vmc. algum signal no pescoço do lado esquerdo, grande, vermelho, e do feitio de um coração ?

— Sim senhor.

— E outro no braço direito, quasi no curvo d'elle, pequeno, preto como a cabeça de um alfinete de encosto ?

— Sim senhor. Eil-os.

E dizendo isto, mostrou Magdalena os dous signaes, que apenas vistos pelo Botucudo, lançando-se a ella e abraçando-a exclamou :

— Minha filha!

Duas lagrimas correram de seus olhos! e o homem que jamais havia chorado em sua vida, chorou pela primeira vez abraçando aquella a quem dera o ser!

CONCLUSÃO

NÓS NOS ARRANJAREMOS

O premio da virtude é a virtude,
E o castigo do vicio o proprio vicio.

As pessoas que estavam presentes, admiradas deste incidente, pediram a Magdalena que contasse o que lhe havia succedido, ou a sua mãe. Magdalena disse o seguinte:

— Eu era muito menina nesse tempo, e por isso talvez me falte a memoria em muitas cousas sobre o que ouvi dizer; o que ouvi pois é que minha mãe sahio da casa em que moravamos em companhia do Sr. Philippe, e fomos morar n'outro logar muito distante daquelle em que primeiro moravamos. Um dia de manhã o Sr. Philippe tomou todo o dinheiro que havia em casa, segundo minha mãe dizia, e juntamente as joias della, chamou a preta que nos servia, que era de minha mãe, e sahio; antes de sahir, minha mãe lhe perguntou para que levava todo o dinheiro, suas joias, e a preta, e elle lhe respondeu que com o dinheiro e as joias ia fazer um muito bom negocio; e que a preta ia para trazer uma cousa, e que já voltava. Sahio, como disse, e

não voltou naquelle dia, e nem a preta; minha mãe começou a desconfiar, e ficou quasi capacitada que elle a tinha roubado, e abandonado, quando viu que ao cabo de tres dias não voltava. Dous dias depois minha mãe soube que elle havia passado em uma povoação muito distante, onde havia vendido a preta. Minha mãe concebeu tal paixão disto, que começou logo a lançar sangue pela bocca desde esse dia. Um capitão de navio que costumava ir em casa foi quem levou minha mãe para sua casa de puro dó que della teve. Minha mãe morreu 6 mezes depois da fuga do Sr. Philippe. O capitão do navio trouxe-me comsigo para o Rio de Janeiro, onde me deixou ficar em casa da Sra. D. Gertrudes me educando.

— E o capitão do navio, disse o vice-rei, existe ainda?

— Sim, excellentissimo, disse Gertrudes, é um irmão meu; e presentemente navega para a India. E' quem concorre com as despesas de Magdalena.

— Sra. D. Gertrudes, disse Geraldino, sei que meu amigo Carlos ama a Sra. Magdalena, e creio que á mesma senhora não é elle indifferente: permite que lhe faça uma proposição?

— Eu já adivinho o que é...

— E então o que é, minha senhora?

— A união delles sem duvida, não?

— Exactamente.

— Mas eu não posso dispôr della, e mormente agora que acaba de recuperar seu pae.

— Nem eu, disse Botucudo, e isto só pertence a ella, e a seu bemfeitor.

Logo que elle assim fallou, foi annunciada a D. Gertrudes a chegada de seu irmão.

— E quanto a proposito, disse o vice-rei.

Fortunato entrou, e foi recebido não só como um irmão da dona da casa, mas como um homem respeitavel que era. Pouco depois Fortunato foi infor-

mado de tudo, e elle approvando o casamento, demittiu de si todo o direito de dispôr de Magdalena, entregando-o todo a seu pae. Este bom homem concorreu para o casamento com o que pôde, e dias depois Carlos se recebeu com Magdalena.

Geraldino deu a Magdalena para seu dote 20 mil cruzados; e com sua mulher dispôz-se a partir para sua fazenda, com Luiza, o velho Sebastião Carlos, e Magdalena.

Na vespera da partida, tinha chegado de Lisboa o perdão de Botucudo, impetrado á rainha pelo mesmo vice-rei. Nesse mesmo dia Botucudo que se achava como em custodia na cadeia, foi posto em liberdade, obtendo nesse mesmo dia sua baixa. E pois, Botucudo tambem partiu com os demais para Juthurnuhyba.

Antes do casamento de Geraldino com Carolina, José prevendo que se demoraria na cidade mais do que pretepdia, foi á fazenda, vêr o que por lá ia, e pôr tudo a bom recato. Logo depois que chegou, o feitor despediu-se, e outro homem se lhe apresentou pedindo este logar, e José o admittiu, e elle não só mostrou muito amor ao trabalho, como até intelligencia para aquelle emprego.

Quando Geraldino chegou á fazenda, apresentou-se-lhe José dando parte que tinha tomado um feitor, mas que não quiz ajustar, dizendo que o faria com o Sr. Geraldino. Quiz Geralino vêr o feitor que só com elle queria tratar o seu salario, e logo que elle entrou Geraldino sem encaral-o, porque estava escrevendo, lhe disse :

- Então quanto ha de querer Vm. ganhar ?
- Muito.
- Muito?!
- Muito, sim senhor.
- Então quanto?
- O favor de me deixar ser agradecido.

— Então quem é você ? disse Geraldino olhando para elle.

— Você aqui ?

— Sim, senhor, e daqui não sahirei senão morto.

— Então, está emendado ?

— E Deus ha de permittir que para sempre.

— E como quor ficar em minha casa ?

— Como Vm. quizer.

— Quer ser feitor ?

— Ou o que Vm. quizer.

— E quanto quer ganhar ?

— A sua affeição

— E em dinheiro ?

— Cousa nenhuma.

— Está bem : nós nos arranclaremos.

Este homem era o Vermelho.

No fim deste dialogo entrou Botucudo que admirou-se de vêr alli o Vermelho, mas Geraldino explicou-lhe tudo. No mesmo tempo entraram do passeio Sebastião, Carolina, Carlos e Magdalera, e logo depois José e Luiza ; José disse a Geraldino que estava á porta um pobre pedindo esmola.

— Que pobre é ? disse Geraldino.

— Dizem que é um sujeito, que vinha de viagem e que os salteadores sahiram-lhe ao encontro e que não só lhe tomaram tudo, como lhe deram tantas pancadas que dellas ficou sem um olho, aleijado de uma perna, e sem o braço direito...

— Coitado !... disse Carolina.

— Mandem-o entrar, disse Geraldino.

Apenas entrou o homem, que Vermelho encarando-o com espanto exclamou :

— E' elle !...

— Quem ? perguntaram todos.

— O escrivão, que falsificou a escriptura !